



BELLES & MOBSTERS BOOK SIX

SASHA



EVA WINNERS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

**PROIBIDA A VENDA DESTES LIVROS. É PARA USO GRATUITO. DE FÃS
PARA FÃS**

SASHA

BELLES & MOBSTERS

Livro Seis

DARK MAFIA ROMANCE

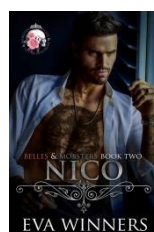




The Den of Sin
Prequel (Distribuído)



Luciano – *Livro Um*
(Distribuído)



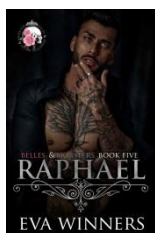
Nico – *Livro Dois*
(Distribuído)



Cassio – *Livro Três*
(Distribuído)



Alexei – *Livro Quatro*
(Distribuído)



Raphael – *Livro Cinco*
(Distribuído)



Sasha – *Livro Seis*
(Lançamento)



Luca – *Livro Sete*
(Brevemente)



Tally

Metis

Jewell Designs

Dezembro 2023

Playlist

‘Serial Killer’ – Moncrieff, JUDGE
‘Sick Thoughts’ – Lewis Blissett
‘Sociopath’ – Stay Loose, Bryce Fox
‘I Love You But I Don’t Like You’ – Molly Moore
‘Nightmares’ – Ellise
‘Bitter’ – FLETCHER, Kito
‘Daddy Issues’ – Sophia Gonzon
‘Dance in the Dark’ – Au/Ra
‘Take It Out on Me’ – Bohnes
‘Broken’ – Isak Danielson
‘Die For Me (feat. Future & Halsey)’ – Post Malone, Halsey, Future
‘Feel Me’ – Selena Gomes
‘Slither’ – Bohnes
‘Shiver’ – The Comedown
‘Dancing With The Devil’ – Set It Off
‘My Songs Know What You Did In The Dark (Light Em Up)’ – Fall Out Boy
‘Something In The Orange’ – Zack Bryan
‘Darkside’ – Neoni
‘House of Memories’ – Panic! At The Disco
‘Numb’ – Carlie Hanson
‘Fucked Up’ – Bahari
‘Sweet Little Lies’ – bulow
‘Psycho’ – AViVA
‘Him & I (with Halsey)’ – G-Eazy, Halsey
‘Walls Could Talk’ – Halsey
‘Princesses Don’t Cry’ – CARYS
‘Teeth’ – 5 Seconds of Summer
‘STFD’ – TeZATalks
‘I’m Gonna Show You Crazy’ – Bebe Rexha
‘I’m a Mess’ – Bebe Rexha
‘Wh’d You Only Call Me When You’re High?’ – Arctic Monkeys
‘Summertime Sadness’ – Lana Del Rey
‘You Killing Me Inside’ – Sh10Ra
‘I Wanna Be Yours’ – Arctic Monkeys

Sinopse

Sasha Nikolaev.

O mafioso desequilibrado.

A semente de Satanás com olhos azuis claros.

Eu fiz-lhe uma prometi anos atrás.

É verdade que só fiz isso para que ele me beijasse.

Mas foi uma promessa feita mesmo assim.

Então esperei.

E esperei mais um pouco.

Ele nunca mais voltou para a cobrar. Então segui em frente.

Nunca pensei que o veria no dia em que subi ao altar.

Exceto que lá estava ele, esperando por mim nos bancos.

Sasha Nikolaev.

Quando ele me agarrou no meio da cerimônia, para o mundo inteiro ver, a merda
caiu no ventilador.

Ele alegou que eu tinha uma dívida a pagar.

Minha família prometeu retribuição.

Meu noivo fez o mesmo.

E agora nada mais será como antes.

Aviso da Autora

Este é um romance para maiores de 18 e contém situações duvidosas e gatilhos que alguns leitores podem considerar ofensivos. Ele destina-se APENAS a adultos. Por favor, guarde os seus ficheiros onde não possam ser acedidos por leitores menores de idade.

Dedicação

A cada um de vocês que acreditou em mim.

Eu não estaria aqui sem você.

Obrigada!

Prólogo

SASHA

— Você está fora de si?

Vasili bateu a porta de seu escritório. Dizer que meu irmão estava furioso era o eufemismo do século. A porra do vidro do prédio tremeu com a batida da porta ou, possivelmente, com a força de sua voz.

Não importa. O que está feito está feito; era hora de seguir em frente.

— Você percebe que o mundo inteiro viu você sequestrar aquela mulher? — gritou ele. — Foi televisionado, porra.

— Hmm, foi? — Eu ri. — Eu nunca teria adivinhado com todas as vans de notícias na frente.

— Onde diabos você estava com a cabeça, Sasha? — ele gritou. — Você sabe quantos idiotas vou ter que subornar por causa dessa merda?

Encolhi os ombros. Ele não precisava subornar ninguém. Eu era capaz de acertar minhas próprias contas.

Sentado atrás da mesa do escritório de Vasili, recostei-me na cadeira e apoiei minhas pernas na mesa. Peguei a revista *People* que Vasili tinha em sua mesa. A porra do meu irmão sempre tinha essa revista em sua mesa, mas eu ainda não o tinha visto ler.

— Largue a porra da revista, — disse ele com os dentes cerrados.

— Relaxe, irmão, — eu lhe disse. — A noiva em perigo está sã e salva.

Na maior parte do tempo, acrescentei silenciosamente, rindo para mim mesmo.

Eu a deixei amarrada em minha cama, gloriosamente nua e sexualmente frustrada.

Infelizmente, meu plano saiu um pouco pela culatra porque eu estava andando por aí com um pau duro que se recusava a entender a mensagem de que não estávamos transando com ninguém hoje.

— Pelo amor de Deus, Sasha, — sibilou Vasili, mal conseguindo controlar seu temperamento. Eu podia ver isso na veia que latejava em seu pescoço. Aquela que sua esposa parecia não se cansar de ver, pois eu a peguei lambendo-a em mais de uma ocasião. Malditos coelhos excitados. Só a Isabella achava meu irmão atraente. — Você está tentando começar uma guerra? Primeiro, toda aquela maldita coisa com a Wynter e mantê-la longe de Liam Brennan. Agora essa merda!

E lá estava ele. Eu estava esperando o momento em que ele falaria sobre isso. Ele e todos os outros podiam se ferrar. Wynter, a princesa da patinação no gelo, precisava de mim, e eu nunca a deixaria na mão.

Abri a gaveta da escrivaninha de Vasili que eu havia ocupado e encontrei um chiclete. O barulho da embalagem preenchia o espaço, provavelmente irritando Vasili, incitando-o a continuar.

— Você disse que queria me ver casado, — eu disse preguiçosamente, ignorando sua provocação sobre Wynter. — Então, tive que encontrar uma noiva.

— Eu disse para encontrar uma noiva, não para sequestrá-la, — ele gritou.

— Semântica.

Juro que o cabelo loiro de Vasili, tão parecido com o meu, quase ficou vermelho de raiva. E eu me deliciava com isso.

Joguei o chiclete na boca e comecei a mastigar. Estalei o chiclete, observando com prazer o maxilar de Vasili se contrair. Ele estava furioso pra caramba. Não era nenhuma surpresa. Eu não gostava muito de mascar chicletes, mas era uma emoção tão grande ver as expressões de irritação nos rostos das pessoas quando eu os estourava.

Então, só para garantir, estourei uma bolha, esperei que ela ficasse com um tamanho decente e a estourei novamente.

Nossos olhos se fixaram em uma batalha de vontades. Os estranhos olhos azuis que compartilhávamos me encaravam, provavelmente contemplando meu assassinato. Aposto que meu irmão lutou contra a vontade de esticar o braço sobre a mesa e me esganar. Ele queria tanto, mas nunca ouviria o fim disso de sua esposa.

Era bom ter amigos em posições de destaque.

A porta de seu escritório se abriu e minha irmã, Tatiana, entrou com um vestido preto. Já havia se passado um ano e ela ainda insistia em ficar de luto.

— Ouvi dizer que você está começando uma guerra, — anunciou ela. — Posso participar?

Nossa família era definitivamente um tom diferente de loucura.

Capítulo 1

BRANKA

Sete anos atrás

Os homens são idiotas.

Não havia mais nada a ser dito. Eles eram idiotas de mente simples que usavam sua força física para dominar as mulheres ou destruí-las.

O bar lotado, nos arredores de Berkeley, tinha metade dos alunos da Universidade da Califórnia - Berkeley. Exceto por minha melhor amiga, para minha tristeza. Ela estava sendo responsável. Eu não estava.

Os descontos especiais de quinta-feira à noite atraíam multidões e eu não pude resistir. Música alta, pessoas barulhentas. Risos. Eu adorava a atmosfera, exceto quando os idiotas que não sabiam o significado da palavra ‘não’ insistiam em me importunar.

— Deixe a garota em paz, — riu uma das minhas colegas de classe. Rebecca era o nome dela. Simples. Feliz. Nada de sombrio em seu passado e provavelmente não em seu futuro. Ela era uma boa pessoa. — Você não consegue ver que ela não está interessada.

Ela piscou para mim e eu sorri com gratidão. Talvez minha melhor amiga tivesse razão. Estar cercada por universitários bêbados e cheios de tesão era um pouco demais em uma quinta-feira à noite. Eu estava

começando a me arrepender de não ter ficado em casa e estudado. Ou pelo menos assistir a um filme enquanto Autumn estudava.

— Me dê seu número, — repetiu o garoto da fraternidade.

Meus olhos o percorreram. Um boné de beisebol feio. Camiseta xadrez vermelha e branca. E calças que ameaçavam cair de seus quadris.

— Não.

Nem me dei ao trabalho de lhe oferecer um sorriso. O cara era um idiota. E mal-educado. Eu o vi agarrar a bunda de uma garota enquanto caminhava para cá. Do jeito que ele se exibia como um pavão, você pensaria que ele era um figurão. Algo que valesse a pena ser visto.

— Vou levá-la para jantar fora.

— Sério? — Eu fingi estar animada. — Bem, nesse caso... ainda assim, não.

Ouvi algumas risadinhas, mas não me dei ao trabalho de reconhecê-las. Nem a ele. Tirando esse idiota e sua atitude, eu não reagia nem funcionava exatamente como a maioria das garotas normais. Eu tentava, mas meu pai me quebrou antes mesmo de minha adolescência. Portanto, agora a meta era agir normalmente, superar o medo de ser tocada e aproveitar meus anos de faculdade como qualquer outra garota.

Ao me virar, meus olhos percorreram a sala. Um monte de rostos conhecidos do campus. E um monte de rostos desconhecidos.

Depois que fomos reprovadas no primeiro semestre, Autumn levou seus estudos mais a sério. Eu também, começando amanhã bem cedo. Hoje à noite, eu queria me divertir um pouco.

Olhei em volta novamente, sentindo os pequenos pelos da nuca se eriçarem. Meus batimentos cardíacos aumentaram e um calafrio percorreu meu corpo. Só que eu não sabia por quê. Não vi ninguém olhando em minha direção. Exceto esse idiota convencido. Mas não foi ele quem causou essa reação.

— Eu gosto de você. — Pisquei os olhos. O caralho de beisebol vermelho ainda estava aqui. — Tenho dinheiro.

— Você só pode estar louco, — eu disse.

Esse era exatamente o tipo de homem de que eu não gostava. O tipo de homem que deixava um gosto ruim na boca. Mais ou menos como meu pai para minha mãe.

Os sons de um tumulto e vozes fizeram com que nós dois virássemos a cabeça em sua direção, chamando nossa atenção. Meus olhos se arregalaram no momento em que o vi. *Um problema*. Essa foi a primeira palavra que me veio à mente. A segunda, que ele era perigoso.

E não porque ele usava uma jaqueta de couro e jeans que abraçavam suas coxas musculosas. Ele se movia com graça, ao contrário de sua estrutura musculosa e volumosa. Ele tinha essa energia, do tipo letal e predatória. Ele perseguia de uma forma sensual, com seus 1,80 m de altura cheirando a autoridade e confiança.

Ele parecia ser um lutador de MMA, chamando a atenção de todos enquanto caminhava.

Maxilar duro. Piercing no nariz. Olhos do azul mais pálido que eu já tinha visto. Algo nele me cativou, olhando para ele. Nossos olhos se

conectaram e o ar saiu de meus pulmões. Seus olhos gelados me encararam de uma forma que me deixou nervosa.

Lutei contra um calafrio que ameaçava descer pela minha espinha. Essa reação era incomum. Intrigante. Eu não conseguia distinguir se a reação era porque eu estava com medo dele ou gostava dele.

Com medo. Definitivamente assustada.

Qualquer pessoa com um pingo de bom senso saberia manter distância desse cara. Ele gritava perigo e crueldade.

Os sons da música e da conversa sumiram enquanto eu me afogava em seu olhar. *Invasivo. Azul. Elettrizante.*

Ele era assustador como a merda, mas surpreendentemente belo. Mas alguém que você só deve admirar de longe. Como uma cobra. Por que você gostaria de chegar perto de uma cobra?

No entanto, eu queria vê-lo de perto. Estudar de perto aquelas tatuagens que cobriam sua pele exposta da linha do maxilar para baixo. Bem de perto mesmo, eu rio em silêncio.

A menos que você entre em pânico, minha mente zombou, mas ignorei o motivo e me concentrei no belo espécime.

Jesus Cristo.

Ele tinha uma tatuagem incrível e, embora eu nunca tenha gostado muito de tinta, ele me deixou babando. Se o pescoço dele fosse alguma coisa, ele deveria ter tatuagens por todo o corpo. Sua mão foi até à boca e meus olhos se fixaram na tinta em seus dedos. *Símbolos.*

Eu nunca tinha visto dedos tão bonitos. Ou fortes.

Meu corpo deu um solavanco e minha cabeça girou para a esquerda. O maldito cara do boné de beisebol ainda estava aqui e agarrou meu braço, puxando-me para si.

Um arrepio de repulsa percorreu meu corpo. Repugnante. Náusea. Repulsivo. Como milhares de aranhas rastejando sobre minha pele. Era o resultado do tratamento de meu pai durante os dois piores anos de minha vida. O toque de um estranho geralmente não era bem-vindo.

— Você acabou de... — sussurrei, irritada por ele ter colocado a mão em mim. Tirei minha mão de seu aperto. — Caso você ainda não tenha entendido a mensagem... Eu. Não. Estou. Interessada. — Quando ele continuou parado no mesmo lugar, eu disse: — Por que você ainda está aqui?

Ele me encarou confuso, como se nunca tivesse sido rejeitado antes. Certamente não poderia ser assim. Ele certamente não era tudo isso.

— Aí está você, *kotyonok*¹. — Uma voz profunda e desconhecida me fez virar a cabeça. Um pequeno suspiro encheu o ar. *Meu*. Por que essa palavra estúpida me veio à mente de repente? Olhei para os olhos azuis claros, de perto e pessoalmente. De perto, eles eram ainda mais incomuns. — Onde está meu beijo?

Observei hipnotizada enquanto sua mão envolvia minha cintura, puxando-me para ele como uma boneca de pano, sua força aparente naquele simples movimento. No fundo da minha mente, o fato de ele ter me tocado e eu não ter me assustado ficou registrado.

Melhoria, pensei, satisfeita comigo mesma.

¹ Gatinha

Ele era mais alto do que eu imaginava. Minha palma foi parar em seu peito, segurando-me para me equilibrar, enquanto eu esticava o pescoço para encontrar seu olhar.

Ele era muito mais alto do que eu. E finalmente me dei conta.

— Esse imbecil está incomodando você? — perguntou ele, olhando de relance para o cara ao meu lado. Um aviso sombrio se escondia naquele olhar pálido.

Ele está tentando me salvar do idiota que está ao meu lado. Sim, eu estava um pouco lenta, mas a culpa era dele.

Nossos olhos se fixaram e eu engoli, esperando não estar interpretando-o mal. Meus lábios se curvaram em um sorriso. Lambi meus lábios e me levantei na ponta dos pés.

— Oi, amor, — ronronei, passando a palma da mão para cima e para baixo em seu peito. No momento em que essas palavras saíram de meus lábios, sua mão em meu quadril se apertou e me puxou com mais força contra seu corpo sólido. Sua cabeça se inclinou enquanto eu observava, hipnotizada, seus lábios se aproximarem cada vez mais dos meus.

Quando seus lábios cobriram os meus, ele não perdeu tempo. Passou a língua dentro da minha boca, úmida e preguiçosa. Um gemido borbulhou em minha garganta. O gosto dele era melhor do que qualquer outro. *Viciante*. Sua mão deixou minha cintura e agarrou meu pescoço, inclinando-o para que ele pudesse aprofundar o beijo. Outra passagem de sua língua, tão deliciosamente pecaminosa, e eu soltei um gemido suave em sua boca.

A necessidade carnal tomou conta de mim.

Eu nunca havia tolerado muito bem a proximidade física com estranhos, mas, naquele momento, eu precisava que ele fizesse isso repetidas vezes. Um arrepio percorreu minha espinha e meu corpo estremeceu, pressionado contra o dele. Minha respiração diminuiu e meus mamilos endureceram.

Seu beijo acendeu brasas que esperavam para se transformar em um verdadeiro inferno. Tão abruptamente quanto o beijo começou, ele terminou.

Ele afastou a boca da minha, seus olhos pálidos me encarando. Seu olhar nunca se desviou de mim enquanto ele dizia suas próximas palavras.

— Coloque uma mão nela... Não, diga uma palavra a ela ou até mesmo olhe em sua direção, — disse ele friamente, — e eu acabarei com você. — Ele sorriu. Com dureza. Algo perturbador se escondia em seus olhos. Embora ele ainda me olhasse fixamente, eu sabia que isso era para o cara que estava me assediando. — E acredite em mim quando digo que não será um final rápido.

O cara desapareceu mais rápido do que um cachorro com um osso.

Ele olhou para a minha esquerda. — Ele se foi. — Sua voz era como veludo na pele nua. Suas mãos se afastaram do meu corpo e um estranho tipo de dor permaneceu em seu rastro. A confusão e o desejo se digladiavam dentro de mim.

— Obrigada, — disse eu, olhando para ele.

— Sempre às ordens.

A sala inteira ficou em segundo plano enquanto eu me afogava naqueles olhos. Procurei em minha mente uma comparação para eles, mas não consegui encontrar nenhuma. Eles eram mais pálidos do que o céu azul. Mais pálidos do que as águas do Ártico, refletindo a luz do sol.

E, embora houvesse uma dureza neles, achei que vi algo mais neles também. Embora eu não conseguisse descobrir o quê.

Pisquei os olhos, todo o meu corpo zumbindo com uma energia preocupante, que me incitava a me inclinar para ele e absorver seu calor. Seu maldito apelo sexual. Algo.

Olhei para ele, acenei com a cabeça e me virei para procurar o grupo com o qual eu tinha vindo. Todos eles haviam desaparecido.

— Suas amigas me pediram para lhe dar isso. — A bartender, na casa dos trinta anos, me entregou um pedaço de papel.

Passei os olhos por ele, a letra dançando diante de meus olhos e, a cada palavra lida, a frustração aumentava em minha garganta. *Idiotas*. Os universitários não tinham lealdade alguma quando se tratava de sair com alguém. Eles o abandonariam sem pensar duas vezes se tivessem algo melhor para fazer. Essa era a razão pela qual eu sempre andava com Autumn. Ela nunca deixava ninguém para trás.

Balançando a cabeça, dirigi-me para a saída, peguei meu celular e reservei um Uber, enquanto murmurava palavrões criativos sob minha respiração.

— Alguém a deixou furiosa, kotyonok? — Uma voz divertida veio de trás de mim, e eu me virei para ficar cara a cara com o lindo estranho que

tinha acabado de queimar meus miolos. Ele estava perto das portas, encostado na parede com as mãos nos bolsos.

Sua camisa abraçava seus ombros largos, o material personalizado fazia com que ele quase parecesse um cavaleiro. *Quase*. Bastava olhar em seus olhos para saber que tudo não passava de uma fachada. Ele nem se preocupou em esconder sua selvageria.

— Você está me perseguindo? — Respondi com minha própria pergunta.

Ele coçou sua barba, e meus olhos se fixaram em seus dedos novamente. De repente, minha boca ficou seca e minha língua passou pelo lábio inferior, umedecendo-o.

— O que você faria se estivesse? — Pisquei, nossos olhares se conectaram novamente. Meu cérebro estava se dispersando em pensamentos incoerentes sobre esse homem. Então me lembrei de nossa conversa. Não que tenha sido uma grande conversa. Responder a perguntas com outra pergunta.

— Eu diria ao meu irmão para chutar sua bunda, — resmunguei.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. Ele realmente riu. — O quê? — desafiou ele. — Você mesma não me daria uma surra, kotyonok? — Revirei os olhos. — Você tem garras. Afinal, é uma lutadora.

Suspirei. — Ouça, não tenho tempo para adivinhações. Obrigada por me ajudar antes, mas receio que seus serviços não sejam mais necessários...

Sua mão chegou ao meu rosto, segurando-o, e para um homem tão grande, o toque foi surpreendentemente gentil. Sua palma áspera queimou minha bochecha, e minhas palavras ficaram presas na garganta.

— Precisa de uma carona? — Porra, *sim*. Minha mente gritava, ansiosa por mais daquela sensação que seus lábios ofereciam. Como se tivesse lido minha mente, ele sorriu. — Uma carona para casa, — esclareceu.

A decepção tomou conta de mim e imediatamente me repreendi. Ele era um estranho. Não era como se eu quisesse ter algo a ver com ele.

— Estou bem, obrigada, — respondi secamente. — Reservei um Uber.

Ele soltou um suspiro sardônico. — Se você entrar no Uber, ele é um homem morto, — respondeu ele em um tom entediado. Um suspiro agudo escapou de mim. Ele não podia estar falando sério. *Será que estava?* — Você não tem lido as notícias? — Minhas sobrancelhas se franziram. — Sempre acontece merda com garotas bonitas quando elas andam sozinhas em táxis.

Quando eu não disse nada, ele balançou a cabeça e se aproximou de uma linda Ducati Desmosedici preta. Dois capacetes estavam sobre o assento.

Olhei para baixo e vi minha roupa. Eu usava um vestido vermelho curto e saltos altos combinando. Não era exatamente uma roupa para andar de moto.

Ele seguiu meu olhar e seus lábios se curvaram. — Não se preocupe. Não deixarei que ninguém veja, — disse ele.

— Ver o quê? — As palavras saíram antes que eu pensasse melhor.

Um sorriso estampou seu rosto. — Sua... — Seguiu-se uma pausa e borboletas em chamas se agitaram em meu corpo. — ...calcinha.

Eu apostaria minha vida que ele estava pensando em uma palavra completamente diferente.

Ele montou em sua moto e minhas coxas se contraíram quando imagens surgiram em minha mente. Esse homem me montando com suas coxas musculosas. Em seguida, empurrando-se para dentro de mim. Minha palma chegou à minha bochecha aquecida.

Meu Deus, o que havia de errado comigo? Talvez o álcool estivesse me deixando louca. Mas eu mal tinha bebido meio copo de gim.

Ele colocou o capacete antes de me entregar o sobressalente e, com dedos hesitantes, eu o peguei.

Eu me mexi nervosamente em meus pés. — Nunca andei de moto antes. — Olhei para os meus pés. — Devo tirar meus saltos?

Ele me puxou. — Monte-me. Deixe o salto alto.

O sorriso em seu rosto prometia algo tão sujo e delicioso, acendendo um fogo em minhas veias.

Com as pernas inseguras, segui sua direção. Minhas mãos pousaram em seus ombros, firmando-me e colocando-me sobre ele por trás. Meu vestido subiu imediatamente e ele deslizou uma mão pela parte externa da minha coxa. Minha pele se iluminou instantaneamente, o zumbido se espalhando até à ponta dos meus dedos dos pés. E a pulsação entre minhas coxas se intensificou.

— Então, estou compartilhando a primeira vez com você? — Eu podia ouvir o sorriso de satisfação em sua voz.

— Não se empolgue, — murmurei, e sua risada vibrou em suas costas e em meu peito. — Qual é o seu nome?

Eu não tinha ideia do que me levou a perguntar. Achei que, se eu o estava pegando por trás, deveria pelo menos saber seu nome. — *Moye Serdtse*².

— Que tipo de nome é esse? — Minhas mãos deslizaram para dentro de sua jaqueta de couro e apertaram com força. — Você é russo?

A tensão se instalou em seus ombros, mas desapareceu no momento seguinte.

— Isso é um problema? — perguntou ele em um tom indiferente, mas havia um toque de algo cru em sua voz. Ele acelerou o motor da moto.

— Não. Deveria ser? — Eu não tinha certeza se ele tinha me ouvido ou não.

— Segure firme! — gritou ele, e eu o agarrei pela cintura com toda a força. Seus músculos abdominais se contraíram sob minhas mãos e, mesmo com o capacete, jurei que podia sentir o cheiro de sua colônia. Uma mistura de frutas cítricas e couro.

Eu nunca havia sentido um cheiro tão inebriante, e soube naquele momento.

Ele tinha o gosto do céu e do pecado, tudo em um só.

² Meu coração.

Capítulo 2

SASHA

O sorriso em meu rosto era genuíno.

Não sádico. Nem sarcástico. Era genuíno pra caramba.

Essa deveria ter sido minha primeira pista. Eu a ignorei. A segunda pista, a tensão em minhas calças. Eu nunca ficava duro só de olhar para uma mulher. Ela era tão linda que quase doía olhar para ela.

Ela fixou aqueles olhos cinzentos e profundos em mim, e isso foi como um soco no estômago. Meu mundo girou ao ver suas bochechas corarem e se espalharem pelo pescoço e, relutantemente, imaginei se sua bunda ficaria vermelha com a mesma cor.

No momento em que sua boca macia se moldou à minha, o mundo parou de girar e uma palavra me veio à mente. *Minha*. Essa deveria ter sido minha última pista. Eu deveria ter terminado o beijo. Ou talvez ter colocado fogo no mundo naquele momento e me poupado de anos de dor de cabeça.

Mas não o fiz. A retrospectiva era uma droga.

A mulher havia me enfeitiçado. Coloquei a moto em frente ao dormitório de Berkeley. Branka Russo. Eu a havia mantido sob controle desde a morte de Mia. Minha promessa a cumprir. Eu sabia as notas de Branka, seu endereço, os bares que frequentava, seu prato favorito, sua cor favorita, sua música favorita. Verifiquei suas plataformas sociais para

garantir que ninguém a estava intimidando, verifiquei seu Pinterest para ver o que ela gostava. Exagerado, sim. Mas era o mínimo que eu podia fazer depois de falhar com Mia.

No momento em que desliguei a moto, ela me agarrou com força e eu me arrependi de não ter tomado o caminho mais longo até aqui.

Um caminho muito longo e sem volta.

Eu a ajudei a descer da moto. — Obrigada pela carona, — ela respondeu, com um tom atrevido e sugestivo.

— Não brinque com fogo, kotyonok, — adverti, lutando contra a tensão em minhas calças. Eu não conseguia decidir se ela era uma gatinha ou uma tigresa. De qualquer forma, o apelido lhe caía bem. Ela tinha garras.

Ela esfregou o queixo, pensativa, como se considerasse minhas palavras, mas a maneira como seus olhos brilharam com um desafio a traiu.

— *Moye Serdtse*, — ela começou com doçura, embora tenha errado a pronúncia. *Meu coração*. O canto de meus lábios se contraiu. Eu não podia lhe dar meu nome e arriscar que ela o reconhecesse. Mas eu permitiria que ela me chamasse de seu coração por esse curto período. — Brincar com fogo é meu hobby.

Ela se afastou de mim e a tensão em minhas calças exigiu que eu fosse atrás dela.

Não o fiz.

Porque reconheci a garotinha. Porra, ela era igualzinha à irmã mais velha. Um lembrete de outro fracasso.

Branka Russo era uma imagem espelhada de sua irmã mais velha. Eu ainda me lembrava do rosto machucado de Mia naquele dia. Quando voltei ao quartel, encontrei homens com as mãos sobre ela. Agarrando-a. Rasgando seu uniforme.

Contra sua vontade.

Perdi a cabeça. Nem sequer me ocorreu denunciá-los. Esmaguei seus crânios e arrebentei suas rótulas. Na verdade, se o comandante não tivesse me tirado de cima deles, eu os teria matado naquele momento.

Mas nada disso importava porque eu não vi o sinal mais importante.

Entrei no quarto da Mia com um saco de bolos na mão. O chuveiro estava ligado, com o barulho da água correndo. Deixei o saco na única mesa do quarto e fui para o banheiro.

Bati na porta. — Mia, — chamei.

Não houve resposta. Bati novamente e pressionei meu ouvido contra a porta.

Foi então que ouvi soluços suaves. — Mia, estou entrando.

Esperei três batimentos cardíacos por um protesto antes de pressionar a maçaneta e tentar abrir a porta. Ela estava trancada. Bati meu ombro contra ela. Com força. Não demorou muito para que a porta cedesse à minha estrutura.

Ao entrar no pequeno banheiro, encontrei Mia sentada no chuveiro, ainda com seu uniforme. Suas roupas estavam encharcadas. Não

havia mais sangue e roupas rasgadas, mas vi os hematomas que seu uniforme escondeu quando encontrei aqueles três filhos da puta em cima dela. Isso espelhava os hematomas, contusões e cortes em seu rosto. As cicatrizes antigas que vi naquele dia me atingiram em cheio no peito. Ela as escondia de todos, mas naquele dia, enquanto eu a carregava para a enfermaria, tive um vislumbre delas. Finalmente entendi por que Mia Russo se recusava a nadar.

Entrei no chuveiro, sem me importar com meu próprio uniforme. De qualquer forma, eu não o usaria por muito tempo. Depois da merda que fiz, provavelmente enfrentaria uma corte marcial. Se eu tivesse sorte, uma dispensa desonrosa.

Eu me abaixei no chão de azulejos de merda. Tudo nesses alojamentos era uma merda. Mas, ei, estávamos servindo ao nosso país. Exceto pelo fato de que alguns desses homens não eram mais honrados do que os homens do submundo.

Mia se recusou a olhar para mim e meu peito ficou apertado. Eu deveria ter ficado mais atento a ela. Desde o momento em que a vi, tive a nítida sensação de que ela não pertencia a este lugar. Quando descobri quem ela era, soube que não pertencia. Nós nos conhecemos nos últimos meses e, aos poucos, descobri que Mia Russo era muito mais do que aparentava.

Tínhamos até algumas coisas em comum. Pais que falharam conosco. Infâncias fodidas, embora a de Mia tenha sido pior do que a minha. Muito pior do que a minha.

Virando a cabeça para o lado, eu a observei. Ela tinha um longo corte na bochecha direita, ambos os olhos estavam escurecidos e o nariz estava quebrado. Mas, mesmo assim, ela era uma mulher bonita. Uma mulher quebrada, mas bonita mesmo assim. Aqueles olhos cinzentos. Ela não sorria com frequência, mas quando sorria, seus olhos se iluminavam como se ela tivesse acabado de ganhar o melhor presente. O cabelo castanho-avermelhado espesso em seu corpo pequeno. Sinceramente, eu não tinha certeza de como ela havia sobrevivido ao campo de treinamento.

— Mia, olhe para mim, — exigi. Minhas mãos tremiam com a necessidade de encontrar aqueles idiotas e bater neles de novo.

Ela não conseguia nem olhar para mim, com o olhar vazio à sua frente.

— Mia, eles não podem mais machucá-la.

Ela piscou, depois se virou lentamente para encontrar meu olhar.
— Não posso ir para casa.

— Não precisa, — assegurei a ela. — Você pode vir para Nova Orleans. Posso colocar você lá.

Seu rosto se enrugou.

— Branka está lá sozinha, — ela murmurou. — Ela não pode ficar lá.

— Podemos pegá-la e você pode mantê-la com você. — Um soluço suave escapou dela, e o olhar em seus olhos me fez lembrar o céu cinzento logo antes de uma tempestade.

Ela balançou a cabeça, uma única lágrima escorregando pela bochecha machucada. Ou talvez eu estivesse imaginando e tudo não passasse de água do chuveiro. Seus olhos estavam vermelhos e inchados.

— Você manterá minha irmã e meu irmão seguros? — ela sussurrou a pergunta. — Prometa-me que você os manterá seguros.

— Prometo.

Ela pegou minha mão e apertou. — Não se esqueça de sua promessa, Nikolaev.

Droga, eu falhei com ela.

A raiva me invadiu ao ver Branka desaparecer de minha vista. E de minha vida.

Capítulo 3

SASHA

Eu tinha feito muitas coisas erradas. Muitas coisas estúpidas. E mais do que o suficiente de coisas fodidas também.

Isso, por outro lado, parecia certo.

Perseguir Branka Russo me trouxe um estranho tipo de paz. Ela foi a primeira coisa que me fez sentir algo bom em toda a minha vida. Era um tipo de sentimento diferente de tudo o que eu já havia sentido antes.

Como se eu tivesse encontrado algo que era meu e quisesse me agarrar a isso. Ou talvez aqueles olhos cinzentos tivessem se apossado de minha alma maculada e agora eu nunca mais seria o mesmo.

Eu não tinha certeza se isso era bom ou ruim.

Pior ainda, ela estava rapidamente se tornando um vício. Demorou apenas um dia, mas eu levei uma semana inteira para perceber isso.

Branka e sua amiga caminham pelo parque, comendo pistache e bebendo vinho. Isso não fazia o menor sentido para mim. Talvez fosse uma coisa canadense.

Elas se sentaram em um banco vazio e inclinaram o rosto para o sol.

O que quer que estivessem falando, os lábios franzidos de Branka se inclinaram em um sorriso ofuscante. O sorriso não era para mim, mas fez com que algo corresse em minhas veias. Seu cabelo brilhava sob o sol da Califórnia - tons de vermelho, marrom e mel em perfeito equilíbrio.

No momento em que ela jogou a cabeça para trás e riu, algo em mim mudou.

Só que eu não sabia dizer se algo havia sido quebrado ou consertado.

Capítulo 4

BRANKA

O sol da Califórnia pairava baixo no céu, o calor dele ainda brilhava em minha pele.

Eu usava um vestido azul sem mangas que caía até aos joelhos em ondas a partir da cintura. As alças em meus ombros mostravam metade das minhas costas, e eu o combinei com um par de saltos nude. Autumn optou por um vestido verde sem mangas com as costas fechadas e um par de sapatilhas. Ela disse que era mais prático. É claro que ela estava certa. Mas, para mim, era mais fácil me esconder atrás de vestidos bonitos do que de roupas simples e pedidos para me conhecer melhor.

Meus olhos percorreram o restaurante chique. Eu não deveria estar nesse território. Eu sabia disso, mas a chance de alguém me reconhecer era quase nula.

Meu pai e sua crueldade lhe renderam muitos inimigos ao longo dos anos. A família que controlava esse território de Los Angeles era uma delas. A família Konstantin.

De acordo com meu irmão, eles eram os russos que assumiram o controle da costa oeste. Irmãos gêmeos que não tinham o melhor relacionamento com meu pai. *Nenhuma surpresa*, pensei com ironia.

Procurei os nomes em minha memória e não encontrei nada. Tudo o que me lembrava era que Alessio disse que eles podiam ser cruéis quando traídos, e que meu pai não se dava bem com eles porque eram contra o tráfico de pessoas que passavam por seus territórios siberianos. Alessio encerrou esse negócio, mas meu pai ainda agia ocasionalmente pelas costas dele.

Não é de se admirar que nossa família estivesse condenada. Todo o sofrimento que nosso pai infligia aos outros.

Não havia como voltar atrás. Gerações da família Russo pagariam por seus pecados. Ainda bem que eu não tinha intenção de me casar ou ter filhos.

Ilias e Maxim Konstantin.

Os nomes surgiram do nada, e eu sorri satisfeita. Alessio sempre dizia para prestarmos atenção aos nomes e ficarmos atentos aos inimigos. Os Konstantin faziam parte da máfia russa, mas não sujavam as mãos como a maioria dos da Bratva. Seu estilo era mais sofisticado, mas eles não hesitavam em exercer brutalidade e provocar medo no coração de seus inimigos.

Agora comecei a me perguntar se isso era inteligente. Mas que ameaça eu poderia representar? Uma garota de dezoito anos que não fazia parte do submundo.

O Constantinople era um dos restaurantes mais caros e elitistas de Los Angeles, localizado no centro da cidade. O nome era suspeitamente próximo de Konstantin, mas a propriedade era vaga. O restaurante ficava bem no meio do território deles, então faria sentido se eles fossem os donos.

Era um daqueles mistérios que todo mundo queria resolver, mas ninguém conseguia obter a resposta.

Independentemente da propriedade, o restaurante era muito popular e frequentado por estrelas de cinema, famílias da máfia e políticos. Nada demonstrava tanta corrupção quanto Los Angeles, mas quem era eu para julgar. Minha própria família não era exatamente só arco-íris e rosas.

Enquanto esperava pela recepcionista, fiquei olhando pela janela, vendo casais risonhos passeando de mãos dadas. As pessoas pareciam tão felizes e algo apertou em meu peito. Eu não gostava de desejar algo inatingível. Isso tornou insuportável o primeiro ano após a partida de Alessio e Mia.

As tábuas do assoalho rangendo.

Ele estava se aproximando.

Hálito viciado. Suor. — Seu pai deu você para mim. Para quebrar e moldar.

Minha garganta se apertou. O medo cortou minha respiração.

Uma risada escura. — Vamos jogar.

Minha pele se queimou, a dor me atravessou. Dedos frios.

— *Só vai doer um pouco.* — Meus pulmões se apertaram. Eu não conseguia respirar.

— Estou com vontade de comer uma pizza. — A voz de Autumn me tirou das lembranças sombrias que eu havia enterrado. Minhas cicatrizes ocultas coçaram. — E você?

Um sorriso surgiu em meus lábios diante de sua empolgação. Seus olhos ficaram mais verdes, o que me disse que ela estava feliz. Eu adorava sua felicidade. Ela era contagiante e afastava a escuridão de mim.

Voltei a atenção para os garçons agitados e a multidão tagarela.

Autumn pegou minha mão. — Estou muito empolgada por podermos comer aqui, — sorriu ela. — Talvez encontremos alguém famoso. Como Jaymes Young.

Ou alguém perigoso. Mas contive essas palavras. — De alguma forma, não consigo imaginá-lo comendo aqui, — respondi.

A recepcionista nos cumprimentou com um sorriso, anotou o nome de Autumn, porque eu não ousava dizer o meu, e, em dez minutos, estávamos sentadas.

— Uau, este lugar realmente adora vermelho, — comentou Autumn.

O interior do restaurante foi decorado com vários tons da cor.

— Provavelmente um reflexo de todos os sugadores de sangue, — comentei, referindo-me tanto aos empresários quanto aos mafiosos que frequentavam esse lugar. Para mim, eles eram a mesma coisa. Vi em primeira mão como os homens que deveriam proteger o mundo eram corruptos.

Suspirando, nós duas olhamos ao redor do restaurante. Meus olhos percorreram os diferentes convidados. Estávamos na área de assentos gerais. Havia uma seção atrás de uma cortina pesada, com os garçons entrando e saindo.

Alguém famoso pode estar lá atrás. Definitivamente, não aqui.

Um garçom passou pela cortina, empurrando-a para fora do caminho e deixando-a aberta.

E, de repente, me sentei ereta.

O rapaz da outra noite estava sentado ali. Uma mulher, alta e linda, foi em direção à mesa deles e se sentou ao lado dele. Seu cabelo loiro era exatamente do mesmo tom que o do meu cara.

Balancei a cabeça. *Não, não era o meu cara.* Apenas um cara aleatório que eu havia beijado.

Os três homens se levantaram e voltaram a se sentar assim que ela se sentou. Depois de cumprimentar os homens, seus olhos percorreram a sala até chegarem aos meus, e ela me encarou como se soubesse exatamente quem eu era. Meu Deus, ela tinha aqueles mesmos olhos azuis pálidos e estranhos. Ela tinha que ser irmã dele. Não havia como esses dois não serem parentes.

Meus olhos a deixaram e voltaram para *Moye Serdtse*. Qualquer que fosse esse nome. Meu coração disparou de forma estranha e o sangue latejou em meus ouvidos.

A lembrança do beijo invadiu minha mente. Era a primeira vez que eu realmente apreciava o beijo de um homem. O toque de um homem. Eu queria mais. Talvez eu fosse gananciosa ou estúpida, mas eu sabia que nunca havia encontrado um homem que pudesse me tocar sem que meu corpo se assustasse. Eu não deveria questionar muito isso.

Ele ainda não havia olhado em minha direção, mas eu tinha a sensação de que ele sabia que eu estava aqui. Eu apostaria minha vida nisso. Meus olhos se voltaram para os outros dois homens que pareciam ser

gêmeos. Um lindo par de gêmeos, embora não fossem idênticos - um com cabelos escuros e outro com cabelos castanhos mais claros.

E foi então que eu soube exatamente quem eles eram. Os gêmeos Konstantin.

Havia uma energia letal em ambos, mas especialmente no gêmeo de cabelos escuros. Seus olhos se moviam de mesa em mesa, como uma pantera observando os arredores em busca de algum perigo. Seus olhos se voltaram para mim e algo cintilou neles.

Reconhecimento.

Não, não pode ser. Balancei a cabeça como se estivesse tentando me convencer de que estava errado. Que eu estava paranoica. Só podia estar.

Alessio me manteve fora do submundo de propósito. Para que os inimigos de meu pai não pudessem me ver. Para que os inimigos do meu irmão não me reconhecessem.

No entanto, eu tinha certeza de que esse homem sabia exatamente quem eu era.

— Branka. — Sem conseguir parar de olhar, virei-me para Autumn e a encontrei me observando com uma expressão preocupada. — Está tudo bem? Parece que você viu um fantasma.

— Sim, estou bem.

Os olhos de Autumn se voltaram para a mesa onde os Konstantin estavam sentados. Ela inclinou a cabeça e voltou a me observar.

— Eles estão ligados à sua família? — ela perguntou em voz baixa. Engoli e assenti com a cabeça. Sem hesitar, Autumn se levantou. Meus olhos se arregalaram para os dela em sinal de dúvida. — Estamos indo embora.

— Mas... — Limpei minha garganta. — Você estava tão empolgada com este lugar.

Ela deu de ombros. — Vamos comer pizza em outro lugar. Prefiro ver você confortável. — Ela sorriu e estendeu a mão.

Peguei-a e saímos sem olhar para trás. Assim que saímos, um cara passou por Autumn, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio. Um passo em falso e ela estremeceu, com a dor cruzando sua expressão.

— Cuidado, seu idiota, — sussurrei para o cara que nem se deu ao trabalho de olhar para nós.

Estendi a mão para segurá-la e, no momento em que ela deu o passo seguinte, percebi que havia algo errado.

— Acho que torci o tornozelo, — resmungou ela. Eu a ajudei a pular para o banco do lado de fora.

— Eu deveria ir atrás daquele desgraçado e quebrar o tornozelo dele.

Uma risada estrangulada escapou dela. — Você pode ser assustadora às vezes, Branka.

Apenas sorri. — Para as pessoas com quem me preocupo, pode apostar que sim.

Verificando seu tornozelo, notei que estava inchado. Andar sobre ele só pioraria a situação.

— Vou pegar o carro. Você espera aqui. Ok?

— Eu poderia me dar um chute por minha falta de jeito, — murmurou ela.

— A culpa é daquele idiota.

Depois de dar uma última olhada nela, fui para os fundos do restaurante, onde estacionamos. Apressei-me pelo beco, não gostando da ideia de encontrar alguém em um local tão isolado. Estava quase no fim do beco quando outros passos se juntaram aos meus.

Parando em meu caminho, virei-me para ver ninguém menos que o homem que me beijou há alguns dias caminhando em minha direção, com sua enorme estrutura vestida em um terno personalizado. Eu o preferia de jeans e jaqueta de couro.

Fiquei imóvel, observando seus passos seguros que o aproximavam cada vez mais de mim. Uma parte de mim me incentivou a correr, mas não porque eu estava com medo dele. Não tinha nada a ver com isso, embora meu instinto avisasse que ele deveria ser temido. A vontade de correr tinha algo a ver com a necessidade crua que me atormentava o peito.

A cada passo que ele se aproximava de mim, meu coração batia mais forte enquanto eu me afogava naquele olhar azul-claro, com as cores do mar Ártico sob o gelo.

— O que você está fazendo aqui? — ele exigiu saber. Levantei uma sobrancelha para ele, recusando-me a demonstrar qualquer emoção. — Esta não é uma parte segura da cidade para você.

Esse foi um comentário bizarro. Ele não me conhecia. Eu não o conhecia. Como diabos ele saberia o que era seguro e o que não era seguro para mim?

Ele permaneceu de pé, sem desviar o olhar de mim, e percebi que ele estava esperando uma resposta.

— É tão seguro quanto qualquer outro lugar, — eu disse a ele. Ficamos olhando um para o outro enquanto ele estava a um metro e meio de mim. Mesmo a essa distância, tive de inclinar a cabeça para trás para manter contato visual com ele.

Ele deu um passo mais perto. E eu também. E mais um, até que mal havia um centímetro entre nós. Minha cabeça se inclinou mais para trás para manter o contato visual. Meu coração disparou em meu peito ao ver seus olhos arderem com *algo* que eu não conseguia entender.

Meu pescoço se esticou ainda mais, observando aquelas chamas azuis com fascinação. Nossos corpos quase se tocaram, nossos olhares se cruzaram, mas mantive minha respiração calma enquanto meu coração batia forte com algo desconhecido.

Sua mão subiu lentamente para acariciar minhas bochechas, suas mãos grandes e gentis. Quase como o toque de um amante.

Congelei, incapaz de dizer ou fazer qualquer coisa, enquanto seu polegar traçava lentamente a linha do meu maxilar, a almofada áspera de seu polegar acariciando minha pele macia. Um arrepio percorreu meu corpo, mas não me mexi. Eu o observava ansiosamente, preocupada se ele era um cara bom ou ruim. Quando seu polegar desceu e se fixou em meu pulso acelerado, percebi que meu corpo já havia decidido.

— Quem são esses homens? — Perguntei, com a voz ofegante. Eu precisava que minhas suspeitas fossem confirmadas.

Se ele estivesse ligado à família Konstantin, talvez também fosse um inimigo.

Ele se inclinou para mais perto, sua boca roçando a minha. — Não se preocupe, kotyonok. Nenhum desses homens jamais chegará perto de você.

O tom veemente e letal de sua voz me fez acreditar nele.

— Você quer saber por quê?

Um gole soou entre nós. Meu. — Por quê?

Ele se inclinou, aproximando sua boca da minha orelha, com sua barba áspera contra minha pele.

Esse homem era um predador, escondido na pele de um homem.

— Porque você é minha. — As palavras eram calmas. Suaves. No entanto, havia convicção em sua voz que causou outro arrepio em minha espinha. — Eu quero você só para mim. Eu sou seu. Você é minha. Ninguém mais pode ter você.

Pela primeira vez, meu corpo não protestou contra o fato de ser propriedade de um homem.

Capítulo 5

SASHA

Uma semana depois, eu ainda estava na Califórnia. Encontrei motivos para ficar e desculpas para não ir.

Até aceitei um trabalho extra que normalmente não consideraria.

Encostado em minha moto, observei um sedã preto parar em frente ao armazém perto das docas. Um sedã preto com vidros escurecidos, escondendo a visão de quem estava dentro. Não me movi, mas minha mão estava atrás de mim, pronta para sacar minha arma.

O carro parou e Maxim Konstantin saiu. Meus olhos o observaram. Ao contrário de seu irmão gêmeo, Ilias, Maxim tinha cabelos castanhos claros. Essa era a única diferença entre eles. Isso e a experiência de Maxim em TI com vigilância. Seu irmão gêmeo, que comandava os *negócios* da família e era Pakhan, era alto, com cabelos escuros e olhos ainda mais escuros. Vá entender.

Sem o conhecimento da maioria, a família Konstantin era proprietária da maioria dos shopping centers da Califórnia. E alguns na Rússia. Era sua fachada legal e uma maneira muito eficiente de limpar dinheiro. Ilias, devido à sua posição na hierarquia da Bratva e ao seu papel como Pakhan, foi alvo de muitas tentativas de assassinato. Isso o manteve fora dos holofotes? Claro que não. Seu irmão, Maxim, por outro lado, sempre

permaneceu fora do radar. Era quase como se ele se escondesse atrás de seu irmão gêmeo.

Só por isso, eu não me importava muito com ele. Vasili era o mais velho de nossa família e dirigia nossos negócios, mas o restante de nós, Alexei e eu, nos esforçávamos pela família. Nunca nos esconderíamos atrás de Vasili.

Mas talvez Ilias preferisse que seu irmão gêmeo trabalhasse nos bastidores. Tanto faz, não é problema meu.

Por mais que eu fosse bom em matar pessoas, Maxim era bom em invadir governos e mexer com eles. Às vezes, até iniciava uma guerra só para se beneficiar.

— Nikolaev.

— Maxim.

Meus olhos o percorreram. Ele tinha dois homens com ele. Como se isso pudesse salvá-lo se a merda acontecesse. Ele e seus amigos estariam mortos antes que eu pudesse dizer *boom*.

— Obrigado por se encontrar comigo, — ele começou, estendendo a mão. Dei uma olhada rápida em sua mão. Eu não era um germofóbico, mas não me importava muito com falsos cumprimentos. Normalmente, eu nunca aceitaria um trabalho dele, mas o momento funcionou. E tudo relacionado aos Russo sempre me interessava.

— Vamos aos detalhes, — eu disse a ele. Se eu não gostasse da tarefa, eu simplesmente não a aceitaria.

— Russo tem minha mulher e eu a quero de volta. — Minhas sobrancelhas se ergueram. Alessio não me parecia ser o tipo de homem que pegaria a mulher de outra pessoa. — Ele a pegou enquanto estávamos em minha cabana.

— Tem certeza de que ele tem a sua mulher? — respondi. — Alessio não tem o hábito de sequestrar mulheres.

Os lábios de Maxim se contorceram. — Seu pai tem.

Ah, isso fazia mais sentido. O velho Russo tinha o hábito de roubar tudo o que queria. O bastardo cruel. Eu nunca entenderia como Mia e Branka poderiam ser produto daquele homem.

— Vou precisar dos detalhes.

Sem resposta.

— Você entrou em contato com Alessio? — questionei. — Ele eliminou esse negócio do território deles.

— Aconteceu no Alasca, — ele sibilou, colocando os óculos no nariz. O tremor de seus dedos não me escapou. — Qualquer coisa fora do território Russo não diz respeito a Alessio.

Bem visto.

— Por que o velho levaria sua mulher?

— Entrei em seu sistema e esvaziei sua conta bancária.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Eu não sabia que você estava sem dinheiro.

Afinal de contas, o Pakhan estava mais do que carregado.

— Ele não pagou por uma transação comercial que finalizamos.

Fazia sentido. Ele tinha que cobrar. Deixá-lo escapar estava fora de questão. Se você deixasse alguém se safar uma vez, a notícia acabaria se espalhando e mais pessoas tentariam.

— Talvez você tenha mais chances trabalhando diretamente com Alessio, — sugeri. — Deixe-o ciente disso.

Um silêncio espesso encheu o ar.

Algo nessa história toda me incomodava. Esperei, observando o rosto de Maxim para ver se havia algum sinal revelador. Ele tinha uma boa cara de pôquer. Filho da puta!

— Se eu o procurar, ele colocará homens em sua irmã e a cercará.

O alarme subiu pela minha espinha. É melhor que ele não esteja ameaçando Branka.

— O que a irmã dele tem a ver com isso? — Eu rosnei. Minha voz teria feito um homem menor borrar as calças. Mas Maxim cresceu no mundo brutal da Bratva, vendo seu irmão governar com mão firme.

— Mulher por mulher, — ele retrucou, embora eu pudesse ver uma ponta de consciência em seu rosto. Ele não gostava de machucar mulheres, assim como eu.

— Aceitarei o trabalho, — eu lhe disse. — Mas vou lhe dar um aviso, Konstantin. Se tocar em um único fio de cabelo na cabeça da irmã de Alessio, você será um homem morto. É melhor rezar para que não aconteça nada com aquela mulher, porque você será o primeiro homem que vou perseguir.

Eu tinha uma promessa a cumprir e maldito fosse se falhasse.

Capítulo 6

SASHA

Três dias, e tudo foi por água abaixo.

Segui o velho Russo e não consegui descobrir seus hábitos. Por quê? Porque eu só pensava nos olhos das nuvens tempestuosas. Eu havia pedido a Alexei, meu irmão mais novo, que ficasse de olho nela. Não precisei me preocupar com o fato de ele dizer alguma coisa a alguém. Ele simplesmente considerou isso como mais um de meus trabalhos estranhos. Mais importante ainda, não havia ninguém em quem eu confiasse mais do que Alexei para mantê-la segura.

Eu, por outro lado, tinha que me recompor e parar de pensar em Branka Russo e me preocupar em encerrar esse trabalho. Em todos os meus anos, eu nunca havia perdido um rastro. Bem, havia uma primeira vez para tudo, porque eu já havia perdido o velho Russo uma vez.

Eu. Sasha Nikolaev.

Eu o perdi quando o segui saindo de sua casa porque estava perseguindo sua filha remotamente. Se Vasili soubesse, ele se mijaria de rir. Então, eu me certificaria de que ele nunca descobrisse.

Meu Deus, aquela mulher me prendeu sem sequer sentir o gosto de sua boceta.

Jesus Cristo!

Talvez a melhor coisa que eu pudesse fazer fosse manter distância dela. Não era saudável ser tão possessivo.

Vi em primeira mão o que isso fazia com as pessoas. Como ela as jogava em uma espiral de loucura até que não restasse nada além da morte. Um crânio esmagado e um corpo quebrado.

O complexo de Russo nas docas do Alasca estava envolto em escuridão e ele tinha a escória da escória com ele. Previsto cinco guardas. No máximo. Havia pelo menos vinte.

Que merda!

Segui o velho Russo de Montreal até à porra do Alasca. Jesus, eu não tinha certeza do que era pior para congelar suas bolas. Então, aqui estava eu em Juneau, Alasca, no telhado de um prédio em frente ao armazém que o velho Russo estava visitando. Usando minha lente, eu os observava pela única janela enquanto se moviam. Era difícil avaliar onde eles estavam sem estar lá dentro.

De acordo com os dados que obtive, o velho Russo possuía alguns armazéns perto das docas aqui no Alasca. Mas não por muito tempo.

Entrei no complexo a pé. Não poderia entrar com meu carro sem acionar o sistema de segurança e as câmeras. Ele estava estacionado a cerca de um quilômetro de distância e, se a merda acontecesse, eu não teria sorte nenhuma. Eu vivia para essa merda, mas, porra, eu queria sobreviver mais alguns anos.

*Blyad*³, eu teria que entrar nesse depósito. De uma forma ou de outra.

Coloquei o fuzil no ombro, verifiquei a arma no coldre, coloquei o silenciador e, em seguida, verifiquei a arma enfiada na parte de trás da calça e a faca enfiada na bota. Depois, com uma última olhada no armazém e em seu layout, voltei para dentro e segui meu caminho pelo grande espaço vazio. Parecia que todos os homens estavam no outro prédio, onde estava o velho Russo.

Minhas informações indicavam que a mulher que Maxim queria era mantida ali, mas eu não tinha provas. Eu estava agindo por puro instinto. A cada pátio que eu entrava, a consciência me atingia. E o cheiro de sangue. Nunca se esquece o cheiro de sangue e de cadáveres. Quando você sente o cheiro, ele permanece para sempre.

Eu esperava que o complexo estivesse armado e protegido ao máximo. Eles estavam em guerra com os irlandeses. E com a *Famiglia*. E havia a máfia da Córsega que o odiava e queria acabar com ele. E por último, mas não menos importante, havia algumas famílias Bratva que queriam crucificá-lo.

Por quê? Porque o velho gostava de enganar as pessoas. Em mais de uma maneira.

Apesar do meu porte avantajado, meus passos eram silenciosos no caminho de cascalho entre os dois edifícios. Isso já estava enraizado em mim antes mesmo de eu entrar para o exército, mas o treinamento das forças

³ Puta merda em russo, porra

especiais me fez aprender isso. Foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Era a disciplina que meu pai não se preocupou em me treinar porque estava muito ocupado perseguindo seu próprio pau.

A mulher que ele amava. A mulher sem a qual ele não poderia viver.

E minha mãe...

Eu não podia nem mesmo ir para lá. Aquela louca psicótica me arruinou antes mesmo de eu começar a viver.

Nem mesmo Vasili conhecia a extensão da loucura de mamãe. Ninguém sabia o que exatamente havia acontecido naquele dia. Ninguém sabia as palavras que foram trocadas. Apenas minha mãe, eu e um bebê que não se lembrava de nada. Minha irmãzinha. Tatiana esteve tão perto de morrer naquele dia, antes mesmo de completar seu primeiro mês de vida.

Meu irmão tentou fazer o melhor que pôde para ser nossa mãe, pai e irmão. Ele não fracassou exatamente, mas não foi a mesma coisa.

Assim que virei o canto, vi a pequena entrada lateral. E apenas um homem a vigiá-la. Antes que ele pudesse se mover e dar o alarme, atirei nele, com o silenciador fazendo seu trabalho.

Correndo até à entrada, inspirei calmamente e levantei minha arma. Empurrei a maçaneta da porta e entrei no armazém de tijolos. Para minha surpresa, encontrei toda a sala escura como breu.

Onde diabos estão todos?

Eles estavam aqui. Eu os vi. No entanto, naquele momento, eu não conseguia ouvir uma única respiração. Nem um único movimento.

Porra, eu esperava que não fosse uma armadilha.

Se fosse, eu voltaria como um fantasma e torceria o pescoço feio de Maxim.

Deixei meus olhos se ajustarem à escuridão e comecei a me mover. Minha mão estava no gatilho do minha AK-47 e me mantive próximo às paredes laterais. Havia um cômodo no fundo, com uma única janela interna entre as duas paredes que o separavam. Corri para ela. Com as costas esmagadas contra a parede, espiei para dentro e vi uma sala vazia. Exceto por uma única cadeira.

Com uma mulher sentada nua dentro dela.

— Droga, — murmurei em voz baixa.

Ela estava amarrada à cadeira, com o cabelo brilhando com o sangue que o encharcava. Porra, era ela. A mulher de Maxim. Tão deformada, mas eu sabia que era ela.

Sua boca estava fechada com fita adesiva. Seu corpo era uma massa de sangue e hematomas. Eu não sabia se seria melhor se ela estivesse viva ou morta. Para o bem dela.

Fui até à porta e entrei na sala, permanecendo alerta. A última coisa de que eu precisava era ser emboscado por Russo e seus malditos homens. Eu preferia não começar uma guerra com ele. Vasili não me agradeceria. O velho Russo não era um inimigo, embora também não fosse um amigo. Todos os negócios de Nikolaev passavam por seu filho, Alessio Russo.

Ela nem se mexeu quando entrei. *Morta. Ela estava morta.* Meu estômago afundou.

Uma rápida olhada ao redor me disse que não havia mais ninguém na sala. Mas havia cadáveres de mais mulheres empilhados no chão, no canto mais distante, que eu não havia notado antes.

E aí estava o motivo do mau cheiro.

Porra!

Maxim não deveria ver sua mulher nesse estado. Isso tinha que ir além de um trabalho de invasão. Que tipo de problema Maxim tinha com o velho Russo que o levaria a raptar sua mulher?

Peguei meu telefone e liguei para Nico Morrelli. Se alguém tivesse informações, seria esse cara.

— Nikolaev, — ele me cumprimentou à sua maneira.

Não perdi tempo com gentilezas. — Morrelli, preciso saber o que causaria uma rixa entre o velho Russo e Maxim Konstantin.

— Olá para você também, seu filho da puta.

Dei uma risadinha. — Oh, me desculpe. Esqueci o quanto vocês italianos gostam de conversar. Como vai a vida? Sua máquina de cappuccino ainda está funcionando? Sua...

— Jesus. Pare de falar, seu russo irritante, — ele me interrompeu, com humor em sua voz. — É engraçado você perguntar isso porque acabei de saber que o velho Russo tinha um acordo com o velho Konstantin. O gêmeo de Konstantin, Maxim, deveria se casar com uma das garotas Russo.

Algo violento e mortal se espalhou por minhas veias. Meu maxilar tremeu e meu peito se retorceu com algo desconhecido. A aversão ao fato de Branka pertencer a alguém me fez querer incendiar este lugar.

— Quando foi feito o acordo? — questionei.

— Fazia parte do contrato de casamento. O antigo Konstantin e o antigo Russo chegaram a um acordo por meio de Benito King, — explicou Nico. — O nome da filha não foi mencionado, mas, pelo que parece, o acordo provavelmente era para casar Mia com Maxim. É claro que isso não deu certo quando ela... — Ele fez uma pausa e nós dois sabíamos por que isso não tinha dado certo.

Ela cometeu suicídio, na minha frente. Eu não consegui salvá-la. Esse parecia ser um tema constante em minha vida.

— Os irmãos Konstantin sabem? — perguntei.

— Sim, — respondeu Nico. Meu telefone estalou com a força do meu aperto. — Cabia a Maxim cumpri-lo, mas ele encontrou uma brecha no acordo e o tornou nulo e sem efeito.

Então essa foi a vingança do velho Russo. Filho da puta.

— Não me diga que você se meteu no meio dessa merda? — Foi a vez de Nico me questionar. Cerrei os dentes. Era exatamente o que eu tinha feito.

— Você sabe o que tornou o contrato nulo? — Em vez disso, perguntei.

Algo no silêncio que se seguiu me disse que eu não gostaria da resposta.

— O contrato estabelecia que a mulher não sofreria danos - danos físicos. — Meus ouvidos zumbiam com o sangue correndo em minhas veias. A raiva queimou minha garganta e manchou minha visão com uma névoa vermelha. — Quando Mia morreu, o contrato passou a ser de Branka. Não sei se devo fazer isso, mas estou lhe enviando uma foto. Konstantin colocou as mãos em uma foto de Branka. Ela estava com uma cicatriz muito feia.

Meu celular emitiu um bipe e eu abri a mensagem. Minha respiração cortou meus pulmões. Meu sangue ardia. A menina da foto tinha marcas de queimaduras e cortes por toda parte. Tinha um olho preto. Seu cabelo castanho-avermelhado estava mais vermelho do que marrom devido ao sangue que o manchava. Branka estava sentada em um canto, com os joelhos contra o peito e medo no rosto.

— Tenho que ir, — disse friamente, enquanto meu sangue fervilhava em minhas veias.

Encerrei a ligação e voltei minha atenção para o corpo à minha frente. *Queimaduras de cigarro.* Eu me lembrava delas no corpo de Mia. Não tinha visto nenhuma no corpo de Branka, mas isso não significava que não estivessem lá.

Meus olhos continuaram a percorrer clinicamente o corpo nu. Foi então que eu vi. Esculpido no peito da mulher, em meio a todas as manchas de sangue.

Produto danificado.

Enviei uma mensagem para Maxim.

Ela está morta.

Depois, incendiei o prédio inteiro.

Eu não via a hora de enfiar uma bala na cabeça do velho Russo.

Um dia.

Talvez não hoje ou amanhã. Mas um dia, eu mataria o maldito bastardo.

Capítulo 7

BRANKA

Por semanas, meu corpo formigava com a consciência de estar sendo observada. Era como o frio de um freezer contra a pele aquecida.

Mas sempre que eu olhava em volta, não havia ninguém.

Eu folheava as prateleiras do supermercado. Março na Califórnia não era nada parecido com março em Montreal e eu adorava isso. Morar em um dormitório com minha melhor amiga, a centenas de quilômetros de distância do meu pai, era a melhor parte.

Mas eu sentia falta do meu irmão. Conversávamos e mandávamos mensagens, mas não chegava nem perto de vê-lo todos os dias. Eu queria ter certeza de que ele estava bem. Não que ele não pudesse cuidar de si mesmo. Na verdade, ele sempre cuidou de mim, mas me dava paz de espírito vê-lo e ver que ele estava bem. Não feliz. Era um conceito abstrato para nós. Se não fosse por Autumn e seus pais, eu não acreditaria em felicidade.

Eu não tinha certeza se teríamos a chance de ser felizes depois do que Alessio e eu havíamos vivido. Estávamos muito manchados por nosso mundo.

O caixão de Mia estava coberto com muitas cores. Flores vermelhas, rosas, brancas e roxas se misturavam a ele.

Ela adoraria. Ela sempre gostou de cores vibrantes, de moda. Tudo que fosse alegre e criativo.

As lágrimas mancharam meu rosto, mas mantive meu choro em silêncio. Se papai me ouvisse chorando, seria espancada mais tarde. Meu peito doía tanto que eu pressionava minha mão contra ele, esperando que isso facilitasse a respiração.

Mas não aconteceu. Algo dentro de mim estava quebrado. Meus olhos se voltaram para minha mãe, que olhava fixamente para o túmulo. Sem lágrimas. Nenhuma tristeza. Sem raiva. Nada.

Eu não queria ser como minha mãe.

Meus olhos encontraram meu irmão mais velho.

A raiva ardia em seus olhos. Segui seu olhar até meu peito. Era tarde demais quando percebi que ele estava olhando para a queimadura de cigarro em minha mão.

Alessio pulou em cima do pai e começou a socá-lo. Estupor, gritos, exclamações. Mamãe não reagiu. E eu... fiquei muito feliz ao ver o lábio do meu pai se partir. Sangue em seu rosto.

Foi nesse exato momento que percebi a verdade sobre mim mesma.

Eu já havia sido contaminada por nosso mundo.

Porque meu coraçãozinho dançava em meu peito enquanto eu via Alessio bater em nosso pai. Eu esperava que ele fizesse com que sua morte fosse longa e dolorosa. Extremamente dolorosa.

A esperança durou pouco. Os homens do pai já o estavam afastando do chefe da família Russo.

Alessio se levantou e veio até mim. Eu não estava com medo dele. A raiva e a fúria em seus olhos não estavam voltadas para mim. Apenas sua feroz proteção.

Ele me levantou e minhas mãos se enrolaram em seu pescoço.

— Você veio, — sussurrei, e todos ao nosso redor foram esquecidos.

— Desculpe-me por ter demorado tanto, princesa. — Ele estava falando sério. Eu podia ver a verdade em seus olhos. — Ninguém jamais a machucará novamente. Você e eu, princesa. Contra o mundo.

Pela primeira vez, desde que vi Mia e Alessio desaparecerem na noite, há dois anos, eu sorri.

— Você e eu, irmão mais velho. Contra o mundo.

Meus lábios se contraíram com as lembranças do meu irmão mais velho. Fiquei com ele desde então, embora visitasse minha mãe de vez em quando. Alessio sempre vinha comigo, para que eu estivesse segura. Fiel à sua palavra, ele me manteve em segurança desde então. Quando atingi idade suficiente, entrei para as aulas de autodefesa, mas o problema era que todos tinham medo do meu irmão e do que aconteceria se me machucassem acidentalmente.

Meu irmão me viu como a garotinha que precisava de proteção e, por isso, ameaçou a academia inteira. Só que eu não queria ser apenas isso. Eu queria ser forte e capaz de me proteger também.

Com as velhas lembranças como companheiras constantes, paguei pelos itens e saí da loja. Durante todo esse tempo, meu pulso doía. Meu pai quebrou meus pulsos muitas vezes durante aqueles anos torturantes e solitários. Os ossos se curaram, mas a dor ia e vinha. Um lembrete.

Meus dedos da mão oposta envolveram o pulso que segurava a sacola de supermercado.

Não notei a figura que me aguardava na escuridão do beco que levava ao estacionamento. Uma mão puxou meu pulso e a velha e conhecida dor atravessou meu cotovelo.

— Ei! — gritei, puxando meu pulso e causando mais dor a mim mesma. Ignorando a dor latejante, joguei a bolsa em seu rosto. *Louco*.

Quando uma mão me envolveu por trás, cobrindo minha boca, percebi meu erro. Eu deveria ter gritado.

Olhei para o cano de uma arma apontada para mim e minha vida passou pela minha mente. As coisas boas. O ruim. Memórias feias e felizes. Tudo isso. *Clique. Clique. Clique*. Eu não estava pronta para ir embora.

Em câmera lenta, vi sua mão com a arma voar pelo ar, vindo em direção ao meu rosto. Instintivamente, meus olhos se fecharam, esperando que a dor explodisse em minha bochecha. Exatamente como eu me lembrava.

Círculo completo. Que ironia, mas eu não estava rindo.

Contei minhas respirações, esperando a dor. *Um. Dois. Três*.

A dor não veio. Pelo menos não a minha.

Um grunhido veio de trás de mim. Um rosnado selvagem. Um grito e ossos estalando na minha frente. Minha pulsação ressoou em meus

ouvidos. Meus olhos se abriram e girei meu corpo para ver o que havia acontecido, mas estava muito escuro. Sombras. Palavras sibiladas. Grunhidos. Gemidos. Tropecei em meus próprios pés e caí de bunda no chão.

— Quem está chorando como uma vadiazinha agora? — A voz grave zombou.

Colocando-se entre nós, com suas costas largas à minha vista, ele torceu o pulso do cara. Jesus, ele tinha ombros muito largos. Talvez fosse um lutador de MMA.

— Corra. — Uma voz baixa e sombria vibrou no ar. — Cinco minutos de vantagem.

A voz era familiar. Meus olhos percorreram a escuridão. Eu não conseguia ver nada.

Uma mão se estendeu de uma sombra escura e eu a peguei. No momento em que nossas mãos se tocaram, a eletricidade pulsou em meu braço.

Isso só havia acontecido uma vez antes.

Quando eu estava de pé, ele se escondeu nas sombras. Mas pude vislumbrar um cabelo loiro e pálido.

Antes que eu pudesse chamá-lo, ele havia desaparecido. Eu o segui, mas não havia nenhum rastro dele.

Apenas o leve aroma de frutas cítricas ficou em seu rastro.

Capítulo 8

SASHA

Atingir os caras foi muito fácil. Que chato. Talvez eu devesse ter dado a eles dez minutos de vantagem. Agora não importava.

Eles poderiam pelo menos ter se empenhado em sua fuga. Em vez disso, correram para casa. Tão previsível, porra.

Observei os dois idiotas subindo as escadas correndo. Havia dois apartamentos em cada andar do prédio. O pequeno patamar tinha trilhos e permitia a entrada de ar fresco pelos degraus. Provavelmente melhor do que o ar abafado do prédio. Afinal de contas, a Califórnia não tinha invernos frios.

Seus passos batiam no chão de concreto, cada vez mais perto.

Coloquei um silenciador no cano da minha arma. Não queria ter os vizinhos como plateia. Os dois moravam juntos em um apartamento de propriedade de... adivinhe quem. Bratva.

Ding. Dong.

Maxim levaria uma surra quando eu o encontrasse. Mas antes, ele receberia um belo presente. Pequenas partes do corpo de seus lacaios idiotas.

Os dois correram, olhando para trás, esperando que eu os perseguisse. Mas eu já estava na frente deles. Amadores.

Meu olhar preguiçoso encontrou um deles, no momento em que ele percebeu que tinham feito merda. *Pop*. Ele caiu no chão com um buraco de bala na testa.

— No alvo, — murmurei, no momento em que seu parceiro se virou e começou a correr.

— Puxa, indo embora tão cedo, — perguntei em um tom entediado, pulando da pequena grade e cortando sua rota de fuga. — Está tentando ferir meus sentimentos?

Ele balançou a cabeça, abrindo e fechando a boca, mas nenhuma palavra saiu. Como um maldito peixe fora d'água, seus olhos se arregalaram.

Eu o agarrei pela gola da camisa e o empurrei de volta para o apartamento. — Pegue seu amigo e leve-o para dentro.

— M-mas ele está morto, — ele gaguejou.

— Você não diz porra de novidade nenhuma. — Jesus, ser um idiota era um requisito para trabalhar para a Bratva? — Me desculpe. Eu não queria matá-lo. Só um pouco.

Ele me observava como se acreditasse em mim. Eu não tinha tempo para bobagens hoje.

— Pegue-o, — gritei.

Ele se apressou e tropeçou ao tentar levantá-lo. — Cara, eu não fiz nada.

— Você foi atrás de uma mulher, — eu disse a ele friamente. — Minha mulher.

Seu passo vacilou. — Leve-o para seu apartamento, — ordenei. Quando ele abriu a boca, eu o interrompi: — Está aberto.

— C-como?

Mantive a calma, afastando todos os pensamentos sobre Branka de minha mente. Não queria pensar nela agora. Não *podia* pensar nela. Caso contrário, eu perderia a cabeça e começaria a matar aqui mesmo, ao ar livre.

— Você não achou que uma porta me manteria do lado de fora. — Apontando minha arma para ele, gritei, — Mova-se.

Ele se mexeu, arrastando o cara e deixando um rastro de sangue. Idiota de merda. Eu teria que trabalhar rápido.

No momento em que a porta se fechou atrás de mim, disparei dois tiros nas rótulas do desgraçado. Seus gritos de dor encheram o pequeno apartamento. Tranquei a porta atrás de mim, peguei um chiclete no bolso, abri a embalagem e joguei o chiclete na boca enquanto o via se contorcer no chão como uma maldita baleia.

Ajoelhei-me ao lado dele, mascando meu chiclete. — Você cometeu um erro ao ir atrás do que é meu, — disse-lhe em tom de conversa. — Eu odeio quando as pessoas vão atrás do que é meu.

Tirei uma faca da minha bota. Eu achava que tinha cerca de dez minutos antes de os policiais aparecerem.

— Maxim Konstantin enviou você, — eu disse.

Ele balançou a cabeça, mas a verdade estava estampada em seu rosto. Cravei a ponta da lâmina em suas costelas e o cheiro de urina encheu o ar.

— Vamos tentar de novo, — eu disse suavemente, enquanto girava a faca entre suas duas costelas. — Maxim Konstantin mandou você.

Ele gritava como uma cadelinha. E tão agudo que o vidro estremeceu. Jesus, ele deveria ter sido um cantor de ópera. Jurei que estava sentindo cheiro de merda. Meus lábios se curvaram em desgosto. Talvez eu devesse encurtar essa aula.

Retirei a faca e puxei sua camisa para cima para ver os danos.

— Sabe, eu posso fazer isso por dias, — eu disse sombriamente. — O exército tem uma maneira de ensinar técnicas de tortura eficazes. — Seus olhos saltaram para fora do crânio. — Diga-me e isso acabará logo.

Como ele não respondeu imediatamente, enfiei a lâmina em seu abdômen, esperei um segundo e girei a faca.

— Maxim, — disse ele em um grito agudo. — Por sua mulher. Uma mulher por uma mulher.

Eu sorri. — Viu, não foi tão difícil. Bom trabalho.

Levantei-me e peguei minha arma que ainda tinha o silenciador. Apontando-a para o meio de seus olhos, apertei o gatilho.

Eu sorri satisfeito. — Em cheio. Sempre.

Segurei Maxim pelo colarinho e dei-lhe um soco no rosto.

Sangue e saliva voaram pelo ar e caíram em minhas roupas. Isso me irritou ainda mais.

— Eu não lhe disse que ela estava fora dos limites? — rosnei, depois lhe dei outro soco. — Quais foram exatamente as minhas palavras?

Quando Maxim nem sequer tentou responder, meu punho quebrou o maxilar de Maxim.

— O que eu disse, porra? — Eu gritei.

Não houve resposta. Outro soco e um dente voou pelo ar. Isso era tão bagunçado. Eu preferia apenas atirar nos filhos da puta. Nunca tinha que me aproximar muito e minhas roupas ficavam limpas.

— O. Que. Eu. Disse? — Dessa vez, dei um soco em suas costelas. Ele tentou bloquear o golpe, mas não conseguiu. Ao contrário de seu irmão, Maxim era muito fraco. Tão fraco que era um risco.

Os olhos de Maxim se voltaram para mim. Porra, não gostei da tristeza neles. Descobri que Maxim Konstantin se apaixonou por uma prostituta. Uma prostituta de verdade. Ela trabalhava nas ruas de Moscou e, de alguma forma, cruzou o caminho de Maxim.

Jesus Cristo, porra!

Ilias deveria ter levado seu irmão gêmeo e conseguido que ele transasse. Talvez se ele tivesse feito isso, Maxim não teria se apaixonado pela primeira mulher que chupou seu pau e ela estaria viva.

— Eu não a toquei, — ele cuspiu, tossindo sangue. — Você disse, *‘toque em um único fio de cabelo da cabeça dela e você será um homem morto’*. Eu não a toquei.

Será que esse cara era de verdade?

— Você está realmente querendo me enrolar com a semântica, — gritei. — Você sabe exatamente o que eu quis dizer!

Jesus, eu estava com o pavio curto ultimamente.

— Deveria ter sido mais específico, — ele disse, tossindo novamente.

Eu o joguei no chão de seu escritório. Um escritório lindo no centro de Los Angeles, com uma vista elegante para o Oceano Pacífico. Estávamos um andar abaixo de seu irmão Pakhan. É claro que o melhor cão ficaria com o andar de cima. Não se esperava nada menos que isso.

O sangue de Maxim manchou os azulejos espanhóis brancos e polidos e meu lábio se curvou de nojo. Seus gemidos de dor encheram a sala. As pessoas nos olhavam com os olhos arregalados através das portas de vidro. Que mafioso idiota tinha um escritório só com portas de vidro em vez de paredes? Por mais merda que fizéssemos a portas fechadas, isso era muito idiota. Mesmo que não fôssemos criminosos, eu não gostaria de ter portas e janelas de vidro.

E se eu quisesse transar com uma mulher? Colocar um maldito lençol preto sobre ela? Quando você terminasse de cobrir todas as malditas janelas, seu pau estaria desinflado ou muito azul e dolorido.

Maxim tentou agarrar minha perna e eu o chutei, fazendo com que seu corpo deslizasse pelo chão e se chocasse contra a escrivaninha moderna e frágil.

— Que porra está acontecendo aqui? — Ah, o gêmeo mais velho decidiu se juntar a nós.

Eu me virei lentamente para encontrar Ilias encostado no batente da porta. Ele não parecia alarmado, mas eu não estava enganado. Ele era um assassino tão implacável quanto eu. Isso estava em seus olhos que estudavam toda a cena.

— Se você vai matar meu irmão, talvez seja melhor se livrar das testemunhas primeiro, — Ilias se dirigiu a mim casualmente, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Esse era o problema. Eu nunca dava segundas chances, mas não tinha a menor intenção de matar Maxim. Por quê? Porque eu entendia sua dor e até sentia pena dele.

A agitação se instalou sob minha pele. Era muito melhor não dar uma segunda chance às pessoas. Assim, você não precisava se preocupar com o fato de elas não apreciarem a segunda chance e irem atrás de você novamente. Isso me poupava de ficar olhando por cima do ombro.

— Não o mate e eu ficarei em dívida com você, — acrescentou Ilias em uma voz fria. — Ele também ficará em dívida com você.

— E o que você poderia ter que eu poderia querer? — respondi secamente.

Os lábios de Ilias se curvaram. Não em um sorriso, mas algo parecido com ele. — Nunca se sabe.

Virando a cabeça para Maxim, eu o encarei. — Não quero ver ninguém, e quero dizer ninguém mesmo, seguindo Branka Russo. Se quiser matar o velho dela, fique à vontade. Se tocar nela, destruirei seu maldito império. Entendido?

— Ele matou a minha mulher, — disse Maxim, com um tom choroso.

— Você tem minha palavra, — respondeu Ilias. — Minha palavra como Pakhan e como um Konstantin.

Com um breve aceno de cabeça, eu os deixei para trás.

Três horas depois, atravessei o ginásio do campus de Berkeley usando meu equipamento de ginástica habitual. Não conseguia me afastar da mulher de cabelos castanhos e, com certeza, encontraria Branka aqui. Sua amiga estudava; Branka despejava suas frustrações na malhação.

Eu sabia que ela tinha aulas de autodefesa, mas, de alguma forma, isso nunca tinha me ocorrido até agora. Meus passos diminuíram e eu a observei batendo no manequim. Seu corpo estava suado e o suor escorria pelo rosto.

Alguns universitários lançaram olhares para ela e o desejo em seus olhos não me escapou.

Um rosnado subiu pelo meu peito e ficou preso na garganta.

— Se quiserem ficar com seus globos oculares, mantenham seus olhares desviados e longe daquela garota, — eu disse com um grunhido, empurrando todos para fora do ginásio.

— Ei, você é mesmo um estudante aqui? — Um deles teve a coragem de perguntar.

— Serei seu pior pesadelo se não sair da minha frente, — eu disse com um grunhido, olhando para ele. Ele saiu correndo como um rato.

Voltando minha atenção para Branka, que ainda estava batendo em seu manequim, admirei sua figura. Minúsculos shorts de corrida vermelhos e um sutiã esportivo combinando. Sua pele brilhava com o suor e o sangue latejava no meu pau.

Jesus!

Essa era a irmã mais nova de Mia. Eu não deveria ter essas imagens pornográficas flutuando em minha cabeça relacionadas a essa garota. No entanto, eu tinha. Tantas que um divertimento sardônico e desonesto cintilou em meu peito. Se Branka Russo soubesse em que tipo de merda eu estava me metendo e que imagens passavam em minha mente, ela desapareceria mais rápido que um raio.

O cheiro de suor e a batida constante dos punhos de Branka contra a borracha ecoavam no ar.

Fui até Branka quando ela parou de dar socos, pegou a toalha e enxugou o rosto. Tomou um gole de água e foi então que me notou. Seus olhos se arregalaram e ela tirou os fones dos ouvidos.

— Nunca brigue com fones de ouvido, — eu disse a ela, sorrindo. Ela permaneceu quieta, observando-me pensativamente com aquele olhar cinzento. — Parece que você consegue se virar bem no combate corpo a corpo.

Seu pescoço balançou. — Está se oferecendo como voluntário?

Dei de ombros. — A menos que você esteja com medo.

Seus olhos brilharam com um relâmpago prateado. — Você quer. É que, normalmente, ninguém quer fazer isso comigo, — disse ela, depois, percebendo como isso soava, suas bochechas ficaram vermelhas. — Ninguém quer fazer combate corpo a corpo comigo, — esclareceu rapidamente.

Sorri. — Eu quero.

Ela deixou que seus olhos me observassem. Ela sabia que meu tamanho era uma desvantagem para ela, mas meu instinto me dizia que ela não desistiria. Branka tinha um fogo dentro dela que usava para inflamar sua raiva e frustração. Peguei uma faca e a estendi para ela.

Seu olhar se voltou para minhas mãos. — Você não vai precisar de algo para se defender? Não é justo que eu tenha uma faca e você não tenha nada. — Ela pegou a faca, arrancando-a de minha mão.

— Não preciso de uma arma para dominar você.

— Somos arrogantes, não somos? — desafiou ela, com uma expressão de irritação. — O que você está fazendo aqui, afinal? É muito velho para ser um estudante.

— Ai. — Fingi estar angustiado. — Onde está o respeito pelos mais velhos?

Ela revirou os olhos e fomos para as esteiras.

Branka era tão pequena comparada a mim. Eu teria de me certificar de que treinaríamos sem que eu a machucasse. Dobrei os joelhos em uma posição semi-agachada, e ela espelhou meu movimento.

— Não chore se eu cortar você, — ela zombou.

Meus lábios se contraíram. — Vou tentar não fazer isso. Agora pare de falar e ataque.

Ela me olhou, desviou para a esquerda e depois avançou para a direita. Ela se moveu rapidamente, mas eu me esquivei de seu ataque. Minha mão envolveu seu pulso e eu a girei até que suas costas estivessem pressionadas contra a minha frente.

— Nada mal, kotyonok, — elogiei, observando meus dedos marcados contra sua pele pálida.

— Você me dominou, — disse ela sem fôlego.

Ela odiava ser dominada. Eu podia sentir isso em sua respiração, na rigidez de seus ombros e músculos.

Relutantemente, eu a soltei e ela permaneceu imóvel por três segundos, antes de se virar para mim, com uma leve palidez alarmante em sua pele.

— Eu a machuquei?

Seus olhos percorreram a sala e foi como se só agora ela tivesse percebido que estávamos sozinhos. — Todos se foram.

— Kotyonok, — eu disse, tentando fazer com que ela olhasse para mim. — Eu a machuquei?

Aqueles céus cinzentos encontraram meu olhar e ela balançou a cabeça, lentamente.

— Não, você não machucou. — A pressão em meus pulmões diminuiu e minha respiração saiu. Eu preferia cortar minhas mãos a machucá-la. — Podemos ir de novo?

Eu acenei com a cabeça. De novo e de novo.

Ela aprendia rápido. Seu corpo era forte e eu adorava a determinação em seu rosto enquanto ela seguia minhas instruções. Cada vez que eu a dominava, ela ficava cada vez menos intimidada, até que seu corpo não se enrijecia mais a cada vez que eu o fazia.

Foi divertido ensiná-la. E um pouco perturbador para minhas bolas, mas ignorei meu pau, que se concentrou nela. Isso era para Branka. Eu esperava que ela nunca precisasse usá-lo e, se precisasse, que eu estivesse lá para protegê-la. Mas se eu não estivesse, queria que ela fosse poderosa.

Estávamos de novo, com seus olhos voltados para mim e depois para minhas bolas, e eu percebi seu ângulo imediatamente. Fiquei até impressionado. Peguei seu pé quando ela tentou chutar minhas bolas e dei um puxão.

Ela caiu de costas com um baque alto, ainda segurando a faca.

— Você está ficando bem rápida, — eu disse a ela. Ajoelhei-me ao lado dela, tocando seu ombro. — Você está bem?

Ela soltou um suspiro frustrado. — Como você sabia?

Eu dei uma risadinha.

— Como eu sabia que você estava indo para as minhas bolas? — Suas bochechas ficaram ainda mais vermelhas, e isso não teve nada a ver com o exercício que acabamos de fazer. — Seus olhos baixaram para elas. Essa foi a única razão pela qual eu sabia.

— Droga, — ela murmurou.

— Ainda estou impressionado, — eu disse a ela. Peguei a garrafa vermelha de água que devia ser dela. Tinha as iniciais dela. — É sua? — Ela acenou com a cabeça. — Beba. É importante estar hidratada.

Ela tomou um gole e me ofereceu a garrafa. Balancei a cabeça. Eu mal tinha suado.

— O que a fez querer estudar defesa pessoal? — Eu lhe perguntei casualmente.

Uma leve tensão passou por seu ombro. — É importante ser capaz de se defender, — respondeu ela. — Em nosso mundo.

Nosso mundo. Ela sabia quem eu era?

— Nosso mundo?

— Sim, este mundo, — ela murmurou. — Você nunca sabe quando pode ser vítima de uma emboscada. — Ela inclinou a cabeça, seus olhos encontraram os meus. — Então, quem é você? — Antes que eu pudesse responder, ela continuou, — Sim, eu sei que seu nome é *Moye Serdtse*. — Meus lábios se curvaram. Essa foi uma das melhores coisas que fiz. Fazer com que ela me chamasse de *Moye Serdtse*. Um dia, eu seria o coração dela. — A propósito, esse é um nome muito estranho. — Acenei com a cabeça em concordância. — Mas não foi isso que eu quis dizer. — Seus olhos me observaram. — Obviamente, você sabe lutar. Você não é um aluno aqui. Nem professor. Então, quem é você?

Ela permaneceu quieta, observando-me e esperando. Levantei minha mão e coloquei uma mecha de cabelo castanho atrás de sua orelha.

— Quem a machucou? — Em vez disso, perguntei. Tinha sido o pai dela, mas havia outra pessoa que a machucou também. Eu queria nomes.

Esse foi o motivo pelo qual o acordo entre Konstantin e Russo foi nulo e sem efeito. Infelizmente, os irmãos Konstantin não tinham um nome. Apenas uma foto de uma menina, nua em uma cela, com os joelhos puxados até ao peito e marcas por todo o corpo. Marcas de queimadura.

Porra, doeu meu coração de pedra ao ver isso.

Ela se levantou e se afastou de mim. As cicatrizes visíveis haviam desaparecido, mas eu apostaria minha vida que as invisíveis ainda estavam lá.

Com a mão na porta de saída, ela olhou para mim por cima do ombro.

— Eu fiz minha pergunta primeiro, — disse ela. — Não é muito cavalheiresco responder a uma pergunta com uma pergunta.

— Ainda bem que não sou um cavalheiro. — Eu lhe dei um de meus sorrisos, esperando que ela caísse em meu encanto. — Eu a verei novamente.

Ela balançou a cabeça e desapareceu de minha vista.

Capítulo 9

BRANKA

Bem. *Moye Serdtse* cumpriu sua promessa.

Nos três meses seguintes, toda vez que eu ia à academia, ele estava lá. Muitas vezes, eu sentia sua presença quando andava pelo campus, sozinha ou com Autumn. E eu sabia que era ele. Eu podia senti-lo como o sol em minha pele.

Estranho? Sim, com certeza.

Perseguidor? Duplamente sim.

Contei ao meu irmão? Não, porra.

Eu gostava de *Moye Serdtse*. Meu sexto sentido não se acendeu, avisando-me que ele poderia me machucar. Ele era seguro. Talvez não para o mundo, mas definitivamente para mim.

Assim, permiti que meu perseguidor se tornasse minha sombra. A melhor parte é que minhas habilidades de autodefesa melhoraram dez vezes. Ele até me levou para um campo de tiro e me ensinou a atirar. Eu era boa.

Autumn não questionava minha necessidade de ir à academia todos os dias. Em alguns dias, eu ia até duas vezes. *Moye Serdtse* estava lá. Como se fosse uma deixa, todos na academia se dispersavam toda vez que nós dois estávamos lá.

Depois de outra rodada de exercícios vigorosos de autodefesa, nós dois nos sentamos na esteira para beber água. Sua garrafa também tinha as iniciais. C.H.

Inclinei a cabeça na direção dela. — Iniciais erradas?

— Sim, todos elas estavam sem M e S.

Eu zombei. Não acreditei nele. Era uma garrafa de água com tampa de redeinha impressa personalizada da Takeya. Não era exatamente barata. De fato, não havia nada de barato nesse cara.

— Então, o que você faz para viver? — Perguntei em tom de conversa enquanto esticava as pernas.

— Nada de interessante.

— Aposto que sim, — respondi secamente, não acreditando nele. Seguiu-se um silêncio que não pude deixar passar, então continuei com minhas perguntas. — Então, como você conhece os gêmeos Konstantin?

Ele arqueou a sobrancelha. — Você sabe quem eles são?

Revirei os olhos. — Duh. Eles são donos dos melhores shopping centers da Costa Oeste.

Ok, talvez eu não estivesse sendo totalmente honesta, mas ele também não. Comecei a me perguntar se esse homem não fazia parte do submundo. Ele tinha aquele ar, e isso faria sentido, mas eu nunca tinha ouvido falar desse nome. *Moye Serdtse*.

Mentalmente, fiz uma anotação para pesquisar seu nome. Não faria mal, certo?

— Então você se exercita muito? — perguntei ao passar para a outra perna, esticando-a, e depois passei para os ombros. — Parece que exercita, — comentei com um pouquinho de baba aparecendo no canto da boca. Ignorei o fato. Babar por homens não era meu hobby.

Em seguida, rolei meus ombros. Meus músculos estavam se exercitando intensamente com ele. Meus reflexos melhoravam a cada dia, e eu estava ficando mais forte. Era exatamente o que eu precisava. Isso me deu a confiança de que eu poderia me defender se meu pai tentasse me machucar novamente.

— Como vão seus estudos? — ele perguntou casualmente, fazendo seus próprios alongamentos. Ele usava calça de moletom preta e uma camiseta branca super apertada que mostrava seu corpo incrível e me deu um vislumbre da tinta em sua pele. Parece que ele realmente acreditava muito em tatuagens.

Fixei meus olhos em seu peito, desejando que ele tirasse a camisa para que eu pudesse estudar sua tinta sem nenhum obstáculo no meu caminho. Em vez disso, meus olhos se voltaram para suas mãos marcadas com aqueles símbolos fascinantes.

— Eles estão indo bem, — eu lhe disse. — Autumn, minha amiga, é muito mais dedicada a isso.

— Você não gosta de marketing? — Não havia nada além de curiosidade em sua voz.

— Sim, mas às vezes me pergunto qual é o objetivo, — murmurei.
— Se eu não for capaz de trabalhar na área no final de tudo isso.

— Por que você não trabalharia? — ele exigiu saber.

Dei de ombros. Não havia como explicar a ele algo que fizesse sentido. Alessio jamais permitiria que alguém me levasse ou que meu pai me casasse com alguém que nenhum de nós aprovasse. No entanto, Alessio foi honesto desde o início. A família Russo tinha inimigos demais para que eu pudesse ter uma vida normal e mediana.

O casamento era um passo difícil para mim, mas parece que pode ser uma necessidade para sobreviver.

Não importa. Eu pensaria sobre isso quando chegasse a hora, não agora.

— Você adora isso? — ele perguntou e, quando minha sobrancelha se arqueou, ele completou: — Você adora marketing?

Não me surpreendeu o fato de ele ter se lembrado. Foi algo que mencionei na primeira semana em que o conheci. Ele parecia se lembrar de todas as nossas conversas.

Acenei com a cabeça. — Eu gosto. Por mais estúpido que pareça, gosto da ideia de persuadir as pessoas a dar uma olhada em algo. — Meus lábios se curvaram. — Autumn odeia, mas adora fotografia. Ela também é muito boa nisso. Um dia ela tirará fotos e eu as espalharei pela Internet.

Ele deu uma risadinha. — Estou ansioso para ver sua explosão na Internet.

Dessa vez, nós dois rimos.

— Tenho que sair da cidade, — disse ele minutos depois. Minha cabeça balançou em sua direção e ele me lançou um olhar pesado que expressava sentimentos que eu não conseguia entender. Ele estava

preocupado comigo? — Talvez eu fique fora por um tempo, mas continue com o treinamento.

Uma estranha decepção se instalou em meu peito. Fiquei esperando que ele dissesse algo mais. Qualquer outra coisa.

Ele não deu detalhes. E passariam mais três anos até que eu o visse novamente.

Capítulo 10

SASHA

Eu tinha saído da Califórnia há apenas vinte e quatro horas e já tinha conseguido irritar meu irmão mais velho. É claro que não foi preciso muito. A fumaça emanava do meu irmão mais velho sentado atrás de sua mesa.

Recostei-me em sua cadeira de escritório, de volta a Nova Orleans. A cidade era nosso lar. Viajávamos com frequência entre a Rússia e a Louisiana, mas não demorou muito para que considerássemos Nova Orleans nosso lar. Meu pai fixou residência aqui e começou seu *negócio*. Vasili assumiu o negócio e o expandiu em dez vezes. Ele também abriu vários negócios legítimos.

Vasili era melhor nisso do que meu pai jamais foi.

Agitei meu copo de uísque. O gelo tilintava contra o cristal e a fumaça do charuto pairava no ar. Mas mantive a calma.

— Por que diabos você aceitou um trabalho para Maxim? — Vasili me deu um olhar duro. — Eu não gosto disso. Lidar com os Konstantin sempre traz problemas.

— Isso não vai acontecer, — eu disse a ele com confiança.

— Sasha, Ilias é Pakhan. Tudo relacionado a ele traz problemas. Sem mencionar que o antigo Konstantin era um filho da puta maluco. Eu

preferiria manter esses dois filhos da puta o mais longe possível de Tatiana. Ela é uma mulher solteira e não a quero perto de homens como esses.

— Você não precisa se preocupar com isso. Mesmo que ela tenha sido prometida em um casamento arranjado, Tatiana primeiro mataria você e depois arrancaria os olhos dela antes de concordar em se casar com qualquer pessoa, muito menos com Ilias Konstantin.

A expressão de Vasili escureceu com a ideia de nossa irmã mais nova se casar com o gêmeo mais velho.

— Não há mais negócios com os Konstantin, — ele gritou.

Bebi um gole da minha bebida, inclinando-me para a frente e para trás na cadeira. O maxilar de Vasili se contraiu, e eu sabia que ele estava pronto para explodir.

— Corrija-me se eu estiver errado, mas não concordamos que é minha escolha e decisão com quem eu faço negócios? — Eu o lembrei.

Seu maxilar se contraiu, sua veia latejando. Eu sempre fazia um bom trabalho para irritá-lo. Tanto Tatiana quanto eu fazíamos. Ele era o responsável, minha irmã e eu éramos os imprudentes. Alexei era, bem, Alexei.

— Concordamos com isso se sua escolha não afetar nossa família, — disse ele secamente.

Passei o polegar pelo maxilar. — Isso não afeta nossa família. Só a mim. Eu aceitei o trabalho e agora está feito.

— Tatiana disse que você almoçou com ela e os irmãos Konstantin. — Ele mudou de assunto, com a expressão furiosa ainda

persistindo em seus olhos. — Por que diabos você almoçou com eles? E com nossa irmã?

Encolhi os ombros. — Eu estava almoçando com minha irmã. Os irmãos Konstantin apareceram e Tatiana lhes ofereceu a cortesia de se juntarem a nós. Nenhum de nós esperava que eles aceitassem.

— É claro que eles aceitaram, — resmungou Vasili, com o tom seco. — Nossa irmã tem um jeito de fazer os homens olharem para ela duas vezes.

Revirei os olhos. — Se você diz isso, — respondi secamente.

— Você terminou o trabalho para Maxim com sucesso? — Meu irmão estava tentando me tirar do sério. Filho da puta sorrateiro.

O trabalho todo ainda deixou um gosto amargo em minha boca. — A mulher dele já estava morta, — eu disse, escondendo o quanto aquilo tudo me incomodava. — Eu vou matar o velho Russo.

— O caralho que você vai.

— Sim, eu vou. — Eu jurava que as pontas do cabelo de Vasili pareciam vermelhas. Era muito fácil irritar meu irmão. — Você tem chiclete? — Perguntei casualmente.

Seu punho caiu sobre a mesa, sacudindo tudo o que havia nela. Não que houvesse muita coisa ali. Mas, com certeza, uma revista *People* estava lá. A última edição também. Eu ainda não tinha entendido o fascínio de Vasili pela *People*.

— Que se dane a maldita goma de mascar, — rugiu ele. — Juro por Deus, Sasha, se você nos custar nossa família, eu mesmo acabo com você.

Eu sorri. Nós dois sabíamos que ele preferia arrancar os olhos a me machucar. — Fique à vontade.

— Se você o matar, Alessio Russo virá atrás de nós, — ele argumentou. — Depois de Tatiana. É isso que você quer?

Dei de ombros. — Podemos proteger nossa irmãzinha.

— Não, eu a estava protegendo. — Sua voz era sombria. — Estou protegendo vocês dois e, foda-se se eu deixaria algo acontecer com qualquer um de vocês agora.

Eu me recostei em minha cadeira. — Vou colocar mais homens atrás dela. O velho Russo é um canalha. Ele não é digno de andar nesta terra.

— Você não é uma pessoa para julgar, — sibilou Vasili. — E não é imparcial. Seu relacionamento com a filha mais velha dele o tornou parcial em qualquer coisa relacionada aos Russo.

A animosidade permaneceu em minha língua e dançou no ar.

— Foda-se você. E que se dane a imparcialidade, — rosnei.

O silêncio espesso preenchia a sala. Eu estava perfeitamente satisfeito em ficar sentado nela. Infelizmente, Vasili também estava. Eu tinha meu próprio copo com gelo e o agitei, cada batida do cubo como um gongo batendo no ar.

Um relógio marcava o tempo.

Vasili finalmente soltou um suspiro sardônico, balançando a cabeça.

— Por que você está checando Branka Russo? — A pergunta de Vasili quebrou o silêncio e trouxe um novo tipo de tensão. — A irmã dela não foi suficiente?

Meu queixo tremeu. Seu comentário me irritou, mas não tanto quanto seu controle sobre tudo o que faço. Eu não deveria estar surpreso por ele estar me vigiando, mas isso me irritou muito.

— Quem disse que estou verificando como ela está?

— Não brinque comigo, Sasha.

— Irmão, você é a última pessoa neste planeta com quem eu gostaria de brincar. — Fiquei olhando para ele com indiferença.

— Responda minha pergunta, — exigiu Vasili.

Observei meu irmão mais velho. Ele havia desistido de muita coisa para manter nossa família unida. Para nos manter seguros. Eu o apreciava. Eu realmente o apreciava, mas a essa altura de nossas vidas, ele realmente precisava parar de agir como nosso pai e começar a ser apenas nosso irmão.

— Eu fiz uma promessa a Mia Russo antes de ela morrer. — Eu me conformei com uma resposta que lhe daria uma meia verdade. Vasili levantou uma sobrancelha questionadora. — Que eu ficaria de olho no irmão e na irmã dela, — expliquei.

— Alessio Russo não precisa de babá, — respondeu Vasili secamente. — E se ele descobrir que você está cuidando da irmãzinha dele, ele vai arrancar seus olhos.

Dei de ombros. — Ele pode tentar e vai fracassar.

— Um dia a merda vai te pegar, Sasha. — Ele provavelmente estava certo, mas você não tinha nada se não tivesse confiança. E eu era um dos melhores, treinado pelo bom e velho dinheiro dos contribuintes.

— Prometa-me que não vai se aproximar da garota. — Quando não respondo, seu olhar se estreitou e ele tomou um gole de uísque. Ele continuava esperando por essa promessa.

Tarde demais, porque eu estava saindo com a garota quase diariamente nos últimos três meses. O relacionamento mais platônico que já tive, e senti uma conexão mais profunda com ela do que com as mulheres com quem transei no passado.

Nunca me interessei particularmente por conversar com mulheres. Minha irmã era a exceção. Mas com Branka, eu me vi querendo saber tudo sobre ela.

— Prometa-me, — exigiu Vasili.

— Fiz uma promessa a uma mulher que estava morrendo de que ficaria de olho neles, — respondi. — Para mantê-los seguros. Você está me pedindo para quebrar essa promessa.

Ele balançou a cabeça.

— Estou lhe pedindo que me prometa não se aproximar da garota. — Senti um frio no peito ao pensar em não ver ou falar com Branka novamente. Eu estava apenas ensinando a ela autodefesa e nossas conversas eram apenas sobre assuntos genéricos. Ela nem sabia meu nome, pelo amor

de Deus. — Se a garota se machucar, Alessio encontrará alguém para culpar, — acrescentou.

Levantei-me, terminei a conversa, abotoei o paletó e me virei para sair.

— Se não for por sua própria segurança ou por mim, faça isso por Tatiana, — disse ele quando minha mão pousou na maçaneta da porta. — Estamos lutando contra inimigos de todos os lados, Sasha. Se não tomarmos cuidado, isso custará a vida de Tatiana. Mulher por mulher é o modo de pensar dos homens em nosso mundo. O pai de Branka está tentando iniciar uma guerra com os Konstantin. E nós não queremos chamar a atenção dos Konstantin para nós. Pelo bem da Tatiana.

Ele me levou até lá. Não havia nada que eu não fizesse pela minha irmãzinha.

— Eu prometo, — respondi antes de sair.

Um silêncio sinistro e consequências me seguiram porta afora.

Capítulo 11

SASHA

Três anos depois

Montréal em setembro era uma bela visão. Até que me vi sentado em frente à mesa do velho Russo. O desgraçado era uma desculpa patética de pai.

Ele tinha acabado de enterrar a esposa e aqui estava ele falando sobre transar com outras mulheres. Eu não conseguia nem imaginar o quanto Alessio estava irritado. Ele escondia tudo isso melhor do que qualquer outro homem que eu conhecia. Fiquei sabendo da façanha que o pai dele fez. Cassio disse que voltou para casa para enterrar o pai e que o velho estava vivo e bem. Foi a mãe dele que morreu.

Jesus Cristo!

O velho Russo era um maldito bastardo com a alma mais negra. Seu lugar era no inferno, junto com minha mãe.

Uma veia latejava em meu pescoço, a necessidade de atravessar a mesa e esfaqueá-lo em seus olhos feios me arranhando. Ou que se danem os olhos. Deveria enfiar diretamente em seu coração negro e em sua alma feia. A raiva transbordou de mim, me inundando com uma onda de calor.

Não precisei me virar para Vasili para saber que ele estava sempre olhando para mim com um olhar de advertência. Ele sabia o que eu achava do velho Russo, mas não queria estragar o acordo com Alessio. Se ao menos o velho fodido saísse do maldito caminho.

— Esse é o caminho mais rápido para as remessas entrarem nos Estados Unidos, — gabou-se o velho. — Por que deveríamos lhe dar uma folga?

— Quase nada, — respondeu Vasili calmamente. — Você está tendo um lucro de trinta por cento.

— Aceitamos seu acordo, — disse Alessio. Eu gostava desse cara. Ele era um pouco seco e um pouco louco por baixo de seu terno polido. Lembro-me do que ele fez no dia do enterro de Mia, quando espancou o pai até o fazer cair. Na verdade, eu até que gostei do programa. Só lamentei o fato de ele não tê-lo assassinado ali mesmo.

A porta tocou, sinalizando a chegada de outro cliente em busca de comida.

Passei o olhar pelo restaurante e *a* avistei.

Três anos.

Três malditos anos perseguindo-a nas sombras e usando a tecnologia. Ela continuou suas aulas de autodefesa. Terminou seus estudos e estava pronta para o mundo.

Ela definitivamente não estava pronta para mim.

Enquanto estava ali, conversando com uma amiga, meu sangue esquentou. A sensação incômoda que me invadia toda vez que eu me

lembrava da promessa que fiz a Vasili se apoderou de mim. *Filho da puta*. Ela estava ainda mais bonita. Seu corpo era digno de ser colocado no centro das atenções. Só a presença dela na mesma cidade já queimava minha pele e ia direto para o meu pau.

O sol batia em seus cabelos, com mechas castanho-avermelhadas caindo pelas costas. Eram grossos e ondulados. E longos. Tão longos que eu poderia enrolá-los em meu punho duas vezes. Observei enquanto ela passava as palmas das mãos em seu vestido vermelho curto, conversando com a amiga e sorrindo alegremente.

— Filha, — chamou o pai de Branka, e eu vi os ombros de Branka enrijecerem. Ela se virou lentamente, com uma expressão pálida, enquanto olhava com cautela para o pai. Por isso, eu queria estrangular o velho agora mesmo. — Elas não precisam de uma mesa, Jasmine. — O pai de Branka latiu, chamando a atenção de todos para nós. — Elas se sentarão conosco.

O dia estava parecendo um pouco melhor, embora eu não quisesse que ela se sentasse à mesma mesa que seu pai doente. Ela ainda não havia notado a mim nem a meu irmão. Cada passo a aproximava de mim, mas seus olhos permaneciam fixos no pai, de vez em quando passando para o irmão.

Ela confiava que seu irmão sempre a protegeria. Mas eu também a protegia. Sempre. Até meu último suspiro.

Alessio se levantou, olhando para... a amiga de Branka. *Interessante*. Eu também me levantei.

Os olhos de Branka se voltaram para meu irmão, com as sobrancelhas franzidas. Em seguida, seu olhar pousou em mim e o reconhecimento cintilou naqueles olhos cinzentos. Era a única coisa que ela

compartilhava com seu irmão. Seus olhos cinzentos. Embora eu estivesse inclinado a pensar que seus olhos eram mais bonitos do que os do irmão.

Os olhos de Branka se voltaram para sua amiga e depois para mim.

— Senhoras, apresento-lhes Vasili e Sasha Nikolaev, — Alessio nos apresentou. Os olhos de Branka se arregalaram e seus lábios se separaram. Parece que a garota conhecia minha reputação. — Senhores, minha irmã Branka Russo e sua melhor amiga Autumn Corbin.

— Prazer em conhecê-la, — eu disse, meus olhos viajando para Autumn Corbin e depois de volta para Branka. — Não sabia que as senhoras se juntariam a nós.

Havia apenas dois assentos disponíveis. Um ao meu lado e o outro ao lado de Alessio. As duas mulheres observaram com interesse o maldito assento ao lado de Alessio. Um suspiro sardônico saiu de mim.

Então, puxei o assento ao meu lado, com os olhos fixos em Branka, sem lhe dar escolha. Se ela se recusasse, chamaria a atenção para si mesma. Esperei que ela se acomodasse na cadeira, mas seu olhar continuou deslizando para a cadeira vazia ao lado do irmão.

— Nossa discussão é apropriada para as senhoras? — perguntou Vasili, com as sobrancelhas franzidas. — Eu não gostaria que minha irmã fosse incomodada com esses assuntos.

— Nós podemos ir. — Branka rapidamente se ofereceu como voluntária. A garota queria ficar o mais longe possível de mim.

— Vocês duas ficarão, — exigiu o pai dela.

Sua amiga engoliu em seco e os ombros de Branka caíram.

— Sente-se, Branka, — gritou seu pai. — Você também, Autumn.

As duas se assustaram e imediatamente se abaixaram nos assentos. Senti uma raiva vermelha ao ouvir o tom do pai dela. Minha palma da mão coçou. A necessidade de pegar minha lâmina e apunhalá-la em seu coração era tão intensa quanto a necessidade de respirar.

— *Ne*. — Não. Uma palavra do meu irmão, mas isso só alimentou a fúria que fervia dentro de mim. O fato de o velho maldito estar instigando e atormentando a mulher de Alessio acendeu ainda mais a raiva. Não ouvi a conversa do velho ou eu o mataria aqui mesmo, no meio do restaurante.

Meus ouvidos zumbiam, a raiva era forte o suficiente para queimar minha garganta, meu peito e manchar minha visão com uma névoa vermelha. O velho estava alheio, mas a tensão na mesa era como unhas contra um quadro-negro.

Joguei chiclete na boca com um sorriso, enquanto a necessidade de bater o rosto do velho Russo na mesa me atormentava. Eu apostaria todo o meu dinheiro que Alessio queria enfiar uma bala no cérebro de seu pai ainda mais do que eu. O velho maldito estava realmente curtindo a amiga de Branka. Ele não parava de falar sobre a amiga de Branka e sua ligação com a família de Blanchet.

Máfia da Córsega.

Jesus Cristo. Um mundo pequeno pra caramba.

Mas isso não me preocupava. Pelo modo como Alessio observava Autumn Corbin, ele manteria a garota protegida.

Estalei o chiclete enquanto esmagava a embalagem em minha mão, imaginando que era o pescoço do velho Russo que eu estava apertando.

Inclinando-me para trás, apoiei um antebraço na mesa e concentrei meu olhar na bela morena que teimava em não olhar para mim. Se eu tivesse que adivinhar, Branka também estava ignorando a conversa. Ela ficou quieta, com o olhar distante, concentrado em um ponto em algum lugar acima da cabeça de seu pai.

Mia compartilhou algumas das coisas que viu graças a seu pai. Na verdade, ela não deveria ter sido autorizada a entrar para o exército. Ela era mentalmente frágil e, depois de anos de tormento interminável do pai, bastou um incidente, embora terrível, para levá-la ao limite.

Pelo canto do olho, vi Alessio digitando uma mensagem em seu celular.

Estourei outra bolha, ganhando um Oscar pelo meu desempenho e pela fachada legal que mantive.

O pai dela se levantou e saiu da mesa sem dizer uma palavra de despedida, correndo. Pela expressão presunçosa no rosto de Alessio, eu apostaria que ele armou tudo para que seu pai fosse embora daqui.

— Finalmente, — eu disse com frieza. — Você deveria eliminar esse idiota. Eu posso ajudar com isso.

— Concordo, — murmurou Branka em voz baixa. — Deixe o russo levar a culpa. — Todas as cabeças se viraram para ela. Eu sorri, vendo seus olhos se arregalarem ao perceber que ela havia dito as palavras em voz alta. — Eu disse isso em voz alta?

— Apenas me dê uma data e uma hora, — eu disse sorrindo, observando-a calculadamente. — E está feito.

— Eu posso lidar com meu pai, — afirmou Alessio.

— Eu e a Autumn podemos ir ao bar? — Branka rapidamente aproveitou a oportunidade para se afastar. De mim.

Seu irmão acenou com a cabeça e as duas mulheres saíram correndo, como se o demônio estivesse em seu encalço. Talvez nós fôssemos demônios e elas fossem anjos inocentes. Apenas esperando para serem corrompidos.

— Posso mandar ele embora hoje, — repeti minha oferta, agora que as mulheres já tinham ido embora. — Como sua linda irmãzinha disse, os russos serão os culpados. Tudo o que você precisa fazer é me entregar sua irmãzinha, — disse eu, com um sorriso no rosto.

— Sasha, — alertou Vasili.

— Deixe-me esclarecer uma coisa, — disse Alessio. — Minha irmãzinha não está na mesa. Nunca estará. ELA. ESTÁ. FORA. DOS. LIMITES. E se eu tiver que matá-lo para mostrar isso, eu o farei.

Desafio aceito, filho da puta.

Prometi ao meu irmão mais velho que manteria distância. Mas isso não significava que eu faria isso indefinidamente. Quando o pai dela morresse, eu entraria no modo de conquista total.

Porque Branka era minha. Não havia lugar para onde ela pudesse ir que eu não a encontrasse.

Capítulo 12

BRANKA

Moye Serdtse.

Moye Serdtse uma ova. Fui uma idiota ao pensar que ele teria me dado seu nome verdadeiro.

Três anos de nada. Compartilhamos um beijo. Ele me salvou mais de uma vez. Ensinou-me autodefesa, como disparar uma arma e como usar uma faca em uma briga. E então ele foi embora e nunca mais voltou.

Assim como Alessio e Mia, todos aqueles anos atrás. O medo se instalou nos cantos de minha mente e me senti como aquela garotinha assustada novamente. Fraca e vulnerável. A escuridão ameaçava me engolir inteira, assim como todas as surras que sobrevivi durante esses dois anos sem meu irmão.

Recuperando o fôlego, meus dedos tremiam enquanto eu os passava sobre minhas roupas. Eu odiava ficar sozinha e, mais ainda, odiava ser deixada para trás. Dois anos sem Alessio e Mia foram um inferno. No dia do funeral de Mia, Alessio me recebeu de volta e cuidou de mim. Os pais de Autumn me deram as boas-vindas e uma família que nem Alessio nem eu jamais tivemos.

E ainda assim, a menina assustada se recusava a ir embora. Era de se esperar que dez anos de cura fossem suficientes. Mas não foi.

Resumindo, eu odiava ser deixada para trás e Sasha havia me deixado. Nunca mais ouvi ou vi o homem. Nada.

Perdi a esperança de vê-lo novamente. Nem em um milhão de anos pensei que encontraria aquele mesmo homem no restaurante de Montreal, sentado à mesma mesa que meu irmão e meu pai.

Sasha Nikolaev.

Foda-se.

Eu já tinha ouvido falar de sua reputação. Psicopata. Sem sentimentos. Um assassino.

Por um breve momento, eu estava suspirando por um assassino. Graças a Deus, por pequenas bênçãos, ele nunca mais voltou. E, graças a Deus, ele nunca me pediu em namoro. Toda vez que nos encontrávamos na academia, eu esperava que ele fizesse isso e eu teria dito sim.

Alessio teria se irritado. Meu irmão mais velho era muito protetor. Desde que ele me arrancou das mãos de meu pai no dia do funeral de Mia, ele era tão protetor. Ele me considerava frágil, mas eu havia sobrevivido àqueles dois anos sozinha. Eu tinha que fazer isso, morrer não era uma opção.

Mas Sasha Nikolaev. *Moye Serdtse*. Durante esses curtos meses, ele nunca me tratou como uma bonequinha frágil.

Eu tinha muitas perguntas. Para um psicopata, ele parecia muito legal. Pelo menos durante aqueles três meses em que me treinou. Ele me fortaleceu e, por isso, sempre serei grata a ele.

O maldito enganador.

Peguei meu celular e pesquisei *Moye Serdtse* no Google. No passado, eu resistia à vontade de procurá-lo. Por quê? Bem, eu não lhe dei minha identidade, então parecia justo. Mas a justiça estava fora de questão agora. Eu apostaria minha vida que o mentiroso sabia minha identidade o tempo todo.

Meu passo vacilou. ‘Meu coração’, murmurei. Aquele cara me fez chamá-lo de ‘*meu coração*’ todo esse tempo. Havia um outro adjetivo que deveria ser acrescentado ao nome de Sasha Nikolaev. Brincalhão.

Revirei os olhos e entrei na mansão do meu irmão. Escura e silenciosa. Solitária. Eu odiava ficar sozinha.

Esses dois anos, dos oito aos dez anos de idade, foram os mais longos e solitários de minha vida. Por isso, quando as pessoas diziam que o tempo sozinho era bom para a alma, eu simplesmente mostraria o dedo do meio para eles e mandava se foderem.

Por que diabos Alessio me mandou para casa com Ricardo?

Teria feito mais sentido se ele tivesse pedido a Ricardo que levasse Autumn para casa e ele viesse para casa comigo. Mas Alessio sempre tinha um objetivo. Não que eu o culpasse. Era preciso ser conivente para ficar um passo à frente do pai.

Dirigi-me ao meu quarto. No momento em que entrei no santuário do meu quarto, tirei os sapatos. Minha melhor amiga preferia o conforto, eu adorava meus saltos. Era mais fácil esfaquear alguém com um salto do que com um sapato raso.

Peguei um elástico de cabelo na cômoda e preendi o cabelo em um coque bagunçado. Eu estava tão absorta em meus pensamentos que não o

notei até ficar frente a frente com o corpo largo e alto. Os olhos mais pálidos que já tinha visto.

Sasha Nikolaev.

Meus pulmões se contraíram. Meus ouvidos zumbiam.

— O que você está fazendo aqui? — Eu disse baixinho.

Ele não era um homem com quem eu quisesse que alguém me encontrasse. Alessio o mataria se soubesse que ele se atrevia a entrar em meu quarto. E agora que eu sabia o verdadeiro nome de Sasha, eu não podia culpá-lo.

A reputação de Sasha o precedeu.

Lembrei-me de ter ouvido que ele quebrou as rótulas de três homens e esmagou seus crânios enquanto servia no exército. Ou outra história de um homem que ele esfolou vivo. Vivo pra cacete. O motivo? Desconhecido.

Certa vez, meu pai o chamou de cria de Satanás. Meu próprio pai era um bastardo sádico, portanto, se a crueldade de Sasha superava a dele, talvez eu devesse ficar longe. No entanto, aquele olhar ligeiramente perturbado naqueles azuis pálidos não me deixava em pânico.

Talvez todo o meu medo já tivesse se esgotado. Ou talvez eu estivesse mais quebrada do que pensava.

Nós dois ficamos nos observando. Sasha era alto, com seus ombros largos preenchendo perfeitamente a jaqueta de couro, apesar de seu corpo atarracado. Ele estava com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans.

Ele trocou de roupa, pensei que sem motivo algum. No restaurante, ele usava um terno.

Sua postura era casual, mas isso era enganoso. Não havia nada de casual nele. O vislumbre de tinta em seu pescoço e dedos alertou. A maioria dos amigos de Alessio tinha tinta, mas havia algo diferente na tinta de Sasha.

Para ele, as tatuagens eram um aviso, não arte.

— Branka Michelle Russo, — disse ele, com um tom de voz que lembrava uma torta doce, mas seus olhos prometiam algo totalmente diferente. Algo que estava prestes a me consumir.

— Então você sabia meu nome o tempo todo? — acusei.

Não havia necessidade de respostas. A confirmação estava em seu rosto, e ele nem se preocupou em escondê-la.

— Sua garrafa de água, — eu disse, embora não tivesse certeza do motivo. Isso não importava. — Ela também tinha as iniciais erradas. C.H. Você estava com medo de que eu o reconhecesse se você tivesse as iniciais certas?

O puxão de seus lábios me disse que eu o divertia. — No alfabeto cirílico russo, C é S e H é N.

Irritada, estreitei os olhos e o encarei. — O que está fazendo no meu quarto?

O canto de sua boca se ergueu. Como se minha pergunta o divertisse. Ou talvez ele estivesse apenas brincando comigo - como um gato com um rato.

— E eu que pensei que você ficaria feliz em me ver, — ele disse, com um sorriso afiado como dentes de tubarão. E ainda assim, borboletas se agitaram em meu estômago.

— Você pensou errado. — *Você foi embora e nunca mais voltou.* Por alguma razão estúpida, isso me incomodou mais do que tudo. — O que está fazendo no meu quarto? — Eu repeti com os dentes cerrados.

— O que as pessoas fazem nos quartos? — disse ele. Ele estava insinuando...

O sorriso em seu rosto me disse que ele estava insinuando exatamente isso. Suas palavras seguintes confirmaram isso. — Mas, então, podemos fazer isso em praticamente qualquer lugar. Em um carro. Em um avião. Em uma varanda, enquanto pessoas sem noção fazem seus negócios abaixo de nós. — Minhas coxas se fecharam. Meu Deus, o que diabos havia de errado comigo? Ou com ele? Definitivamente, ele. — Em um beco. Em cima de um monumento.

Dei-lhe uma piscada lenta e simples, recusando-me a me envolver. Não. Se. Envolver. Esse homem poderia me matar com um único aperto de mão. Ou me incendiar, e isso seria autodestrutivo.

No entanto, minha língua não me ouviu. — Dormir, — respondi com doçura. — Ou, no seu caso, roncar como um velho.

Ele deu um pequeno passo à frente e eu dei um passo para trás. Repeti.

— Seja o que for que esteja pensando em fazer, — respirei, — não faça.

Minhas costas bateram na parede. Meu coração martelou contra minhas costelas. Minha respiração ficou presa. Sasha me olhava atentamente. Aqueles olhos penetraram em todas as minhas defesas, provavelmente descobrindo todos os meus segredos e todos os meus medos. E, como uma tola, segurei seus olhos, deixando que ele me prendesse com a gravidade de seu olhar.

Seria apenas uma questão de tempo até que ele descobrisse todos os meus segredos sujos, deixando-me exposta a ele. Para ser explorada. Mas eu descobriria seus segredos também. Eu me recusava a definhar - debaixo de qualquer um.

Sobrevivi ao meu pai, sobreviveria a qualquer um.

— Depois que eu terminar com você, será *você* roncando, — ele ronronou.

A insinuação em sua voz não me escapou. Não haveria sono envolvido até que ele tivesse me esgotado. Com seu corpo. Gostei das imagens que surgiram em minha mente. *Eu acho*. Jesus, eu precisava de mais espaço desse homem. Como o espaço de uma cidade inteira.

— Desapareça antes que eu grite e mande cortar sua garganta, — eu disse sem rodeios, embora meu coração estivesse acelerado e minha pele zunisse.

Algo se espessou em seus olhos, quente e pesado, e então ele sorriu. Sorriu como se fosse um tubarão que tivesse acabado de pegar sua próxima refeição.

— Vá em frente, — ele insistiu, balançando casualmente sobre os calcanhares. — Eu adoro quem grita.

Meu rosto estava em chamas. Meu olhar caiu e ouvi sua risada. Foi um pouco assustador. Um pouco sexy. Mas que droga. Esse homem era um maldito lunático. Ainda assim, meu coração batia no peito. Eu não podia fingir que não sentia o cheiro da colônia dele. O cheiro limpo e cítrico. Não podia fingir que não sentia o calor de seu corpo, tão perto de mim, mas não o suficiente.

— Então, prefiro comer terra a gritar, — respondi secamente.

— Você continuou praticando? — perguntou ele. A mudança de assunto me fez olhar para ele com desconfiança.

— Sim, — respondi por fim.

— Boa garota, — ele elogiou. — Aposto que você é realmente boa.

Ele estava falando sobre minhas habilidades de luta ou...

Minha mente deve estar em uma sarjeta cheia de luxúria.

Fiquei olhando para seus olhos que, de alguma forma, tinham o poder de me puxar para baixo. Seus olhos gélidos se aguçaram e um sorriso se desenhcou em seus lábios. Minha mente ficou vazia. Que diabos estava acontecendo comigo? Esse maldito cara tinha que sair do meu quarto antes que eu fizesse algo muito errado.

Como tirar a roupa de seu grande corpo, pensei comigo mesma. Eu me perguntava se a tinta marcava cada centímetro de seu corpo. A ideia de vê-lo nu fez com que borboletas se agitassem em minha barriga. Não porque me sentisse atraída por ele.

Eu não estava mesmo. Ele não era meu tipo. Muito velho. Muito corpulento. Muitas tatuagens. E havia aqueles olhos estranhos que me observavam enquanto um sorriso devastador distorcia sua boca.

Sua mão pousou ao lado da minha cabeça, com a palma encostada na parede. Meu queixo se inclinou para cima, observando-o com os olhos arregalados. Ele invadiu meu espaço pessoal e um calor indesejável se acendeu dentro de mim.

— Saia de perto de mim. — Meu tom saiu ofegante, insinuando exatamente o contrário. Como se eu estivesse implorando para que ele me fodesse.

Algo quente brilhou em seus olhos. Como se ele estivesse satisfeito com minha reação. Ele inalou profundamente, seu peito largo roçando em meus seios e meus mamilos endureceram.

O quarto se fechou; o oxigênio evaporou. Meu corpo o queria.

Oh. Meu. Deus. Meu corpo virgem e traidor queria Sasha Nikolaev. Não, não, não.

Uma pequena vitória cintilou em seus olhos.

— Não se preocupe, kotyonok. — Seu tom era sombrio. Quente. — Você ainda não está pronta para mim. Pelo menos não para mim por inteiro.

Esse cara era louco. Um completo lunático. Uma voz dentro de mim sussurrava para não lutar, enquanto uma guerra se travava entre meu corpo e minha mente. À minha frente estava um homem que não tinha nada

de errado - louco, má reputação, assassino. Mas meu corpo se recusou a ouvir o aviso.

Muito estranho. Eu tinha a necessidade de sentir as mãos de um homem sobre mim. Eu achava que isso tinha morrido há muito tempo, mas perto desse homem, meu corpo tremia com um doce desejo de senti-lo. Em cada centímetro de minha pele e dentro de mim.

Alessio curou minhas cicatrizes visíveis. Ele contratou os melhores cirurgiões plásticos para apagá-las, mas foram as cicatrizes invisíveis que se recusaram a desaparecer. Anos de terapia e meditação não conseguiram curar esses fantasmas. No entanto, eu não me importava com eles perto desse homem. Talvez porque eu sentisse que ele também tinha alguns. Ou talvez porque eu fosse uma idiota.

— E se eu estivesse? — Sussurrei.

Devo tê-lo surpreendido, pois seu sorriso congelou e seus ombros enrijeceram. Algo parecido com satisfação e decepção se acumulou em meu estômago. Gostei de tê-lo surpreendido e não gostei de tê-lo desagradado.

Ele relaxou o corpo, alisando a camisa com a mão grande, e eu segui o movimento, imaginando como ela ficaria em meu corpo. Ignorando minha razão, agi por instinto. Coloquei a palma da mão direita em seu peito, o calor de seu peito duro se infiltrando no tecido caro.

— Talvez você não esteja pronto para mim? — desafiei, minha voz mal passando de um sussurro. Meu corpo ansiava por seu toque. Mas apenas o dele e isso, por si só, já era problemático.

A mão de Sasha cobriu a minha, seu coração forte e constante batendo sob meus dedos. Seu polegar passou lentamente pelo meu pulso,

logo acima da veia, onde o pulso acelerava como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

Eu não tinha ideia de quando meu corpo inteiro se pressionou contra o dele. Minha saia roçou em seu jeans e minhas coxas se abriram.

Algo escuro e quente fervilhava em seu olhar pálido que não parecia mais tão pálido.

Ele tirou minha mão de seu peito, depois a deslizou, prendendo minhas duas mãos atrás de mim. Inclinei o queixo e observei todos os seus movimentos com um olhar semicerrado.

Ele me observava como se eu fosse algo precioso, sua mão acariciando minha pele exposta preguiçosamente para cima e para baixo em meu pescoço. Um arrepio percorreu minhas costas.

Surpreendentemente, adorei seu toque.

Meus joelhos tremeram. Meu pulso batia descontroladamente. Minha pele zumbia de expectativa.

— Você quer ser fodida? — Ele se inclinou, seu rosto a centímetros do meu. Eu não conseguia encontrar minha voz nem meus sentidos. Minha boceta latejava e eu continuava me esfregando contra ele.

— Não, — menti, com a voz ofegante.

— Mentirosa. — Sua mão percorreu meus seios, desceu pela minha barriga e amassou meu vestido. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele bateu seus lábios nos meus. Não havia nada de gentil ou doce nisso.

Todos os meus sentidos ficaram confusos. Ele me possuía. Consumiu-me. Devastou.

Seus lábios se moveram contra os meus, exigindo. Ele empurrou seu grande corpo contra o meu, e eu me encolhi contra ele. Eu havia perdido todo o senso de controle. Eu buscava o prazer. Sua outra mão soltou meus pulsos e agarrou um punhado de meu cabelo, seus dedos emaranhando meus fios e inclinando minha cabeça em um ângulo. Isso lhe permitiu um ângulo melhor para me dominar.

Agora que minhas mãos estavam livres, eu as envolvi em sua nuca e o puxei com mais força e para mais perto de mim. O calor queimou, meus grunhidos estremeceram no ar. Sua língua se entrelaçou e deslizou sobre a minha.

Puxei seu cabelo com mais força, ansiosa por mais desse prazer que crescia cada vez mais no fundo do meu estômago. Sua boca se afastou da minha, depois ele enterrou o rosto em meu pescoço e seus dentes se cravaram em minha carne.

Um suspiro atravessou meus lábios. Ele também me mordeu com força. A dor e o prazer se misturaram. Sua boca sugou o local onde ele acabou de morder, agarrando-se à pele sensível.

Em um movimento rápido, ele me virou bruscamente e me colocou de frente para a parede. Seu peito estava pressionado contra minhas costas, algo duro pressionando a parte inferior das minhas costas. Ele estava duro. E enorme, eu percebi.

Seus lábios estavam de volta à curva do meu pescoço, seus dedos traçando uma linha pela minha coluna. Empurrei contra sua ereção que me cutucava, querendo mais dele. Neste momento, eu queria tudo. Pela primeira

vez em minha vida, eu queria ir até ao fim com um homem. Um mero estranho.

Jesus Cristo! Isso não podia ser normal. No entanto, eu não conseguia encontrar forças para parar. Eu precisava disso.

Ele empurrou meu cabelo por cima do ombro e sua boca quente e faminta me percorreu enquanto seu corpo se pressionava contra cada centímetro meu. Sua língua seguiu uma linha ao longo de minhas omoplatas. O calor se espalhou por cada centímetro do meu corpo, minha boceta latejava e, no momento em que ele agarrou meus quadris para se esfregar contra mim, minha cabeça se inclinou para trás contra ele e um gemido saiu dos meus lábios.

E, o tempo todo, minhas palmas estavam pressionadas contra a parede. Uma das mãos segurava meus quadris, enquanto a outra se aproximava da parte interna das minhas coxas. Estremeci no momento em que sua palma tocou minha boceta.

— Eu não vou transar com você, — ele disse tão baixo que achei que estava imaginando sua voz. — Não hoje. Mas você vai gritar meu nome quando terminarmos aqui.

Exalei um suspiro agudo. Minha respiração estava irregular. Meu pulso ainda mais.

Seus dedos grossos roçaram minha calcinha úmida e depois deslizaram para dentro. Meus dedos se enroscaram na parede, meu corpo estremeceu e um gemido ofegante vibrou no ar.

Seu toque era áspero, confiante. E muito ganancioso.

Minha pulsação rugiu em meus ouvidos quando ele começou a mover seus dedos, entrando e saindo. Para dentro e para fora. Seus lábios roçaram o lóbulo da minha orelha. Sua respiração apressada embaçou meu cérebro.

— Por favor, — implorei em um gemido.

Ele moveu o braço, me manipulando. Meus dedos dos pés se curvaram e ele mordiscou o lóbulo de minha orelha.

— Você vai esperar por mim, — exigiu ele, com um tom duro. — Vou deixar você gozar, mas primeiro você vai me prometer que vai esperar.

Eu teria prometido a ele meu primogênito naquele momento. Eu estava à beira do meu primeiro orgasmo e, como uma pirralha mimada e gananciosa, eu o queria.

Fodi sua mão, me esfregando contra ele como se minha vida dependesse disso. Seus dedos grossos deslizavam para dentro e para fora. Com força e rapidez.

— Prometa-me, — ordenou ele, apertando mais o pescoço. Seus dedos se retiraram, espalhando minha umidade em meu clitóris inchado e sensível, esfregando em círculos preguiçosos. Isso não era suficiente. Eu queria que fosse bruto e duro.

— Sim, sim, — murmurei, com todos os meus pensamentos confusos. Eu teria lhe prometido qualquer coisa, desde que conseguisse o que precisava agora. — Eu prometo. Faça isso com mais força.

Ele riu, com a boca voltando a beijar meu pescoço, enquanto seus dedos pressionavam dentro de mim. Eu me contorcia contra ele, minha

boceta se apertando em torno de seus dedos. Ele aumentou o ritmo, a intensidade e o prazer irrompeu do meu centro.

E eu odiava o fato de ele estar certo. Eu gritei. Eu me desintegrei.

Então, em um movimento rápido, ele nos levou para a minha cama. — Para a cama. Fique de joelhos e mãos postas. Deixe-me ver essa sua boceta rosada.

Minha mente ficou em branco, mas meu corpo já estava se movendo. Eu me joguei na cama, com as mãos e os joelhos, quando ele empurrou meu vestido para cima. Arrepios percorreram minha pele. Ele prendeu meus pulsos atrás das costas com uma mão, enquanto a outra deslizava entre minhas pernas e esfregava meu clitóris inchado. O som da minha calcinha rasgando encheu o ar e olhei por cima do ombro para ver seu rosto cada vez mais perto da minha bunda.

Esse homem gostava de poder e definitivamente o detinha sobre mim e meu corpo. Pelo menos por enquanto.

Foi uma admissão relutante que eu não admitiria em voz alta.

— Você pode me dar outro? — ele grunhiu, seu hálito quente contra minhas costas causando arrepios em minha espinha.

— O-outro? — Eu respirei, inconsciente com o choque de prazer que ele arrancou de mim.

— Outro orgasmo, — esclareceu ele. Ele colocou um dedo dentro de mim e manteve um dedo em meu clitóris. Um gemido meio ofegante e meio rouco encheu o quarto e minhas pálpebras se fecharam. O som deve tê-

lo agradado, pois ele murmurou sua aprovação. — Sim, você pode me dar outro.

Minhas mãos se fecharam em punhos, com as unhas cravadas em minhas palmas. Seu aroma cítrico se misturou à minha excitação. Eu estava ofegando tanto que achei que fosse desmaiar. Minha bunda foi empurrada contra a mão dele, minha boceta se apertou em torno de seu dedo.

— Posso sentir sua boceta apertando meu dedo. — Ele curvou o dedo e atingiu meu ponto sensível, arrancando outro gemido da minha garganta. — Você está imaginando que é o meu pau? — Quando não respondi, ele arrastou o dedo para fora e o enfiou de volta. Com força. — Responda-me.

— Sim, — gemi, o som da umidade escorregadia enchendo o quarto. Entrando e saindo.

— Boa garota, — ele elogiou, e meu peito brilhou. Ele brilhava pra caramba. — Você é tão apertada. Essa boceta é minha e somente para o meu pau. Deus a fez para mim. — Ele soltou minhas mãos, mas elas permaneceram atrás das minhas costas. Sua mão pousou em minha bunda. *Um estalo.* — Entendido?

O tapa de sua mão em minha bunda reverberou pelo ar, combinando com a explosão em minha carne macia. Minha nádega estava em chamas.

Esqueci de responder e levei outro tapa na bunda. — Me responda, kotyonok.

Fechando os olhos, saboreei a sensação que explodiu em minha pele e a evidência da excitação que escorria pela parte interna de minhas

coxas. Um estranho aperto em meu estômago e em meus mamilos me deixou no limite. A parte interna das minhas coxas estava quente, formigando e minha bunda estava queimando. Um *tapa*.

Meu corpo deu um solavanco para a frente. Fiquei tentada a me esfregar contra os lençóis e obter alívio, mas sua mão grande agarrou meus quadris.

— Não estou ouvindo você, — ele ronronou, com o rosto abaixado novamente, os lábios roçando minha bunda. — A quem pertence essa boceta?

— A você. — A reação do meu corpo a ele deveria me assustar. Mas não assustou. Isso me deixou ávida. A umidade manchou minhas coxas e um toque de ar na minha boceta nua me fez estremecer com uma necessidade que só ele poderia satisfazer. — Por favor, *Moye Serdtse*, — eu implorei.

Ele se aquietou. E eu girei minha cabeça para olhá-lo novamente. Porra, a visão dele era gloriosa. A luxúria sombria em seu rosto era para mim e me fez sentir vitoriosa. Embora eu não tivesse feito nada para conquistar seu desejo.

— Diga de novo, — ele exigiu, com a voz rouca.

Pisquei os olhos em confusão. — Por favor? — murmurei hesitante. Acho que ele gostava que lhe implorasse.

— Você me chamou de *Moye Serdtse*, — comentou ele.

— Um hábito, — admiti, insinuando o fato de que eu tinha me excitado pensando nele. Isso me rendeu um belo sorriso do mafioso desequilibrado.

Sua boca pressionou a bochecha da minha bunda que ele havia batido, a sensação contrastava muito com o tapa anterior.

— Por isso, você será recompensada. — Seu dedo deslizou contra minha boceta, manchando minha umidade e, então, sem aviso, ele deslizou dois dedos de volta para dentro de mim. Minhas costas se arquearam, minha pele se aqueceu e as marcas das mãos em minha bunda arderam.

Ele provocou outro gemido em minha garganta.

Ele empurrou minha bunda mais para cima e seus lábios deslizaram cada vez mais para baixo, até que sua boca substituiu seus dedos. Meus olhos se fecharam e um gemido alto vibrou no ar. Seu dedo foi até ao ponto inchado do meu clitóris, passando-o e esfregando-o enquanto sua boca trabalhava em minha boceta.

E seus grunhidos eram os sons mais sensuais que eu já tinha ouvido neste mundo. Eu me deliciava com a sensação, me esfregando contra sua boca. Para a frente e para trás. Para a frente e para trás. E, durante todo o tempo, sua língua deslizava para dentro e para fora de mim, fodendo-me, e a explosão se acendeu em meu âmago e percorreu todo o meu corpo.

Abaixei a cabeça e meus gritos foram abafados pelos travesseiros. Gritei seu nome. Meu corpo estremeceu com o prazer violento que ele arrancou de mim com a boca. Um tremor me dominou, enviando onda após onda de prazer por todo o meu corpo e, durante todo o tempo, a boca de Sasha não deixou minha boceta.

Quando meus tremores diminuíram, Sasha me virou, e minhas costas bateram no colchão. Minhas pernas se abriram, desejando que ele me fodesse. Aqui e agora mesmo. Eu estava pronta. Eu queria mais.

Ele limpou a boca com as costas da mão, seus olhos ardiam com intensas chamas azuis. Ele passou a ponta do dedo sobre meu lábio inferior, espalhando minha umidade sobre ele.

— Um dia, kotyonok, nada a salvará de mim. — Sua voz era áspera. Eu não tinha ideia do que ele queria dizer com isso. Sua mão chegou à minha garganta, seu aperto era firme e um arrepio me percorreu quando seus lábios encostaram em minha orelha. — Você é toda minha agora. De agora até ao fim dos tempos.

— Bem, isso é intenso, — murmurei, com uma sensação lânguida puxando meus músculos. — Isso vale para os dois lados, você sabe, — murmurei, com as pálpebras pesadas.

Ele encostou o rosto em meu pescoço e depois inspirou profundamente. Um rosnado baixo de satisfação soou no fundo de sua garganta e o ruído profundo e áspero vibrou em cada célula de meu corpo.

— Sim, — ele confirmou. — E não se preocupe, kotyonok. Eu esperarei.

Meu peito se iluminou como os fogos de artifício do Quatro de Julho, e inclinei a cabeça para mostrar o pescoço. Isso era... *viciante*.

— Lembre-se de sua promessa, kotyonok. Ninguém mais toca em você. — Outro beliscão em meu pescoço, acalmado com um beijo. — Ou eles estarão mortos.

Ele se ergueu até sua altura máxima - alto, grande e robusto. Ele poderia me quebrar com um único movimento. No entanto, nunca me senti tão segura como naquele exato momento.

Mas aquela garotinha que temia ser deixada para trás veio à tona e arranhou meu peito.

— Você saiu antes e não voltou, — eu disse, com a voz trêmula.
— Vai voltar dessa vez?

Os olhos azuis se encontraram com os meus e eu temi que ele pudesse ver demais. Afoguei-me no mar profundo de seus olhos azuis e nem me dei ao trabalho de respirar. Meus pulmões se apertaram. Meu coração doeu. Mesmo assim, não me escondi. Por alguma razão, deixei que ele visse tudo.

— Eu voltarei, — ele jurou suavemente. — Aconteça o que acontecer.

Com um aceno de cabeça, ele se dirigiu à porta.

Soltei um pequeno grunhido. — Lembre-se também de sua promessa, Sasha Nikolaev, — eu disse. Eu poderia não ser tão durona quanto ele, mas também não seria uma covarde.

Ele parou com a mão na maçaneta e se virou para mim.

Seu olhar brilhava, escuro e áspero. Isso me abalou profundamente e me deixou em chamas.

— Eu sempre cumpro minhas promessas, kotyonok.

E ele se foi, mas suas palavras ficaram para trás.

Vi uma imagem minha no espelho. Meus cabelos estavam desgrenhados. Meus lábios estavam vermelhos e inchados. Minhas bochechas estavam coradas.

Eu não me reconheci. Essa não era eu. Fazer uma promessa a Sasha Nikolaev era brincar com fogo.

No entanto, eu sabia, sem sombra de dúvida, que esperaria por ele.

Capítulo 13

SASHA

Cruzei a distância entre túmulos esquecidos quando me aproximei da sepultura de Mia.

Seu rosto ainda permanecia em meus sonhos. Seus olhos assombrados. Havia pesadelos que a atormentavam antes de aqueles homens a atacarem. Depois disso, eles simplesmente morreram. Eu odiava o fato de ter falhado com ela. Por não tê-la protegido.

Minha carreira militar estava encerrada. Não havia recuperação depois que você esmagava o crânio de vários homens que serviam este país. E estourava suas rótulas. Não me arrependi de nada. Meu único arrependimento foi não tê-los feito sofrer por um longo tempo. Eles foram o ponto de inflexão que empurrou Mia para o outro lado.

Meus pés pararam diante de um som baixo de choro. Fiquei parado ao lado da árvore, observando uma mulher vestida de preto ao lado do marido. Não havia necessidade de me perguntar quem eram eles. O Sr. e a Sra. Russo. Os olhos de um eram cruéis; o do outro, mortos.

Alessio Russo. Ele estava sobre o túmulo da irmã, com o maxilar cerrado e a expressão sombria. Eu me identificava.

Mas não foram eles que chamaram minha atenção. Foi uma menina de cabelos castanhos avermelhados e olhos cinzentos que me

lembravam dias tristes e chuvosos. Ela também usava um vestido preto longo que engolia seu corpo pequeno. Ela era pequena e seu rosto estava pálido.

Ela segurava a mão da mãe, mas seus olhos continuavam procurando o irmão, mexendo em seu pulso. A mãe mal devia estar segurando a mão dela, porque a menina a sacudiu quase como se não estivessem de mãos dadas. Seus dedos se enrolaram no pulso, e foi então que eu vi.

Um corte feio. Carne queimada em seu pulso. Sua manga estava puxada para cima e marcas de queimadura marcavam sua pele, do cotovelo até logo acima do pulso.

O irmão dela deve ter percebido a mesma coisa porque, no mesmo segundo, ele correu atrás do pai e começou a bater nele.

Como um maldito louco.

Foram necessários três homens para tirá-lo do velho Russo. Ele pegou a mão de Branka e a levantou em seus braços. Os braços da menina envolveram o pescoço do irmão e seu rosto manchado de lágrimas finalmente mostrou uma ponta de sorriso. Ele saiu sem olhar para trás.

O velho Russo e sua esposa vieram logo em seguida.

Depois de sair, meu olhar se voltou para o túmulo. Dei passos lentos. Um, dois, três. Foram necessários dez passos para ficar acima do caixão de Mia. Meus olhos se fixaram na superfície brilhante de madeira. Ela já estava a dois metros de profundidade, o chão engolindo a superfície brilhante.

— Droga, Mia, — eu disse. — Eu queria que você ficasse. — Não houve resposta. Não que eu esperasse isso. Esperava tolamente, talvez. Assim como eu esperava convencer minha mãe a não fazer isso.

— Eu fiz os filhos da puta pagarem, — eu disse para o caixão. — E cumprirei minha promessa, — prometi ao vento. — Vou manter os dois em segurança.

Nos últimos onze anos, eu havia ficado de olho neles. Mais Branka do que Alessio. Este último era implacável e um assassino, assim como eu. Ele não precisava de muita ajuda. A irmãzinha, por outro lado, era uma história diferente. Ela precisava de proteção - a do irmão, a minha.

Falhar com ela não era uma opção. Eu já havia fracassado com duas mulheres em minha vida, e seria condenado se Branka fosse adicionada a essa lista.

Algo pesado se instalou em meu peito. Talvez eu estivesse ficando doente. Ou talvez o rabo psicótico da minha mãe estivesse finalmente prevalecendo em mim também. Minha obsessão estava crescendo. Rápida e constante.

Jesus Cristo, se eu me transformasse em um lunático furioso como minha mãe, talvez tivesse que acabar com tudo.

Eu não deveria tê-la tocado, mas sabia que o faria. Por quê? Porque ela parecia ser minha desde o momento em que a vi em Berkeley. Mas seus gemidos selaram o acordo. Seus pequenos gemidos ofegantes eram tão sensuais e viciantes. Porra, ela era uma visão tão gloriosa quando atingia o orgasmo. A maneira como a felicidade cruzava sua expressão e como seus

olhos cinzentos ficavam prateados. Prateados como o raio, como uma criatura mística enviada para me destruir.

— Jesus Cristo, — murmurei, frustrado.

Experimentá-la de novo foi uma atitude idiota.

Eu cometi um erro, e agora a espera seria uma tortura. Eu já sabia há algum tempo que ela seria minha. Mas eu precisava dela um pouco mais velha. Pronta para o meu tipo de sexo. E ainda havia a questão do pai dela e minha promessa ao meu irmão.

E o irmão dela provavelmente tentaria me esfolar vivo se soubesse que eu estava atrás da irmã dele. Afinal de contas, ele deixou claro seus sentimentos sobre o fato de ela estar fora dos limites. No entanto, valeria muito a pena ser esfolado vivo por ela.

Droga, deixei meu pau me guiar. De novo! Isso acontecia toda vez que eu estava perto dessa mulher.

A escuridão iluminava o quarto com as sombras da lua crescente. Ela era linda quando dormia. Mas nada superava sua inteligência e sua boca atrevida.

Meu olhar percorreu seu corpo, desde os dedos dos pés vermelhos e brilhantes até às bochechas que descansavam em uma cortina de longos cabelos castanhos. Seus lábios estavam entreabertos enquanto seus seios subiam e desciam a cada respiração. Suas sobrancelhas estavam arqueadas e sua boca cerrada. Passei a mão em sua testa e sua respiração levemente superficial se acalmou e seus lábios relaxaram.

— Vamos matar todos esses fantasmas, — sussurrei. — Você e eu, kotyonok.

Ela não se mexeu. A lâmpada de cabeceira ainda estava acesa e apaguei a luz, depois me abaixei em uma cadeira de balanço. Coloquei minhas mãos atrás da cabeça e fiquei olhando para ela.

Eu não dava a mínima para o fato de que isso era errado. Eu sabia que deveria ter deixado a cidade. Em vez disso, entrei sorrateiramente na casa de Alessio. *Só para sentir o gosto*, disse a mim mesmo. Bem, eu provei e ainda estava aqui.

Que se dane Alessio e todos os outros. Pelo menos por esta noite.

Depois dessa pequena amostra dela, fui embora, mas levei apenas três quilômetros para dar meia-volta e retornar. Eu deveria tê-la levado para a cama. Mas meu controle estava ameaçado e eu tinha que sair dali. O cheiro de seu sexo era inebriante, me atraindo. Mas eu sabia que se a tomasse do jeito que eu queria, eu a perderia.

Que droga! Eu queria dar um tapa nela por causar esse impacto em mim sem nem mesmo tentar.

Eu queria me dar um tapa ainda mais por ser um idiota.

Capítulo 14

BRANKA

— Eu não quero ir, — gritei para a mamãe. — Por favor, por favor. Eu não quero ir.

Seus olhos estavam mortos. Seu rosto estava preto e azul. Ela não podia me salvar. Não podia nem mesmo salvar a si mesma. Mas não havia mais ninguém aqui. Mia e Alessio tinham ido embora.

Meu pulso estava quebrado e queimado. Ele doía. Meu pai segurou meu pulso contra o fogo, deixando as chamas lamberem minha pele. O cheiro delas grudou em meu cabelo, em minhas roupas e em minhas narinas.

O rosto de mamãe se voltou para o meu e me pegou desprevenida. A dor em seus olhos me prendeu, arranhando meu peito. Com as bochechas cheias de lágrimas e o medo esquecido, agarrei a mão de mamãe e a apertei.

A tristeza em seus olhos espelhava o que eu sentia em meu peito. Seu olhar cinza ficou úmido, como um dia chuvoso sobre as montanhas mais altas, onde apenas as nuvens eram visíveis.

Ajoelhei-me e envolvi seus joelhos com os braços, pressionando minha testa em seu colo.

— Sinto muito, — sussurrei. — Não chore, mamãe.

Suas lágrimas doíam mais do que a crueldade do pai.

— *Meu pobre, pobre bebê. — Ela depositou um beijo em minha testa e, apesar do que eu sabia que aconteceria comigo quando entrasse no porão, meu coração se aqueceu. Eu estava faminta por afeto. Amor. Quando Mia e Alessio foram embora, levaram consigo o pouquinho de felicidade que tínhamos na casa dos Russo.*

— *A Mia e o Alessio voltarão para nos buscar, — eu disse, com a voz rouca. — É só esperar e ver.*

Ela pressionou sua mão frágil em meu coração. — Mia está morta.

Meus pulmões se fecharam. Meus ouvidos soaram. Eu não conseguia respirar. Mia. Morta.

— *E o Alessio?*

Nunca recebi minha resposta. A porta se abriu e meu pai entrou na sala.

O sussurro de sua voz cruel e de seus chicotes invadiu minha memória, a escuridão e o ar frio invadindo-me.

Ele me puxou cada vez mais para dentro da escuridão e do frio, ameaçando me engolir inteira.

Levantei-me em uma posição sentada, acordando com um sobressalto, com os lençóis grudados em minha pele suada. Meu peito subia e descia, meu coração trovejava com o velho e familiar medo. Recuperando o fôlego, deitei-me novamente e olhei para o teto.

E o tempo todo o aroma de frutas cítricas permanecia no ar.

Terminei de empacotar as últimas coisas.

Sinceramente, eu não via a hora de sair daqui. Continentes distantes de meu pai não eram longe o suficiente. Enfiando o último par de sapatos bonitos na minha mala, sentei-me nela para fechar o zíper. Autumn exigia apenas duas malas. Eu estava com três.

— Talvez ela não perceba, — pensei comigo mesma. Ela estava tão empolgada com isso que talvez não percebesse se eu fizesse cinco malas até chegarmos ao nosso primeiro destino, Kuala Lumpur.

Hmmm, *tentador*.

Decidindo não fazer isso, saí do meu quarto e fui procurar meu irmão. Meus pés silenciosos contra a madeira dura, caminhei pelo corredor do segundo andar. Ele geralmente estava em seu escritório ou na biblioteca. Então, foi para lá que me dirigi.

Ao analisar o itinerário que Autumn havia compartilhado em minha mente, eu já havia criado alguns pontos de referência que queria usar para postar fotos em minhas plataformas sociais. Autumn tinha um olho para a fotografia e eu tinha um nicho para o marketing. Juntas, éramos a equipe perfeita.

Eu estava tão perdida em meus devaneios que o cheiro de charutos velhos e colônia de velho só foi registrado quando eu já estava na biblioteca. Um estilhaço de gelo atravessou meu coração e o medo se infiltrou nos cantos da minha mente. A escuridão se transformou em minha mente, e os velhos pesadelos se tornaram repentinos.

Não importava quantos anos haviam se passado, as velhas cicatrizes vinham à tona com muita facilidade. Eu nunca havia contado a Alessio a extensão do abuso que sofri durante aqueles dois anos. Achei que ele não conseguiria lidar com isso. E eu não conseguia nem mesmo pensar nisso, quanto mais falar sobre isso.

Meu pai estava de costas para mim enquanto olhava pela janela e baforava seu charuto. Dei um passo para trás, preparando-me para sair dali, quando sua voz me impediu.

— Sempre correndo, ratinha. — Ele se virou da janela e me encarou.

Estrutura alta. Ombros largos. Um pouco de barba por fazer no queixo. Cabelos escuros salpicados de grisalho nas têmporas. Mas eram seus olhos que arruinavam tudo. A crueldade neles era impossível de esconder, mesmo quando ele sorria.

Ele usava um terno, com uma das mãos enfiada no bolso enquanto levava um charuto aos lábios. Ele inalou e depois exalou, a nuvem de fumaça se infiltrando em meus pulmões, sufocando-os.

O medo me agarrou a garganta. Era difícil superar isso. Era difícil esquecer.

Ele deu dois passos à frente; eu dei dois passos para trás. Eu queria dar meia-volta e correr, mas não queria dar a papai a satisfação de saber o quanto ele havia me quebrado. Eu escondia tudo por trás de vestidos bonitos e sorrisos, mas no fundo eu ainda era aquela garotinha assustada, chorando e implorando para que alguém me salvasse.

Com o passar dos anos, aprendi a esconder meu medo na frente dele. Era mais fácil quando havia outras pessoas por perto. Sinceramente, eu não conseguia me lembrar da última vez em que fiquei sozinha com ele. Era algo que eu não queria experimentar novamente. Nunca mais!

Seus olhos me observaram. Eu usava shorts jeans simples e uma blusa de gola alta rosa com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto. O tempo ainda estava quente o suficiente para aproveitar as roupas de verão e, felizmente, este ano eu iria embora antes que o inverno chegasse.

Eu odiava o tempo escuro e frio. Isso me fazia lembrar daquele porão frio que meu pai gostava de usar para quebrar meu espírito. Para me treinar a ser uma esposa boa e obediente.

A raiva queimava minha garganta, mas infelizmente o medo era mais forte.

Os lábios de meu pai se curvaram naquele sorriso cruel que eu havia conhecido tão bem durante aqueles dois anos a sós com ele.

— Parece que o ratinho está tentando ganhar coragem, — ele zombou em um tom sombrio.

— O que está fazendo aqui? — *Alessio, por favor, esteja em casa*, eu rezei. Ele gostava de ficar na cobertura e a única razão pela qual ele tinha essa mansão era por mim. Era uma estupidez, pois poderíamos facilmente ter ficado na cobertura.

— O que você quer? — Perguntei com frieza, escondendo meu medo em algum lugar no fundo.

Seus olhos escuros brilharam. — Cuidado, camundongo. As cobras podem facilmente engolir você inteira.

Eu zombei suavemente. — Sua comparação com uma cobra é muito apropriada. Elas são criaturas nojentas, mas tudo o que você precisa é de uma pá e pode cortar a cabeça delas sem esforço.

Manchas vermelhas horríveis marcavam as bochechas de meu pai e eu não pude evitar que um sorriso de satisfação curvasse meus lábios. Ah, as pequenas vitórias.

— Você precisa se casar, — ele cuspiu com raiva. — E precisa aprender uma lição. Exatamente como quando você era aquela menina de oito anos.

Minha coluna se enrijeceu, as palavras cortaram meu coração e o deixaram sangrar. O sangue escorreu para o chão e se acumulou aos meus pés, puxando-me para dentro do pesadelo.

A escuridão estava se aproximando de mim. A bile subiu em minha garganta. Eu não conseguia respirar. Um inferno cheio de terror.

— *Nós vamos brincar, ratinho. — Sua voz era sombria, emocionante. O porão estava escuro, com mofo e sangue manchando o ar. — Não se preocupe. Seu pai precisa de ajuda para quebrar seu espírito.*

Eu não conseguia respirar. A adrenalina corria em minhas veias.

Dedos frios em meu cabelo. Mãos ásperas rasgaram minhas roupas. Meu couro cabeludo ardia quando ele agarrava meu cabelo.

Um arrepio repugnante percorreu meu corpo. Arrepios surgiram em minha pele.

Rosto com cicatrizes. Olhos malignos.

Um tapa. Luzes piscaram atrás de meus olhos e a dor explodiu em minha bochecha. Eu chutei e gritei, com a garganta seca. Minhas unhas passaram pelo rosto dele e ele recuou.

— Pare de me arranhar, sua puta de merda. — Seu hálito de charuto invadia minhas narinas.

Um corte feio marcava seus olhos. Eu esperava que ele ficasse cego. Eu esperava que ele morresse.

Outro tapa. Suas mãos frias contra minha pele queimada pareciam uma lixa, esfregando-me até sangrar.

A dor envolveu meu corpo. Pedacos de gelo cortaram meus pulmões.

— Não desista, — disse a mim mesma, sem saber se esses eram apenas meus pensamentos ou se eu estava falando em voz alta. Continue lutando.

Então eu o mordi. E o arranhei. Até minhas unhas racharem e meus dedos sangrarem.

— O que está fazendo aqui? — A voz de Alessio gritou atrás de mim.

Uma olhada para mim e sua expressão ficou ainda mais sombria. Ele estreitou os olhos para o nosso pai. — Eu lhe disse que se quiser conversar, me ligue. Você não é bem-vindo nesta casa.

— Desapareça, Branka, — gritou o pai. — Alessio e eu temos que conversar sobre o acordo com Nikolaev.

— Você não pode falar com minha irmã desse jeito. — A voz do meu irmão era fria. Final. — E não há nada a discutir sobre o acordo com Nikolaev. Está feito e nós o honraremos.

— É um erro, — afirmou meu pai com teimosia. — Sasha é cria de Satanás. A destruição o acompanha aonde quer que ele vá.

— Você tem medo de lidar com ele, — disse Alessio com naturalidade. — O jeito psicótico dele o incomoda. Se pensar bem, é um tanto irônico.

Dei meia-volta e saí da sala. Eu não suportava estar na mesma cidade, muito menos na mesma sala, que meu pai.

Embora eu tenha corrido de volta para o meu quarto e trancado a porta atrás de mim, gostei mais de Sasha Nikolaev do que há uma hora. Ele pode não ser um cavaleiro. Definitivamente, não é um herói.

Mas ele era assustador o suficiente para afugentar os fantasmas. Ele era assustador o suficiente para manter meu pai longe.

Eu manteria minha promessa, desde que ele mantivesse a dele.

Capítulo 15

BRANKA

Quatro anos depois

Eu prometi esperar. Esperei.

Quatro malditos anos. Se eu fosse inteligente, teria feito perguntas. Especificamente. Pelo amor de Deus, quem em sã consciência esperou por alguém durante quatro anos?

Branka Russo, porra. *Idiota!*

Quatro malditos anos sem um telefonema ocasional ou um cartão. Nada, porra. A dor surda floresceu em meu peito. O desgosto e a solidão tornaram-se parte de mim, minha companhia constante. Toda vez que eu achava que já tinha superado isso, alguma coisa o desencadeava e eu voltava a ser aquela garotinha deixada para trás.

Vamos dando voltas e mais voltas.

Na primeira vez que ele saiu, ficou fora por três anos. Dessa vez, foram quatro. Engane-me uma vez, vergonha para você. Engane-me duas vezes, vergonha para mim.

Suspirei.

Talvez houvesse um motivo para as pessoas que eu amo sempre me abandonarem. Talvez eu fosse inútil. Talvez eu não fosse suficiente para lutar por mim. Alessio voltou para mim quando Mia estava morta. Ele era meu irmão. Sasha Nikolaev não tinha nenhuma lealdade ou obrigação. E as pessoas quebravam promessas todos os dias.

Meus pulmões se fecharam e minha garganta se apertou. A dor roubou o fôlego de meus pulmões. Inspirei desesperadamente e expirei. Depois, outra. Mas a dor ainda persistia. Aquela sensação de abandono ainda se escondia nas sombras de minha alma.

Foi só quando meus olhos se voltaram para o meu sobrinho dormindo na cama que o oxigênio finalmente entrou em meus pulmões. Finalmente pude respirar. Uma risada suave soou no quarto. Era do meu sobrinho. Ele tinha sonhos felizes. Meus lábios se curvaram em um sorriso e lágrimas de felicidade arderam no fundo dos meus olhos.

Kol Alessandro era possivelmente o primeiro Russo a ter uma infância feliz e segura. Ele era filho do meu irmão, embora minha melhor amiga ainda não tivesse admitido isso. Um dia ela admitiria, eu tinha certeza. Autumn era uma força a ser reconhecida quando se tratava de seu filho. Uma leoa protetora.

Assim como qualquer mãe deveria ser.

Minha mãe não era. Nem meu pai. Enquanto eu observava a vida da cidade de Nova York zumbindo abaixo de mim, lembranças passavam por minha mente, levando-me de volta ao passado. O passado do qual eu preferia não me lembrar.

— Vamos brincar de esconde-esconde, — anunciou meu pai para mim e minha mãe.

Era véspera de Natal. Meu segundo Natal sem Mia e Alessio. Eu pensava neles todos os dias. Eles eram meu primeiro pensamento quando eu acordava e o último quando eu ia dormir. Sentia tanto a falta deles que a dor em meu peito era intensa.

Meus olhos se voltaram para minha mãe. Ela não estava olhando para mim. Não estava olhando para o papai. Ela olhava para o fogo que crepitava na lareira. Do lado de fora, a atmosfera dessa sala de estar parecia serena. Era só quando você estava na sala que percebia sombras escuras à espreita nos cantos. Fantasmas quebrados que nos assombravam.

— Não quero brincar de esconde-esconde, — sussurrei, com a voz rouca.

A pele de minhas coxas doía devido às queimaduras de cigarro. Cada movimento provocava dor em cada centímetro do meu corpo. Minha garganta estava irritada por causa dos meus gritos e meus pulmões ardiam como se alguém tivesse me dado ácido e agulhas.

— Levante-se e corra, — ele latiu. Eu pulei, e mamãe imediatamente se levantou. Cansada e abatida. Era assim que ela me lembrava. Eu não queria me tornar assim. Eu tinha que lutar.

Alessio e Mia voltarão. Eles voltarão por mim.

Mas mesmo com essa esperança no fundo da minha mente, eu podia sentir que ela diminuía a cada dia.

O túnel escuro sob a mansão de meu pai era usado para seus inimigos. Para torturar. Para bater. Para quebrar. Eu não queria estar aqui.

— Psst.

Meus passos vacilaram. Meu coraçãozinho disparou. Dei uma olhada ao redor. Não havia ninguém. Apenas escuridão e frio. Cada expiração fumegava em frente ao meu rosto. Dei mais dois passos.

— Psst.

*Meus passos congelaram e preendi a respiração. Alguém **estava** aqui. O medo envolveu minha garganta e cortou minha respiração. Meu coração acelerou em meu peito, cada batida estalando minhas costelas.*

Algo me tocou.

Voei pelo ar, depois meu corpo se chocou contra a parede e minha cabeça bateu na parede. Estrelas nadavam em minhas visões.

— Lembra de mim, garotinha?

A escuridão. Eu não conseguia enxergar. Pisquei os olhos, desesperada para que minha visão voltasse. Aos poucos, meu ambiente entrou em foco, e foi então que o vi.

O homem. Arranquei seu olho. Ele me olhava fixamente, mas não conseguia enxergar. Era como observar um globo ocular de vidro escuro.

— É hora de pagar, garotinha, — disse ele. — Olho por olho.

Ele não tirou meu olho naquele dia. Meu espírito ainda se rebelou.

Mas ele extinguiu minha esperança.

Alessio fez com que os melhores médicos do país curassem minhas cicatrizes físicas. Essas eram fáceis de consertar. As invisíveis, nem tanto.

A porta do hotel se abriu, o passado passou por elas e saiu pelo quarto do hotel. Os pais de Autumn entraram com sorrisos largos no rosto. Eu adorava ver a felicidade deles. Isso me dava esperança. Prometia possibilidades.

— Olá, — eu os cumprimentei. — Vocês voltaram rápido.

Por mais estranho que pareça, os pais de Autumn me demonstraram mais afeto e amor desde que os conheci do que meus próprios pais demonstraram em toda a vida. Autumn e seus pais foram a melhor coisa que me aconteceu, depois do meu irmão.

— Não queríamos que você perdesse a exposição, — sorriu o pai de Autumn. — A exposição estava linda.

Meus lábios se curvaram. — Eu vi as fotos.

Na verdade, eu estava com ela quando ela tirou a maioria delas. Eu havia viajado com Autumn nos últimos quatro anos por todos os cantos do mundo. Autumn tinha olho e talento para a fotografia. Eu tinha para captar a atenção e escrever em blogs. Trabalhávamos perfeitamente juntas. O que me faltava, ela não tinha e vice-versa.

— Você está bonita, Branka, — elogiou a Sra. Corbin.

Meus olhos baixaram. Meu vestido era amarelo e esvoaçante, com um corpete de crochê na cor nude. O vestido não era nada elaborado, mas a fenda na coxa lhe dava um toque a mais. Os sapatos de salto que eu usava

eram nudes, combinando com o corpete, e se amarravam em minhas panturrilhas.

— Obrigada.

Eles me acompanharam até à porta, me deram um beijo no rosto e eu peguei o elevador até ao saguão do hotel. Enquanto caminhava pelo saguão do Aman Hotel, senti os olhares sobre mim, mas ignorei todos eles. Eu gostava de me vestir bem. Quando os fantasmas me assombravam, parecia uma armadura, permitindo que eu me escondesse atrás dela.

E, admito, às vezes parecia bobagem se vestir bem. Eu gostava de coisas extravagantes, mas o conforto de Autumn em relação à aparência pode ter me afetado. Só que o fato de estar neste continente me fazia querer me vestir bem.

Só para o caso de eu encontrar um mafioso psicótico com olhos azuis claros.

Fazia sentido? Não.

Eu era uma idiota. Não havia mais nada a dizer.

No momento em que pisei na calçada da cidade, fui em direção à galeria. Ela ficava a apenas uma quadra de distância. Levaria mais tempo para chamar um táxi do que para caminhar até ela.

Um Mercedes G-Benz preto chamou minha atenção. A porta traseira estava bem aberta. Parecia estranho. Especialmente com a taxa de criminalidade na cidade de Nova York. Um lampejo de ouro me fez virar a cabeça e eu congelei. Sasha Nikolaev.

Ele segurou a porta para uma mulher. Uma bela mulher com cabelos loiros encaracolados. Eu não conseguia vê-la bem. A maior parte de seu corpo estava escondida atrás da porta do carro e seus olhos estavam na calçada. Mas não havia dúvida de que ela era linda.

Uma pontada de ciúme me atravessou. Feio, vermelho e verde. Como ódio e inveja.

Os olhos de Sasha examinaram a área. Como se ele estivesse vigiando a área em busca de possíveis ameaças à sua mulher.

Ele se inclinou para ela e eu observei seus lábios se moverem.

Dei meia-volta e retomei meus passos. Só que, dessa vez, eles pareciam mais pesados. A noite parecia mais escura. Uma sensação quente percorreu minha espinha, e não pude resistir a virar a cabeça por cima do ombro.

Meu olhar se chocou com olhos azuis claros. Meu pulso perdeu a próxima batida.

Seus lábios se moveram. — Venha cá, — pensei que se lia. — Agora.

Meu peito apertou. Balancei a cabeça. Eu não iria falar com ele. Ele não era nada para mim. Isso não era nada. Eu não conhecia o cara. Não o amava.

Mas saber como meu corpo reagia às suas mãos em mim era inebriante. Eu queria senti-las em minha pele mais uma vez.

Só que isso nunca mais aconteceria.

Ele me pediu para esperar por ele. Eu esperei.

Que vergonha ter confiado nele. Sasha Nikolaev era história para mim.

Capítulo 16

SASHA

Droga!

Eu odiava o fato de ter feito uma promessa de manter distância da família Russo. Isso me deixou preso entre uma rocha e um lugar difícil.

Passei o polegar pelo queixo enquanto esperava que o médico terminasse o exame de Wynter. Ela estava em mau estado, com hematomas e cortes por toda parte.

Isso, somado à combinação de minha promessa de me manter longe de Branka, fez meu sangue pegar fogo. Em um segundo eu estava parado, olhando pela janela, a cidade fervilhando de luz, e no outro eu tinha perdido o controle. Destruí cada peça de mobília do escritório de Cassio.

Desde aquele primeiro beijo, eu sabia que não havia mais volta.

Ela era muito jovem. Ela cresceria.

Ela roubou meu fôlego com aquele vestido. A vontade de encontrá-la e ver o que ela estava fazendo era muito grande. Eu sabia que, se a encontrasse em um encontro no meu estado atual, todo o quarteirão da cidade pegaria fogo.

Minha mão tremeu com a vontade de ir atrás dela.

— Há coisas quebradas por toda parte, — comentou Alexei com aquela voz fria e monótona.

— Que porra é essa, Sasha? — Cassio sibilou. — Este é o meu escritório.

— Não mais, — Alexei respondeu secamente.

— Primeiro você traz a sobrinha espancada de Brennan para minha casa e agora destrói meu escritório.

Dei de ombros. — Vou lhe passar um cheque.

Cassio me lançou um olhar incrédulo. Não era como se ele precisasse de dinheiro.

— Isso é sobre a garota? — Cassio exigiu saber.

Sim, era sobre uma garota. Mas não a que ele pensava.

Branka Russo. A irmã mais nova de Alessio.

Cassio devia alguns favores a Alessio. Eles faziam parte da mesma gangue, começaram juntos contra Benito King e apoiavam um ao outro. Se Cassio descobrisse que eu estava atrás de Branka, ele contaria a Alessio, e aquele maldito tentaria vir atrás de mim.

Ele não me mataria, mas eu poderia perder todas as minhas chances com Branka se matasse o irmão dela.

Blyad!

A traição e a mágoa nos olhos de Branka passaram por minha mente, assombrando-me. A sensação de aperto em meu peito aumentou e a escuridão se espalhou por mim.

O controle estava escapando das minhas mãos. Assim como naquele dia em que vi minha mãe pular para a própria morte e não havia nada que eu pudesse fazer ou dizer para impedi-la. Desde então, eu vinha tentando remediar isso. Mia e Wynter eram parte disso. Eu falhei com Mia; não queria falhar com Wynter.

Mas, porra, aquele olhar que Branka me deu cravou garras em mim. Eu deveria ter ido atrás dela. Blyad, Blyad. Blyad! Se Branka ao menos me ouvisse. Eu estava perdendo o controle da situação. Dela.

Tudo o que ela tinha que fazer era vir até mim quando eu pedisse. Simples. Mas nada com Branka Russo era simples.

Droga, tudo estava indo por água abaixo. Nada estava indo de acordo com o meu plano.

Eu a persegui por anos, mantive o controle sobre ela. Eliminei todos os rapazes que ousaram tocá-la. Ela estava sob minha pele desde aquele primeiro beijo. Jesus, eu gostava de sexo hardcore e seu beijo inocente me abalou.

Eu havia sonhado com ela por tanto tempo. Aquela maldita promessa a Vasili! Eu deveria matar meu irmão por me fazer prometer que ficaria longe dela. Minhas mãos tremiam enquanto eu pensava em como contornar a promessa que fiz a ele.

É claro que fiz Branka me prometer que esperaria por mim. No entanto, comecei a pensar que Branka não estava nessa como eu.

— Sasha, você está sonhando acordado ou é por causa da garota?

Minha risada tinha um tom sombrio. — Você não tem a menor ideia, porra.

Endireitei meus punhos e saí da sala para ver como estava Wynter Flemming. A patinadora artística. Jesus Cristo! Ela estava em mau estado.

Isso me fez lembrar de Mia.

Falhei com Mia; não poderia falhar com Wynter.

No que me diz respeito, os homens que fizeram isso com Mia mereciam a morte que eu eventualmente lhes dei. Mas primeiro eu os deixei suar um pouco. Nada como sua própria mente trabalhando contra você. Saber que eu estava indo atrás de você. Eu os observei dia após dia, semana após semana. A cada rangido no assoalho, eles pensavam que a morte havia chegado para eles.

Até que um dia eles estavam certos. E eu tive prazer com essa morte.

Olho por olho, filhos da puta.

O único arrependimento que tive foi o fato de ter interpretado mal a depressão de Mia. A expressão em seu rosto logo antes de ela morrer tem me assombrado desde então.

— Não posso, — sussurrou ela, com a voz quase inaudível. — Não posso viver assim.

— Faz apenas uma semana. — Eu me esforcei para me manter firme. Para não deixar que outra situação semelhante obscurecesse meu

juízo. Mas mesmo quando Mia estava ali, eu via minha mãe. O olhar de loucura em seus olhos. Desespero. Finalidade.

— Mia, me dê a arma, — exigi, mantendo minha voz suave. — Depois podemos nos sentar e conversar.

Ela não se mexeu. Seus olhos estavam vazios e eu suspeitava que ela não tivesse me visto. Não me ouviu.

De repente, me senti como aquele menino que implorava à mãe para me dar minha irmãzinha. Desamparado e assustado.

— Mia, olhe para mim, — ordenei.

Como se estivesse sonhando, seus olhos se desviaram para mim. Suas pupilas estavam dilatadas, ultrapassando o cinza. Ela havia desaparecido. Eu sabia que ela tinha ido. Em sua mente, ela havia me deixado. Mas cada osso do meu corpo se rebelou contra isso.

— Por favor, Mia, — implorei pela primeira vez em muito tempo. — Me dê a arma. Eu posso ajudá-la.

Nenhuma emoção passou por seu rosto. Era um quadro em branco.

— Diga a eles que eu os amo. — Seu tom era resoluto. Final. — Mantenha-os seguros. Branka... não deixe que ele a quebre como quebrou a mim e ao Alessio.

— Nós os manteremos seguros juntos, — gritei, com as emoções me queimando como lava quente. Dei mais um passo em direção a ela. Ela pressionou o cano da arma com mais força contra sua têmpora.

Bang.

Seu corpo caiu no chão, com os olhos arregalados e vazios, olhando para o nada. E seu rosto, pela primeira vez desde que a conheci, estava sereno.

Meu telefone emitiu um bipe e a lembrança desapareceu da minha mente.

Não era algo em que eu gostasse de pensar. Eu falhei naquele dia. Assim como antes.

Abri a mensagem. Um canto de meus lábios se ergueu. Branka não estava vestida como uma arrasadora porque tinha um encontro. Ela estava participando da exposição de sua melhor amiga.

— Boa menina, — murmurei meu elogio e a raiva dentro de mim diminuiu lentamente como a maré lunar na lua cheia.

Entrei no quarto onde Wynter estava imóvel.

Eu me certificaria de que a garota estava bem e depois encontraria uma maneira de fazer com que Branka fosse minha.

Sem matar seu amado irmão.

Capítulo 17

BRANKA

— Eu prefiro sua outra casa, — eu disse-lhe enquanto atravessávamos a garagem subterrânea e nos dirigíamos aos elevadores. Alessio tinha uma cobertura em Nova York desde que me lembro. Foi só recentemente que ele adquiriu uma nova.

Ele soltou um suspiro sardônico e colocou o telefone de volta no bolso.

— Você ainda nem o viu, — ele comentou secamente. — Não se pode julgar o lugar inteiro pela garagem subterrânea.

Meu irmão parecia cansado. E tenso. Não era preciso ser um gênio para perceber o motivo. Eu o vi sair da exposição de Autumn mais cedo.

— O que você achou da exposição de Autumn? — perguntei casualmente enquanto ele digitava seu código e apertava o botão para o último andar. Encolheu os ombros, mas não respondeu. Eu apostaria minha vida que ele comprou todas as fotos.

— Alessio. — Uma voz suave e profunda veio de trás de nós e eu me virei, ficando cara a cara com... uau. Por um momento, minha mente ficou em branco. O homem diante de mim era divino. Cabelos grossos, ondulados e castanhos escuros. Olhos da cor do mar azul profundo e ombros largos que preenchiam seu terno.

E seu apelo sexual. Jesus Cristo.

Eu tinha certeza de que podia sentir seu gosto no ar. Sem dúvida, ele deve ter sido um dos homens mais bonitos que já conheci. Não era bruto e musculoso como Sasha Nikolaev. Minhas sobrancelhas se franziram com a comparação estúpida. Sasha não era nada. Esse cara era mais suave e carismático.

No entanto, meu coração não vibrou como aconteceu com o mafioso psicótico.

— Killian, — meu irmão o cumprimentou. — Não sabia que você também tinha um apartamento aqui.

Ele enfiou a mão na calça do terno.

— Eu não o uso com frequência. — Seus olhos se voltaram para mim, estudando-me. Seu rosto estava relaxado, mas havia algo de agudo em seu olhar. — Esta é sua irmãzinha⁴?

Ele acabou de...

Oh, não. Ele não fez isso.

Antes que Alessio pudesse lhe responder, abri minha boca. — Primeiro, não sou pequena, — disse. — E certamente não sou um bebê.

A diversão brilhou nos olhos de Killian. — Geralmente é assim que Alessio a descreve. A irmãzinha dele.

Minhas sobrancelhas se ergueram e eu me virei lentamente para olhar meu irmão. — Sério? — graciei, com as bochechas coradas. Quero dizer, eu sabia que ele me considerava sua irmã mais nova, mas ele não podia

⁴ No inglês é 'baby' sister, como irmã mais nova, irmãzinha. Daí ela falar a seguir 'bebê'.

sair por aí me descrevendo assim. Eu tinha vinte e poucos anos, pelo amor de Deus.

O braço de Alessio me envolveu. — É difícil abandonar o hábito. Você sabe que eu a amo.

Revirei os olhos, mas não consegui tirar o sorriso do rosto. — Sim, sim.

Mas eu sabia. E, sem ele, minha vida teria sido um inferno. Eu o amava mais do que qualquer coisa ou pessoa e adoraria vê-lo feliz. Ele merecia isso.

— Branka, conheça Killian Brennan, — Alessio começou as apresentações. — Killian, minha irmã ‘*não mais bebê*’ Branka Russo.

Um rubor rosado surgiu em minhas bochechas. Eu podia senti-lo aquecendo meu rosto. Killian estendeu sua mão e, após uma breve hesitação, eu a peguei.

— Prazer em conhecê-la, Branka.

A maneira como ele disse meu nome, suave e lentamente, como se estivesse saboreando as sílabas, fez meu rosto ficar vermelho. Aposto que esse cara era todo sedução. Mas a intensidade em seus olhos e as vibrações perigosas que emanavam dele não me escaparam. Ele escondia isso e escondia bem.

Ao contrário de Sasha Nikolaev, que usava tudo para que todos pudessem ver.

Olhei para baixo, para onde sua mão ainda cobria a minha. Não havia tinta e algo em meu coração estúpido afundou.

— Igualmente, — murmurei, irritada por ter comparado esse espécime gostoso de homem a Sasha Nikolaev. Só que o último teve um impacto perturbador em mim. Talvez eu estivesse louca porque um mafioso assustador e psicótico me atraía mais do que esse gostoso suave.

A porta do elevador se abriu e Alessio me empurrou para a frente, enquanto Killian ficou para trás. Meus olhos se voltaram para o espelho do elevador e vi meu irmão e Killian se olharem. O último acenou com a cabeça e, quando me virei, o olhar de Killian voltou para mim.

— Vejo você por aí, Branka.

Parecia quase uma promessa.

— Você terá seu próprio código para usar quando quiser visitar, — disse-me Alessio enquanto o elevador apitava e parava. — Cada elevador é privativo.

Durante seus anos de faculdade, Alessio passou muito tempo na cidade de Nova York. Mesmo depois disso. Fazia sentido que ele tivesse um lugar aqui. Seus amigos estavam aqui. Luciano. Cassio. Nico. Embora não fizesse sentido comprar outra cobertura.

Meu irmão fez um gesto para que eu saísse primeiro e, no momento em que o fiz, encontrei-me em uma enorme sala de estar com móveis modernos e elegantes. O piso de madeira escura se estendia por toda parte que eu podia ver. Minha parte favorita, porém, era a parede inteira do

lado sul, feita de vidro, que oferecia uma vista magnífica da cidade de Nova York, com vista para os arranha-céus e o Rio Hudson.

— Ok, talvez eu tenha falado cedo demais, — murmurei ao entrar no apartamento e inclinar a cabeça para cima. Os corrimões de vidro davam vista para o andar superior e para um grande lustre pendurado acima de nossas cabeças.

— Fico feliz que você aprove, — observou Alessio, divertido.

Levantei a cabeça para encontrar uma cozinha aberta no lado esquerdo da sala de estar. Uma enorme mesa de mármore preto dividia os dois espaços.

— O que você fez com a outra cobertura? — perguntei, aproximando-me das janelas para ver a vista de perto. Foi então que notei que havia um terraço aqui também.

— Por quê? Você quer? — ele provocou.

Dei de ombros, encontrando seu olhar no reflexo da janela.

— Se estiver oferecendo, — eu refleti.

Sua risada encheu o ar. — Você pode ficar com os dois.

Mudei de posição, inclinando o rosto para o meu irmão, avaliando-o. Meu sexto sentido se acendeu, dizendo-me que havia algo mais que Alessio queria me contar.

— Por que tenho a sensação de que há algo que você não está me dizendo, Alessio?

Os cantos de seus lábios se contraíram, mas ele não sorriu.

— Porque minha irmãzinha é inteligente. — A ansiedade subiu pela minha espinha. Fiquei esperando que ele continuasse. Eu sabia que haveria uma bomba a ser lançada, mas não estava preparada para suas próximas palavras. — Quero dar isso a você como presente de casamento. — Fiquei olhando para ele, meu peito se apertando de uma forma estranha. — Seria seu porto seguro, um lugar para onde ir quando quiser ficar sozinha.

— Eu odeio ficar sozinha, — falei baixinho. Não era algo que eu normalmente admitia abertamente, mas estava na hora de reconhecer o elefante na sala. Bem, pelo menos esse.

Ele depositou um beijo em minha testa. — Eu sei. Mas quero que você tenha um canto só para você. Para encontrar seus amigos. Para fazer o que você quiser.

— Então eu devo vir aqui se meu marido me bater? — Minha voz ficou trêmula. Respirei fundo, com o medo se infiltrando por todos os poros. Tudo o que eu queria era não temer os fantasmas do passado. Ser forte.

— Qualquer homem que encostar um dedo em você estará morto antes de tirá-lo de seu corpo. — A voz de Alessio estava rouca, a tensão o percorria.

— Você poderia não ter tido essa conversa comigo, Alessio, — eu disse. — Mas odeio ter de lhe dizer que meu marido terá de me tocar.

— Por favor, não me lembre, — ele resmungou e um canto de seus lábios se ergueu. — Por favor, deixe-me lhe dar isso como seu presente de casamento.

Engoli quando um tremor começou em minhas mãos.

— Por quê um presente de casamento? — Eu engasguei, minha voz era estranha para meus próprios ouvidos. Ela não refletia o tumulto que estava acontecendo dentro de mim. — Você poderia me dar como presente de Natal ou algo assim.

Alessio pegou meu rosto entre as mãos, seus olhos se chocaram com os meus. Havia tantos tons de cinza em seu olhar, e eu sabia que o meu refletia o mesmo. Era a única semelhança física que compartilhávamos. Isso e as cicatrizes que ambos escondíamos.

— Quero mantê-la segura.

Engoli em seco. — Você maném. — Coloquei as palmas de minhas mãos sobre as dele e apertei. — Não sou frágil. Sou mais forte do que você imagina.

Ele soltou um suspiro sardônico. — Eu sei, minha irmãzinha. Mas também sei como os homens em nosso mundo são cruéis.

— Eu tenho você, — murmurei.

— Você sempre me terá. — Sua voz estava ligeiramente angustiada. — Há apenas duas coisas nesta Terra que podem me quebrar, irmãzinha. Você e uma outra pessoa. — Sem dúvida, eu sabia que ele estava se referindo a Autumn. Eu queria que ele confiasse em mim. Queria que ele e Autumn fossem sinceros e me contassem o que aconteceu. Eu queria ajudá-los, vê-los felizes. — Mas se algo acontecer comigo, nunca me perdoarei por tê-la deixado sozinha e vulnerável. Um casamento garantiria sua proteção.

— Isso não funcionou com a mamãe, — observei. Todos nós testemunhamos isso. O casamento foi a pior coisa que poderia ter acontecido a ela. — E se...

Não consegui nem terminar.

— Eu mataria qualquer homem que sequer pensasse em bater em você, — ele rosnou. — Eu falei sério no túmulo da Mia. Jurei protegê-la e vou proteger.

— Então por que essa bobagem de casamento? — questionei.

Ele o soltou e passou a mão no cabelo.

— Descobri um acordo que meu pai fez, — ele começou lentamente. — Ele usou você como pagamento. Estou cuidando disso. E dele. Mas a verdade é que ele acumulou tantos inimigos que sempre haverá alguém vindo atrás de nós.

O nó em minha garganta aumentou. — Eu não quero me casar.

— Você pode escolher um homem, — ele me disse. — Eu analisei os candidatos aceitáveis.

— Eles só mostrarão o melhor lado deles, — argumentei.

— Dê-me algum crédito, — ele respondeu secamente. Confiei minha vida ao meu irmão. Não confiava minha vida a outros homens. — Nico Morrelli fez uma verificação detalhada de todos eles. Isso me deixou com duas perspectivas.

Balancei a cabeça. — De todos os homens deste mundo? — Eu rio, embora minha voz tremesse demais para ser eficaz. — Isso não é um bom presságio para o resto das mulheres.

Ele não respondeu.

— Não sou fraca, — tentei novamente. — Posso cuidar de mim mesma. — Ele sustentou meu olhar e o desespero cresceu lentamente. Ele

me sufocou, engolindo-me na escuridão. O porão familiar que eu queria incendiar. — Se seus candidatos são tão bons, por que preciso desta cobertura? E por quê em Nova York?

Ele soltou um suspiro cansado, e a culpa me invadiu o peito.

— Um candidato em potencial mora em Nova York, — respondeu ele. — Na verdade, ele tem uma cobertura neste edifício. O outro está mais perto de casa, em Montreal.

Enrijei. Lembrei-me das maçãs do rosto esculpidas e dos olhos azuis-escuros, que, por sinal, não tinham o tom certo.

— Deixe-me adivinhar. Killian Brennan. — Alessio assentiu com a cabeça e a agitação me invadiu. — Nós o encontramos para que ele possa me examinar e ver se sou aceitável. — De repente, a boa aparência de Killian diminuiu. Só um pouco. — Então, para ele, não importa *quem* eu sou. Apenas que eu pareça aceitável.

— Antes de atacá-lo, conhecê-lo foi uma das exigências de Killian, — Alessio saiu em sua defesa. — E que a escolha era sua. Ele se recusou a se casar com você se você não estiver de acordo com isso.

Killian Brennan pode ter se tornado meu mafioso favorito.

Capítulo 18

BRANKA

África Central.

Cinco meses desde que vi Sasha na cidade de Nova York. Cinco meses de frustração fervilhando dentro de mim. Meu irmão queria que eu me casasse. Eu preferia não, mas entendia o raciocínio. Pela centésima vez, dei uma olhada no mesmo perfil.

Killian Brennan.

Ele era gostoso. Cabelos escuros. Olhos azuis. Irlandês. Uma irmã. Família decente. No entanto, não pude deixar de compará-lo à cria de Satanás com olhos azuis claros. Sasha e Killian não poderiam ser mais diferentes, mas talvez esse fosse o objetivo.

Para mim, o outro candidato era difícil de passar. O braço direito de Alessio, Ricardo. Eu o conhecia há muito tempo e, embora confiasse nele, sentia mais afeição fraternal por ele do que qualquer outra coisa.

Balancei a cabeça. Isso era ridículo. A maioria das meninas planejava férias ou encontros. Não casamentos arranjados. Talvez meu encontro desta noite tivesse me arrebatado. Ah, se eu tivesse ido. Mas eu não estava com vontade e, de alguma forma, parecia um ponto discutível, considerando o casamento arranjado que pairava sobre minha cabeça.

Com um suspiro, digitei uma mensagem rápida para meu irmão.

Não estou planejando o casamento. Sim, para me casar com Killian.

Simples, mas complicado.

Era sexta-feira à noite e, normalmente, essa era a noite de cinema de Autumn e minha. Independentemente de onde estivéssemos. Neste

momento, estávamos em algum lugar no meio do continente africano. Eu esperava que o gerador estivesse funcionando.

Estiquei minhas pernas, esperando que Autumn terminasse de aconchegar Kol. Ela estava lendo uma história para ele dormir há uma hora. Não tenho certeza de que tipo de história era aquela, mas ela realmente deveria pensar em pular algumas páginas.

Meu próprio livro estava em meu colo. Um romance erótico e fumegante com um toque de BDSM. Sim, não é uma boa coisa para ler quando se está com tesão e solteira. Eu estava sem bateria para meu *amigo* e minha mão era um péssimo substituto para ele.

Olhei para baixo e li outra página, sem conseguir resistir. Estava chegando a uma parte boa. Uma parte muito boa e excitante. Sim, eu era uma gulosa por punição. Eu me preocuparia com minha libido e necessidade de sexo depois.

— O que está fazendo aqui? — Perdida em palavras e no incrível mundo em que um homem sabia exatamente como proporcionar prazer, me assustei quando ouvi a voz de Autumn.

Levantando os olhos, eu os arregalei imediatamente. — Da última vez que verifiquei, eu moro aqui.

— Mas você tem um encontro, — ela apontou. — Com... — Ela tentou lembrar o nome. Sem sucesso. — Não estou conseguindo me lembrar.

Dei de ombros. — Eu estava ocupada.

— Fazendo o quê?

Inclinei minha cabeça. — É sexta-feira e nossa noite de cinema.

Ela olhou para mim como se eu tivesse três cabeças. — Então você cancelou?

Abaixando a cabeça, virei a página. — Sim.

Não precisei olhar para cima para saber que havia desaprovação em seu rosto. — Veja, é por isso que você é solteira.

— Sou solteira porque estamos no meio da África, — respondi secamente.

— Você tinha um encontro. Hoje. No meio da África.

Dei de ombros. — Dia errado. — Minha melhor amiga soltou um suspiro frustrado e eu olhei para ela. — Vamos assistir a um filme ou não?

Ela se abaixou no assento ao nosso lado. Ficamos em uma pequena casa, semelhante a uma cabana, que tinha uma sala comum, um banheiro muito básico, com piso sujo, e dois quartos. Autumn dividia o dela com Kol e eu ficava com o outro.

Abaixando-se ao meu lado, ela levantou as pernas e depois as apoiou na mesa com um suspiro de alívio. Ela usava calças cargo cáqui e uma camiseta preta, e meias, cada uma com uma palavra na sola - FODA-SE.

Eu sempre dava os melhores presentes.

— Filme, e tenho que editar minhas fotos, — disse ela. Ela parecia cansada. Eu deveria ter me oferecido para ajudá-la com Kol, mas eu sabia o quanto ela gostava da rotina de dormir com ele. — Algum filme em especial que você esteja a fim de ver?

Balancei a cabeça. Parece que nenhuma de nós estaria dando atenção total ao filme.

Ela apertou o play e começou a passar *Die Hard*. *Perfeito, combina com meu humor*. Desde que vi Sasha com aquela loira elegante, fiz questão de assistir a filmes de ação. Mas não podia abrir mão de meus romances.

Uma senhora precisava de algum prazer em sua vida.

Uma luz suave vinha do abajur e da TV. Autumn abriu seu laptop e eu peguei meu telefone. Ela me enviou algumas fotos editadas mais cedo e eu não tive a chance de publicá-las em nosso Instagram.

Escolhi a que mais gostei e depois fiz o upload. Com o sinal de satélite ruim, levaria cerca de vinte minutos ou mais para carregar.

— Autumn? — Minha voz estava calma.

— Sim?

— Você acredita em segundas chances?

Seu corpo se enrijeceu, e a dor cintilou em sua expressão. Eu não tinha certeza se estava perguntando por ela ou por mim mesma.

— Às vezes, — ela finalmente respondeu com hesitação.

— Você daria outra chance ao pai de Kol? — Ela abaixou a cabeça, mas o brilho de seu laptop não conseguiu esconder a raiva que subiu às suas bochechas.

— Por que estamos falando de mim, quando é você quem pula um encontro e depois reclama de estar solteira? — Ela virou o assunto de volta para mim.

Concentrei-me no filme, ignorando-a. Meu peito apertava toda vez que eu pensava naquele dia. Eu não sabia o que pensar sobre toda aquela história com Sasha Nikolaev. Não era como se eu estivesse apaixonada por ele. Mas eu gostava de seu toque. Isso era uma novidade. Depois do que sofri com a brutalidade de meu pai, eu não gostava que os homens me tocassem. Mas, com aquele homem, eu realmente ansiava por isso.

Não que isso importasse mais. Acabei de enviar uma mensagem de texto e me comprometi com Killian Brennan. Eu poderia ser filha de um pecador, mas não seria uma. Killian era claro quanto à fidelidade - ele não acreditava em traição. Isso me fez gostar ainda mais dele.

Sem pensar em Killian ou Sasha, concentrei-me em minha melhor amiga.

— Você já dormiu com um homem com o dobro da sua idade? — Perguntei a ela, com os lábios curvados em um sorriso malicioso.

Suas bochechas coraram, mas ela se recusou a responder.

— Oh, meu Deus, você já! — Afinal de contas, meu irmão era bem mais velho do que nós.

Ela balançou a cabeça.

— Não, eu não fiz isso. — Se minha suspeita estava correta, e acredito que estava, foi por muito pouco. — E você? — ela me perguntou.

Considerando que eu ainda era muito virgem, a resposta foi fácil. — Não.

— Brincadeiras?

— Hmm. — Apertei meus lábios. Eu havia pesquisado Sasha Nikolaev no momento em que ele me deixou com a promessa de esperar por ele. Ele tinha quase a idade do meu irmão. — Isso seria um sim.

O olhar brilhante de Autumn veio até mim e, no segundo seguinte, nossas risadas encheram a sala. Um pouco amargas. Muito descontentes.

Então, sem aviso prévio, um trovão ressoou pelo céu e as gotas de chuva bateram na janela, descendo pela vidraça.

De alguma forma, isso refletia o que eu sentia por dentro.

Capítulo 19

SASHA

Nos últimos seis meses, esse pequeno momento fugaz ficou em minha mente. Repetidamente.

Não era assim que eu imaginava meu reencontro com Branka. Eu nem sabia que ela estava na cidade de Nova York. Não era o melhor momento, considerando toda a merda que aconteceu com Wynter. E eu não podia deixar uma mulher maltratada e ir atrás de Branka.

Embora meu coração negro exigisse isso. Aqueles lábios macios e cheios e o rubor em sua pele de porcelana. A garota me fascinava. Sua força. Sua determinação. Tudo, porra.

Mas era da voz dela que eu mais sentia falta. Aquela voz suave e calorosa que penetrava em minha pele. Fazia o sangue correr pelas minhas veias e ir direto para a minha virilha. No momento em que nossos olhares se cruzaram, o tempo passou em câmera lenta. A raiva brilhava em seus olhos cinzentos, como dois raios prontos para atacar.

Isso me fez sentir ainda mais vontade de tê-la. O fato de eu ainda não ter matado o pai dela ou possivelmente até meu irmão por ter feito aquela promessa estúpida era um milagre. Eu devia estar tentando ser santo.

Jesus Cristo.

Então, fiquei de pé e observei suas costas graciosas enquanto ela se afastava de mim, cada passo levando-a cada vez mais longe.

Que droga!

Cada músculo do meu corpo exigia que eu fosse atrás dela. Era como um instinto e eu tinha que lutar contra ele. Eu estava esperando há muito tempo. Sete anos, para ser exato. Desde o beijo naquele bar. Sete anos aguardando meu tempo e esperando que ela se tornasse alguém. Esperando pela morte de seu pai.

Sempre esperei que fosse eu a enfiar uma bala em seu mísero cérebro.

Mas, enquanto observava a expressão sombria de Alessio, eu me deliciava com o fato de que o dia finalmente havia chegado.

Esperei pacientemente que ele tivesse o suficiente. Eu mesmo interceptei algumas das remessas do velho nos últimos quatro anos. Eu gostava de brincar com o sádico. Além disso, ajudava a passar o tempo quando eu estava entediado e perseguindo Branka.

— Quero que ele desapareça o mais rápido possível, — exigiu Alessio. Estávamos no início de novembro. Talvez o cara não quisesse passar mais um feriado com o velho, não que eu pudesse culpá-lo.

Alessio deve ser um santo porque, se fosse eu, já teria mandado matar o velho há décadas. Mas o dia finalmente havia chegado. O ponto de inflexão foi a tentativa de seu pai de vender Branka. Por um maldito carregamento. Como se ela fosse um maldito objeto.

Filho da puta.

Alessio, Vasili, Alexei e eu nos sentamos ao redor da mesa no escritório do meu irmão mais velho.

Nova Orleans em novembro era um sucesso ou um fracasso. Com o fim da temporada de furacões, as temperaturas ainda estavam quentes e não havia turistas. As decorações de fim de ano já haviam começado a aparecer no centro da cidade.

A linha do horizonte da cidade se estendia pela janela do escritório de Vasili. Mesmo daqui, você podia ver a cidade fervilhando de vida. Era isso que tornava essa cidade única.

— Você consegue fazer isso? — perguntou Alessio.

— Sim. — É claro que eu poderia fazer isso. Se eu quisesse derrubar um presidente, eu poderia fazer isso.

— Ótimo. Eu pago qualquer coisa. — Eu acreditei nele. Alessio se mataria se isso significasse proteger sua irmã. Ele e Vasili não eram muito diferentes nesse aspecto. — Metade agora e metade quando o trabalho estiver concluído.

— Eu quero sua irmã. — As palavras escaparam. Vasili era todo a favor de estratégias. Eu não tinha tempo para besteiras.

A julgar pelas expressões de Vasili e Alessio, eu os peguei de surpresa. O rosto de Alexei estava sem expressão. Ele era realmente bom em esconder o que quer que estivesse em sua mente.

— Isso não é possível. — As palavras de Alessio foram ditas com os dentes cerrados. Uma veia em sua têmpora latejava e ele parecia estar

lutando contra a vontade de me matar. Olha só, olha só, Vasili e Alessio tinham algo em comum.

— Por que não? — perguntei, tirando uma embalagem do bolso.

— Porque Branka escolheu seu próprio homem, — ele grunhiu. *O diabo é que ela escolheu*, pensei comigo mesmo. Branka e eu precisaríamos ter uma conversa.

Tatiana entrou na sala naquele momento, com os pés trôpegos. Ela usava um vestido preto curto e óculos pretos que provavelmente escondiam os olhos com bordas vermelhas. Ela estava bebendo muito. E chorando ainda mais.

Desde que Adrian, a outra metade de Tatiana, morreu em uma explosão de carro, ela estava em frangalhos. Infelizmente, as pistas sobre o culpado eram poucas ou nenhuma. Adrian trabalhava em algo não registrado e sua morte nos deixou sem nenhuma pista. Tatiana queria ver alguém pagar. Vasili, Alexei e eu tentamos encontrar pistas. Qualquer maldita pista, mas continuávamos sem nada.

— Irmãos, — disse ela, confirmando minha suspeita de que estava bêbada. Sua cabeça se voltou para Alessio. — E um não-irmão.

Levantei-me e fui até minha irmã. — Ei, problema. Que tal se eu pedir para alguém levá-la para casa para que você possa descansar?

Ela riu. O tipo de riso amargo. Eu não podia culpá-la. Para onde quer que ela olhasse, havia rostos felizes. Nossos amigos formaram suas famílias. Eles encontraram sua felicidade. E ela perdeu a dela. Ela não conseguia nem mesmo ter conforto para criar seus filhos porque, por algum motivo, Adrian e Tatiana queriam esperar antes de formar sua família.

E agora, a chance foi tirada deles.

— Não consigo dormir lá, — ela disse, com as palavras quase como um sussurro.

— Vá para minha casa, — ofereceu Vasili. Só que isso era pior para Tatiana do que ir para sua própria casa, onde ela costumava ser feliz com Adrian. Ela tinha um lugar na primeira fila para ver como sua vida poderia ter sido se Adrian tivesse vivido.

Ela balançou a cabeça. Não era nenhuma surpresa.

— Vá para a minha cobertura, — eu a instruí. Eu quase nunca estava em casa e, quando estava em Nova Orleans, na maioria das vezes, passava o tempo no complexo de Vasili.

— Será que vou encontrar uma de suas mulheres malucas lá? — resmungou ela.

Revirei os olhos. Minha família me via como uma espécie de prostituto. — Não. O lugar está vazio.

Ela murmurou algo ininteligível, girou sobre os calcanhares e saiu da sala.

— Isso está ficando fora de controle, — resmungou Vasili. — Ela não pode passar seus dias bêbada como um marinheiro.

— Ela vai se recuperar, — eu disse a ele. — Deixe-a sofrer do jeito dela.

— Deixando que ela se mate com vodca? — ele zombou. — Esse é certamente um bom conselho. Por que eu não pensei nisso?

— Porque você não é tão inteligente quanto eu, — eu disse a ele, sentando-me no meu lugar e esticando as pernas à minha frente.

— Sasha, já se passou um ano desde o acidente, — resmungou Vasili. — Está na hora de Tatiana seguir em frente. Ela não pode ficar de luto por Adrian pelo resto de sua vida. Ela tem a vida inteira pela frente.

— Concordo. Mas quanto mais você a pressionar, mais ela lutará contra você. Ela seguirá em frente, basta deixá-la fazer isso do jeito dela. — Ele sabia que eu estava certo. Isso estava estampado em sua expressão. — Pense na Isabella. Como você se sentiria se fosse a Isabella que estivesse naquele acidente? — O rosnado do meu irmão foi a minha resposta. Você pensaria que ele é um lobo e não um humano. — Bem, a Tatiana amava o Adrian da mesma forma.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Acho que esperava que o amor dela fosse um pouco menos intenso, — disse ele, depois uma série de xingamentos saiu de sua boca. — Essa maldita obsessão que corre nas veias dos Nikolaev acabará sendo nossa ruína.

Vasili pode ter razão. A obsessão foi a ruína de nossa mãe. A obsessão de nosso pai fez com que ele perseguisse sua amante por anos, ignorando seus filhos.

O amor era paixão. Obsessão. Algo sem o qual, nós Nikolaevs, descobrimos que não podíamos viver. Era nossa bênção e nossa maldição.

— Ficarei de olho na Tatiana, — assegurei ao meu irmão. — Ela está dando pequenos passos na direção certa.

— Agora, voltemos ao assunto. O que significa exatamente o fato de Branka ter escolhido seu próprio homem?

— Não é da sua conta, — sibilou Alessio.

— Bem, esse é o meu pagamento, — eu disse a ele com frieza, enquanto a amargura mordida meu peito. O mundo não tinha ideia de como eu podia ser louco. Que eles tentem tirá-la de mim.

— Não. — Alessio tinha sorte de ser irmão de Branka. Essa era a única razão pela qual eu o manteria vivo. — Além disso, ela é jovem demais para você.

Que se dane a idade. Era apenas um número. Além disso, ele era o único a falar.

— A amiga dela também é jovem demais para você, — eu ri. — Isso o impediu?

— Eu já lhe disse antes, Sasha. Minha irmã não está na mesa. Portanto, ou você diz outro preço ou eu vou procurar outro franco-atirador.

— Boa sorte para encontrar um que seja tão bom quanto eu, — respondi secamente.

De uma forma ou de outra, a irmã dele seria minha.

Três dias depois, eu estava sentado nas sombras de Montreal, esperando o velho Russo.

Alessio se recusou a compartilhar qualquer detalhe sobre Branka e o homem que ela escolheu. Filho da puta teimoso. Eu não cederia no pagamento. Eu não precisava do dinheiro dele. Branka era a única forma de pagamento que eu aceitaria. Vasili tentou nos convencer a desistir, mas eu ignorei tudo. Eu consideraria meu pagamento apenas na forma de uma mulher muito específica.

Mas eu mataria o pai dele. Não por ele. Por Branka. Porque o maldito achava que podia negociar minha mulher como se ela fosse gado.

Supostamente, ele encontrou outra pessoa. Que merda! Mas não importava, eu não confiava em mais ninguém. Não havia ninguém melhor do que eu. Eu daria conta do velho maldito e garantiria que ele levasse um tiro no meio dos olhos.

Então me vi de volta a Montreal. Na antiga mansão dos Russo.

Lembrei-me de todas as histórias que Mia compartilhou sobre as merdas que aconteceram aqui. Isso me deu vontade de reduzir todo o lugar a cinzas. No entanto isso não seria um trabalho tranquilo de entrar e sair.

Mas seria uma sensação muito boa. A única razão pela qual o pai de Branka não levou um tiro na cabeça há quatro anos foi por causa do meu irmão e de Tatiana. Se as repercussões fossem apenas sobre mim, eu teria apostado e o matado.

Coloquei meu equipamento no topo do prédio de tijolos vermelhos. Era quase um déjà vu. Só que, desta vez, não haveria nada que salvasse o velho de mim. Depois que a montagem foi concluída, sentei-me e esperei pela batida perfeita.

A vista do Lago Ontário se estendia por quilômetros. O velho realmente conseguiu um imóvel de primeira linha aqui, mas tudo o que eu via quando olhava para essa espelunca eram imagens de Mia pintadas em minha cabeça.

A maneira como seu pai a torturava. A imagem de sua própria mãe tentando matar seus filhos e a si mesma em um incêndio. Talvez fosse esse o motivo pelo qual Mia e eu nos dávamos tão bem. Tínhamos mais em comum do que a maioria das pessoas.

Olhei pela luneta, observei e esperei. Isso era tudo o que eu podia fazer por enquanto.

Esperar. Observar. E esperar mais um pouco.

As horas se passaram. A luz se apagou. Não que fosse tarde do dia. Os dias de novembro são curtos. Especialmente ao norte de Montreal. Era um país de congelar as bolas, se você me perguntasse. Sim, eu era russo por herança, mas preferia o clima de Nova Orleans a esse. O mesmo acontecia com Alexei. Ele odiava o frio ainda mais do que eu.

As luzes se acenderam e iluminaram o complexo. A mansão parecia quase um sonho, exceto pelo fato de que eu sabia os pesadelos que Mia sofria sob aquele teto. Sua irmãzinha também.

Um carro apareceu na longa e sinuosa entrada da garagem. Meus lábios se curvaram em um sorriso e um sentimento de decepção tomou conta de mim. Isso seria muito fácil.

Foi então que eu o vi. O outro atirador. No topo da mansão Russo. Mudei a mira e o vi. O filho da puta do Royce Ashford.

Ele me viu na mesma hora. E me fez um gesto de reprovação. Maldito idiota.

— Oh, não, você não vai, — sussurrei.

Uma limusine, com janelas à prova de balas, desceu pela entrada da garagem até parar em frente a duas colunas brancas. O motorista saiu e deu a volta para abrir a porta da parte de trás da limusine.

Ignorando Royce, voltei minha mira para o alvo.

O sangue corria em minhas veias. A adrenalina o alimentou, mas minhas mãos não tremeram. Eu já estava acostumado com essa sensação e me sentia bem com ela. A única sensação que chegava perto disso era o sexo. Mas não qualquer tipo de sexo.

Concentrei-me e observei o pai de Branka sair do carro. Ele subiu lentamente a grande escadaria.

Um segundo. Dois segundos. *Bang.*

Um tiro certeiro. Direto em seu coração negro.

O chute de Royce veio um segundo depois. O velho Russo começou a desmoronar nos degraus, a apenas alguns passos de sua entrada. Puxei o gatilho novamente. Esse tiro o atingiu diretamente na testa, entre os olhos.

— Em cheio, — murmurei, satisfeito com minha mira. — Não queremos que você ressuscite dos mortos, filho da puta.

Sorrindo, dei uma piscadela para Royce. — Não se pode competir com a grandeza, — eu disse ao vento, esperando que ele fosse na direção de Royce.

Não haveria como ressuscitá-lo.

Meu celular apitou. Número desconhecido.

Este é o meu trabalho. Você notou que foram necessários dois tiros contra um meu para matar o desgraçado?

Minha mensagem de volta tinha fileiras de emojis de dedo do meio. Em seguida, coloquei o celular no bolso.

— Por Mia e minha mulher, — murmurei enquanto começava a desmontar meu rifle. Guardei-o e saí do prédio.

O tempo do velho Russo havia se esgotado. A escuridão era seu novo melhor amigo. Ele estaria a dois metros de profundidade. Onde era o seu lugar. Eu queria dançar sobre seu túmulo.

Não haveria ninguém e nada me impedindo agora.

Branka Russo seria minha.

Capítulo 20

BRANKA

Uma batida forte soou na porta.

Suspirei.

Eu não estava a fim de ter companhia. A exaustão me incomodava. O funeral do meu pai não foi particularmente triste nem perturbador, mas o fato de saber que o casamento com Killian seria marcado me assustava um pouco.

Esperando meu irmão na porta, fui abri-la com um grande sorriso falso no rosto. Alessio tinha uma noção estranha de privacidade. Ele esperava que todos batessem à porta e nunca entrava em seu espaço sem permissão. Eu suspeitava que isso tinha algo a ver com a merda que nosso pai o fez passar.

Seis meses haviam se passado desde a cidade de Nova York. Meu pai estava morto. Boa viagem! O desgraçado era cruel e destruiu tantas vidas. Eu esperava que ele queimasse no inferno por toda a eternidade.

Sasha Nikolaev estaria morto. Por me fazer desperdiçar quatro anos em uma promessa. Uma promessa estúpida e maldita.

Outra batida. Mais forte dessa vez.

Com a espinha ereta, abri a porta, meus olhos se arregalaram e minha respiração ficou curta. Sasha estava diante de mim, seu olhar estava

repleto de algo sombrio e perigoso. Ele baixou o olhar, percorrendo meu corpo. Eu estava com minhas leggings pretas e suéter vermelho, enquanto ele usava uma camisa branca, gravata azul-escura e calça cinza.

Meu instinto de sobrevivência entrou em ação e tentei fechar a porta para ele. Sua mão grande pressionou a porta, mantendo-a aberta.

— Saia, — sussurrei.

Sorriu. Ele era bonito. Em um estilo predatório. Era gostoso. Em um estilo psicótico. E seu sorriso era do tipo desequilibrado que prometia o inferno.

— Acho que não, kotyonok. — A coragem desse homem. — Você me deve algo.

Eu o encarei.

— A única coisa que lhe devo é um nariz quebrado. — Tentei novamente empurrar a porta para fechá-la. Seu pé a bloqueou. — Meu irmão vai matar você. — Minha voz tremia de raiva ou de outra coisa, eu não tinha certeza.

— Nós dois sabemos que seu irmão está transando com sua amiga neste momento.

Balancei a cabeça, apesar do fato de saber que ele estava certo. — Eu vou gritar. Os homens dele vão matar você.

Ele deu um passo à frente, eu dei um passo atrás. — Nós dois sabemos que eles não vão me matar. Mas eu talvez os mate.

Veja, isso era o que acontecia quando você brincava com fogo. Você se queimava. Ou, neste caso, você acabava no radar de Sasha Nikolaev. O que provavelmente era pior.

Ele deu mais um passo à frente e eu dei um passo para trás. Ele fechou a porta, com seus olhos quentes o suficiente para incendiar minha pele.

— Você e eu precisamos conversar. Sobre sua escolha de marido.
— Seu tom era sombrio, quase ameaçador.

— Não há nada para falar, — eu respirei.

Seu olhar brilhava com algo sardônico. Ameaçador. Sem amarras.
— Há muito o que conversar. Podemos começar com uma promessa que você fez.

Engoli. — Essa promessa é nula e sem efeito.

Eu fui muito estúpida ao fazer essa promessa a ele.

Uma risada sombria vibrou pela sala. Sinistra e ameaçadora. — Só se você quiser ter a morte em suas mãos, — ele sussurrou, com uma voz sombria, enquanto continuava a se aproximar de mim. Eu não conseguia decidir para quem a ameaça estava direcionada. A mim ou a outra pessoa.

Minhas costas bateram na parede do quarto.

— Você quer ter o sangue de outro homem em suas mãos? — perguntou ele.

— Só o seu, — eu disse, provando que não tinha cérebro.

Ele pressionou as mãos contra a parede em ambos os lados de mim.

— Vou sangrar por você. — O tom áspero de sua voz provocou arrepios em minha pele enquanto um calafrio percorria minha espinha. Seus lábios percorreram meu pescoço. — Eu matarei por você. — Respirei fundo quando ele mordeu a pele sensível onde meu pescoço e meu queixo se encontravam. — Mas ninguém mais terá você.

Eu tremia.

— Esperei sete anos. Você é *minha*. — Ele encostou a boca em minha orelha.

— Não, eu esperei por sete anos, — afirmei com uma convicção que estava diminuindo rapidamente. — Você estava desfilando pelo mundo com uma patinadora artística olímpica enquanto eu esperava. Eu esperei e você nunca mais voltou. Bem, para mim, a espera acabou. Eu escolhi outra pessoa.

— Você está com ciúmes? — Não me passou despercebido o fato de ele ter ignorado minha provocação. Em vez disso, ele se atreveu a *me* perguntar se eu estava com ciúmes.

— Cada vez que eu ligava a televisão, era um tapa na minha cara, — cuspi, com um toque de amargura em minha voz. — Não preciso dessa merda, e certamente não preciso de você e de suas promessas não cumpridas.

— Não há nada para você se preocupar com Wynter, — ele rosnou.

Dei de ombros. — Isso não importa mais, — disse-lhe. — Porque vou me casar com outra pessoa.

Um rosnado soou entre nós. — Quem é ele? — Ele exigiu saber, com uma pitada de ameaça entrelaçada na escuridão de sua voz. Apertei meus lábios. De jeito nenhum eu lhe daria o nome de Killian.

Minha respiração estava irregular. Meu coração batia forte, ameaçando quebrar minhas costelas.

— Não é da sua conta.

As palavras seriam mais convincentes se meus lábios não estivessem entreabertos e meu corpo não estivesse se esfregando no dele. Ele cheirava tão bem. Bem demais. Muito tentador. O calor de seu corpo inflamava cada centímetro de mim e meu coração latejava entre as pernas.

— Tudo isso é da minha conta.

O desejo embaçou minha visão enquanto eu o observava com os olhos semicerrados. Ele era exatamente como eu me lembrava. Construído como uma parede de tijolos, com a aparência de um cavalheiro, mas cada centímetro dele era selvagem. Ele se movia com a graça de uma pantera e a crueldade de um urso. Ele cheirava a crueldade e perigo. Isso estava nas sombras que se escondiam em seus olhos e na forma como a tinta preta decorava seus dedos. Mas, acima de tudo, estava na maneira como ele me observava. Eu sustentava seu olhar, mas a cada segundo que passava, as apostas se tornavam mais altas. Era como um jogo de roleta russa. A ironia não me passou despercebida enquanto eu olhava para o russo diante de mim.

Minha respiração estava irregular, enquanto suas mãos deslizavam pela minha cintura, meus quadris, passando pela parte externa das minhas coxas. O calor ardia em minhas veias, apertando meus seios

Mas então me lembrei da última vez que o vi e imediatamente todo o calor se dissipou.

Eu não seria o brinquedo de ninguém.

Ele levantou dois dedos e os pressionou contra meus lábios.

— Chupe.

Meu corpo e minha razão lutavam. Eu queria me afogar em uma piscina de luxúria com ele, mas minha razão exigia retribuição. Eu queria que ele sentisse amargura como eu sentira. Cada informação que encontrei sobre Sasha e Wynter Flemming gelou minhas veias e meu coração.

Coloquei seus dedos em minha boca e esperei o momento certo. Seu olhar escureceu e a satisfação preencheu sua expressão. Fiquei olhando para seu belo rosto. O piercing no nariz e a cicatriz fina na parte inferior do lábio faziam com que ele parecesse ainda mais brutal, mas nada disso se comparava àqueles olhos. Os olhos que podiam congelar e derreter gelo, dependendo de seu humor.

Antes que eu caísse em seu feitiço, mordi seus dedos com toda a minha força.

— Mas que porra...

Peguei a faca que sempre trazia comigo e apontei para seu pescoço. Do jeito que ele me ensinou. Seu olhar ficou surpreso e, em seguida, seus olhos se estreitaram.

— Vejam só, — eu disse. — O aluno dominou o professor.

Ele não parecia chateado. Pelo contrário, parecia impressionado.

— Você vai me esfaquear, kotyonok? — Pressionando a lâmina contra sua pele, cutuquei e observei o sangue escorrer por sua pele marcada. — Garotinhas não devem brincar com facas, — ele disse.

Um sorriso viscoso apareceu em meu rosto. — Ainda bem que não sou uma garotinha.

Ele não parecia nem um pouco assustado. Seu erro.

— Você vai me matar, kotyonok? — ele ponderou. — É melhor não demorar, porque vou levá-la para casa.

Eu não poderia esfaqueá-lo no coração. Nem cortar sua garganta. Algo sobre machucá-lo não me agradava, mas ele também não estaria me dizendo o que fazer.

Então, dei-lhe um chute nas bolas com toda a minha força. Ele se curvou e eu passei por ele, saindo correndo pela porta.

Capítulo 21

SASHA

Minha pequena kotyonok cresceu.

Apesar da dor em minha virilha, não pude deixar de me sentir orgulhoso. Eu tinha que deixar a mansão de Alessio ou corria o risco de ser pego. A vigilância já havia sido eliminada, então a única pessoa que saberia que eu estava lá era Branka.

Minha pequena mulher selvagem.

Se ela achava que aquele pequeno desempenho me dissuadiria de ir atrás dela, ela teria uma surpresa. Se não fosse isso, eu a queria ainda mais. Ela se casaria comigo, e não com um idiota covarde.

Blyad! Foda-se!

Eu tinha que colocar minha mão nesse nome para poder eliminar o cara.

De volta ao hotel, estudei o corte em meu pescoço feito pela lâmina de Branka. Eu ainda não conseguia acreditar em minha pequena selvagem. Meus lábios se curvaram em um sorriso, apesar da dor em minhas bolas. Provavelmente era uma vingança por eu ter morrido de rir quando soube que Sailor deu um chute nas bolas de Raphael. Foi o ponto alto de seu casamento.

A porta do meu quarto de hotel se abriu e Vasili entrou como um gigante.

— Claro que sim, entre, — resmunguei. — Me veja nu. É uma visão gloriosa.

— Duvido, — respondeu ele secamente.

Seus olhos pálidos se voltaram para mim. Para sua sorte, eu não estava nu. Mas, ainda assim, ele deveria aprender algumas regras de privacidade. Não entrar em um quarto de hotel sem ser convidado. Eu poderia ter Branka aqui em minha cama comigo. Se Vasili a visse nua, eu teria que matá-lo.

— Vamos jantar com Alessio, Luciano e alguns outros homens amanhã. Alessio está trazendo seu futuro cunhado.

Mas. Que. Porra!

— Está se movendo rápido, não está? — Respondi com frieza. Haveria um casamento por cima de meu cadáver. — Quem é o noivo sortudo?

Porra, quase morri ao dizer essa palavra.

Vasili deu de ombros. — Não sei.

Meu maldito irmão só se importava com seu próprio casamento.

— Ok, quando será o casamento?

Ele deu de ombros novamente e uma névoa vermelha furiosa cobriu minha visão. Será que todos eram inflexíveis em esconder coisas de mim?

— Você não sabe ou não quer me contar? — Cerrei os dentes com tanta força que achei que quebraria o maxilar.

Vasili me observou em silêncio, enfiando as mãos nos bolsos.

— Não sei, — ele finalmente respondeu. — Embora eu tenha que me perguntar por que você se importa?

Voltei minha atenção para o espelho e desinfetei o corte.

— Sasha. — A voz de Vasili tinha um tom de advertência.

— Por nada, — eu lhe disse. — Mande-me uma mensagem com a hora e o local do jantar de amanhã.

Porque eu tinha um noivo em potencial para matar.

Esse maldito jantar foi um tédio.

E Branka e seu maldito homem ainda não tinham aparecido. Juro por Deus, se eles não aparecessem logo, eu incendiaria esta cidade.

Algo na maneira como Autumn me encarou me disse que Branka poderia ter compartilhado alguma informação com ela. Eu sorri. Isso era um bom sinal, significava que ela estava tão obcecada por mim quanto eu estava por ela.

Autumn continuava a divagar sobre a guerra no Oriente Médio, a distribuição de armas e a salvação do maldito mundo. No momento, tudo o que me importava era colocar minhas mãos em Branka, nada mais. Tentei não ouvi-la, realmente tentei, mas ela não parava de tagarelar.

— Jesus, essa garota é pior do que os abraçadores de árvores, — murmurei. — Ela vai salvar o mundo.

Por que ela não podia simplesmente me dar informações sobre Branka? Que droga.

— Sasha... — avisaram Vasili e Alessio. Mas parece que a melhor amiga de Branka estava brava demais para manter sua fúria sob controle. Que seja! *Vamos lá, mulher de Alessio.*

Ela deu um passo ameaçador em minha direção e eu a observei divertido. Não é de se admirar que Branka gostasse dela.

— Um dia, Sasha Nikolaev, — ela sussurrou, empurrando sua mãozinha contra meu peito, — alguém vai esfaquear esse seu coração negro. E eu vou ter um lugar na primeira fila para assistir a isso. E a porra da pipoca.

Jesus! Esta semana tinha que ser a época das selvagens.

— Ainda estamos falando de distribuição de armas ou de outra coisa? — Luciano resmungou. — Sinto que algo mais está cozinhando.

Eu não podia deixar que eles soubessem o que estava acontecendo. Não até que eu colocasse minhas mãos em minha mulher.

— Bem, sabemos que a Isabella não está cozinhando, — eu disse, mandando um beijo para a minha cunhada, que prontamente me mostrou o dedo do meio.

— Eu realmente gosto da garota, Alessio, — disse Alexei, sem saber o que dizer. É claro que meu irmão gostaria dela. Autumn Corbin tinha fogo e lutava por suas convicções. Assim como sua própria esposa.

— Obrigada, — disse a ele, sorrindo docemente. É claro que ela gostaria de todos os outros homens nesta sala, menos eu. — Sasha, aprenda com seu irmão. Porque você é um grande idiota.

— Onde está seu reforço, Autumn? — Eu disse preguiçosamente. — Ela deixou você, a garota que quer salvar o mundo, sozinha para os lobos comerem?

Seria sensato provocar a melhor amiga da mulher com quem eu me casaria? Não, não era. Mas eu precisava que ela se esquivasse. Que me dissesse onde Branka estava. Ficava furioso só de pensar nela sozinha com outro homem. Meus olhos se voltaram para a entrada. Eu sabia que a porta tocaria quando outro hóspede entrasse, mas não pude evitar.

Autumn olhou de relance para Alessio e depois voltou sua atenção para mim. Não gostei nem um pouco da expressão presunçosa dela. Quando ela deu um passo à frente, eu sabia que não gostaria das próximas palavras que saíam de sua boca.

— Na verdade, Branka e seu *namorado* estão passando um tempo sozinhos, — disse ela em voz baixa. Foi minha vez de olhar para ela. Branka e seu namorado não passariam muito tempo sozinhos, se eu pudesse evitar. — Eles estão se *conhecendo*, — acrescentou ela com doçura.

Sobre. O meu. Cadáver. Porra.

Branka não podia se relacionar com ninguém.

Sem dizer mais nada a ela ou a qualquer outra pessoa do grupo, saí furioso do restaurante.

Capítulo 22

BRANKA

Observei Killian acender um cigarro, com o brilho vermelho furioso olhando para mim.

Inicialmente, achei que seria uma boa ideia tirarmos um tempo e jantarmos sozinhos. Assim, poderíamos nos conhecer melhor. Agora eu não tinha tanta certeza.

Nós trocamos mensagens de texto no último mês, mais ou menos. Isso era mais fácil do que isso. O silêncio constrangedor não existia nas mensagens de texto. Pessoalmente, nem tanto.

— Então, o que faz um blogueiro social? — Killian perguntou casualmente.

— O que faz um mafioso irlandês? — retruquei e seus lábios se contraíram. Ele não responderia, eu sabia que não responderia, mas não pude resistir.

Killian Brennan era um homem de poucas palavras. Eu gostava dele, realmente gostava. Mas não pude deixar de notar como ele me observava como se eu fosse uma donzela em perigo. Ao contrário de outro par de olhos azuis claros que me observavam... bem, de forma diferente.

— Você já decidiu a data do casamento? — perguntou Killian. Na verdade, eu nem tinha pensado nisso. Eu estava me arrastando com toda essa charada.

Pelo menos ele era simpático. Tudo nele gritava riqueza e seu sex appeal era tão potente que eu podia sentir o gosto. Assim como todas as mulheres do restaurante, porque todas estavam olhando para ele.

Ele era bonito, mas muito diferente de Sasha. Killian era mais jovem, mas não menos letal. Cabelos grossos, escuros e ondulados. Maços do rosto esculpidas. Seus olhos azuis escuros sussurravam a escuridão e os pecados que a maioria dos homens do submundo possuía.

— Não quero um casamento no inverno, — respondi.

Ele acenou com a cabeça. — Verão, então?

— Claro. — Alisei minha mão sobre a toalha de mesa para esconder o quanto a ideia de me casar com ele me perturbava. — Você não me parece um fumante, — comentei sem motivo aparente. Não queria que outro período de silêncio se tornasse muito pesado.

Seus olhos azuis encontraram os meus. Contra seu cabelo escuro, eles eram impressionantes. O tom errado de azul, mas não menos devastador do que o outro conjunto. Parecia que a cor azul seria para sempre comparada aos olhos azuis pálidos de um certo mafioso psicótico.

Ele soltou uma baforada de fumaça.

— Isso a incomoda? — Ele apagou o cigarro antes que eu pudesse responder.

— Meu irmão fuma às vezes. — Isso era tão estúpido. Nenhum homem me irritava como Sasha Nikolaev. Killian não estava me deixando nervosa, mas eu não conseguia diminuir o ritmo do meu coração. — Isso não me incomoda.

Ele assentiu com a cabeça, mas não acendeu outro cigarro. Na verdade, eu não gostava muito do cheiro de fumaça. Eu entendia porque Alessio fumava. Ele só fazia isso quando estava preocupado com alguma coisa. Geralmente comigo. E agora com Autumn.

Limpei minha garganta, procurando desesperadamente por outro assunto. — Você fuma muito?

Antes de concordar em me casar com ele, pesquisei sobre Killian. Seu hábito de fumar não foi mencionado. Não que isso fosse um obstáculo.

— Na verdade, não.

Suspirei e peguei meu garfo, depois continuei a empurrar a comida em meu prato. Eu não estava com fome, mas pelo menos estava fazendo alguma coisa em vez de ficar aqui sentada em silêncio.

— Minha prima está passando por uma merda. — Suas palavras me fizeram olhar nos olhos dele. — Isso está me preocupando.

— Ah. — Então ele era muito parecido com Alessio. — Posso ajudar em alguma coisa? — Eu ofereci.

Ele balançou a cabeça. — Não. Ela só precisa passar pelas Olimpíadas e ficará bem.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Uau, Olimpíadas?

— Sim. Patinação artística. — Seus olhos encontraram os meus. Seu rosto estava relaxado, com uma expressão indecifrável gravada em suas feições perfeitas. De repente, tive a sensação de que Killian era um homem de muitos segredos. — Wynter Flemming é minha prima.

Minha espinha se enrijeceu, mas mantive minha expressão tranquila. Wynter Flemming era prima de Killian? Mas. Que. Porra!

A verificação de antecedentes que obtive sobre Killian aparentemente era uma merda. Um áudio tocou em minha mente. *Seja a pessoa maior. Ela não tem importância.* Mas meu sangue ferveu e eu queria gritar: *Foda-se a pessoa maior. Me dê o número da sua prima. Eu vou matá-la.* Cara, isso ia dar muito certo.

— Oh. — Então, percebendo que eu parecia mais decepcionada do que animada, acrescentei: — Uau.

Ele deu uma risadinha. — Você não parece impressionada.

Forcei um sorriso, embora eu tivesse que me perguntar se ele não teria saído mais azedo do que qualquer outra coisa.

— Não gosto muito de esportes, — admiti. Foi uma afirmação verdadeira, embora não tenha sido exatamente o motivo de minha expressão de desânimo.

— Não tem problema. — Ele endireitou a manga do terno com uma expressão indecifrável no rosto. — Definitivamente, não gosto de patinação artística.

— Vocês são próximos? — perguntei. — Ou ela é mais próxima de sua irmã?

O canto da boca de Killian se contraiu. — Sim, com Wynter e minha irmã Juliette. — Se a expressão dele fosse alguma coisa, ele estava muito próximo a elas. — Elas são problemáticas, as duas, — acrescentou.

Dessa vez, eu também sorri. — Alessio costumava chamar Autumn e eu de encenqueiras.

— Você roubou seus inimigos? — perguntou ele. Balancei a cabeça. — Bem, aquelas duas roubaram.

Ah, tudo bem. Autumn e eu precisávamos melhorar nosso jogo.

— Talvez você deva aumentar a mesada delas, — sugeri em tom de brincadeira.

— Para meio milhão por mês? — Quando meus olhos se arregalaram, ele explicou, — Elas roubaram três lugares em cerca de um mês.

Meu celular tocou e eu o tirei da bolsa. Era uma mensagem de Autumn. Abri o celular e li a mensagem.

Sasha acabou de sair furioso.

— Está tudo bem? — perguntou Killian.

Encontrei seu olhar azul e penetrante. — Sim, apenas uma mensagem da Autumn perguntando se ainda estamos indo. — Sorri, na esperança de esconder minha mentira por trás do sorriso. — Ela está ansiosa para conhecê-lo.

Um meio sorriso tocou a boca de Killian. Se ele era bonito quando estava falando sério, era absolutamente lindo quando sorria.

Ele se levantou e estendeu a mão.

— Então, o que estamos esperando?

Capítulo 23

SASHA

Sentei-me no meu quarto de hotel com um cigarro apagado na mão.

Meu corpo inteiro vibrava com a necessidade de lutar, matar ou simplesmente bater em algum pobre coitado e extravasar essa frustração. Eu era um dos melhores assassinos deste maldito planeta e não conseguia encontrar uma mulher na mesma cidade.

Meus músculos se contraíram, revoltados com as imagens que passavam em minha mente. Eu já havia decidido que mataria o filho da puta que a tivesse tocado.

Eu odiava que as pessoas tocassem no que era meu. E a ideia de outro homem ou mulher ouvindo os gemidos de Branka era suficiente para me deixar furioso.

Um tipo de raiva visceral e violenta.

Foda-se Vasili e a promessa que ele me arrancou. Eu deveria ter matado o pai de Branka anos atrás e tê-la tomado para mim. Quem em sã consciência poderia me impedir? Ninguém, porra!

Suas unhas pertenciam à minha pele. Seus gemidos pertenciam a mim. E sua boceta definitivamente pertencia a mim. Sim, a garota não sabia disso. Mas ela saberia. Muito em breve. A necessidade de tê-la se alastrou

dentro de mim, quente e implacável. Provavelmente era a consequência de uma abstinência tão longa.

Onde ela estava? Ele a estava tocando? Ela estava gemendo o nome dele?

Só isso foi suficiente para quebrar meu controle e transformar meu sangue em fogo. Seus gemidos suaves, conforme eu me lembrava deles, eram repetidos em minha mente. A raiva era tão forte que roubou meu fôlego. Eu havia perdido o controle. Levantei-me e mandei a mesa de centro voando pelo quarto. Ela se espatifou na janela e desapareceu de minha vista. O som do vidro quebrando mal era audível em meio ao zumbido em meu ouvido. A cama veio em seguida. Depois, o sofá.

— Que porra está acontecendo aqui? — A voz de Vasili penetrou na névoa vermelha que sufocava meu cérebro.

Seus olhos percorreram o cômodo e, agora que a sanidade voltou, segui seu olhar. Eu havia destruído todos os móveis do quarto. O pequeno frigobar estava quebrado, o vidro espalhado pelo chão e o cheiro de álcool enchendo o quarto.

— Estou redecorando, — respondi com uma voz calma.

Ele me lançou um olhar incrédulo e depois voltou sua atenção para o quarto destruído. — Você está decorando a porra de um quarto de hotel?

— Precisava de melhorias, — eu disse a ele calmamente, em pé no meio de um quarto que parecia ter passado por um projeto de demolição.

— Eu recomendaria não largar seu emprego, — disse ele secamente. — Suas habilidades de decoração são péssimas.

Eu lhe dei um olhar de reprovação, dei meia volta e fui embora.

A mão de meu irmão envolveu meu antebraço. — Que porra está acontecendo com você?

— Nada.

Seus olhos percorreram o quarto.

— É, não parece nada, — murmurou sarcasticamente. — Sobre o que você e Autumn conversaram no restaurante? — ele exigiu saber.

— Tempo ruim no Canadá. — Sua veia pulsou, sua raiva aumentou, e eu sustentei seu olhar. Sinceramente, eu não me importaria de lutar com ele agora. Isso me daria um pouco de alívio.

— Maldição, Sasha. Diga-me que cumpriu sua promessa e se manteve longe da irmã de Alessio.

Um suspiro sardônico saiu de mim. Foi essa promessa estúpida que me fez perder o maldito controle da situação.

— Eu mantive a promessa estúpida, pirralho. — Irmão.

— Que porra está acontecendo entre você e a mulher de Alessio?
— Ele me estudou, com uma expressão exasperada. — Diga-me que você não tem tesão pela mulher de Alessio. Isso não vai dar certo.

Eu zombei. Ele entendeu tudo errado. Eles sempre entendiam tudo errado. Embora algo na maneira como Vasili me observava me dissesse que ele estava me observando.

— Não há nada entre mim e a mulher de Alessio.

Somente sua irmã.

Capítulo 24

BRANKA

Eu infringi pelo menos cinco leis de trânsito.

As câmeras piscaram capturando o número da placa e eu sorri. Era o carro do meu irmão, então eu não pagaria a multa.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? — Perguntei a Autumn pela décima vez desde que a peguei. — Parece muito perigoso e imprudente.

— Sim, — ela garantiu. — Vou entrar e sair.

Meu olhar se dirigiu a ela, seco e sarcástico. — Famosas últimas palavras. — Ela apenas revirou os olhos enquanto vasculhava suas coisas, provavelmente procurando seu passaporte. — Então, voltando ao seu comentário sobre gostar de coisas duras.

Quando Autumn me ligou pedindo uma carona para o aeroporto, ela casualmente deixou escapar uma ideia. Que talvez o comentário de Sasha sobre eu não estar pronta tivesse algo a ver com suas preferências sexuais.

As bochechas de Autumn ficaram coradas de vermelho. Deus, eu não queria saber o que ela e meu irmão fizeram na noite passada. Era obviamente inadequado para ouvidos virgens.

— Acabei de me dar conta de que talvez ele estivesse... você sabe... interessado em coisas duras.

— Como BDSM? — perguntei com curiosidade.

— Sim, ou coisa pesada, — murmurou ela, ficando ainda mais vermelha.

Cheguei a um sinal vermelho e olhei pela janela pensativa. Ele nunca me deu a entender que gostava de sexo violento e muito menos de BDSM. Bem, exceto que ele bateu na minha bunda na primeira vez que me fez chegar ao orgasmo. Talvez isso tenha sido uma prévia?

Minhas coxas tremeram e o calor brotou em meu estômago, movendo-se cada vez mais para baixo. Isso me fez apertar as coxas para aliviar a dor. Meu Deus, por que meu corpo não reagia assim para Killian? Em vez disso, minha boceta só se preocupava com o maldito Sasha Nikolaev.

— Isso seria problemático, — murmurei mais para mim mesma. O medo de ser amarrada e abusada remontava aos meus piores pesadelos. Havia mais coisas no BDSM do que apenas submissão e ser amarrada, mas minha mente se apagou só de pensar nisso e meu coração disparou.

— Você e Alessio... — Comecei, pois a essa altura eu tinha certeza de que cada centímetro do corpo de Autumn estava corado. Não vermelho, mas marrom, porra. — Na verdade, não importa. Não quero saber.

— Ele não gosta dessas coisas, — ela murmurou rapidamente.

Ele deve estar gostando de alguma coisa, se ela estava ficando tão vermelha. Meu Deus, eu meio que queria saber, mas depois não queria mais. Definitivamente, havia uma coisa chamada informação demais.

— Só quero que você seja feliz, Branka, — disse Autumn, colocando a mão no meu cotovelo. — Killian é gostoso e parece ser legal. Mas não estou vendo você ficar toda empolgada por causa dele.

— Temos um acordo.

— Que se dane o acordo, — ela cuspiu frustrada. — Quero ver esse fogo em seus olhos. Como quando você disse que arrancaria o coração de Sasha. Você tinha um sentimento tão forte por ele a ponto de realmente querer arrancar o coração dele. Não estou vendo essa chama com Killian.

Um suspiro frustrado saiu de mim.

— Conheço Sasha há muito mais tempo, — suspirei. — Além disso, o Alessio ficaria mal visto se eu rompesse o acordo agora.

— Eu amo seu irmão, — disse ela baixinho. — Eu realmente amo. Mas quero que você seja feliz. Que se dane o acordo e todas essas besteiras. É da sua vida que estamos falando.

Sim, era minha vida, mas eu não tinha a intenção de começar uma guerra por um homem que não conseguiu nem cumprir sua promessa.

Capítulo 25

BRANKA

Foi há três semanas que deixei Autumn no aeroporto.

E eu me arrependia disso todos os dias. Toda vez que olhava nos olhos de meu irmão, de meu sobrinho e toda vez que via os pais de Autumn.

Autumn estava presa no Afeganistão. Esperávamos que estivesse viva. Só que, desde a filmagem que a mostrava diante de uma arma e de outra mulher, não ouvimos um pio sequer.

Observei Byron e Royce Ashford saírem do escritório de Alessio com expressões sombrias em seus rostos. Os olhos de Byron se voltaram para mim e fiquei paralisada. A expressão de Byron me fez lembrar de Alessio e, por um momento, fiquei parada, olhando para eles.

Como nunca vi essa semelhança antes? Eu me perguntava.

— Esperem, — gritei para eles, quando estavam saindo pelo saguão da frente.

Colocando Kol no quadril, corri até eles, preocupada que se cansassem de esperar por mim. Eu ainda não conseguia entender por que os poderosos Reis Bilionários⁵ estavam nos ajudando. Eles não precisavam de nós, a menos que Alessio estivesse segurando algo sobre suas cabeças.

⁵ Será uma outra série da autora: The Billionaire Kings.

Byron e Royce me encararam com uma graça letal. A maneira como se comportavam denotava poder e crueldade. Talvez não no nível de Alessio e seus amigos, mas eu não tinha dúvidas de que os reis bilionários estavam acostumados a conseguir o que queriam.

De uma forma ou de outra.

Os dois esperaram, nenhum deles falando, mas com os olhos fixos em mim.

— Por que está nos ajudando? — Eu exigi saber.

Sem resposta.

Kol tentou alcançar Byron e Royce com suas mãos, o pequeno traidor. Os dois homens pegaram uma mão cada, suas mãos grandes surpreendentemente gentis e seus olhos no pequeno Kol. Ele era bom em conquistar corações, assim como sua mãe.

Minha garganta se apertou e meu coração doeu. Eu precisava que Autumn voltasse em segurança. Pelo meu irmão. Por mim.

— Você se parece muito com meu irmão, — falei baixinho. Os olhos de Byron pousaram em mim. Ele era parecido com meu irmão, mas seus olhos eram de uma cor diferente. Meu olhar se voltou para Royce. Ele tinha olhos escuros, mas a semelhança estava lá. — Por quê isso? — Eu exigi saber.

Os olhos frios de Byron me examinaram, provavelmente vendo demais.

— Isso é algo sobre o qual terá de conversar com Alessio, Srta. Russo, — disse ele. Os nós dos dedos de Byron passaram suavemente sobre as bochechas rechonchudas de Kol. — Vejo você mais tarde, Kol.

E, sem mais nem menos, os dois foram embora.

Homens!

Dei meia-volta e, com passos apressados, dirigi-me ao escritório de Alessio. Ele não havia pisado em sua cobertura no centro de Montreal. Ele a considerava a casa dele e de Autumn. Provavelmente havia muitas lembranças lá para que ele pudesse lidar com isso.

Encontrei meu irmão sentado atrás de sua escrivaninha, com os cotovelos apoiados na madeira, a testa pressionada contra as mãos e os dedos agarrados aos cabelos. Meu coração se apertou e as lágrimas queimaram no fundo dos meus olhos.

Alessio merecia Autumn. Ele merecia amor e felicidade em sua vida. Ele merecia uma família completa.

— Irmão, — eu disse, com a voz carregada de emoções. Ele levantou a cabeça, com um cansaço pesado por trás dos olhos.

— Papai, — balbuciou Kol, alcançando-o. O amor nos olhos de Alessio ardia forte por seu filho. Ele protegeria seu filho a custo de sua própria vida. O olhar volátil em seus olhos prometia retribuição a qualquer um que ousasse pensar em ferir seu filho ou sua mulher.

E uma sensação desconhecida se insinuou em meu peito. *Saudade*. A necessidade de ser amada.

Alessio se recostou em sua cadeira e eu levei Kol para sentar-se com seu pai. Ele o pegou e o sentou em seu colo, pegando a gaveta e tirando os lápis de cor. Ele tinha coisas prontas para Kol em todos os cômodos. Ele seria um bom pai. Ele *era* um bom pai.

— Papai, — sorriu Kol, pegando o papel e depois o giz de cera. — Eu desenho aviões.

Alessio sorriu. — Sim, amigo. Desenhe aviões para mim. Grandes.

Com a atenção de Kol no desenho, os olhos de Alessio voltaram para mim. — Você está bem, Branka?

Assenti com a cabeça, envolvendo meus dedos em torno do pulso que latejava. As cicatrizes físicas foram curadas, mas eu ainda me lembrava da dor do pulso quebrado.

Inspire. Expire.

Eu me abaixei na cadeira em frente à sua mesa.

— Sim. E você?

Era uma pergunta estúpida. Eu percebia que ele não estava bem. Mas eu não sabia o que dizer, o que fazer. Eu me sentia impotente.

— Só preciso encontrar uma maneira de trazê-la para casa, — murmurou ele.

Concordei com o sentimento de todo o coração.

— Gostaria de não tê-la levado ao aeroporto, — disse a ele com um suspiro pesado.

Ele pegou um giz de cera e acrescentou algo ao desenho de Kol.
— E eu gostaria de não ter saído naquela manhã. A culpa não é sua. Se você não tivesse feito isso, ela teria pegado um táxi.

Ele estava certo, Autumn teria encontrado outro caminho para o aeroporto, mas talvez ela tivesse se atrasado. Eram tantos malditos ses que minha cabeça estava girando.

Meu olhar encontrou o do meu irmão.

— Alessio, por que os irmãos Ashford estão ajudando? — Eu disse, sem conseguir me conter. O silêncio se seguiu, mas no fundo eu sabia a resposta.

Ele se recostou em seu assento, puxando e afrouxando a gravata. Nossos olhares se cruzaram e pude ver a resposta em seus olhos. A evidência me encarou, com suas feições tão semelhantes às de seus irmãos.

— Eles são seus irmãos, — afirmei com calma, mas o ciúme era um monstro verde e feio que me agarrava e se recusava a me soltar. Eu me sentia como uma menina de dez anos de idade, vendo as duas pessoas que eu mais amava no mundo saírem de fininho no meio da noite, deixando-me para trás.

— Meio-irmãos, — ele me corrigiu, depois estendeu a mão para o outro lado da mesa, pegando minha mão na sua. — Eu deveria ter lhe contado antes.

— Como? — Eu o questionei, com medo de perguntar se tínhamos um pai ou uma mãe em comum. Era estúpido no que minha mente se concentrava quando estava angustiada.

— Minha mãe engravidou do senador Ashford. Um político corrupto, mas ele não é tão ruim quanto nosso pai.

— Não tão ruim quanto meu pai, você quer dizer, — corrija-o com amargura.

Ele apertou minha mão gentilmente. — Ele nos criou, mas não foi um pai. Nem para você. Nem para a Mia. Nem para mim. Ele foi um doador de esperma. Assim como o senador Ashford.

Engoli. Se esse era o caso, por que eu ainda me sentia uma merda?

— Mas pelo menos o doador de esperma que criou você não é um bastardo sádico, — retruquei enquanto uma tensão espessa permeava o ar. Parte de mim tinha inveja do fato de ele ter uma maneira de cortar a conexão com o homem que infernizava nossas vidas. — Eu sou uma Russo e o sangue desse homem corre em minhas veias.

Um olhar cheio de algo veemente e sombrio surgiu em sua expressão.

— Ele não é mais importante, — disse meu irmão. Eu não tinha tanta certeza. Ele deixou uma marca em mim, em meu irmão. Ele quebrou parte de nós. — Ele perdeu, nós ganhamos. Seu legado está morto. Nós vivemos e cada risada sua e de nossa família é mais uma vitória contra ele. — Quando não respondi, ele soltou um suspiro frustrado. — Eu deveria ter levado você comigo naquela noite. Mia, você e eu deveríamos ter ido embora e nunca mais olhar para trás.

Minha garganta ficou apertada. — Mas não fizemos isso. — *Você me deixou.*

Não era justo colocar a culpa nele. Meu cérebro sabia disso. Meu coração sabia disso.

— Eu fiz besteira, — ele disse. — Mas esta é a nossa chance de seguir em frente. O sobrenome Russo acabou com aquele desgraçado a dois metros de profundidade. Seu sobrenome será Brennan. Porra, talvez eu fique com o sobrenome de Autumn, se ela me aceitar.

— Ela vai aceitar você, — eu disse a ele com confiança, enquanto uma onda de calor intenso tremulava em meu peito.

— Há quanto tempo você sabe, Alessio? — Eu lhe perguntei. — Sobre os Ashfords.

— Por um tempo, — ele admitiu. — Algumas décadas.

— Jesus Cristo, — murmurei. — E você nunca pensou em me contar?

— Isso realmente não importava, — ele argumentou. — No que me dizia respeito, não tínhamos um pai. Éramos apenas você, Mia e eu.

— E agora?

Seus olhos baixaram para Kol, depois voltaram para mim. — E agora tudo o que me importa é a *nossa* família. Você, Autumn e Kol.

— Papai, pinte, — insistiu Kol, e Alessio começou a colorir novamente. Eu os observava juntos com orgulho. Alessio nunca teve um pai em quem se espelhar, mas ele era natural. Atencioso. Protetor. Amoroso.

Ele sempre foi protetor, mais como um pai para Mia e para mim do que nossos próprios pais.

— Como os Ashfords se encaixam nisso?

Ele levantou a cabeça, sem parar de colorir. — Eles querem ajudar.

Esperei e, quando ele não disse nada, perguntei, — E?

— E talvez eu possa usar as conexões do senador Ashford para entrar no Afeganistão.

Endireitando-me em meu assento.

— O que está esperando? — Eu deixei escapar. — Faça disso o pagamento dele por não ter estado aqui para você quando deveria ter estado, — eu disse a ele. — Ele *deve* isso a você.

— Quando estivermos conectados a ele, o mundo estará nos observando. Seu casamento pode se tornar um circo.

— O seu também pode, — lembrei-o. Eu conhecia meu irmão e não havia a menor chance de ele se contentar com nada menos do que uma aliança no dedo de Autumn. — Esqueça o circo e as repercussões de estar ligado a um senador. Apenas faça o que for necessário para recuperá-la.

Alessio assentiu com a cabeça, com uma expressão séria no rosto.

— Ele tem um evento em D.C. em alguns dias, e eu irei vê-lo.

— Mas... — insisti. Eu o conhecia o suficiente para saber que havia mais do que isso.

— Odeio a ideia de estar em dívida com ele ou de precisar dele, — admitiu. — Mas, por ela, eu me ajoelharia e imploraria. Não dou a mínima. Desde que possamos trazê-la para casa.

O olhar volátil e vulnerável em seus olhos quase me deixou arrasada.

E, de repente, temi o que estava reservado para nossa família se Autumn não conseguisse voltar para casa.

Capítulo 26

SASHA

— Killian Brennan.

Tatiana disse o nome como se não fosse nada. Como se estivesse discutindo planos para o jantar.

Meu rugido percorreu minha casa em Nova Orleans, perseguindo todos os malditos fantasmas, bruxas, qualquer coisa que fosse, para fora do maldito estado. A fúria queimava como um filho da puta, pronta para reduzir todo o French Quarter a cinzas.

Matar Killian pode causar uma pequena guerra. Ok, talvez não seja pequena. Mas não importa. Nada com que eu não pudesse lidar.

A agitação saiu de meus ombros. Fazia mais de um mês desde a última vez que vi Branka em Montreal. Eu ainda podia sentir seu cheiro, sentir sua pele macia sob minhas palmas e ouvir seus gemidos. Todos esses malditos anos e eu ainda podia sentir o gosto dela. Soltei um suspiro sardônico, odiando aquela maldita promessa que me mantinha longe de Branka.

Que merda!

Eu deveria matar Brennan por ousar olhar para a minha mulher e depois matar meu irmão por interferir em meus assuntos.

Mas Branka não estava pronta para mim há sete anos. Nem mesmo há quatro anos.

Eu a estava observando há anos, perseguindo-a e aguardando meu momento. Esperei que ela estivesse pronta. Ela estava pronta, porra. Para mim. Para nós. Eu sabia mais sobre ela do que sobre minha própria família e amigos.

— Então você vai matá-lo? — Tatiana perguntou casualmente, bebendo o veneno de sua escolha e vestindo calças de moletom. Jesus Cristo. Ela nunca usava calça de moletom e, pelo que parecia, era uma calça de moletom Hanes masculina. Minha irmãzinha estava se afundando cada vez mais na depressão.

A garota que nunca usava leggings se viu usando calças de moletom.

Fiquei de olho nela e não havia sinais de que ela quisesse acabar com tudo. Ela procurou e buscou os culpados pela morte de Adrian. Meus irmãos e eu não desistimos exatamente, mas continuamos encontrando obstáculos. Tatiana se recusou a deixar que esses obstáculos a impedissem.

Aparentemente, ela usaria uma britadeira para passar por eles. Talvez esse fosse o motivo da calça de moletom.

— *Sestra*⁶, você não pode continuar assim, — eu disse a ela, chamando minha irmã em russo. — Você está matando seu fígado.

Ela acenou com a mão. — Os fígados podem ser reparados.

Balancei a cabeça. — Seu coração também pode, — argumentei.

⁶ Irmãzinha

Seus olhos se voltaram para mim, uma janela para sua dor me encarando.

— Então por que está perseguindo a garota Russo?

Meu Deus, ela podia ser irritante quando estava bêbada. Mas eu odiava vê-la infeliz.

— Tatiana, você tem que deixá-lo ir, — eu disse a ela, ignorando seu comentário. — Você precisa encontrar uma maneira de seguir em frente. E procurar pistas, beber vodca, — meus olhos baixaram para a calça dela, — e usar calça de moletom não é a maneira de seguir em frente.

Ela fez uma careta, claramente não convencida com meu raciocínio.

— Como se você estivesse procurando maneiras de superar sua obsessão.

Touché, irmãzinha. Eu ficaria orgulhoso de sua resposta, se ela não fosse dirigida a mim. Ela colocou o copo vazio na mesa ao seu lado e esticou as longas pernas.

— O que você sabe sobre o acordo de Branka e Killian? — Em vez disso, perguntei.

— Só que eles vão se casar e Branka se recusou a subir ao altar até que sua amiga estivesse de volta sã e salva. — Tatiana estalou os dedos. — É claro, isso se a amiga dela sair do Afeganistão.

Ela sairia de lá. Eu me certificaria de ajudar. Por Branka. Ela amava sua melhor amiga, e Autumn, junto com sua família, ajudou a

transformar a garotinha danificada na mulher que ela deveria ser. Nenhum dos terapeutas foi capaz de fazer isso.

No entanto, sua amiga era um pouco imprudente com sua necessidade de salvar o mundo. Mas a mulher de Alessio não estava nem aqui nem ali. Eu tinha um problema maior em minhas mãos.

Como matar Brennan e não começar uma maldita guerra. *Talvez eu pudesse culpar a máfia da Córsega.* Era uma ideia divertida. Exceto pelo fato de que Autumn poderia ser pega no fogo cruzado. Certo, esqueça os franceses. Talvez os gregos?

— Sabe, Killian Brennan é praticamente da família, — comentou Tatiana, como se pudesse ler meus pensamentos. Mas ela estava certa. Matar Killian poderia ser um problema, já que a esposa do meu irmão mais novo, Aurora, era irmã da esposa de Liam Brennan.

E ele era o pai do Killian. Padrasto. O que quer que seja.

E por falar em família, nossa reunião de Natal antecipada estava chegando em Portugal. A irmã e o pai de Killian estariam lá. Seria estranho se eu matasse Killian antes da festa? Ou talvez eu devesse deixar isso para a semana seguinte?

Jesus Cristo, por que esse mundo era tão pequeno?

Eu poderia fazer com que parecesse um acidente. Ninguém jamais conseguiria me culpar por isso.

Deixe isso como último recurso, minha mente sussurrou.

Wynter Flemming, minha pequena protegida, gostava muito de seu primo. De todas as malditas pessoas deste mundo, por que diabos Killian

era parente da minha cunhada e do garoto que resgatei? No entanto, se o maldito não se afastasse, eu o esfolaria vivo. E é bom que ele não tenha tocado em Branka; caso contrário, uma maldita guerra seria a menor das preocupações de todos.

Essa era a profundidade da minha queda. Eu estava aqui pensando em assassinato e em começar uma guerra. Por Branka Russo, a mulher que escolheu outra pessoa.

Mas não importava. A gatinha estava com ciúmes. Isso mostrou que ela estava tão envolvida nisso quanto eu.

De qualquer forma, Branka não se casaria com o irlandês.

Enquanto restasse um único fôlego em meu corpo.

Capítulo 27

SASHA

A sala de estar do meu irmão em Lisboa, Portugal, tinha vista para o mar, para a família e para os amigos.

Às vezes, a vista para o mar era preferível. Todos os meus irmãos estavam aqui, com suas famílias. Os Kings. Os Ashfords. E os Brennans. Exceto que o maldito Killian Brennan não estava aqui. Mas sua irmã desequilibrada estava.

Irritante como a merda.

Juliette Brennan cuspiu merda sem pensar em qualquer repercussão. E ela antagonizava todo mundo. Eu desejava que o pai dela a casasse para que alguém pudesse fodê-la até que ficasse em silêncio.

— Gosto da Branka Russo, — disse ela. — Acho que ela vai dar a Killian bastante trabalho. — Wynter sentou-se no chão, rodeada de crianças. Minha suposição é que ela também estava cansada da boca da prima.

Wynter ainda estava lutando. Seu coração estava partido e ela se recusava a falar. Mas ela se recuperaria. Os DiLustros fizeram um estrago nela, e acabariam pagando por isso. Eu cuidaria disso de uma forma ou de outra.

— Aposto que ela não o irrita tanto quanto você, — comentou Ivy, a quarta amiga. O silêncio se seguiu e seus olhos se arregalaram. Afinal, as

palavras escaparam da garota de cabelos vermelhos. — Desculpe-me. Não tenho certeza de onde veio isso.

— Killian disse que Branka tem uma espinha de aço. — Essa pirralha mimada não fazia ideia. Branka era uma sobrevivente. As tragédias de Juliette não tinham nada a ver com as de Branka. — Estou ansiosa para ter outra garota em nosso grupo.

Meu Deus, eu queria sufocá-la para que ela parasse de falar. Não matá-la, apenas fazê-la desmaiar para que a paz viesse em seguida. Cada palavra sobre o irmão dela estava me levando cada vez mais perto do limite.

E começar a fazer merda logo antes do Natal seria falta de etiqueta. Não é?

— Não consigo decidir se você está olhando para a Juliette ou estudando-a, — Aurora comentou, me irritando muito. Eu adorava minha cunhada e, de alguma forma, ela e meu irmão eram perfeitos um para o outro. Mas ela adorava me provocar.

— Nenhum dos dois, — disse a ela friamente. — A garota é tão irritante quanto uma mosca.

Aurora deu um risinho.

— Na verdade, ela me lembra você. — Lancei-lhe um olhar exasperado. Aquela garota e eu não poderíamos ser menos parecidos nem que eu tentasse. — Você não é tão irritante quanto uma mosca. A menos que você queira ser. É a teimosia e a determinação dela. E, claro, sua boca grande.

Balancei a cabeça. — E você é uma especialista em perfis do FBI, — comentei secamente. — Dê o fora daqui.

— Está antagonizando minha esposa? — Alexei apareceu do nada. Não foi nenhuma surpresa. Ele era um perseguidor turbo. Eu era um anjo comparado a ele. Um anjo sombrio, mas um anjo mesmo assim.

— Não, ela está me contrariando, — eu disse, com um tom entediado. — E aquela garota ali. Será que o Liam não pode deixá-la em casa de vez em quando?

Aurora deu uma risadinha. — Acho que deixá-la em casa é o que causa problemas. Essas meninas juntas são capazes de destruir a cidade.

— Sim, alguém deveria casá-las e acabar com isso, — comentei secamente.

Tomei um gole de meu conhaque, olhando de relance para Cassio. Eu me perguntava se ele tinha ouvido mais alguma coisa de Alessio. Este último estava procurando maneiras de entrar no Afeganistão. Ilegalmente, já que o país estava fechado para o mundo.

— Por que você não se casa? — A pergunta de Aurora me fez esquecer de Cassio e Alessio.

— Desculpe-me?

— Por que você não se casa? — repetiu ela.

— Não que seja da sua conta, mas esperei por uma mulher muito específica.

Aurora não se deixou dissuadir pelo meu tom. Qualquer outra pessoa encerraria a conversa. Ela não. Ela não era do tipo que desiste. Afinal, ela procurou pelo irmão por vinte anos.

— Então você a encontrou? — ela perguntou.

— O que faz você pensar que eu a encontrei? — Perguntei-lhe com curiosidade, encostando-me casualmente na lareira.

— Você disse que esperou por uma mulher específica. Se não a tivesse encontrado, diria que ‘está procurando por uma mulher específica’. Estou errada?

Aurora era inteligente demais para seu próprio bem. Não me preocupei em responder-lhe. Ela sabia que tinha razão.

— Ela já está pronta? — ela exigiu saber. Deus, a família podia ser tão chata. Quando não respondi, ela continuou: — Ouvi dizer que você começou a trabalhar com decoração.

Olhei de relance para Vasili. Ele e sua boca grande. Ou foi a esposa dele que me denunciou?

— Gostaria que eu redecorasse sua sala de estar? — Eu disse preguiçosamente. — Posso começar agora.

Ela jogou a cabeça para trás e riu tão alto que acordou o pequeno Kostya. Todos olharam em nossa direção, curiosos para saber o que era tão engraçado.

Alexei deu cinco passos até ao cercadinho e levantou o menino.

— O que há de tão engraçado aí? — Isabella, a esposa de Vasili, exigiu saber.

— Sasha se ofereceu para redecorar nossa sala de estar hoje, — respondeu Alexei com sua voz suave.

— Oh. — Os olhos escuros de Isabella encontraram os meus. — Não sei se hoje é um bom dia, Sasha.

— Ou nunca! — Vasili acrescentou. — Não desista de seu trabalho diário.

O telefone de Juliette tocou e ela exclamou, sorrindo de orelha a orelha. — Killian manda lembranças. Ele e Branka estão passando o Natal juntos, com os Corbins e Alessio.

Uma fúria fria percorreu minha espinha, mas eu a escondi. Alisei uma ruga inexistente em meu terno. — O Natal em Nova York é um espetáculo para se ver.

— Ah, eles não estão em Nova York, — respondeu Juliette. — Eles estão congelando as bolas no Canadá.

Então, eu também estaria congelando minhas bolas.

Fiel ao meu plano, era véspera de Natal e eu estava congelando minhas bolas em Montreal.

Pelo amor de Deus.

Nesse ritmo, eu estaria vendo mais a casa de Alessio do que a minha própria. Talvez eu devesse me oferecer para comprá-la. Embora, considerando que a mulher dele estava presa no Afeganistão, provavelmente não era uma boa hora.

Eu esperava que ela já estivesse em casa. Pelo bem de Branka e de seu irmão. Eu ainda tinha alguns amigos de meus dias de militar, mas entrar naquele país agora era definitivamente proibido.

Que merda!

Eu esperava que a mulher ainda estivesse viva. É bom que esteja. Eu não queria ver o coração de Branka despedaçado.

Do telhado da casa de hóspedes próxima, montei meu equipamento e fiquei atento a qualquer movimento através da luneta. Primeiro, o quarto de Branka.

Graças a Deus, estava vazio. Depois, a sala de estar. O quarto de Alessio. O quarto do garoto. Estava tudo vazio.

— Será que aquela pirralha... — Então me dei conta. Eles provavelmente estavam na residência dos Corbin.

Mas eu ainda não havia me mexido. Fiquei sentado, olhando através das lentes do meu rifle e, aos poucos, um plano começou a ser formulado em minha mente.

Eu tinha uma dívida a receber.

E minha kotyonok tinha até seu casamento para escolher sabiamente.

Se ela não o fizesse, eu o faria por ela.

Capítulo 28

SASHA

Gritos rasgaram meus sonhos, acordando-me.

Levantei-me da cama. Meus olhos se moviam para a esquerda e para a direita, desorientados. Minha respiração turvou o ar. Nossa casa na Rússia era sempre fria - não importava quantas lareiras estivessem acesas.

Não havia ninguém aqui.

Talvez eu tenha sonhado com isso.

Mas, mesmo assim, não me mexi. Vasili disse que tínhamos de estar em alerta. Havia pessoas que queriam nos matar, e sempre tínhamos que estar preparados. Eu escutei.

Colisão.

Vidro quebrando no mármore. Parecia que muitos e muitos pratos estavam se chocando contra o chão.

— Eu o odeio. — A voz da mãe estava histérica.

Levantei-me e corri para a porta. Alguém devia estar atacando se mamãe estava gritando. Saí do meu quarto e encontrei minha mãe andando para cima e para baixo no corredor, com os cabelos emaranhados, os olhos selvagens e a pequena Tatiana em seus braços, gritando a plenos pulmões.

E o tempo todo ela continuava murmurando. — Ele não me ama. Eu nunca serei suficiente. Ele não me ama. Eu nunca serei o suficiente.

Eu não entendia suas palavras nem de quem ela estava falando.

— Mamãe, — gritei.

Ela parou de andar e seus olhos selvagens se voltaram para mim. Ela tinha cabelos loiros. Assim como Vasili e eu. Assim como meu pai. Mas sua tonalidade era diferente da nossa.

— Sasha, volte para o seu quarto. — Permaneci em meu lugar. Seus olhos se voltaram para mim, com algo de perturbador neles. Ódio. Nojo. Raiva. Sem amor. — Você olha para mim com os olhos do seu pai. Eu posso vê-lo em você.

Pisquei os olhos, sem saber se isso era bom ou ruim. Eu não gostava de irritar mamãe, mas às vezes isso acontecia, quer eu dissesse algo ou não. Isso acontecia mais comigo do que com Vasili. Talvez porque houve um período em que havia felicidade quando eram apenas os três.

Vasili disse que não tinha nada a ver com isso, mas eu não conseguia entender o que mais poderia ser.

— Onde está o papai? — Eu exigi saber.

— Você está sempre falando do papai. Ele não o ama, — ela riu, mexendo o bebê com força entre as mãos. — Ele não me ama. Eu não amo você. E assim por diante.

Algo pontiagudo atravessou meu coração. Esfreguei meu peito. Mas não chorei. Eu era um menino grande agora.

A mamãe colocou o bebê em seu outro braço. Meu coraçãozinho temeu. Eu sabia que os bebês eram fáceis de machucar. Eu não queria que minha irmãzinha se machucasse. Eu queria protegê-la. Vasili e eu a protegeríamos - de todos.

— Onde está o papai? — repeti, ignorando a dor em meu peito.

— Ele está perseguindo sua putinha e o bastardo dela, — ela sibilou. Eu não sabia o que isso significava, então fiquei ali parado e olhei para minha mãe. — Não importa o que eu faça ou lhe dê, ele persegue sua prostituta.

— O pai é bom, — eu disse, olhando para ela.

Seus lábios se curvaram em desgosto. — Você é exatamente como ele. Sem valor.

Minhas sobrancelhas se franzem. Meu pai não era inútil. Ele estava ocupado cuidando de muitos homens sob seu comando. Para garantir que todos eles tivessem comida na mesa e um teto sobre suas cabeças. Foi isso que Vasili me explicou.

Ela balançou a cabeça. — Você trouxe uma maldição para nossa família, Sasha. Você não era suficiente. Ele encontrou outra mulher porque eu estava ocupada com seu choro e suas lamentações constantes. — Ela baixou o olhar para Tatiana. — Assim como esse bebê. Sempre chorando. Sempre se lamentando. — Seus olhos voltaram para mim e o ódio neles era como um soco no estômago. Sem perceber, dei um passo para trás como se ela tivesse me batido. — Você é mal-amado. Nenhuma mulher o amará. Assim como seu pai. Mal-amado.

— Mas você o ama, — ressalttei em voz baixa.

— Não é o suficiente, — murmurou mamãe ao começar a andar novamente. — Nunca é o suficiente. Ele não me ama. Eu nunca serei suficiente. Você não pode fazer com que alguém seja seu.

Mamãe ficava dando voltas e voltas, murmurando para si mesma. E, durante todo esse tempo, Tatiana continuava gritando. Ela estava ficando vermelha e eu temia que sua cabeça explodisse.

De repente, mamãe parou e levantou o bebê como se estivesse se preparando para jogá-lo no ar. Meus pulmões se contraíram. Minha cabeça latejava. Meus olhos ardiam.

— Mamãe! — Eu gemia, com medo de que qualquer coisa a deixasse furiosa. Ultimamente, isso tem se tornado mais frequente.

Com minha irmãzinha ainda no alto da cabeça de mamãe, gritos agudos enchendo o ar, os olhos de mamãe baixaram para mim.

— Me dê a Tatiana, — eu disse. — Eu a alimentarei com a mamadeira.

Os olhos de mamãe encontraram os meus e mantiveram meu olhar. Rezei para que ela estivesse vendo Vasili agora, não a mim. Éramos bastante parecidos fisicamente.

Ela me odiava. Ela amava Vasili.

Um batimento cardíaco. Outro. Então ela finalmente baixou os braços. Prendi a respiração, com a pulsação zumbindo em meus ouvidos. Estendi minhas mãos lentamente. Ela havia nascido há apenas algumas semanas. Eu não era tão bom quanto Vasili para segurar uma recém-nascida.

No momento em que o corpinho quente e agasalhado de Tatiana veio até mim, eu a peguei e a abracei com o coração. Ela ainda estava chorando, mas não tão alto como segundos atrás.

— Eu nunca serei boa o suficiente, — murmurou mamãe. Eu não entendia nada do que ela estava dizendo. Não importava se ela falava em russo ou inglês. Ela divagava como uma lunática. — Assim como você nunca foi o suficiente.

Seus olhos encontraram os meus, seu rosto se contorceu de raiva. Eu me preparei, protegendo o bebê em meus braços. Ela começou a andar, mas, em vez de vir até mim, passou por mim. Foi então que percebi a direção.

A varanda.

Eu a segui, com o medo frio tomando conta de meu coração.

— Mamãe? — Não houve resposta. Ela abriu as portas, e o ar frio do inverno imediatamente empurrou o frio para dentro de nossa casa. — Mamãe? — Tentei novamente.

Ela olhou por cima do ombro. O olhar perdido e enlouquecido em seus olhos. — Eu vou pular, Sasha.

— Não, mamãe, — eu disse em voz baixa. — Não, por favor.

Ela cacarejava, enlouquecida, com os cabelos soltos ao vento. No ano passado, ela o pintou de castanho, mas quando papai não gostou, ela o mudou de novo. A cor não era a mesma de antes. Estava mais opaca. Mais ou menos como seus olhos.

— Por favor, mamãe. Fique, — estendi a mão com uma das mãos, enquanto ainda segurava Tatiana com a outra. — Fique por mim. Eu vou me comportar bem.

— Você nunca será bom o suficiente. Não para mim. Nem para seu pai. Para ninguém. Ninguém vai ficar para você. É melhor se acostumar com isso agora, Sasha.

Ela deu um passo à frente e seu corpo voou pelo ar, caindo com um forte baque em nosso pátio.

Gritos e berros enchiam o ar. Minha garganta se apertou.

Mas a única coisa que fiz foi pegar a mamadeira e alimentar Tatiana.

Capítulo 29

BRANKA

O casamento do meu irmão não foi um evento elaborado, mas era difícil não notar o amor no ar.

Não havia duas pessoas no planeta que merecessem mais isso. O fato de Autumn ter ficado presa no Afeganistão fez com que meu irmão quase perdesse a cabeça. Mas ele nunca desistiu. Ele a resgatou, com a ajuda de seu meio-irmão e de Sasha. De todas as pessoas, Sasha Nikolaev ajudou a salvar minha melhor amiga. Portanto, eu gravar minhas iniciais em seu coração estava fora de questão.

Sentei-me com Killian enquanto os noivos recitavam seus votos, com a brisa suave que varria o jardim. As palavras eram quase inaudíveis, como se Alessio e Autumn tivessem se esquecido do mundo que os cercava. Eram apenas os dois, fazendo promessas um ao outro. Eles também as cumpririam.

Eu conhecia minha melhor amiga. Conhecia meu irmão ainda melhor.

Embora eu desejasse que eles tivessem se casado mais perto de casa. Kyoto, em maio, era um espetáculo e tanto. O Japão em geral era magnífico, mas eu ainda lutava contra o jetlag e o cansaço. E ainda havia a

questão dos olhos azuis pálidos que queimavam um buraco em minhas costas. Eu não precisava me virar para saber a quem eles pertenciam.

Sasha Nikolaev.

Eu esperava que a família Nikolaev não fosse convidada. Ela disse que seria um casamento pequeno. Não havia nada de pequeno naquela família. E Autumn não podia se esquecer de que Sasha entrou em ação para ajudá-la a sair do Afeganistão. Mas isso não era nem aqui nem ali. Minhas sobrancelhas se franziram. A única pessoa da família Nikolaev que não estava presente era a irmã, Tatiana Nikolaev. Eu me perguntei por quê. Parecia improvável que eles deixassem algum de seus irmãos para trás.

Suspirei. De qualquer forma, isso não me dizia respeito. Eu já tinha problemas suficientes para resolver.

Meus olhos cintilaram à nossa volta. As montanhas nos cercavam, a suave correnteza do rio cantarolava ao longe e o aroma das flores de cerejeira perfumava o ar.

Quem diabos sabia que Autumn e meu irmão já estavam dormindo juntos naquela época?

Observei minha melhor amiga sorrir para meu irmão mais velho e meu coração se apertou no peito. Ele teve seu felizes para sempre. Ele merecia isso mais do que qualquer outra pessoa que eu já havia conhecido. Acho que nunca o tinha visto tão feliz e isso me deixou feliz.

Virando a cabeça para Killian, eu o observei. Será que algum dia ele me observaria como Alessio observava Autumn? Aquele olhar obsessivo e possessivo que te deixava abalada até aos ossos. Eu sabia a resposta em algum lugar no fundo do meu estômago, mas não conseguia admitir.

Inspirando profundamente, deixei o oxigênio encher meus pulmões e depois expirei lentamente.

Quando eu me casasse com Killian, o nome da família Russo acabaria. Não restaria nada do meu pai. Apenas pó e ossos. No cemitério da antiga mansão Russo.

Eu odiava aquele lugar. Não me magoaria se ele acabasse reduzido a cinzas.

Os votos foram proferidos. Primeiro beijo como marido e mulher. A primeira dança estava em andamento quando encontrei meu caminho para a área isolada ao lado da mesa do bufê, mordiscando um pedaço de caranguejo. Pelo menos eu esperava que fosse caranguejo.

Observei os Ashfords, DiLustros, Nikolaevs e os amigos do meu irmão. Se havia algo como uma aliança estranha, era essa.

Mas havia uma coisa que todos eles tinham em comum. O desejo de proteger a família a todo custo.

Quando se tratava de suas famílias, eles praticavam a brutalidade, a corrupção e a tortura. Meus pais não faziam isso. Minha mãe era muito arruinada e meu pai muito cruel.

Meus olhos percorreram a multidão e não pude deixar de dar uma olhada furtiva em Wynter Flemming. Bem, Wynter DiLustro agora.

Relutantemente, tive que admitir que ela era linda. Seu marido, Basilio DiLustro, parecia não conseguir tirar as mãos dela. Isso me fez lembrar de Nico Morrelli e sua esposa. Malditos casais cheios de tesão. Sasha estava com Basilio, os dois discutindo algo bem acalorado.

Como se pudessem sentir meus olhos sobre eles, ambos se viraram para me olhar. Eu me virei rapidamente, dando-lhes as costas. Eu só queria passar por esse casamento sem nenhum contratempo. Assim, eu nunca mais teria de ver Sasha novamente.

— Você está bem? — A voz de Killian veio de trás.

Inspirando profundamente pelo nariz e depois expirando pela boca, alisei meu vestido vermelho de sereia com um V profundo nas costas. Ele se moldava perfeitamente à minha pele, mostrando minhas curvas. Não que eu me importasse em exibi-las. Pela primeira vez em toda a minha vida, desejei usar uma calça jeans e um moletom de alguns tamanhos a mais. Eu queria me esconder, em vez de ser vista.

Tudo por causa de um demônio de olhos azuis pálidos.

Forçando um sorriso em meus lábios, mudei meu corpo para encarar Killian. — Perfeita, — menti.

Seus olhos azuis-escuros, que às vezes pareciam quase pretos, me examinaram, mas ele não disse nada.

Minha mão envolveu meu pulso, segurando-o com força. A dor latejava naquele pulso, que havia sido quebrado tantas vezes. Mas havia um lembrete naquela dor. Que eu era umA sobrevivente.

— Belo penteado, — elogiou Juliette, a irmã de Killian. — Você vai usá-lo assim no seu casamento?

Meu cabelo estava preso elegantemente na nuca e minha maquiagem estava mais ousada do que o normal, batom vermelho, delineador pesado e tanto rímel que meus cílios pareciam pesados.

— Não tenho certeza, — respondi vagamente.

Na verdade, eu mal havia começado os preparativos para o casamento. Autumn e sua mãe ficaram insinuando isso e, finalmente, resolveram agarrar o problema com suas próprias mãos.

Juliette era... interessante. Ao contrário de seu irmão, que sempre parecia calmo, Juliette era uma bomba-relógio. Ela tinha um temperamento explosivo.

— Do que você não tem certeza? — A voz de Autumn veio do lado.

— Penteado de casamento, — eu disse a ela.

— Ah. — A expressão em seus olhos dizia tudo. Eu não tinha nem escolhido o vestido, muito menos o cabelo. — Temos um pouco de tempo para decidir, — ela ajudou.

Não é à toa que eu a amava. Agora ela seria minha irmã.

— Parabéns, — disse Juliette. — Parece que estamos na época dos casamentos. Davina, depois Wynter, agora você, próximo Killian. Não sei se vou aguentar muito mais.

Mordi a parte interna da bochecha para não rir alto.

Wynter e Ivy se juntaram a nós naquele momento.

— Você vai gostar mais disso, — declarou Ivy. — Pare de ser uma rabugenta de casamento.

— Eu não sou uma rabugenta de casamento, — respondeu Juliette na defensiva. — Além disso, você tem que admitir. É tudo um monte de confusão por nada.

Wynter sorriu. — Não é por nada. Dois seres humanos prometem seu amor e devoção um ao outro pelo resto de suas vidas.

Uma sensação estranha apertou meu peito, mas eu a ignorei.

— E quando a vida é interrompida? — perguntou Juliette. — Tanto para o marido quanto para a esposa. Como você segue em frente?

— Bem, você continua com o conhecimento de que ele ou ela gostaria que você seguisse em frente e fosse feliz.

Franzi a testa.

— Eu não faria isso. — Os olhos de todos se voltaram para mim, observando-me como se tivesse crescido outra cabeça.

— O que você quer dizer com isso? — Ivy perguntou.

— Eu não gostaria que ele seguisse em frente, — resmunguei. — Que se dane essa merda. Eu exigiria que ele entrasse na porra do caixão comigo. Juntos para sempre, vida ou morte.

O silêncio se tornou ensurdecedor e uma forte tensão permeou o ar.

Foi Juliette quem quebrou o silêncio, explodindo em gargalhadas. — Gostei disso, — ela gargalhou, segurando o estômago. — Entre na porra do caixão. — Lágrimas escorriam pelo seu rosto, ela estava rindo tanto. — Meu irmão está condenado, porra.

Autumn revirou os olhos. — De alguma forma, acho que Juliette e Branka não deveriam ficar sozinhas juntas.

— Juliette sozinha com alguém é uma coisa perigosa, — comentou Davina ao se juntar ao grupo no momento em que Dante DiLustro vinha em nossa direção.

A coluna vertebral de Juliette se enrijeceu. — Com licença, — ela murmurou e desapareceu o mais rápido que suas pernas puderam levá-la.

Wynter, Ivy e Davina se entreolharam e foram atrás dela.

Autumn e eu trocamos um olhar. — Você acha que ela o está evitando? — perguntei secamente. Mais ou menos como eu estava evitando Sasha.

— Eu nunca imaginaria, — disse ela com sarcasmo.

Minha mão foi até à parte inferior de sua barriga. — Como minha sobrinha está se portando?

Uma risada sufocada escapou dela, mas seus olhos brilhavam como estrelas no céu noturno. — Ela está crescendo. Mal pode esperar para conhecer a tia.

Eu sorri. — Idem. Vou mimá-la muito.

Autumn gemeu, mas antes que ela pudesse protestar, Kol correu da pista de dança e se jogou em meus braços.

— Vou ser piloto, — anunciou ele.

Ergui a sobrancelha, divertida. — Oh, eu pensei que quisesse ser um pintor ontem?

— Oh, eu também serei isso.

— Então, por quê um piloto? — Perguntei-lhe com curiosidade.

Kol olhou para trás e apontou um dedo. Eu o segui até ao lado oposto da pista de dança, onde Sasha estava de pé, com as mãos casualmente nos bolsos do terno. Sua expressão era cautelosa, mas seus olhos ardiam com chamadas azuis.

— Sasha disse que os pilotos podem ir a qualquer lugar do mundo. Um piloto levou papai e ele para as montanhas, onde salvaram Maman.

Balancei a cabeça. Será que ele não sabia que não se deve falar disso para uma criança? Lançando-lhe um olhar fulminante, virei-me, deixando-o queimar um buraco em minhas costas.

— Você pode ser o que quiser, amigo, — disse ao meu sobrinho. Com um sorriso, ele decolou e eu o vi pular até seu pai. Alessio o pegou no ar e o sentou em seus ombros, enquanto Kol ria alegremente.

Meu Deus, era tão bom ver meu irmão mais velho feliz. Ele não estava sorrindo ou gargalhando, mas era a maneira como observava sua esposa e seu filho. Toda vez que ele olhava para Autumn, eu temia por qualquer um que ousasse se colocar entre ele e sua família.

Um olhar cheio de algo volátil e cru permaneceu nos olhos de meu irmão e isso me fez lembrar de algo. Ou melhor, de alguém.

A constatação foi como um soco no estômago. Fiquei sem fôlego.

Eu nunca teria isso com Killian.

Meus olhos se voltaram para meu noivo. Ele estava com Cassio e Alexei, os três conversando. Cassio chamou Alessio e meu irmão se juntou a eles enquanto seu olhar procurava Autumn. O calor suave em seus olhos

poderia facilmente queimar a ilha inteira com a intensidade de seus sentimentos.

— Sinto que precisamos de uma mangueira para esfriar este lugar,
— comentei, revirando os olhos de forma incisiva.

Autumn riu baixinho, desviando o olhar do homem de seus sonhos. Seus olhos cor de avelã vieram até mim, observando-me. Vendo demais.

— Você está bem? — Seus dedos envolveram meu pulso com suavidade, segurando meu olhar.

— Sim. — Não.

Meus olhos, sem querer, procuraram Sasha, que estava com Wynter e seu marido. Se a aparência pudesse matar, ela estaria morta. Isso era errado? Sim. Eu estava com ciúmes? Obviamente, não que eu admitisse isso para alguém. Isso tornaria o casamento com Killian um grande erro.

Uma gargalhada melodiosa se espalhou pelo ar, junto com a melodia suave de alguma música que repetia a letra de *'Killing Me Inside'*. Uma onda de ciúme surgiu em meu peito e eu odiei a sensação. Odiei essa raiva dentro de mim que exigia que eu arranhasse o rosto dela. Isso só mostrava minhas malditas inseguranças. Sim, minhas cicatrizes haviam desaparecido, mas as inseguranças faziam parte de mim, estavam enraizadas em minha carne.

As mãos de Autumn chegaram aos meus ombros e ela me virou para que ficássemos de frente uma para a outra.

— Você não está feliz, — murmurou Autumn suavemente. Sorri com firmeza, sem querer comentar o fato. — Eu quero ver você feliz.

— Estou feliz. — *É o suficiente.*

Meus olhos se voltaram para ele. Killian era um bom homem. Um homem muito gostoso. Não haveria risco de ficar em casa, esperando por ele, enquanto ele perseguia outras mulheres ao redor do mundo. Sasha se aproximou de Killian, e eu não pude deixar de olhar para ele. Por que diabos ele tinha que vir?

— O que você acha da família dele? — Autumn perguntou em voz baixa. — A irmã dele parece ser boa.

Dei de ombros. — Eles não são ruins, mas gosto mais da sua.

Um leve sorriso surgiu em seus lábios.

— Somos únicos e você faz parte de nossa família, portanto, não é minha, é nossa família. — Autumn sempre me fez sentir parte de sua família. Eu os amava; sabia que eles me amavam. Mas era difícil se livrar de certos fantasmas. Que, em algum momento, eles perceberiam o quanto eu estava machucada. Será que eles ainda me amariam?

— Wynter parece simpática, — comentou Autumn calmamente. — Quer que eu a mate?

Minha cabeça se voltou para minha melhor amiga. — Achei que você tinha dito que ela parecia legal.

Autumn deu de ombros. — Bem, ela fez minha melhor amiga infeliz, então....

Deixo escapar um riso sufocado. — Alessio está contagiando você. Onde está minha melhor amiga que sempre quer a paz mundial?

Um garçom com uma bandeja passou por nós e ela pegou o copo de suco de cranberry. Alessio garantiu que haveria bastante suco, pois foi a única coisa que Autumn conseguiu engolir por um tempo.

Ela o levou aos lábios e depois fez uma pausa. — Eu ainda quero a paz mundial, — comentou. — E sua felicidade.

— Talvez a gente só a deixe careca, — murmurei com delicadeza. — Todos esses cachos dourados poderiam ser usados por outra pessoa. Ela tem suas pernas, do que mais ela precisa?

Autumn e eu nos olhamos e começamos a rir. Nós sempre ameaçávamos as meninas de que, se elas nos irritassem, nós rasparíamos suas cabeças.

— Qual é a graça? — Uma voz grave veio de trás de nós. Meu coração parou. Aroma cítrico. Jesus, eu não conseguia suportar o quanto a colônia dele me abalava. Engoli, determinada a ignorar todos esses desejos que se escondiam no fundo do meu coração. Eu estava no caminho certo para me recuperar de um caso grave de Sasha Nikolaev.

Eu ainda não olhava para ele. Sabia como era fácil para aqueles olhos azuis pálidos se apoderarem de mim e segurar com força. Até que eu progredisse em minha recuperação, eu evitaria olhar para ele.

— Nada, — respondeu Autumn finalmente. — Como você está, Sasha?

— Bem. — Seus olhos se voltaram para a barriga dela. — O bebê está crescendo saudável?

Autumn sorriu suavemente, com a mão esfregando a barriga. — Sim. Ela está se saindo muito bem. É forte como a tia.

Eu podia sentir os olhos de Sasha em mim e tive que lutar contra um estremecimento. Deus, deveria haver o Sasha Anônimo para me ajudar a me recuperar desse vício.

— Ela é forte, — ele confirmou. Olhei para ele por baixo dos cílios, incapaz de resistir. As águas azuis do Ártico não tinham nada a ver com os olhos de Sasha. Seu olhar ardia e as faíscas se acendiam sob minha pele. — Que tal uma dança, kotyonok?

Forcei um sorriso, mas ainda assim não o encarei de frente.

— Não, obrigada.

— É apenas uma dança.

Kol atravessou a pista de dança e agarrou minha mão, rindo e dizendo algo animado, mas não consegui captar as palavras por causa do zumbido em meus ouvidos.

Ajoelhei-me, ignorando a grande sombra que me observava como se estivesse pronta para me consumir em sua própria loucura.

Sasha Nikolaev me puxaria para sua escuridão psicótica e depois me deixaria afogar se eu não mantivesse a guarda alta. Ele já trouxe à tona partes de mim que eu não sabia que existiam.

— O que foi isso, amigo? — Perguntei ao meu sobrinho.

— Papai disse para dançar com você, — murmurou Kol, depois se inclinou para mais perto e sussurrou em meu ouvido. — Ele disse para salvar você.

Meus olhos percorreram o espaço para encontrar o olhar escuro de Alessio na sombra que pairava sobre mim. Hmmm, talvez Sasha e Alessio tenham se desentendido. No entanto, acho que isso já estava resolvido desde que Sasha ajudou no resgate de Autumn.

— Eu adoraria dançar com você.

Capítulo 30

SASHA

Observei-a caminhar até à pista de dança, com a mãozinha do sobrinho na sua.

No momento em que eles entraram na pista, uma música de rap começou e eu assisti, com uma seca diversão, o pequeno rapaz fazer alguns movimentos de dança impressionantes.

Branka jogou a cabeça para trás e riu, dançando junto com ele. Seu corpo se movia sensualmente e com graça, enquanto ela sincronizava os lábios com as palavras. Todos observavam, até mesmo outros casais que dançavam pararam para vê-los.

— Eles costumam dançar juntos, — comentou Autumn ao meu lado, observando-os com os olhos úmidos. — É a música deles.

Finalmente reconheci a música. Halsey e G-Eazy ou algo do gênero.

Que se dane a música deles. Minha kotyonok e eu não tínhamos uma música e eu a conhecia há mais tempo do que aquele idiota bonitinho. Jesus, essa merda estava ficando fora de controle.

Meus olhos se voltaram para Killian, que a observava dançando. Ele gostava dela. Mas não a amava. Não como eu. Matá-lo seria problemático, então comecei a formular lentamente outro plano.

Essa obsessão havia se transformado em algo e não havia como voltar atrás. Não que eu quisesse me curar dela. Talvez essa fosse a diferença entre os outros e eu. Eles precisavam de uma recuperação, eu não. Eu só precisava dela.

Eu queria que ela precisasse apenas de mim. Que vivesse e respirasse apenas para mim.

Um pouco exagerado? Talvez. Eu não estava nem aí. Todos os outros podiam se foder. Esperei sete malditos anos. Ela era minha e de mais ninguém.

— Autumn, estou pronto para cobrar.

Lentamente, a noiva se virou de modo a ficar de frente para mim. Seus olhos cor de avelã encontraram os meus. Ela entendeu o que eu quis dizer, mas a hesitação permaneceu em sua expressão.

Ela engoliu. — Cobrar o quê? — perguntou.

— Você me deve, — eu disse a ela com calma. — Estou pronto para o pagamento.

Ela lançou um olhar preocupado para Branka e depois o devolveu para mim.

— Eu e minha boca grande, — ela murmurou. Meus lábios se contraíram. Ela voltou sua atenção para mim. — O que você quer, Sasha? — Então, antes que eu respondesse, ela continuou: — E antes que você vá longe demais, quero deixar uma coisa bem clara. Se você a machucar, eu a ajudarei a matá-lo.

Sim, eu gostava dela, apesar de sua ideia maluca e impossível de salvar o mundo.

— Esse é um aviso justo.

Olhei para a pista de dança e vi Branka dançando com aquela Juliette desequilibrada, Killian e Kol, e meu queixo se apertou.

Enfiei as mãos nos bolsos ou corria o risco de sacar minha arma e acabar com o maldito. Killian, não o pequeno Kol. Este último poderia viver, desde que mantivesse suas mãos para si mesmo.

Jesus, eu sabia que chegaria a esse ponto desde o primeiro beijo. Eu não tinha certeza se ficar longe dela transformaria tudo isso em uma obsessão louca. Ou talvez estivesse destinado a se tornar uma obsessão o tempo todo.

Desde aquele incidente no bar, eu só conseguia me concentrar nela. Branka Russo. Minha própria tentação. Uma garota que eu queria adorar. A mulher cuja submissão total eu desejava. A imagem dela, ajoelhada, me observando com aqueles olhos prateados enquanto eu metia em sua boca, passava em minha mente. Ou ela nua em minha cama, com a bunda para cima e a cabeça para baixo, enquanto eu a fodia até ao esquecimento, onde só eu existia para ela.

Droga, não era disso que eu precisava no momento.

O calor correu para minha virilha. Com um cerrar de dentes, afastei as imagens de minha mente. Ou corria o risco de perder a cabeça e sequestrar a melhor amiga da noiva hoje. Embora com relutância, tive de admitir que não era uma má ideia. Eu tinha sido paciente. Afinal de contas, era assim que eu caçava meus alvos. Às vezes, levava um dia. Outras vezes,

levava meses. No entanto, meu rastreamento implacável de Branka era minha perseguição mais longa.

Senti uma amarga diversão.

Descobriu-se que eu era mais parecido com minha mãe psicótica do que com meu pai. Eu não conseguia me libertar. Ela era meu vício. Minha obsessão.

E eu mal pude sentir o gosto dela. Nossa!

— Quando e onde será o casamento? — Eu resmunguei.

Só o fato de dizer essas palavras já me deixou irritado.

— Jesus, Sasha, — murmurou Autumn, lançando um olhar preocupado ao redor. — Por favor, diga-me que não vai fazer nenhuma besteira.

— Não vou fazer nenhuma besteira. — De fato, seria a melhor coisa que eu já havia feito. — Você me deve, — lembrei-lhe, só para ter certeza de que ela entenderia que eu não estava brincando. — Tanto você quanto Alessio.

Seus olhos se voltaram para Branka, observando-a pensativamente. Em seguida, seus ombros se ergueram e seus olhos brilharam com conhecimento de aço.

— Eu amo Branka, — disse ela. — Se há alguém que merece felicidade, é ela. Você a traiu ou não a traiu?

— Eu mantive minha promessa, — eu disse, irritado com o fato de ela ter me questionado. — Ela cumpriu?

Ela estreitou os olhos para mim.

— Não seja um idiota machista, — ela me repreendeu. — Isso é para ela responder. — Uma expressão preocupada cruzou seu rosto. — Ela diz que está feliz, mas isso são apenas palavras. Por fora, ela está bem. Mas, por dentro, não está. Ela precisa... — Ela fez uma pausa como se não tivesse certeza do quanto poderia me dizer. — Ela precisa de mais. Mais do que aquilo com que está se conformando. Se você lhe puder dar mais, estarei do seu lado. Se não puder, deixe-a ir. — Ela me olhou fixamente e eu não conseguia distinguir se ela queria que eu deixasse Branka ir ou não. — Seja o cara que se mantém firme em toda essa farsa.

Quem disse que eu era um cara íntegro? Louco, sim. Mas tudo isso não vinha ao caso. Deixar Branka ir embora não era uma opção. Ela era minha, antes de ser de qualquer outra pessoa.

— Data e local do casamento, — eu disse sombriamente.

Ela soltou um suspiro pesado.

— Por que já estou sentindo um desastre no horizonte?

Meus lábios se contraíram. Mulher inteligente. Dois minutos depois, eu tinha a data, o horário e o local do casamento.

Ajeitei meu paletó e comecei a sair. Mas antes de deixar essa ocasião alegre, fui em direção a Branka, que estava sozinha no bar.

Ela deve ter soltado o cabelo, pois ele descia pelas costas, ondulado e rebelde, exatamente como ela.

Seus ombros se enrijeceram e eu sabia que ela podia me sentir atrás dela. Ela não se incomodou em olhar por cima do ombro. A pequena atrevida estava determinada a evitar olhar em minha direção.

A mulher mais perfeita e ela não suportava nem mesmo olhar para mim. No entanto, nosso relacionamento estava fadado a melhorar depois que eu a sequestrasse.

Ela sorriu para o barman. O filho da puta ficou todo nervoso e corou. Ele corou pra caralho, mas antes que pudesse retribuir o sorriso dela, ele percebeu meu olhar.

— A menos que você deseje morrer, caia fora, — rosnei, lançando-lhe um olhar de toque-nela-e-eu-mato-você. — Ele empalideceu e saiu correndo, deixando o bar sem supervisão.

— Última chance, kotyonok, de cumprir sua promessa, — ronronei. — Ou todo o inferno vai se soltar antes que você possa dizer ‘sim’ para o homem errado.

Era o único aviso que ela receberia.

Eu seria condenado se deixasse outro homem possuir aquele corpo. Eu a toquei. Fiz com que ela gemesse e gritasse meu nome. Ninguém tocaria aquele corpinho além de mim.

Ela encontrou meu olhar no vidro atrás do bar e seus olhos brilharam. Como um relâmpago contra o céu cinza.

Então, ela levantou um dedo e me mostrou.

Capítulo 31

BRANKA

Inclinei-me na porta do quarto de bebê que minha sobrinha ocuparia em breve. Alessio fez à mão um berço que ficava ao lado da cama dele e de Autumn no quarto principal. Para mantê-la mais próxima durante o primeiro mês.

O pai de Autumn insistiu que ele era o mais adequado para montar as peças do berço que meu irmão construiu à mão para sua princesinha.

— Você está lendo as instruções, querido? — perguntou a Sra. Corbin ao marido em um tom exasperado que me fez sorrir. — Caso contrário, vamos ficar nisso por uma semana.

— Alessio fez as peças para ele. As instruções estão bem ali, — retrucou o pai de Autumn, apontando para meu irmão com uma das peças que ele estava tentando montar.

— Por que não poderíamos ter tido um berço normal? — A Sra. Corbin se perguntou. — Vocês dois juntos e os projetos de madeira vão nos deixar loucos. Talvez eu possa preparar o jantar para nós?

Todos nós nos endireitamos ao mesmo tempo e respondemos, — Não.

A mensagem foi alta e clara. Nada de comida caseira da Sra. Corbin. A mãe de Autumn era incrível, mas não sabia cozinhar nem para salvar sua vida. Ela era muito melhor em matar do que em cozinhar.

Ela acenou com a mão, exasperada. — Um pequeno erro e você é julgado para o resto da vida.

— Querida, houve mais de um. Ou dois. Ou três. Pense no casamento próximo de Branka. Não podemos nos dar ao luxo de ficar doentes.

Encolhi os ombros. Vomitar até às tripas pode ser um bom motivo para adiar o casamento. Ou pelo menos a noite de núpcias.

— Eu pedi o jantar, — disse Alessio à sogra, enquanto um sorriso se desenhava em seus lábios.

— Graças a Deus, — resmungou o Sr. Corbin e recebeu uma careta de sua esposa.

Alessio estava encostado no peitoril da janela, vestindo jeans e uma camiseta preta, enquanto Autumn estava sentada no chão com Kol, esfregando a barriga da mãe e esperando o movimento da irmãzinha. Eu já sabia que ele seria um irmão mais velho protetor e que minha pobre sobrinha não conseguiria namorar direito.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. Eu estava ansiosa para vê-los crescer. Felizes, seguros e protegidos. Algo que Alessio e eu nunca tivemos.

A casa de Alessio tornou-se uma porta giratória de avós, risadas de crianças, familiares e amigos entrando e saindo da mansão de meu irmão.

Fiquei feliz por ele e por Autumn, pois ambos mereciam toda a felicidade que a vida pudesse lhes proporcionar.

Desde que Alessio recuperou Autumn, foi como ver um conto de fadas se desenrolar diante de meus olhos. Ele oferecia esperança.

Meu celular tocou e eu o tirei do bolso. Era uma mensagem de Killian.

Quer alguma coisa da Irlanda?

Eu sorri. Depois do casamento de Autumn no Japão, ele foi para a Irlanda e eu voltei para os Estados Unidos. Ele se ofereceu para me levar com ele, mas usei a desculpa dos preparativos do casamento e de ficar com Kol enquanto Autumn e Alessio estavam em lua de mel. Então, voltei para Montreal.

Isso estava errado. Eu deveria tentar passar o máximo de tempo com ele em vez de evitá-lo o máximo possível. Ele não tinha sido nada além de atencioso. Mas eu temia que quanto mais tempo eu passasse com ele, mais cedo começaria a parte física de nosso relacionamento.

Ele havia me beijado. Isso não me fez deixar de beijá-lo, mas não fez exatamente o que os beijos de Sasha fizeram. E odiei o fato de tê-lo comparado à cria de Satanás que me seduziu.

Um bom uísque irlandês.

Apertei o botão enviar, sorrindo. Fiquei imaginando se ele realmente compraria.

— Mamãe, fique com Kol. — Autumn deu um tapinha em um local próximo a ela. — Você pode cuidar do pai e do Alessio com o berço. Quero resolver algumas coisas de última hora com Branka para o casamento dela.

Meu casamento.

Estava se aproximando rapidamente. Eu deveria estar muito feliz com isso. Mas não estava.

Na verdade, não me lembro de ter sonhado em me casar. Ter alguém louco por mim, sim. Ter um sexo incrível, sim. Mas o casamento nunca me atraiu particularmente.

Mas Killian era um bom homem. Muito melhor do que meu pai jamais foi. Ou o pai biológico de Alessio, por falar nisso.

No entanto, eu ainda tinha algumas reservas com relação ao casamento. Não por causa de Killian. O cara era incrível.

— Pronta? — A mão de Autumn pegou a minha e me puxou.

Seu vestido maxi longo não escondia a barriga do bebê. Não que ela estivesse tentando escondê-la. Faltava apenas um trimestre e ela brilhava. Não apenas porque estava grávida, mas porque estava muito feliz. Aqueles meses em que ficou presa no Afeganistão a mudaram. Ela ainda acreditava em salvar o mundo e as pessoas nele, mas também se recusava a perder um minuto sequer com besteiras.

Percorremos a mansão, mas, em vez de ficar dentro dela, ela me arrastou para os fundos da casa, onde ficava a grande piscina.

— Será que agora é o momento certo para nadar? — Eu refleti. — Enquanto eles estão trabalhando no berço.

Autumn se abaixou em uma espreguiçadeira e eu fiz o mesmo, esticando as pernas. O sol aqueceu minha pele e eu me virei para olhar minha melhor amiga, protegendo meus olhos do sol.

— Desembuche, Autumn.

Já se passaram três semanas desde seu casamento. Desde a última vez que vi Sasha. Tentei não pensar nele. Agora ele me queria. Não era bom o suficiente. Eu queria ser sua primeira escolha. A única escolha. Não sua última escolha. Será que ele esperava que eu pulasse e ficasse grata por sua atenção?

De qualquer forma, isso não importava. Ele quebrou uma promessa e eu segui em frente.

Eu fiz uma promessa a Killian. Nós iríamos nos casar. Na próxima semana. Estremeci, desejando que houvesse mais tempo, mas depois me repreendi rapidamente.

Autumn me observava preocupada. Ela vinha fazendo isso desde o casamento, lançando-me olhares de soslaio e perguntando-me se eu estava feliz ou não. Eu era grata por ela, mas queria que ela parasse de perguntar se eu estava bem.

Eu temia que uma dessas vezes perdesse a compostura.

— Você tem certeza de que se casar com Killian é a escolha certa?
— ela me perguntou.

— Sim.

Na verdade, eu não sabia. Sentia que estava me afogando, mas não entendia por quê. Meu cérebro sabia que nem todos os casamentos eram como o de meus pais, mas meu coração brincava.

— Talvez possamos adiar o casamento e esperar, — sugeriu ela.

— Autumn, — gemi, exasperada. — Eu só quero arrancar o curativo e acabar com isso.

Ela me encarou com preocupação estampada em seu rosto. — Casar não deveria ser como arrancar um curativo.

Deixei escapar um suspiro. — Ok, comparação errada, — murmurei. — Só não vejo a hora de me casar.

— Mentirosa. — Ela me conhecia muito bem. — Sasha vive me incomodando com você.

Do nada, a fúria explodiu em mim.

— Ele não tem o direito de incomodar você. — Raiva e indignação correram em minhas veias. — Ele quebrou sua promessa. A última coisa de que preciso é de alguém que não consegue nem cumprir suas promessas.

— Tem certeza de que ele quebrou a promessa? — perguntou ela suavemente. Seu olhar caloroso fez com que um nó de emoção se formasse em minha garganta, o caroço ficando cada vez maior, até que ameaçou me sufocar. — Você perguntou a ele?

— Eu disse. — Ela esperou. — Ele não confirmou nem negou,
mas isso já é admissão suficiente para mim.

Inclinei minha cabeça para o sol, observando o céu azul claro que
me lembrava certos olhos azuis claros.

Capítulo 32

SASHA / BRANKA

SASHA

— Você me deve um favor, — lembrei a ele. — E a Mia.

Jason, um velho amigo militar, olhou para mim com uma expressão irritada no rosto.

Ele gostava muito de Mia. Nós dois servimos no mesmo regimento que ela. Mas ele falhou com ela. Ele deveria ficar de olho nela quando eu estivesse em missões curtas. Naquele dia, ele falhou, e muito. Ele não a ajudou. Ao contrário dos outros, poupei sua vida. Com uma ressalva.

Que ele me devia um favor. Sem fazer perguntas. Ele concordou... com relutância.

Embora, como ele previu, eu tenha vindo buscá-lo no momento mais inconveniente. Quando se preparava para ser enviado. Mas ele poderia fazer um pequeno desvio.

— Por que não pode ir sozinho?

Um silêncio espesso se instalou na sala. Ele sabia o que me devia, o que devia à Mia. Os homens que atacaram Mia haviam feito isso com outra

mulher antes dela. Se ele os tivesse denunciado, eles não teriam feito isso com Mia. Ela ainda poderia estar viva.

— Porque você me deve, — eu disse em um tom frio. — E eu vim até Timbuktu para cobrar.

Ele sabia que aqueles idiotas estavam de olho em Mia. Ele continuou observando, mas não o suficiente. Eles a pegaram e agora ela estava morta.

Matei os homens que a tocaram. A única razão pela qual poupei Jason foi porque Mia gostava dele e ele não a havia tocado.

Meus olhos percorreram a propriedade. O cara se deu bem. Dez acres de terra. Cavalos. Uma casa de fazenda de um só andar com uma varanda envolvente. Aconchegante. Bonita. Chata.

— Você tem um belo lugar aqui.

Ele estreitou os olhos para mim. — O que você está insinuando?

Arqueei as sobrancelhas, fixando-o com um olhar inocente. — Eu estou insinuando alguma coisa?

Ele suspirou e eu sabia que ele estava prestes a ceder.

— Que porra você quer que eu faça com ela?

Entreguei-lhe o envelope e sorri. — Quero que você entregue isso a ela em mãos.

— Está falando sério? — ele gemeu. — O pagamento da dívida é eu ser seu entregador.

— Você deveria me agradecer de joelhos, — eu disse, minha voz estranhamente calma. — Eu poderia ter exigido que você matasse alguém por mim.

Ele pegou o envelope e foi em direção à sua pequena e aconchegante casa de campo.

Mais duas tentativas de fazer com que ela caísse em si antes do casamento.

Minha pequena kotyonok aprenderia que eu nunca a deixaria ir embora.

BRANKA

Falta uma semana para o casamento.

A contagem regressiva era um tique-taque alto em minha cabeça. Tique-taque. Tique-taque.

Eu estava sozinha na mansão. De novo. Alessio, Kol e Autumn ficaram na cobertura, depois de visitarem os pais de Autumn. Estranhamente, optei por ficar em casa. Sozinha.

O olhar estranho de Alessio não me escapou. Normalmente, eu não gostava de ficar sozinha. Odiava ficar sozinha, mas a verdade é que, desde que meu pai foi enterrado a dois metros de profundidade, eu não temia isso. Mas aquela dor no peito e a tristeza ainda persistiam.

Passeando de cômodo em cômodo, como se estivesse me despedindo, meus dedos passaram levemente sobre os móveis. Eu ainda me lembrava das primeiras semanas em que me mudei para cá. Alessio me salvou, como eu sabia que ele faria. Embora às vezes eu me perguntasse se ele não teria voltado tarde demais.

A crueldade de meu pai já havia me arruinado. Me contaminado.

Deve ter sido por isso que senti coisas com Sasha que nunca senti com ninguém. Talvez eu não tenha sido feita para ser tudo para alguém. Killian nunca olharia para mim da mesma forma que Alessio olhava para Autumn. Mas ele também nunca me trataria como meu pai tratava nossa mãe.

As tábuas do assoalho rangeram atrás de mim e eu me virei, ficando cara a cara com um homem.

Ele tinha uma aura sofisticada. Camisa e calça de grife. Alto. Ombros largos. Traços marcantes. Meio dos trinta anos. Corte militar.

— Quem é você? — Eu exigi saber.

Nossos olhares se cruzaram, enquanto meu cérebro avaliava minhas opções. Alessio geralmente mantinha uma arma em sua mesa, mas não estava perto o suficiente para alcançá-la. A faca, por outro lado, eu conseguiria alcançar.

— Um cara pagando uma dívida, — resmungou, revirando os olhos.

O guarda de Alessio finalmente apareceu, e não pude deixar de revirar os olhos. Ele estava atrasado. Se esse cara tivesse vindo para me matar, eu já estaria morta.

— Você pode explicar o que quer dizer com dívida? — Eu exigi.

Ele permaneceu em silêncio por um tempo, estudando-me. —
Você se parece muito com sua irmã.

Meus batimentos cardíacos pararam por um segundo antes de retomarem seu ritmo acelerado. — Você conhecia a Mia?

Ele acenou com a cabeça. — Éramos amigos.

— Amigos?

— Sim.

Meu olhar se voltou para o guarda.

— Está tudo bem, — eu lhe disse, dispensando-o. — Eu posso lidar com ele.

Esperei até que ele saísse e voltei minha atenção para o hóspede.

— O que está fazendo aqui? — Eu exigi saber.

— Estou pagando um favor a um amigo em comum, — respondeu ele.

Eu zombei. — Duvido que tenhamos algum amigo em comum.

A expressão dele era de divertimento. — Esse amigo é uma grande dor de cabeça para mim.

Minhas sobrancelhas se franziram. — Que amigo?

— Sasha Nikolaev.

Balancei a cabeça em descrença. — Dê o fora daqui, — murmurei, embora concordasse com o sentimento. Sasha era uma grande dor de cabeça para mim. — Como você o conhece?

— Acredite ou não, nós servimos juntos.

— No exército? — Sasha Nikolaev era cheio de surpresas.

— Sim. — Ele deu um passo à frente e me entregou um envelope.
— Ele queria que eu lhe desse isso.

Hesitante, peguei-o e abri o bilhete. Era curto e nada doce.
Lembre-se de sua promessa, kotyonok. E eu o deixarei viver.

— Ok, já fiz minha parte, — anunciou ele. — Estou fora daqui. Eu deveria estar no Oriente Médio agora mesmo. Não no Canadá.

Ele se dirigiu à porta, quando tive uma ideia.

— Ei, posso lhe pedir um favor?

Ele se virou, observando-me com uma expressão cautelosa. —
Que tipo de favor?

Dessa vez, dei um sorriso malicioso. — Do tipo que fará Sasha Nikolaev pensar que eu matei você.

Foi a segunda melhor coisa depois de gravar minhas iniciais no coração de Sasha.

Ele soltou uma risada sufocada. — Passar a perna em Sasha, — ele gargalhou. — Estou dentro. Diga-me o que você tem em mente?

Esfreguei minhas mãos uma na outra. — Não fale com ele. — Foi difícil esconder minha presunção. — E eu vou comprar um coração e enviá-lo para a cria de Satanás com um pequeno bilhete.

Eu deveria saber que o mafioso psicótico levaria a ameaça para o lado errado.

Capítulo 33

BRANKA

— Lembra da nossa última visita ao Eastside Club? — Juliette riu. Autumn e eu ficamos no bar, esperando nossos drinques. Basilio DiLustro era o dono do Eastside, embora, pelo que entendi, Liam Brennan tenha sido o dono no ano passado.

— Você acha que Bas barricou o cofre? — Davina comentou de forma provocante.

Wynter, Davina, Ivy e Juliette soltaram uma série de bufadas. Elas eram mais jovens do que Autumn e eu, assim como as outras mulheres que tinham ido à minha despedida de solteira.

— Ele disse que eles não guardam mais dinheiro lá, — comentou Wynter.

Autumn e eu compartilhamos um olhar confuso. As quatro garotas riram e Davina, a esposa muito jovem de Liam, deve ter percebido nossa confusão.

— Roubamos o cofre aqui há um ano, — esclareceu ela.

— Oh.

— Sim, nós três balançamos a bunda no bar, — comentou Juliette secamente. — Como distração, enquanto Davina estava sendo pega lá

dentro. Ela e meu pai provavelmente estavam fazendo sexo oral. Um show de aberrações sexuais.

Autumn prontamente cuspiu sua bebida não alcoólica em cima de mim, enquanto as meninas reviravam os olhos. Eu gemi, peguei guardanapos no bar e limpei meu vestido curto e brilhante.

— Não dê atenção à Jules, — comentou Wynter. — Ela ainda está amargurada pelo fato de Davina não ter revelado logo que éramos péssimas ladras. — Ela deu uma olhada em sua direção. — E, acima de tudo, ela está chateada por ter entrado no radar de Dante.

— Dante pode ir se ferrar, — retrucou Juliette.

— Tenho certeza de que ele preferiria muito mais transar com você, — disse Ivy, com um tom seco como gim. — Você só está tornando a perseguição emocionante para ele.

— Talvez ela goste de ser perseguida. — Wynter deu uma risadinha, estudando a prima com um olhar conhecedor. — A conversa suja da Jules com o pobre Dante saiu pela culatra. Acontece que a boca suja e a imaginação de Dante são piores do que as dela.

— Essas duas nunca serão babás de meus filhos, — acrescentou Davina, mal conseguindo manter a expressão séria. — Caso contrário, terei adolescentes excitados em minhas mãos.

Juliette olhou para elas, enquanto as outras riram tanto que acharam que iriam se mijar. Na verdade, Ivy se desculpou e correu para o banheiro.

Autumn e eu sorrimos, entretidas. Wynter e suas amigas eram bastante divertidas. Um pouco imprudentes, pelo pouco que ouvi. Mas eu podia ver o apelo. Eu ainda queria arranhar o lindo rosto de Wynter, mas, relutantemente, tive de admitir que não me interessaria muito por isso. Então ela se curaria.

— Então, você gosta de Dante? — perguntei a Juliette. — Ele será meu cunhado?

— Porra, não, — ela rosnou. — Não há nada nele que me agrade.

A expressão no rosto de suas amigas me dizia o contrário, mas não a questionei. Todos nós temos direito a alguns segredos.

— Por que você trancou o carro dele e quebrou as janelas? — perguntou Davina. — Você só o atraiu ainda mais.

A expressão de Juliette ficou mais sombria. — Porque o maldito me beijou. — Seguiu-se um silêncio absoluto, e ela acrescentou: — Em um armário de suprimentos.

Davina e Wynter caíram na gargalhada. Os cachos dourados de Wynter balançavam, caindo em cascata sobre seus ombros. Ela estava linda, em um vestido dourado curto. A garota atraía olhares de todos os lados, mas não se importava com isso. A única pessoa para quem ela parecia ter olhos era seu marido sombrio e taciturno, Basilio DiLustro.

Killian deu a entender que Basilio sequestrou Wynter e forçou a questão do casamento há apenas quatro meses, mais ou menos. Ela não pareceu muito chateada com isso.

— Onde você preferiria que ele a beijasse? — perguntou Davina, com sua voz cheia de humor.

— Não em um armário de suprimentos.

— Então você gostou do beijo?

— Não, — ela gritou. Mesmo no bar escuro, pude ver o rubor profundo de Juliette. Pobre garota.

— Eu teria cortado os pneus dele, — acrescentei para ajudá-la. — Ou talvez o pau dele.

Juliette sorriu e pegou uma garrafa no bar. — Minha cunhada sabe do que estou falando. — Ela serviu dois copos e me entregou um. — Vamos lá, mana.

Nós duas tomamos nossos drinques e eu imediatamente tossi. — Que diabos é isso?

— Uísque irlandês. — Juliette bateu nossos copos. — Você não pode saboreá-lo. Você simplesmente o bebe como se estivesse com sede.

E foi o que fiz. Aquele copo e o seguinte.

— Vá com calma, Branka, — advertiu Autumn. — Seu casamento é amanhã.

As luzes se apagaram e, de repente, o bar inteiro tremeu. Dei um pulo para trás e encontrei quatro dançarinos meio vestidos no bar.

De repente, o bar inteiro ficou agitado. Todas as mulheres, algumas que eu conhecia, outras que eu não conhecia, olhavam para os homens no palco improvisado do bar.

Juliette pegou a outra garrafa de uísque antes que ela fosse quebrada. — Não posso desperdiçar bebida cara, — explicou ela.

Eu não queria estourar a bolha dela, mas tinha certeza de que aquela era uma bebida barata.

Juliette Brennan. Irmã de Killian. Ela era um pouco selvagem. Ok, muito do lado selvagem. E era a melhor amiga de Wynter Flemming. Ah, e elas eram primas. Que perfeito!

Meu Deus, esse maldito mundo era pequeno demais.

Deixando Juliette com sua bebida, Autumn e eu encontramos um lugar. Seus olhos não estavam no bar. Ela não se interessava por outros homens. Na verdade, os homens também não me atraíam, mas mantive meu sorriso falso enquanto meus olhos embaçados pela bebida permaneciam grudados no palco.

Aquele uísque irlandês era mais forte do que qualquer coisa que eu já havia bebido antes, infiltrando-se em minha corrente sanguínea e lentamente aliviando o sentimento de peso em meu coração. Meus olhos percorreram Grace, a esposa de Luciano, bem como Áine, a esposa de Cassio. A Sra. Corbin também estava aqui, embora eu não conseguisse distinguir se sua expressão era de espanto ou de diversão. Seus olhos estavam definitivamente voltados para os dançarinos.

Engoli meu copo com o líquido amargo. A bebida ardia em minha garganta e em meu peito. Um dos artistas se aproximou de mim com uma coroa, enquanto dançava, com seu pau muito perto do meu rosto, e colocou a coroa em minha cabeça.

— Noivinha, — ele anunciou como se ninguém mais no bar soubesse que eu estava me casando. Eles vieram para *minha despedida* de solteira. Mas mesmo assim eu sorri.

— Que perspicaz, — pensei, pegando minha bebida e tomando-a. Tudo isso era demais. Eu não estava gostando. O amanhã estava chegando rápido demais.

— Você é linda, — elogiou ele, sem interromper a dança. Ele estava me dando uma lap dance? Eu não queria. — Seu homem é um cara de sorte.

Sua mão chegou ao meu cabelo. Eu me livreí. Ele pensou que eu estava brincando e estendeu a mão novamente enquanto eu me afastava, precisando de todo o espaço que eu pudesse obter desse Chippendale⁷. Por que as pessoas achavam isso tão legal? Eu não gostava particularmente de ter alguém sacudindo o traseiro na minha cara.

Meu olhar foi puxado para o lado por alguma força invisível e congelei. Olhos azuis claros e penetrantes brilharam no escuro. Meu coração se agitou, depois parou de bater. Não, não podia ser. Fechei os olhos, respirei fundo e depois os abri.

Eles se foram.

Jesus, agora eu estava imaginando coisas.

Balancei a cabeça e me levantei, depois anunciei: — Hora do banheiro.

⁷ É uma trupe de dança de strip-tease masculino

Autumn deu uma risadinha. — Eu vou com você, — ofereceu.

Minha palma se ergueu no ar, virada para ela. — Não, não. Eu posso fazer isso, — declarei, meu corpo balançando um pouco. Girando sobre os calcanhares, fui em direção ao banheiro. Para minha surpresa, o cara me seguiu.

— O que está fazendo? — Eu o questionei.

— Meu trabalho é fazer você feliz esta noite, — disse ele, sem rodeios.

Revirei os olhos. Ele era dedicado, isso eu lhe garanto. — Estou feliz, — eu lhe disse. — Agora volte para as outras mulheres para que eu possa usar o banheiro em paz.

Sob as luzes do corredor que levava ao banheiro, eu podia ver sombras escuras sob seus olhos. Ele tinha uma constituição física forte, volumosa, mas tudo isso estava fora de lugar. Eu não conseguia descobrir o que não gostava nele.

Sua mão chegou ao meu quadril e eu o empurrei, encolhendo-me por ter de tocar seu peito nu. Agora eu teria que desinfetar minhas mãos. Ugh.

— Gosto muito do meu espaço pessoal, — disse a ele, com a fala um pouco distorcida.

— Vou preencher seu espaço. — Que nojo. Tão nojento. Minha careta deve ter transmitido a mensagem. — O quê? Já é fiel ao seu marido?

Meu olhar se fixou em alguém andando pelo corredor. Com corpo de MMA. Ombros largos. Terno escuro. Ele olhou para cima, com os olhos

mais frios que um inverno siberiano. Meu coração entrou em modo turbo e a adrenalina correu em minhas veias.

Olhos azul-claros. Minha imaginação não estava me pregando peças.

Minha boca se abriu, mas antes que eu tivesse a chance de dizer uma palavra, ele quebrou o pescoço do Chippendale.

Um baque forte. Seu corpo estava caído no chão, com os olhos ainda abertos e olhando para mim. Em meu estado de embriaguez, levantei a cabeça para encontrar o olhar frio e furioso de Sasha sobre mim.

Ele estalou a língua.

— Minha pequena kotyonok, o que eu disse sobre outros homens tocarem em você? — ele disse.

— Você não me assusta, — ofeguei.

Ele soltou um suspiro sardônico.

Um calafrio me percorreu quando ele passou por cima do cadáver. Encostou os lábios em minha orelha, seu corpo grande e forte roçando em mim.

— Esse é seu primeiro erro, kotyonok. — Suas mãos pegaram meus pulsos e os prenderam acima da minha cabeça enquanto ele me encarava. Cada fibra do meu ser estava ciente de seus músculos pressionando contra mim, meus seios empurrando contra seu peito a cada inspiração e expiração. Meu corpo inteiro formigava.

Meu coração batia forte em meus ouvidos. Não conseguia colocar ar suficiente em meus pulmões. Não achei que o álcool nem o cadáver que estava a poucos metros de nós tivessem algo a ver com isso.

— Cancele o casamento. — Sua voz era de veludo negro, uma ameaça sombria que me sufocava.

— Não.

Seu olhar era tão frio que congelou o álcool que nadava em minhas veias. Isso era tudo de que eu precisava para ficar sóbria. Sasha.

— Cancele. O. Casamento.

— Não. — A teimosia tornava as pessoas estúpidas. — Eu não quero você. — Mentirosa. Meu corpo estúpido o queria, mas ele era totalmente errado para mim. Ele mentiu para mim. Ele não esperou por mim. *Não me escolheu primeiro.*

Ele segurou levemente minha garganta e um tremor me percorreu. Quente. Alucinante. Sua boca se moveu contra a minha.

— Ele nunca terá você. — A convicção em sua voz deveria ter sido meu aviso. Em vez disso, as borboletas se agitaram em minhas veias com suas palavras. Minha única desculpa era que o álcool ainda estava em minhas células.

— Eu reivindiquei você... — a voz dele era um tom sombrio, cheio de promessas — ...e vou ficar com você.

Alguém chamou meu nome, mas não havia ninguém por perto.

Sem aviso, Sasha deu um passo para trás e se afastou de mim, indo em direção à placa de saída.

— Durma um pouco esta noite, Branka. Você vai precisar.

Ele nem sequer olhou para trás ao dizer essas palavras.

— Oh, meu Deus, — exclamou Juliette, seus olhos se movendo entre mim e o corpo a poucos metros de mim.

— Que porra aconteceu aqui? — Basilio DiLustro murmurou. Logo atrás dele estavam Wynter, Ivy, Davina e Autumn.

— Ele está morto, — eu disse, minha voz estranhamente calma. — Ele simplesmente entrou em colapso.

Os olhos de Autumn se fixaram em mim, mas evitei olhar para ela.

— Jesus, — murmurou Basilio. — Ele desmaiou antes ou depois de ter o pescoço quebrado?

Ah, droga.

Meus olhos baixaram para o corpo. Como diabos ele poderia dizer que seu pescoço estava quebrado? Talvez pelo ângulo estranho do pescoço. *Meu Deus.* Sasha não deveria tê-lo matado.

Os olhos de todos se fixaram em mim, abrindo um buraco em meu crânio. Mascarando minha expressão, inspirei e levantei a cabeça para ver o rosto de todos.

— Eu não sabia que seu pescoço estava quebrado. — Eu me fiz de inocente, piscando os olhos para eles, fingindo confusão.

Autumn e Basilio me olharam com desconfiança, mas nenhum deles disse nada.

Um rapaz loiro se juntou a nós, assobiando e dando um chute no cadáver. — Este aqui está morto.

— Priest, não chute o corpo, — Wynter o repreendeu suavemente. — É falta de respeito.

— Desculpe, irmã.

Suspirei, pois já tinha acabado com essa despedida de solteira.

— Acho que está na hora de encerrarmos a noite, — disse a todos, com os olhos fixos em Autumn. — Preciso do meu sono de beleza, vocês sabem.

Talvez eu convencesse Autumn de que poderíamos ter nossa noite de cinema na sexta-feira.

Uma última vez.

Capítulo 34

SASHA

— Eles deixam qualquer escória ter uma cobertura na cidade de Nova York hoje em dia, — comentei secamente ao passar pela soleira da cobertura de Konstantin. Era difícil adivinhar a qual gêmeo ela pertencia, não que eu me importasse.

Maxim estava em frente às janelas panorâmicas, de costas para mim e com os olhos focados na linha do horizonte enquanto bebia de um copo. Não havia cores suaves nesse lugar. Foi decorado com funcionalidade em mente, com cores cinza, branco e preto em toda a cobertura.

Maxim se virou lentamente, bebendo de seu copo que provavelmente continha algo ainda mais forte do que vodca.

Ele havia decaído desde todo aquele fiasco de sete anos atrás.

— É melhor você não estar com cara de merda amanhã, — rosnei.

Infelizmente, tive que cobrar a dívida. Os irmãos Konstantin eram os únicos que não tinham ligação com a gangue de Cassio nem com os Brennans. E ninguém sabia sobre essa dívida além de nós três.

Seria difícil para qualquer pessoa ligar os pontos.

— Não se preocupe, — respondeu Maxim, com a voz clara. Aparentemente, ele conseguia segurar a bebida. — Você terá sua mulher. Eu

estarei em frente à igreja, esperando que você seja pego. Vamos apenas rezar para que você não coloque fogo naquele velho estabelecimento ao pisar nele.

Porra, eu queria que houvesse outra pessoa para usar amanhã. Desejei ainda mais que Branka acabasse com essa farsa e cancelasse o casamento.

— Ilias preparou um avião?

Eu me certificaria de que tudo estivesse em ordem com os Konstantin e depois dormiria um pouco. Se isso fosse possível, eu dormiria sob o teto dos Konstantin. Ficar no hotel ou em minha cobertura estava fora de questão. Ninguém sabia que eu estava na cidade de Nova York e ninguém saberia até que eu arrebatasse a noiva.

Bem, ninguém, exceto a própria noiva. Mas eu sabia que ela manteria nosso pequeno encontro entre nós.

— Ele preparou. — ele confirmou. — Em que lugar da Rússia você vai ficar?

Eu o olhei com frieza. Ele estava sendo muito intrometido. — O que você é? Uma maldita Nellie intrometida?

Ele deu de ombros. — Só estou conversando.

— Não faça isso, — eu disse. — Além disso, pensei que você pudesse descobrir qualquer coisa sobre qualquer pessoa, — comentei sarcasticamente. No entanto, eu sabia que qualquer coisa relacionada ao Pakhan estava fora dos limites para ele. Incluindo o itinerário de viagem de seu irmão. Nem mesmo Nico poderia invadir o itinerário de Ilias.

— Usando a casa de Ilias ou a sua? — ele perguntou. — Provavelmente a sua, já que você tem sua própria casa de família na Rússia. — Ele estava sendo um bastardo irritante e meu dedo coçava para atirar nele agora mesmo. Acabar com sua vida miserável. — A não ser que esteja preocupado que esse seja o primeiro lugar onde eles o vão procurar.

— Isso não é da sua conta, — rosnei, meu tom era sombrio e o observei tenso. Maxim podia ser inteligente, mas era um covarde.

— Posso levá-lo aonde quer que você vá, — ofereceu Maxim. — Não sei por que você precisa de uma moto.

— Apenas faça o que eu digo, — eu disse. — Quando amanhã terminar, sua dívida estará paga.

O dia não havia meio de chegar.

Capítulo 35

BRANKA

O sol de verão brilhava através das janelas altas da suíte nupcial da Catedral de St. Patrick.

Na verdade, era uma reitoria, mas a suíte nupcial parecia muito melhor. Partículas de poeira viajavam pelo ar, e eu jurava que até isso estava me dando dor de cabeça.

Casamentos aos sábados.

A mãe de Autumn insistia que os casamentos aos sábados eram mais concorridos. Não que eu me importasse com isso, desde que meu irmão e Autumn, juntamente com seus pais, estivessem presentes.

A essa altura, já me arrependia de não ter planejado meu próprio casamento. Era muito grande. Muitas pessoas que eu não conhecia nem me importava.

O senador Ashford estava presente, trazendo consigo repórteres e toneladas de cobertura jornalística. Não tenho certeza de como ou por quê ele entrou na lista. E por que diabos ele iria querer ir ao meu casamento? Claro que ele é o pai do meu irmão, mas nunca fez parte da vida de Alessio.

Estava abafado aqui dentro. O sol que entrava pelas janelas tornava o ambiente muito quente.

Resisti à vontade de arrancar meu vestido de noiva do corpo para poder respirar. Pressionei a mão em meu estômago, com um gosto amargo na língua. O álcool de ontem à noite se agitou em minha barriga, causando-me náuseas. Desejei ter seguido o conselho de minha melhor amiga e bebido apenas água e refrigerante.

Sim, é triste.

A festa de despedida de solteira foi muito divertida. Ou não. Um cadáver não foi tão ruim. Não é?

Olhando em volta, eu me certifiquei de que os olhos azuis claros não estavam em nenhum lugar da sala. Eu estava em pânico. Só queria que isso acabasse e ficasse para trás. Então seria definitivo e não haveria chance de tentação na forma do cara errado.

A bile subiu em minha garganta e eu me curvei, cobrindo a boca. Não saiu nada, mas um suor frio brotou em minha pele. Culpei o álcool e não a cria de Satanás.

Quando Autumn e eu voltamos para o hotel, insisti em nossa tradição de filmes de sexta-feira à noite e combinamos com o uísque irlandês que Killian me comprou. Digamos que o uísque irlandês não me agradou. Espero que eu tenha mais sorte com o irlandês.

Eu zombei, rindo silenciosamente do meu estúpido jogo de palavras.

Autumn estava atrás de mim, puxando meus cadarços. — Pare de se mexer, — resmungou ela.

— Esse vestido foi uma péssima ideia, — murmurei, tentando inspirar pelo nariz e expirar pela boca.

Balancei em meus pés. Jesus, não era possível que eu ainda estivesse bêbada. Era? Eu só tomei uns três copos dessa merda.

— Branka, pare de se mexer, — repetiu Autumn. Meus olhos se voltaram para o espelho e encontraram seus olhos cor de avelã. Ela parecia nervosa. Até mesmo inquieta.

— Você está bem? — perguntou ela, rindo nervosamente.

— A questão é se você está bem, — respondi secamente. — Você está inquieta.

Ela estava menos nervosa em seu próprio casamento.

Eu a vi engolir e forçar um sorriso no rosto. — É o seu grande dia.

Pisquei os olhos. Sua explicação não fazia sentido. — Você não estava nervosa no seu grande dia. Isso foi há apenas um mês. Por que está nervosa agora?

Ela usava um vestido rosa sem mangas. Arrepios surgiram em sua pele nua. Desde o Oriente Médio, ela sempre sentia frio. Seu cabelo estava preso em um coque elegante, mas ela optou por não usar maquiagem.

Ela apertou o último cordão e eu balancei novamente.

— Tem certeza de que não está tentando matá-la? — Juliette comentou secamente.

Olhei de relance para Juliette e depois voltei a me encontrar com o olhar de Autumn no espelho. A culpa cintilou em seus olhos cor de avelã,

mas antes que eu pudesse abrir a boca, a porta se abriu e Alessio entrou com meu sobrinho.

— Encontramos nossas mulheres, — anunciou Alessio vitoriosamente. Ele parecia muito mais feliz desde que Autumn e ele ficaram juntos. Ele sorria mais. Até ria às vezes.

Ele se aproximou da esposa e deu um beijo em seu rosto. — Amor. — Os lábios de Autumn se curvaram em um grande sorriso. Ela brilhava quando ele estava por perto. — Como está nossa princesa?

Seus olhos baixaram para a barriga de Autumn e a mão de Alessio pousou em seu estômago. A pequena Alessandra estaria conosco em mais alguns meses.

— Ela está se comportando bem. Não está chutando ou pressionando minha bexiga, — anunciou Autumn.

— Ela vai ser um bom bebê, — eu disse ao meu irmão. — Assim como Kol foi. Não é verdade, amigo?

Kol sorriu e a mão de Autumn bagunçou seus cabelos escuros. — Exatamente como o pai deles.

Meu estômago se revolveu e um gosto ácido encheu minha boca.

— Oh, Deus, — murmurei e cobri minha boca enquanto a náusea subia pela minha garganta.

— A lata de lixo! — Autumn gritou. — Não coloque isso em seu vestido.

Juliette pegou a lixeira ao lado dela, e eu a encontrei na metade da sala antes de vomitar. Café da manhã e mais álcool. Jesus.

— Que nojo. — Kol fez uma careta.

Autumn esfregou minhas costas enquanto eu vomitava minhas entranhas. O ácido queimou minha garganta enquanto Juliette segurava meu vestido para garantir que eu não deixasse nada nele. Vomitei tudo o que havia em meu estômago, vomitando mesmo quando não havia mais nada.

— O uísque irlandês não é para mim, — murmurei, limpando a boca com as costas da mão. — É veneno.

Esse não foi um bom começo de dia ou de casamento. *Talvez seja um sinal*, minha mente sussurrou.

Juliette deu uma risadinha. — É preciso um pouco de paciência para se acostumar com isso, — disse ela. — Confie em mim, minhas primeiras vezes foram brutais. Agora posso beber mais do que a maioria dos homens sem ficar bêbada.

— É bom saber, — falei baixinho, depois fui para a pia. Escovei os dentes, lavei as mãos e me virei para encontrar meu irmão esperando.

Ele balançou a cabeça. — Parece que sua despedida de solteira foi mais selvagem do que a de Killian?

Revirei os olhos. — Ele tinha strippers? — Perguntei com curiosidade.

Ele deu de ombros. — Não. Ele acabou ficando a trabalhar. — Minhas sobrancelhas se franziram. Quem trabalha durante sua despedida de solteiro? — Pronta? — ele perguntou com ceticismo.

Não. Eu sorri. — Sim.

As notas suaves do piano vibravam na catedral. Um suor frio escorreu pela minha espinha, meu vestido de noiva chique era muito pesado. Em retrospecto, eu queria ter escolhido algo menos elaborado. Minhas mãos estavam úmidas, uma segurando a manga do meu irmão e a outra segurando meu buquê.

Um buquê de rosas vermelhas.

Espirro. Outro espirro.

Centenas de pares de olhos se voltaram para me observar. Killian estava em frente ao altar, com seus cabelos escuros refletindo alguns raios de sol que brilhavam através do vitral. Seus olhos estavam em mim, mas eu me perguntava se ele me via. Realmente *me via*.

Nem mesmo meu irmão me via de verdade. Ele me amava, mas só via em mim a menina frágil. Não a mulher que eu havia me tornado. Uma sobrevivente.

Os violinos do Canon in D percorriam a igreja. Minhas pernas pareciam mais pesadas do que chumbo quando dei o primeiro passo. O vestido me pesava, arrastando-se atrás de mim, e meus pulmões se comprimiam.

Estou fazendo isso, minha mente sussurrou obstinadamente. *Estou fazendo isso.*

Mais um passo, e outro. Cada um deles me aproximou mais dele e meu aperto na manga de Alessio ficou mais forte.

Concentrei-me nos olhos azuis de Killian. O tom errado de azul. *Um tom melhor de azul*, corriji-me imediatamente. O pânico corroía minhas veias e aumentava a cada passo que eu dava.

Ele não está olhando para mim como Alessio olhava para Autumn, meu coração estúpido sussurrou.

Soltei uma respiração trêmula. Eu estava a apenas metro e meio de distância quando um homem saiu do banco, com as costas largas, e meu passo parou imediatamente. Jaqueta de couro. Calça jeans. Uma bunda de babar. Eu reconheceria aquela bunda em qualquer lugar.

— Senhoras e senhores, — anunciou Sasha, sua voz ecoando pela igreja. — Por favor, vão para casa. — O mafioso psicótico estava fazendo teatro na igreja, até mesmo fazendo uma reverência. Como se o público do meu casamento estivesse aqui por causa dele. Não por mim. — Não haverá casamento hoje.

Pisquei os olhos e depois pisquei novamente. As palavras finalmente se encaixaram.

Ele. Não. O. Fez.

Os suspiros de choque e os murmúrios ecoaram pela igreja, viajando mais rápido que um raio.

— Que porra você está fazendo? — A voz de Alessio vibrou com tanta raiva contida que pensei que ele mataria Sasha. Aqui e agora. Ouvi Autumn dizer a meu irmão que não era apropriado levar uma arma ao casamento de sua irmã, mas não tinha certeza se ele havia concordado ou não.

Então esperei, prendendo a respiração enquanto meus ouvidos zumbiam.

Sasha sorriu. Aquele jeito desequilibrado dele era bem visível para todos. Ele nunca se preocupou em esconder isso, exceto quando estava sozinho comigo.

— Achei que fosse óbvio, — disse ele, com um tom entediado e preguiçoso. Sasha apontou uma arma para o crânio do meu irmão, com a mão firme e o dedo no gatilho. — Mas se você precisa de esclarecimento, estou sequestrando a noiva. — Ele sorriu e acrescentou: — Sua irmã.

Mais suspiros. Murmúrios altos. Dedos apontados. Os murmúrios da plateia desapareceram enquanto meus ouvidos zumbiam.

— Sasha, deixe a garota ir. — Vasili, o irmão mais velho dos Nikolaev, apareceu do nada. — Lembre-se de sua promessa.

— Há uma data de validade para essa merda, — comentou Sasha, com um tom frio. — Isso não tem nada a ver com você. — Sasha inclinou o queixo em direção a Alexei, que ainda estava sentado no banco sem intenção de se mover, com o braço pendurado no ombro da esposa. — Nem com você.

— Cuidando da minha vida, — observou Alexei secamente. — Não aponte essa arma para minha esposa e não teremos problemas.

— Ou talvez eu possa prendê-lo, colocá-lo na prisão e jogar a chave fora, — acrescentou a esposa de Alexei. — Isso nos pouparia de problemas nas reuniões de família.

A família Nikolaev era louca pra caramba. Com um L maiúsculo. Jesus Cristo.

Killian tentou se mover, mas Sasha sacou outra arma do nada. — Eu não faria isso se fosse você. — Ele fixou seu olhar frio nele. Seus olhos eram frios o suficiente para congelar toda a igreja. — Você não faz ideia do quanto eu quero.

Killian não tinha uma arma com ele. Essa era uma de minhas condições. Nada de armas no dia do nosso casamento.

Como eu poderia saber que precisaríamos de uma arma em uma igreja? Jesus Cristo!

— Você está louco? — Killian rosnou. Sua fúria ardia, sombria e perigosa, e, pela primeira vez desde que conheci Killian, pude ver o homem implacável sob seu exterior carismático.

— Wynter, ele é seu amigo lunático. Detenha-o. — A voz de Juliette gritou de algum lugar, mas não me atrevi a desviar o olhar. Eu estava com medo de que o mafioso psicótico atirasse em alguém se eu não estivesse olhando para ele.

— Sasha, pense sobre... — Vasili não conseguiu terminar sua frase.

— Pelo amor de Deus, — cuspiu o pai de Killian. Liam Brennan era a definição clássica de um pai gostoso. Se eu não tivesse meus problemas, estaria totalmente interessada nele. Obviamente, a esposa dele sentia o mesmo, porque ela era ainda mais jovem do que eu. — Por que toda vez que você aparece em algum lugar, Nikolaev, há problemas, porra?

Sasha deu de ombros. — Você está tentando ferir meus sentimentos? — disse ele, mas ficou claro, pela forma como ele nem sequer olhou para Liam, que não se importava de forma alguma.

Meu irmão, por outro lado, estava furioso. Eu já estava com calor com esse maldito vestido, mas o calor que irradiava de Alessio estava me deixando em brasa.

Como se tivesse lido meus pensamentos, Sasha deu um passo à frente, com uma arma apontada para Killian, enquanto a outra estava apontada para o peito de Alessio.

— Sasha! — exclamou Autumn, aparecendo do nada. Ela se colocou entre os dois homens, e a arma de Sasha estava a poucos centímetros de seu peito. Isso fez com que Alessio ficasse furioso.

— Vou acabar com você por ter apontado essa maldita arma para a minha esposa, — rosnou Alessio, enquanto pegava a esposa e a empurrava para trás.

Era tudo o que Sasha precisava. Antes que eu pudesse piscar, sua mão com aqueles símbolos gravados envolveu meu pulso e me puxou para ele, depois continuou apontando a arma para meu irmão.

— Pronto, — disse ele preguiçosamente. — Agora você está onde deveria estar.

— Me solte, — sibilei, me sacudindo contra ele.

— A propósito, belo vestido, — ele sorriu, mas algo sombrio se escondia naqueles olhos azuis pálidos. — Estou ansioso para rasgá-lo em pedaços.

— Não se atreva, porra. É Chanel, — sussurrei. — Se você me tocar, será um homem morto.

— Oh, kotyonok, já estou tocando você, — disse ele, pressionando sua boca contra minha orelha e seu corpo grande às minhas costas.

Killian deu um passo à frente, com fúria em seu rosto. — Vou acabar com você por causa disso, Nikolaev.

Sasha soltou um suspiro sardônico entre os dentes. — Eu gostaria de ver você tentar.

Killian tirou uma faca de seu coldre. — Não, Killian, — protestei. Eu não tinha certeza se havia feito isso para protegê-lo ou proteger Sasha e não tinha coragem de avaliar isso.

Com Autumn segura em suas costas, Alessio olhou para Ricardo, que não prometeu vir à igreja sem uma arma. Ele jogou a arma para o alto e Alessio a pegou, apontando-a para Sasha.

— Sasha, afaste-se da minha irmã antes que você encontre pedaços do seu pequeno cérebro psicótico espalhados pelo chão, — ameaçou ele, dando um passo em sua direção.

Eu não duvidava que Alessio não pensaria duas vezes antes de se atirar em Sasha e levar um tiro, garantindo que ele mataria o maluco antes que ele sangrasse.

Minha garganta ficou apertada. Meu peito pesou.

— Vá em frente, — convidou Sasha. — Atire. É a única chance que terá. Use-a ou saia do meu caminho.

O dedo de Alessio já estava no gatilho. Meu coração batia tão forte contra meu peito que eu tinha dificuldade para respirar. O maldito vestido

era muito apertado. Meus olhos encontraram os de Autumn. Por que aquele olhar de culpa ainda estava em seus olhos?

— Alessio, não podemos matá-lo, — Autumn tentou argumentar com meu irmão. Sua mão foi até ao antebraço do marido, apertando-o gentilmente. — Lembre-se, ele nos ajudou.

Sasha sorriu. — Ouça sua linda esposa, — ele ronronou, mas suas palavras estavam manchadas de escuridão e de uma emoção maníaca. Quase como se quisesse que Alessio não ouvisse sua esposa para poder infligir-lhe alguma dor. O tamborilar do sangue em meus ouvidos aumentou.

A veia do pescoço de Alessio latejava e seus dentes se cerravam com tanta força que eu podia ouvi-los ranger. Eu temia que meu irmão desse a Sasha a oportunidade de liberar sua loucura. Eu nunca o perdoaria, nem a mim mesma. Meu irmão era tudo para mim.

Antes que outra palavra pudesse ser dita, Sasha apontou a arma para o teto e puxou o gatilho. *Bang. Bang.*

Os gritos se seguiram. Os destroços caíram. As pessoas começaram a correr. A comoção.

Era exatamente o que Sasha queria. Eu não tinha ideia de quando ele guardou a arma, mas suas mãos chegaram à minha cintura e ele me jogou sobre seu ombro. Observei o mundo de cabeça para baixo, meu estômago revirado pressionando seu ombro.

— Deixe-me ir. — Minha voz soou muito fraca. Meu peito levantou e desceu. Temi que pudesse desmaiar.

— Nunca, kotyonok. — Sua voz era sombria, suas palavras ameaçadoras. — Estamos apenas começando.

Comecei a bater em suas costas, chutando e gritando. Uma picada aguda atingiu minha bunda.

E então o peso me puxou para baixo.

Capítulo 36

SASHA

Descartei a seringa vazia no chão e seu corpo ficou mole.

A raiva me atravessou. Eu esperava uma saudação melhor da parte dela. Ela estava me evitando há meses. Nunca estava sozinha. Ou os homens de Alessio estavam com ela. Ou a porra do Killian.

Se ele a tivesse tocado, eu o faria em pedaços.

A paz pode ir para o inferno.

E o maldito vestido de noiva que ela usava, eu não via a hora de arrancá-lo dela.

Minha irritação cresceu em meu peito. Fiquei irritado com o fato de ela ter vestido um vestido de princesa. Para ele. Quando ela era minha. Ela tem sido minha. E prometeu que esperaria.

Ela esperou?

Não, porra.

Maxim já estava me esperando ao lado do carro, com a porta aberta. Eu a coloquei no banco de trás e seu vestido de noiva subiu, deixando à mostra suas coxas macias e tonificadas e uma maldita liga azul.

Um rosnado vibrou em meu peito. A ideia de Killian passando as mãos por aquelas coxas macias me deixou vermelho.

A atenção de Maxim se voltou para as pernas de Autumn e eu cerrei os dentes. — Sabe qual é a maneira mais rápida de ter seus miolos estourados?

Seus olhos se voltaram para mim. — Acho que é só olhar para as pernas dela.

— É isso mesmo.

Deslizei para o banco de trás ao lado dela e coloquei sua cabeça no meu colo. A porta se fechou atrás de mim e Maxim deu a volta e se sentou ao volante.

Meus olhos se voltaram para ela. Já tive minha cota de mulheres bonitas, mas nenhuma delas se comparava a ela. Mas era muito mais do que sua beleza. Tudo nela falava comigo em um nível fundamental. Era como se ela tivesse sido feita só para mim.

Nunca hesitei em aceitar o que me era oferecido. As mulheres se jogavam em meus braços. Eu as comia. Do meu jeito. Do jeito duro. Mas com ela, eu não conseguia suportar usá-la. Ou machucá-la.

Por alguma razão, o fogo que ardia em mim, ameaçando se transformar em um inferno e causar estragos neste mundo, começou e terminou com ela.

Deus devia estar rindo da minha loucura quando colocou uma Branka Russo adulta no meu caminho. A garota que odiava ser tocada. Ela ficava mais do que feliz em me tocar, mas eu a observava há tempo suficiente para saber que ela odiava ser tocada por homens.

E não havia nada mais que eu quisesse fazer do que amarrá-la e fodê-la.

Passei meus dedos pelo cabelo dela e comecei a soltar todos os grampos em sua juba espessa. Que penteado ridículo e pomposo! Não tinha nada a ver com ela. Fiquei me perguntando quem diabos havia sugerido aquilo.

Descartando os grampos no chão do carro alugado, observei seu rosto impecável. Cílios longos e escuros que repousavam sobre suas bochechas de porcelana. Lábios cheios e entreabertos. Ela parecia tão inocente, mas tinha uma boca. Eu a ouvira em primeira mão muitas vezes.

As mulheres geralmente perdiam a língua perto de mim. Mas não Branka Russo.

Ela me enfrentou de frente. Cada. Vez.

Isso seria sua ruína um dia.

Maxim nos levou até ao estacionamento do Whole Foods, no Upper West Side de Nova York, e parou ao lado da moto. Levou apenas uma hora para chegar da maldita catedral até aqui. Era a razão pela qual nossa fuga não seria feita de carro.

Olhei de relance para a moto. Eu gostava mais de motos esportivas e essa era uma Harley. Não era a minha favorita, mas serviria.

— Se você trazer sua família psicótica até à nossa porta, terá mais do que os Brennans e os Ashfords para se preocupar, — anunciou Maxim, com os olhos fixos em Branka. Ele realmente queria perder a porra dos olhos.

— Você começou uma confusão. Uma ainda maior do que o que você normalmente consegue provocar.

Encontrei seu olhar escuro no espelho retrovisor. — Eu pedi sua opinião? — Ele balançou a cabeça. — Então não a dê. Você e seu irmão têm uma dívida a pagar. Você já pagou a sua. Seu irmão pagará a dívida dele. Agora me poupe de sua maldita sabedoria.

Ele zombou. — Ele é meu irmão e isso é a retribuição de um favor. Isso não diminui quem ou o que ele é.

Ele jogou as chaves da Harley por cima do ombro.

Eu as peguei.

Ele saiu do carro, enquanto eu permanecia sentado, esperando Branka acordar.

Passei o polegar em seu lábio entreaberto.

— Eu lhe disse para manter sua promessa, *moy kotyonok*.

O apelido lhe era adequado. Ela tinha garras.

— Vou embora daqui, — grunhiu Maxim, com os olhos voltados para Branka. — Não se esqueça de que minha dívida está paga. Não volte a me ligar... nunca mais.

No entanto, ele não se moveu, seus olhos se fixaram em Branka. Sua expressão ficou sombria e meu sexto sentido se acendeu. Mas depois desapareceu e ele se virou.

Observei as costas de Maxim enquanto ele desaparecia, depois voltei minha atenção para o rosto adormecido de Branka.

A ironia não me escapou. Ele me ajudou a sequestrar minha mulher e eu não consegui salvar a dele. Uma trégua relutante. Tudo porque seu Pakhan, que por acaso é seu irmão, não queria uma guerra com os Nikolaevs. Homem inteligente. Ele sabia que nossa força rivalizava com a dele e que uma guerra entre nossas famílias o enfraqueceria.

E isso não é uma coisa boa quando se é o chefe de uma organização criminosa.

Ficamos endividados e cobramos dívidas. E assim por diante.

Até que alguém caia.

Capítulo 37

BRANKA

Minha boca estava seca, minha língua pesada. Meu cabelo estava grudado no rosto e eu tentava mexer nele, mas não conseguia. Minha mente ficou confusa enquanto eu tentava me lembrar de quando tinha ido dormir.

Eu estava casada? Bebi demais na recepção do meu casamento?

Abri minhas pálpebras, piscando contra o vislumbre de luz. Eu me mexi para me mover e um gemido baixo passou por meus lábios.

Mãos grandes seguraram minhas bochechas e olhos azuis pálidos causaram um arrepio na minha espinha. Fechei os olhos e depois os abri novamente. Os mesmos olhos azuis claros.

— Você está acordada. Que bom.

A voz de Sasha. Jesus, isso era um sonho? Parecia mais um pesadelo.

— O que... — eu disse, mas minha voz falhou. Eu me mexi novamente, mas o som de material se desfazendo me fez ficar em uma posição ereta. Meus batimentos cardíacos tremeram quando vi meu vestido de noiva cortado logo abaixo dos joelhos. — O que está fazendo?

— Odeio a porra do vestido. — A indiferença em sua voz congelou meu sangue. Fiquei tensa e depois me afastei dele. Ele não me deixou

nenhum espaço entre nós enquanto rasgava outro pedaço de material do meu vestido.

Para meu horror, as lágrimas embaçaram minha visão.

— Bem, meu quase marido adorou, — menti. Eu não tinha a menor ideia se Killian tinha gostado ou não. Era difícil conhecê-lo.

Ele descartou um pedaço do meu vestido no chão do carro e tirou meus saltos. Pegou um par de botas e as entregou a mim.

— Calce isso, — ele exigiu.

— Não, — eu respirei, meu cérebro ainda um pouco confuso por causa do que ele injetou em mim. — Leve-me de volta, — exigi.

Ele deu uma risadinha. Escuro e ameaçador. — Acho que não. Coloque isso ou eu farei isso por você.

Tentei me mover e estremeci com a dor que me atingiu. Meus músculos se contraíram.

— Eu me casei? — Respirei, com a memória turva.

— O que você acha? — ele disse, girando a faca em suas mãos. Era estúpido, mas eu não estava com medo. Talvez as drogas em meu organismo tenham neutralizado minha razão. Ou talvez eu fosse simplesmente estúpida quando se tratava desse homem?

Brinquei com o monstro e tentei domá-lo. Mas um monstro não pode ser domado. Todo mundo sabia disso.

— Você está louco? — sibilei, embora minha própria voz estivesse me dando dor de cabeça.

Ele jogou a faca e ela voou pelo pequeno espaço do veículo até aterrissar de volta em suas mãos. — Depende de quem você perguntar.

— Você não poderia ter descoberto uma maneira sutil de me sequestrar? — respondi secamente, agradecida pelo fato de a faca não ter atravessado a palma da mão dele. Ou, pior ainda, em mim.

Ele apenas deu de ombros. — Foi sutil. Ninguém levou um tiro. — Esse homem era um psicopata puro. Eu não podia acreditar que realmente o achava atraente. Nunca.

— Foi televisionado, seu idiota de merda, — cuspi de volta para ele. Eu estava tão tentada a torcer seu pescoço. A presença do senador Ashford no casamento atraiu repórteres.

Sua única sobrancelha se ergueu, embora ele ainda não parecesse preocupado. — Ah, foi? Porra, isso é lamentável.

— Meu irmão vai matar você, — rosnei. — Killian também.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. Ele realmente riu. Desgraçado. — Eu gostaria de ver qualquer um deles tentar. — Então, seu olhar pálido se fixou em mim. — Um pequeno aviso, kotyonok. Não os pouparei se tentarem. Especialmente aquele irlandês maldito.

Meus dentes se cerraram com tanta força que meu maxilar doeu. Bastardo convencido.

— Se você não me levar de volta agora mesmo, — gritei. — Vou matar você.

Ele me mostrou aquele sorriso que eu costumava achar tão sexy. Emocionante e perigoso, mas também muito sexy.

— Cuidado, kotyonok, ou vou pensar que você gosta de mim.

— Eu. Odeio. Você.

— Não, você não odeia.

— Dê-me uma faca e você verá que sim.

— A propósito, recebi seu presente. — Revirei os olhos. O maldito russo estava pulando de um assunto para outro, causando-me uma reação alucinante.

— Eu não lhe enviei um presente, idiota.

— Aquele bilhete de amor foi tão romântico que fiquei com tesão.

— De que diabos você está falando? — Eu zombei. — Eu nunca faria nada romântico por você. Porque você é psicótico.

— O coração. O coração de Jason. — Eu me acalmei. — E a mensagem em sangue. Mesmo assim, em russo. Que porra de excitação. — Ok, essa definitivamente não era minha intenção. Era para ser um aviso. — E você se pergunta por que eu vim atrás de você. Você praticamente me implorou. Estava falando a minha linguagem do amor.

Fiquei olhando para ele em choque e minha boca caiu. Ele achava que enviar-lhe um coração humano e a mensagem em sangue dizendo que ele seria o próximo era romântico. Ele estava ainda mais desequilibrado do que eu pensava. Jesus Cristo. E eu queria dormir com ele.

O termo psicopata nem sequer arranhou a superfície ao descrever Sasha Nikolaev.

Em seguida, ele inclinou a cabeça pensativamente, como se estivesse debatendo algo, até que finalmente falou: — Vou ter que fazer algo

tão romântico quanto isso. — Ele sorriu como se estivesse satisfeito consigo mesmo. — Vou lhe dar um coração também.

Pisquei os olhos. De jeito nenhum. Alguém me salve desse pesadelo de Sasha.

— Você poderia me dar o seu, — respondi secamente. — Isso nos deixaria quites. Eu poderia até gravar minhas iniciais nele.

Ele sorriu como se achasse que era uma ótima ideia. — Querida, suas iniciais estão gravadas em meu coração há muito tempo. Mas você conseguiu. O que minha kotyonok quer, ela consegue. Deixe-me apenas fazer um transplante de coração. Encontrarei um doador compatível.

Minha boca caiu. Caiu porra. PSICOPATA!

Primeiro, ele realmente achou que eu mataria um homem para lhe enviar uma mensagem. Idiota.

É claro que Jason estava voltando para o Oriente Médio para cumprir sua próxima missão. Ok, talvez minha piada não tenha sido exatamente normal, mas eu não o matei.

Em segundo lugar, a ideia de matar Sasha Nikolaev, mesmo depois do que ele havia feito nas últimas vinte e quatro horas, era estranhamente perturbadora. Maldito seja ele!

— Agora calce essas botas, ou você não vai gostar do que vem a seguir.

Sem dizer mais nada, peguei as botas e as calcei.

— Você poderia ter comprado meias para mim, seu cretino barato, — gritei enquanto as amarrava.

— Não se preocupe. Você terá tudo o que precisa no lugar para onde estamos indo.

Fixei seu olhar e mordi meu lábio. Com força.

Não havia sentido em discutir com ele. Falar com Sasha era como jogar roleta russa e não havia como saber quem ganharia.

Capítulo 38

SASHA

Olhei para ela de forma crítica.

Teria de servir. Botas e um vestido branco, levemente desfiado, que não mais se assemelhava a um vestido de noiva. Não era a melhor combinação, mas seria melhor do que tê-la andando na garupa de uma moto com toda aquela maldita renda. Ela mataria nós dois com isso.

— Você estragou um vestido de cem mil dólares, — ela cuspiu, percebendo que eu a estava estudando.

— Eu lhe fiz um favor, — disse a ela com frieza. — Suba na moto.

Seus olhos se voltaram para a Harley e depois para mim. De volta para a moto. — Acho que não.

— Aqui estão algumas regras, — afirmei com calma. Ela subiria na moto nem que eu tivesse de amarrá-la a mim. — Quando eu der uma ordem, você deve dizer ‘sim, senhor’ e fazer isso com um sorriso. Não há mais rebeldia. Você teve sua liberdade e tempo para criar suas asas. Agora quero sua submissão. Entendeu?

Ela zombou. — Você está falando sério? Você não pode me dizer o que fazer, seu russo de merda.

Ignorei seu sarcasmo. — Você vai subir na moto ou vou amarrá-la e depois eu mesmo a colocarei nela. Se tentar alguma coisa, vou atrás de seu irmão e da adorável esposa dele.

— Alessio daria uma surra em você, — ela zombou.

— Como eu disse, kotyonok, — eu disse. — Eu gostaria de vê-lo tentar. Confie em mim, você não vai querer testar a teoria.

Se eu sabia uma coisa sobre Branka, era seu amor e lealdade pelo irmão e pela melhor amiga. Portanto, eu usaria isso contra ela.

Quando ela não disse mais nada, eu sorri satisfeito. Puxei a maçaneta da porta, abri-a e saí do carro.

Subi na Harley e estendi minha mão. — Vamos.

Ignorando minha mão, ela levantou a perna e a jogou por cima do assento, montando atrás de mim. Durante todo o tempo, ela murmurava palavrões sob sua respiração. Suas mãos envolveram minha cintura e, instantaneamente, meu pau reagiu.

Porra, seria uma longa viagem.

Coloquei meu capacete e o dela também. Em seguida, dei vida à moto e saí da garagem subterrânea. A melhor maneira de deixar a cidade era de moto. A essa altura, Alessio e Killian já teriam a descrição do carro. Eles nunca esperariam que estivéssemos em uma moto.

Dirigi devagar, entrando e saindo do trânsito, sem nunca ultrapassar o limite de velocidade ou infringir a lei. Não queria parecer que estava com pressa de fugir.

— Isso é pior do que Conduzindo Miss Daisy. — O resmungo de Branka veio pelo alto-falante do capacete. — Você não tem medo de ser pego?

— Não se preocupe, kotyonok, — eu disse. — Nós vamos sair daqui.

— E lá se vai minha esperança, — resmungou ela.

Desliguei nossa comunicação e liguei para Alexei.

— Da. ‘Sim’.

— Qual é a melhor rota da cidade de Nova York para Nova Orleans?

— Eu quero saber? — Sua voz fria e rouca veio através da linha.

— Ne. — Ele definitivamente não queria saber.

— Foi uma bela apresentação na igreja, — comentou ele em seu tom frio e seco. — Você deveria tentar o teatro.

— Vá se foder.

Sua risada rouca veio pelo telefone. — Acho que você não vai devolver a mulher.

— Não.

Deixei minha resposta preencher o silêncio. Não havia sentido em explicar. Ela era minha. Nada mais. Nada menos.

— Vá pela Pensilvânia até à Virgínia Ocidental, depois pelo Tennessee e continue indo para o sul até à Louisiana.

— Talvez eu devesse pegar um trem, — murmurei.

— Deixe-me adivinhar, você está em uma moto.

— Você adivinhou certo, brat. — *Irmão*. Já esperava o seu silêncio. Ele raramente expressava sua opinião ou decepção. Se eu ligasse para Vasili, nunca ouviria o fim da conversa.

— Sasha.

— Hmm.

— Hospede-se em hotéis ruins, não nos chiques.

A linha ficou muda.

Rodamos por seis horas quando finalmente parei em frente a um motel na Pensilvânia. Não era um lixão completo, mas estava bem perto disso.

Segui o conselho de Alexei. Ninguém sabia como ficar fora do radar melhor do que meu irmão. Já estava escuro lá fora e andar de moto no escuro era um incômodo.

Paguei em dinheiro e peguei as chaves com a recepcionista. Quando saí do pequeno saguão, Branka ainda estava sentada na moto. Ela havia tirado o capacete, mas, fora isso, permanecia imóvel.

— Você vai ficar na moto a noite toda? — perguntei com curiosidade. — Eu não sabia que você gostava tanto de motos.

Ela olhou para mim. — Não consigo me mexer, — ela rangeu. — Minhas pernas estão rígidas.

Pisquei e meu olhar percorreu suas pernas, depois voltou ao seu rosto. Ela tentou levantar a perna e estremeceu. Seu corpo se enrijeceu e eu caminhei uns três metros até ela, depois a levantei da moto e a coloquei em meus braços.

— Ai, — ela choramingou.

— Você precisa ser mais forte se quiser me matar, — comentei secamente.

Suas mãos envolveram meu pescoço e ela se segurou enquanto eu caminhava para o quarto. — Não se preocupe. Eu me recupero rapidamente. Vou matar você mais cedo ou mais tarde.

Balancei a cabeça enquanto a carregava. Quando abri a porta, Branka imediatamente xingou.

— Está brincando comigo? — sibilou ela.

No meio do quarto havia uma cama com uma cabeceira de ferro antiga. Parecia uma cela de prisão com grades.

Muito apropriado. Então, para melhorar a situação, havia uma cama para nós dois.

Podemos até ficar duas noites, pensei com presunção.

Capítulo 39

BRANKA

Este dia estava piorando a cada hora.

Primeiro, um sequestro. Agora, uma cama.

— Volte e exija um quarto com duas camas, — ordenei. Eu na mesma cama que Sasha era uma má notícia. Meu corpo tinha vontade própria quando se tratava desse homem.

— Por que eu faria isso? — retrucou ele.

— Porque somos dois, — eu disse sem rodeios.

— Preocupada que você não consiga manter suas mãos longe de mim? — ele disse preguiçosamente, seu tom enganosamente leve.

Eu rio. — Eu não tocaria em você nem com uma vara de três metros.

Sua presença preenchia todos os cantos desse quarto de motel de baixa qualidade, fazendo-o parecer ainda menor. O calor irradiava de seu corpo, queimando minha pele. E o olhar em seus olhos fazia faíscas dançarem em cada centímetro de minha pele.

Um sorriso presunçoso e conhecedor curvou seus lábios. Suspeitei que ele poderia ter arrumado uma cama de propósito. Eu não duvidaria de nada.

— A cama é grande o suficiente, — ele apontou. — Para nós dois.

— Sasha, não vou dormir na mesma cama que você, — gritei. — E por que você parou nessa espelunca? Você não pode pagar pelo menos um Holiday Inn?

Ignorando-me, ele fechou a porta atrás de nós, chutando-a com a perna.

Deixando-me cair na cama, meu corpo balançou no colchão. Uma vez. Duas vezes.

— Eu realmente não gosto de você, — murmurei.

Ele não perdeu o ritmo. — Você aprenderá a gostar de mim.

Meu olhar se fixou nas tatuagens em seus dedos. Meu captor. Esse era um cenário que eu nunca poderia ter imaginado.

— Não, não aprenderei.

Os olhos de Sasha se estreitaram em mim e uma tensão desagradável sugou todo o oxigênio. Pensei ter visto algo obscuro passar por seus olhos. Meu peito se apertou quando Sasha permaneceu em silêncio, observando-me. Como se ele estivesse pensando em como me derrubar.

Mal sabia ele que eu não era uma garotinha. — Sasha, me solte, — tentei argumentar com ele. — Deixe-me voltar. Direi ao meu irmão que eu lhe devia algo e que nós resolvemos isso. Ele não virá atrás de você se vir que estou de volta, sã e salva.

— Diga-me, kotyonok, — continuou ele, como se eu não tivesse falado. — Ele tocou você? — Meus olhos se arregalaram e encontraram seus

olhos azuis pálidos me estudando. Pressionei meus lábios em uma linha fina, recusando-me a responder.

— Ele. Tocou. Em. Você? — Sua voz era calma, mas a escuridão se insinuava em cada sílaba.

Recusei-me a responder novamente. Seu maxilar tremeu e ele se inclinou para mais perto, seu corpo grande se elevando sobre o meu. Sua mão se enroscou em meu cabelo e ele o agarrou, inclinando minha cabeça para trás.

— Ele vai pagar se tiver tocado em você. — Exalei quando ele puxou minha cabeça mais para trás para que eu o olhasse nos olhos. — Eu o esfolarei vivo se você o tiver tocado. E quando eu terminar com ele, sua cabeça ficará em minha lareira.

Engoli. — Você é louco.

— Kotyonok, você ainda não viu loucura, — disse ele, com a boca encostada em minha orelha.

Eu não conseguia acreditar que, em um determinado momento, eu realmente achava esse homem atraente. Ele era perturbado.

Tentei me afastar dele. Ele me seguiu. Pegou meus pulsos com sua mão grande e os levantou acima da minha cabeça.

— O que está fazendo? — Perguntei, acompanhando seus movimentos.

Ele sorriu com severidade. — Não posso permitir que minha noiva fuja no meio da noite.

Sua noiva? Ele não quis dizer isso literalmente. Certo?

— Espere, — eu o interrompi. — Preciso usar o banheiro. E preciso de uma ducha. Você não vai pelo menos me dar algo para comer? Não pode me deixar passar fome.

Seu olhar me encontrou, contendo um aviso. — Se tentar fugir, farei com que se arrependa.

Jesus Cristo.

Esse homem era mais do que apenas perturbado. Ele era comprovadamente insano.

Meus olhos brilharam com ressentimento, mas pressionei os lábios juntos, segurando minha resposta entre os lábios. Ele me puxou para uma posição sentada. O colchão se inclinou sob nosso peso. Saí da cama em disparada, ignorando a dor entre minhas coxas, enquanto Sasha estava logo atrás de mim.

Para alguém tão grande, ele se movia com uma graça surpreendente. Corri para o banheiro, mas antes que eu pudesse fechar a porta na cara dele, a palma da mão dele foi pressionada contra ela e ele impediu que a porta se fechasse com o pé.

— Não vou ao banheiro com você olhando, — protestei.

Ele me estudou, como se estivesse lendo minha mente e meus planos. Mantive minha expressão em branco, com o coração batendo forte no peito.

— Não faça com que eu me arrependa, — advertiu ele, liberando a porta e tirando a perna do caminho.

Sem dizer mais nada, bati a porta na cara dele.

Eu me aliviei e depois lavei as mãos e o rosto. Deixei a pia funcionando e sequei rapidamente as mãos, depois examinei o pequeno banheiro. Havia uma única janela atrás da banheira amarela. Não era grande, mas eu conseguia passar por ela.

Provavelmente. Talvez.

Meu coração batia forte nos ouvidos e a adrenalina corria nas veias. Se Sasha me pegasse, ele ficaria bravo. Furioso.

Eu não estava nem aí. Eu não me sentaria e aceitaria o que ele me dissesse. Dei minha palavra a Killian e pronto.

Sasha podia ir se foder. Eu esperei por ele. Ele não esperou por mim. Ele quebrou sua promessa.

Via de mão dupla, filho da puta.

O idiota estava louco se achava que eu voltaria para ele como se nada tivesse acontecido. Tudo era justo no amor e na máfia. Então, sim, vá para o maldito inferno, cria de Satanás.

As imagens de Wynter Flemming e Sasha passaram por minha mente. Como uma viciada em uma ferida, eu as procurava mais do que gostaria de admitir. Eles sempre me pareceram familiares e *felizes* juntos. A dor se irradiou pelo meu peito e se espalhou até envolver meus pulmões e apertá-los. Com um aperto agonizante.

Não, eu não estava com ciúmes. Sasha não esperou por mim e minha névoa induzida por um mafioso desequilibrado se dissipou. Eu não conseguia perdoá-lo por ter me deixado para trás também. Por me fazer esperar, só para que eu o encontrasse com Wynter.

Sasha também deveria ter esperado por mim. Agora era tarde demais. Ele havia me perdido.

Subindo na banheira, abri a janela. Lentamente e o mais silenciosamente que pude. Em seguida, empurrei a borda da banheira e pulei. Minha mão agarrou a moldura da janela, com as pontas afiadas penetrando em minha palma. Ignorando a dor, empurrei a parede e subi cada vez mais alto, até que meu corpo estava pendurado na janela.

Olhei para o chão enquanto me pendurava de cabeça para baixo. Era a única maneira. Eu teria que me deixar cair e torcer para não quebrar meu rosto. Esperando o melhor, empurrei-me mais para fora e comecei a cair. Parecia que eu estava caindo para sempre, mas, na verdade, foi apenas um ou dois segundos.

Torci meu corpo para que caísse sobre meu ombro e não sobre meu rosto. No momento em que meu corpo atingiu o chão, um grunhido escapou de mim. Isso doeu pra caramba.

— Vai a algum lugar, kotyonok? — A voz era baixa e suave, mas me assustou mais do que se ele tivesse gritado. Meu coração tremeu e minha respiração ficou trêmula, mas mantive a calma.

Tudo com Sasha era como jogar roleta russa. Um movimento errado, uma palavra errada, e eu estaria morta.

Rolando para o meu lado, encontrei-o casualmente encostado no prédio, com os braços cruzados sobre o peito.

Segurei seu olhar obstinadamente, recusando-me a me acovardar. Se meu pai não conseguiu quebrar meu espírito, esse demônio de olhos azuis pálidos também não conseguirá.

— Sim, fugindo de você e de seu traseiro desequilibrado e psicótico, — resmunguei.

Capítulo 40

SASHA

Ofegante, seus olhos se ergueram até encontrarem os meus.

Encostado no prédio e com os braços cruzados, eu a estudei. Ela continuava a me surpreender. Definitivamente, ela não estava querendo ser uma donzela em perigo. E, caramba, estava linda. Seu vestido de noiva rasgado dava um vislumbre de suas pernas curvas e macias e de suas coxas. Aquela maldita cinta-liga ainda estava lá. Eu me imaginei rasgando-a em pedaços com meus dentes.

Isso a assustaria?

Eu não tinha certeza, mas sabia que meu pau queria rasgar a boceta dela e fodê-la até que ela gritasse meu nome para o mundo inteiro ouvir.

Como se pudesse ver as imagens que passavam em minha mente, as bochechas de Branka coraram de vermelho. Ou talvez minha pequena selvagem estivesse imaginando imagens eróticas semelhantes em sua própria mente.

Um barulho fez com que seus olhos cinzentos olhassem na direção dele e ela abriu a boca, pronta para gritar.

Antes que ela pudesse gritar, agachei-me e cobri sua boca com minha mão. Ela mordeu minha palma, mas a dor foi bem-vinda. Isso fez com que eu me concentrasse nisso, em vez de no meu pau duro como uma rocha.

Ela lutou contra mim, mas seu tamanho não se comparava ao meu. Ela parecia uma criança pequena nas mãos de um gigante.

— Ninguém pode salvar você de mim, — sussurrei em seu ouvido, mordendo o lóbulo da orelha. Com força. Para minha surpresa, ela gemeu. Um sinal promissor. — Nem Deus. Nem o demônio. — Então, para garantir que ela entendesse que eu estava falando sério, inclinei seu rosto para mim, com meus dedos cravados em suas bochechas e, durante todo o tempo, minha palma ainda cobria sua boca. — Você é minha agora.

A raiva brilhou em seus olhos, que se transformaram em prata derretida. Exatamente como faziam quando ela estava excitada. Era viciante vê-la assim.

— Eu não sou sua, — ela cuspiu, com a voz abafada.

A irritação se acendeu em meu peito. Eu a queria envolvida até ao pescoço nesse relacionamento. Como eu estava.

Relacionamento, minha mente zombou. Isso não se parecia em nada com o que meus irmãos tinham. Embora eu nunca tenha pedido detalhes.

Blyad!

Que merda. Eu não precisava dessas sensações de ser chicoteado pela boceta. Eu só precisava dela nua embaixo de mim, submetendo-se a mim, com suas unhas nas minhas costas e meu pau bem fundo em sua boceta.

Simples.

Isso eu entendia. Era a isso que eu me ateria.

— Você é minha, kotyonok, — eu disse. — Agora e para sempre.

Seus olhos brilhavam com tanta fúria que eu esperava que raios me atingissem. — Eu não sou sua, — ela sibilou como um gato selvagem. — Você não é bom o suficiente para mim. Não se pode forçar alguém a ser seu.

Lágrimas brilhavam em seus olhos. Suas palavras me impressionaram, mas suas lágrimas me enervaram. Mais do que qualquer outra coisa que eu já havia experimentado. E eu já havia experimentado muita coisa em minha vida.

Um sussurro de tensão apertou meu corpo e forcei um sorriso no rosto. Aquele que assustava os homens e aterrorizava as mulheres.

— Mas você pode forçar alguém a cumprir sua promessa, — eu disse, depois a levantei e a joguei sobre meu ombro. Seus punhos bateram contra minhas costas e eu girei meus ombros.

— É uma sensação boa, kotyonok, — anunciei. — Como uma massagem sueca.

— Que se dane a massagem sueca, — ela cuspiu, mas seus punhos se acalmaram. Eu praticamente podia senti-la fumegando.

De volta ao quarto, deixei seu corpo deslizar pelo meu peito e, em um movimento eficiente, arranquei seu vestido de noiva.

Um suspiro preencheu o pequeno espaço entre nós e suas mãos instintivamente cobriram o sutiã frágil, sem alças, com bojo e uma calcinha fio dental. Fascinado, observei a veia em seu pescoço pulsar e precisei de todos os meus anos de prática para não atacá-la.

Eu estava tão fascinado com a porra do pescoço dela que quase não percebi seu movimento. Ela tentou me dar uma joelhada na virilha. De novo. Peguei seu joelho e o segurei com força.

— A menos que você queira ser fodida - completa e rudemente esta noite - você não tentará isso novamente, — eu a adverti com um rosnado. Uma boa dose de medo não faria mal a essa gata selvagem.

Seus olhos se arregalaram e seus lábios se separaram. Mas não havia medo em sua expressão. *Isso é bom*. Pelo menos algo de bom resultou disso.

— A menos que você *queira* ser fodida, — eu disse preguiçosamente. Porra, meu pau estava ficando mais duro a cada segundo.

Prata derretida. Olhos cheios de luxúria. Sim, minha kotyonok queria ser fodida.

— Eu quero ser fodida, — ela respondeu e meu pau já estava a bordo. Seu sorriso doce deveria ter sido meu aviso. — Por Killian. Definitivamente, não por você. — A sensação inquietante trouxe a raiva à tona. Eu a empurrei para o fundo do poço. A obsessão era perigosa. Especialmente para os homens Nikolaev. Quando perdemos a cabeça, o mundo pegava fogo. Pessoas morriam.

— Agora, leve-me de volta para que eu possa ter minha noite de núpcias, — ela exigiu, satisfeita consigo mesma. Se ela soubesse o que me passava pela cabeça, pararia de sorrir daquele jeito.

— Não me provoque, — adverti, minha voz baixando para um nível perigoso. — Killian não é a pessoa certa para você, — eu disse sem rodeios. Pela expressão em seu rosto, ela também sabia disso. — Agora, se

quiser meu pau, vai ter que merecê-lo. E vamos fazer isso quando o jogo estiver pronto. E faremos isso quando for a hora certa.

Jesus, eu não sabia quantos dias mais de bolas azuis eu poderia suportar. Se ela não cedesse logo, eu perderia minhas bolas.

— Eu não quero você, — ela disse baixinho, com o tom ofegante. Então, como se quisesse se convencer, porque eu sabia que ela estava se enganando. — Cara de idiota, — acrescentou.

Ela me quer, pensei com presunção.

Uma risada escura encheu meu peito. — Mentirosa.

Seus olhos se estreitaram e me encararam com um olhar de desafio. Havia esperança para nós. — Deite-se na cama.

— O quê? — ela gaguejou. — Eu não quero fazer sexo com você.

Eu a levantei e a joguei de costas, com o colchão balançando seu corpo. — Estou amarrando você.

— Não. — Ela se virou de barriga para baixo para rastejar para longe de mim, mas eu agarrei seu tornozelo e a arrastei para baixo, depois a rolei de costas.

— Pare com isso, — rosnei, e então montei em seus quadris. — Estou apenas amarrando você.

Bem, se eu achava que isso a acalmaria, estava muito enganado. Ela começou a se mexer como um cavalo selvagem. E eu definitivamente não era um campeão em montaria em touros. Peguei seus pulsos e os coloquei acima de sua cabeça.

— Deixe-me ir, — ela implorou. Seu tom era um pouco mais suave, mas ela continuava chutando, com a respiração mais difícil a cada segundo. — Não vou fugir de novo, — prometeu, mas não acreditei nela.

O medo de perdê-la e, dessa vez, não conseguir alcançá-la era muito forte.

Segurei seus pulsos acima da cabeça com uma mão enquanto pegava meu cinto e o puxava em um movimento rápido. Observei quando ela virou a cabeça para o lado e, quando pensei que finalmente se acalmaria, ela cravou os dentes em meu antebraço.

— Pare de lutar comigo ou você vai mudar de ideia e eu *vou* foder você, — ameacei, empurrando meus quadris para dentro dela. — Vou penetrar fundo em sua boceta apertada e deixá-la estrangular meu pau. Você gritará *meu* nome a noite toda.

Meu pau duro roçou em sua barriga e ela se acalmou instantaneamente. Seus olhos cinzentos se fixaram nos meus, escurecendo.

O vislumbre de medo neles quase me destruiu. Fiquei quieto. Eu nunca quis vê-la com medo. Eu a protegeria de todos e de qualquer um. Até de mim mesmo.

— Eu não vou machucá-la, kotyonok, — murmurei suavemente, embora a raiva ainda estivesse em minhas veias. Com ela.

Ela pensou que poderia casar com Killian e se afastar de mim. Esquecer-se de mim. Isso me fez sentir vazio. Indigno. Indesejável.

Caralho! Isso era muito pior do que ser chicoteado. Meu pau nem tinha entrado na boceta dela e eu já estava perdendo a cabeça. Encontrei seu

olhar e a suavidade de seus olhos levou todo o sangue ao meu pau. A raiva se dissipou, deixando-me pulsando de desejo por ela. Meu pau poderia cair se eu não entrasse nela logo.

Passando as mãos pelo seu corpo e segurando sua bunda, moldei a carne macia para que se ajustasse às minhas palmas.

— Nunca vou machucá-la, — prometi, minha boca roçando sua bochecha macia. — Às vezes, dor e prazer se misturam, mas isso nunca acontecerá sem o seu consentimento.

Meus quadris se empurraram contra seu corpo macio. Branka gemeu, com os quadris arqueados para cima, moendo-se sem pensar contra mim.

— Promete? — Porra, a vulnerabilidade em seu tom poderia me reduzir a um lunático furioso, caçando qualquer um que ousasse machucá-la.

— Prometo. — Continuei passando minha boca pelo seu pescoço e depois pelas bochechas. Sua reação a mim era inebriante. — Você quer? — Eu ronronei suavemente, depois mordi o lóbulo de sua orelha. Ela gemeu novamente, a cabeça caindo para trás e me dando acesso total ao seu pescoço. Como se ela estivesse se rendendo.

Meu corpo cantarolou em aprovação, meu pau totalmente a bordo.

— Diga-me, — eu disse grosseiramente. — Diga-me que quer meu pau dentro de sua boceta apertada.

Seus olhos voltaram para mim, ela engoliu e, por um momento, pensei que ela fosse ceder.

— Não, — ela respirou, ofegante.

— Que pena, — eu disse, um pouco desapontado. — Eu estava pronto para enterrar meu pau bem fundo em sua boceta quente. — Suas bochechas coraram. — Aposto que sua boceta é gulosa e quer estrangular meu pau. Até sua boca quer sentir meu gosto.

Ela revirou os olhos, mas não conseguiu esconder sua expressão de desejo. — Quero estrangular seu pescoço para que você pare de falar.

Com os pulsos presos, abaixei a cabeça.

— Sério? — Eu provoquei, enquanto seu corpo se contorcia embaixo de mim.

Só que ela estava se esfregando em mim em vez de se afastar de mim. Meus lábios percorreram seu pescoço, depois seu peito, até repousarem no material fino de seu sutiã. Suas pernas se abriram ligeiramente, dando-me as boas-vindas. Sua respiração ficou ofegante, então recompensei meu desejo. Empurrei minha pélvis contra seu clitóris e um gemido encheu o quarto. Aquele gemido suave com o qual eu sonhava há tanto tempo. Mordi seu mamilo através do material e depois o lambi para aliviar a dor.

— Parece que minha pequena kotyonok é uma mentirosa. — Eu sorri, encontrando sua expressão enevoadada. — Porque você está tão molhada que está deixando uma mancha na minha calça, mesmo através da calcinha.

Seus olhos brilharam e eu me levantei da cama.

— Durma bem, — sorri, embora provavelmente tenha sido uma careta. Minhas bolas estavam doendo a essa altura, desesperadas por ela. — Tente escapar de novo, e eu a farei dormir nua e amarrada.

Desapareci no banheiro com o pau duro, as bolas azuis e os xingamentos dela nas minhas costas.

Quando voltei do banheiro, esperava que ela estivesse dormindo. Não estava.

Ela olhava fixamente para o teto, recusando-se a me reconhecer. Estava chateada comigo por ter arruinado o dia do seu casamento. Ela superaria isso. Killian não era a pessoa certa para ela. No fundo, ela também sabia disso, mas se recusava obstinadamente a admitir.

Com seus pulsos ainda presos, sentei-me na lateral da cama e espelhei sua posição, sem os pulsos amarrados. Quase me arrependi de tê-la amarrado, mas não podia arriscar que ela saísse de fininho.

Uma única lágrima rolou por sua bochecha e ela balançou a cabeça. Como se estivesse brava consigo mesma por isso.

— Pare de chorar.

— Não estou chorando, cara de idiota.

Porra, isso não estava indo muito bem. Eu esperava que ela ficasse menos abalada por não ter se casado com Killian e aqui estava ela derramando uma lágrima.

— Desculpa. — Eu não sabia por que estava lhe oferecendo um ramo de oliveira. Não me lembrava da última vez que havia pedido desculpas a alguém e aqui estava eu. Menos de vinte e quatro horas desde que a sequestrei e já estava me desculpando.

Ela cheirava tão bem, como a luz do sol e a chuva fresca da primavera, alimentando meu desejo e minha obsessão. Eu a culpava pela abstinência, mas sabia que era tudo besteira.

— Por que você me quer agora? — Sua voz era baixa. — Você não voltou e agora... — Ela soltou um suspiro trêmulo. — Agora você está abrindo caminho na minha vida.

Porra!

A dor em sua voz arranhava meu peito. O pior é que eu causei essa dor. Não podia matar a pessoa que o causou porque eu era o culpado.

Só que eu não podia explicar-lhe que havia feito outra promessa. Ou que eu gostava de controle e que a teria assustado com minhas tendências.

Eu me virei para olhar seu perfil. Ela ainda estava olhando para o teto, recusando-se a olhar para mim. Suspirei e peguei uma mecha de seu cabelo macio entre meus dedos.

— Prometi a Vasili que manteria distância, — admiti. — Eu não queria colocá-la em perigo. — Soltei um suspiro seco. Parece que minha kotyonok e eu juntos estávamos muito ferrados.

Seu cheiro deixou minha cabeça confusa. Sua dor fez minha garganta ficar apertada. Seu sorriso fazia meu coração brilhar.

— Eu esperei, Branka, — respondi. — E você esperou por mim?

Ela engoliu e virou a cabeça, seu olhar encontrando o meu. Na verdade, eu não a culparia se ela não tivesse feito isso. Uma das últimas palavras de minha mãe foi que eu não era bom o suficiente. Eu nunca fui

bom o suficiente para amar. Mas, porra, eu esperava que ela esperasse. Esperava que ela me quisesse tanto quanto eu a queria.

Ela voltou seu olhar para o teto.

Foi nesse exato momento que percebi que o controle e Branka Russo nunca andariam de mãos dadas. Quebrar seu espírito era um não difícil para mim. Ela fazia parte da minha mente, abrindo caminho sem nem mesmo tentar.

Porra, essa mulher estava em toda parte. Em minha alma, meu coração e minha mente. Ela estava tão profunda sob minha pele que eu nunca encontraria a saída. Pior ainda, eu não queria encontrar a saída. Mas a necessidade de controlá-la lutava dentro de mim com tanta força que um suor frio escorria pelas minhas costas.

Perder o controle levaria a uma obsessão total.

O amor era uma obsessão. Paixão. Desastre.

E eu estava a caminho disso.

Capítulo 41

BRANKA

Acordei com o sol batendo em meu rosto. Semicerrando os olhos, me virei para dar uma olhada no quarto.

Era ainda mais ruim do que eu pensava. Cortinas pesadas da cor de diarreia de bebê. Janelas embaçadas de sujeira. O piso de ladrilhos era do mesmo tom das cortinas.

Eu me sacudi contra o cinto, torcendo os pulsos, mas sem sucesso. Sasha devia ser especialista em amarrar mulheres com cintos.

— Eu tive duas décadas de uso de cintos como cordas. Você não vai se livrar disso. — A voz de Sasha confirmou minha suspeita.

Congelei e contei até três antes de virar a cabeça para encontrá-lo sentado ao meu lado, totalmente vestido e com a atenção voltada para o telefone em suas mãos.

— Você pode me desamarrar? — cuspi. Seu olhar veio em minha direção, ilegível e secreto. Eu estava apenas de calcinha e sutiã, e o quarto não estava exatamente quente. Arrepios se espalharam por minha pele e eu estremei.

— O que você acha?

Esse filho da puta. Eu o faria pagar. Eu o mataria na primeira chance que tivesse.

— Por favor, — eu disse.

Seu sorriso largo foi minha recompensa. Ou punição, dependendo de quem estivesse olhando para ele. Ele guardou o celular de volta no bolso e se inclinou, soltando o cinto em um movimento rápido. Ele esfregou meus pulsos, mas eu afastei meus braços dele.

Esfreguei meus pulsos enquanto mantinha meus olhos nele. — Preciso de roupas, — murmurei, sentando-me.

Ele pegou a mesinha de cabeceira e me entregou uma sacola. Cautelosamente, joguei o conteúdo dela na cama. Calça jeans e uma blusa branca de gola alta. Roupas íntimas novas. Jaqueta de couro vermelha. Pelo menos eu não teria que andar fedida hoje.

— Vista-se, — ordenou ele. — Partiremos em cinco minutos.

Sem café. Sem bom dia. Nem café da manhã. Puxa, esse cara era um verdadeiro charme.

— Posso pelo menos tomar um banho?

— Cinco minutos.

Peguei as roupas, mas ele as arrancou de minhas mãos. — Tome um banho e volte para cá.

— Mas...

— Você sempre pode renunciar ao banho, — disse ele com aquele sorriso no rosto.

— Você é um idiota, — respondi.

Os olhos estreitos se encontraram com os meus e eu os mantive em desafio. Ficamos olhando um para o outro, ambos nos recusando a interromper o olhar. Infantil, sim. Sãos, não.

— Tanto faz. — Fui eu quem acabou cedendo. Balancei a cabeça e fui para o banheiro. — Bunda de merda, — murmurei.

Antes de fechar a porta, ouvi-o dizer: — É melhor se acostumar com isso, porque eu sou o seu traseiro.

Mas quando olhei por cima do ombro, sua atenção estava no celular.

— Quatro minutos, — ele cronometrou sem levantar a cabeça.

No banheiro, liguei o chuveiro, tirei a roupa de baixo e entrei no jato de água.

Deixei a água escorrer pelo meu corpo. O som dos canos protestou contra a pressão e a memória me atingiu como uma onda contra a costa em um dia de vento.

Da minha janela, observei a sombra de Mia desaparecer na noite. Mia e Alessio me deixaram. Meu peito estava dolorosamente apertado, dificultando a respiração. Levei minha mão ao peito, esfregando-o suavemente. Isso não trouxe o alívio que eu esperava.

Eu não queria ser deixada para trás. Queria implorar para que ele me levasse junto, mas sabia que isso deixaria meu irmão mais velho triste.

Ele ainda visitaria agora que Mia se foi?

Uma única lágrima rolou pelo meu rosto e eu a enxuguei antes que alguém pudesse vê-la. Meu pai odiava lágrimas. Ele me batia. Enrolei as mãos ao meu redor, desejando que eu fizesse dezoito anos amanhã, como Mia.

O alarme soou e eu dei um pulo, meus olhos se arregalaram. Ouvi os homens de meu pai gritando e cães latindo. Alguém continuava batendo em um cano, o som ecoando pela noite. Eu não conseguia identificar de onde vinha o som. Os cães começaram a latir e meus pés descalços se moviam silenciosamente sobre o tapete de macio.

Gritos. Gritos. Mais gritos. Canos estourando.

Meu coração deu um salto.

Eu deveria me esconder embaixo da cama. No entanto, me vi no corredor. Os gritos se espalharam entre as vozes escuras. O pai rugia. Mamãe chorou. Mais homens gritavam.

Clank. Clank. Bang!

Dei um salto para trás e tropecei, perdendo o equilíbrio.

Os olhos vieram em minha direção. Do pai. Da mãe.

Com os olhos arregalados, deixei meu olhar percorrer o grupo. E um cadáver no chão com sangue acumulado ao seu redor e olhos mortos olhando para mim. Como se ele estivesse me culpando.

Era um dos guardas de meu pai. Aquele que nos permitia pequenas liberdades.

— Você sabia? — ele disse e meu coraçãozinho disparou. Meu corpo começou a tremer. — Você sabia que a Mia estava indo embora?

Eu não era boa em mentir. Alessio me disse que eu era uma péssima mentirosa. Mia também me disse isso. Todos sabiam disso.

Antes que meu cérebro pudesse processar tudo isso, meu pai pegou um cano e o bateu contra a mesa.

— É melhor responder ou a mamãe vai pagar.

Meus olhos se arregalaram e meu corpo começou a tremer de medo. Os olhos vazios de mamãe piscaram com alguma coisa, mas ela não se mexeu. Por que ela não se mexeu? Por que não lutou?

Os cães latiam ao longe e eu rezava. Não queria que eles pegassem meu irmão mais velho e Mia.

Como se quisesse testar a força de um cano, ele o balançou e atingiu a mãe no ombro. Ela não fez nenhum barulho. Eu gritei como se ele tivesse me atingido.

Aquela careta cruel e ameaçadora se espalhou em seu rosto. Eu a odiava. Queria arrancá-la.

— Branka, você sabia ou não sabia? — O pai repetiu a pergunta.

Nem Alessio nem Mia me contaram. A única razão pela qual eu sabia era porque estava ouvindo. Mas não podia contar isso ao meu pai. Escutar era ruim. Não contar ao pai que Mia planejava fugir era ainda pior.

Eu engoli. — Não.

Pancada. Um grito. Meu.

— E-eu não sabia, — gritei.

Batida.

— *P-por favor, eu não sabia.*

Naquela noite, mamãe dormiu na cama ao meu lado, me embalando e balançando enquanto eu chorava. Geralmente era a Mia ou o Alessio que me confortavam. Não mamãe, em seu estado deplorável.

— *Sinto muito, mamãe.*

Seus braços, com hematomas pretos e azuis, me envolveram. — Todos nós deveríamos ter morrido. Ele não deveria ter salvado você.

Ainda me lembro da dor aguda que atravessou meu peito ao ouvir aquelas palavras. Eu sabia do que ela estava falando. Meu irmão mais velho nunca falou sobre isso, mas Mia me contou. Como mamãe tentou cometer suicídio e levar todos nós com ela.

Mas Alessio salvou todos nós.

Certa vez, perguntei ao meu irmão por que minha mãe estava sempre triste. Nunca me esquecerei de sua resposta.

— *O luto é como acordar em um universo paralelo onde tudo parece igual. Mas você não é. Você se torna uma sombra de seu antigo eu, observando o mundo girar e perdendo a esperança de que haja algo melhor para você. É por isso que mamãe é triste.*

Levei muito tempo para entender essas palavras.

A mãe se tornou uma sombra esperando que alguém a salvasse. Provavelmente o senador Ashford. Fiquei como uma sombra esperando que Alessio e Mia voltassem para mim. Eu sabia que ele não queria ir embora

sem mim naquela noite, todos aqueles anos atrás. Mas ele foi, e isso deixou uma marca. Eu era a sombra durante aqueles dias, meses. Dois malditos anos.

Sasha disse que estava esperando. A indecisão me levou em duas direções diferentes. Eu queria acreditar nisso, mas a parte de mim que havia sido deixada nas sombras, sozinha e isolada, muitas vezes se recusava a ceder.

Nos últimos quatro anos, eu era uma sombra, assim como minha mãe. Observei o mundo girar enquanto esperava por Sasha Nikolaev e me afoguei na escuridão e na solidão.

Capítulo 42

SASHA

Sentei-me na porcaria da mesa de centro, protestando contra o meu peso, nesse quarto de motel de merda.

Branka tinha razão, esse lugar era péssimo. Mas mantê-la comigo era mais importante do que o luxo naquele momento.

A porta do banheiro se abriu e ela saiu. Parecia chateada. Sem dizer uma palavra, estendeu a mão e bateu o pé com impaciência. Eu lhe entreguei as roupas e a observei se vestir.

Porra, ela tinha um corpo lindo. Uma daquelas figuras atemporais, em forma de ampulheta, que seduziam sem esforço. Observei sua bunda redonda se curvar enquanto ela vestia a calça e, em seguida, colocava rapidamente a camiseta. Em seguida, calçou as botas. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo baixo, presumi que para que ela não tivesse que se preocupar com o capacete da moto.

Meus olhos se estreitaram para Branka. — Qual é o problema?

Seu rosto estava pálido e fantasmas me encaravam através daqueles olhos tempestuosos. Não me passou despercebido como seu lábio inferior tremia enquanto ela o mantinha desesperadamente entre os dentes.

A mão de Branka afastou uma mecha de cabelo do rosto enquanto ela me olhava fixamente.

— Eu fui sequestrada. — Levantei uma sobrancelha em um silencioso ‘Então,’ o que pareceu tê-la irritado ainda mais. — Eu deveria estar casada e em lua de mel, mas aqui estou presa com você, sendo arrastada sabe-se lá para onde.

Notei o pequeno tremor em sua mão quando ela tentou empurrar aquele pedaço de cabelo rebelde para trás novamente. Algo a havia perturbado.

Meus olhos percorreram sua roupa. Calça jeans. Camiseta branca. Jaqueta de couro vermelha. Botas pretas. Ela parecia bem. Como uma garota motoqueira. Minha garota.

— Se ajudar, pense nisso como *nossa* lua de mel, — eu disse, na esperança de tranquilizá-la.

Falhei.

— Quero matar você, — sibilou ela.

— Está pedindo minha faca para me matar? — perguntei com frieza. Se ela quisesse me matar, talvez eu a deixasse. Depois que ela admitiu que queria meu pau tanto quanto eu queria sua boceta. Nós dois juntos fazíamos sentido - como o céu e as nuvens. Oceanos e praias.

Ela inclinou o queixo em sinal de desafio. — Você vai dar para mim?

Meu cérebro esqueceu-se da faca e foi imediatamente para um sentido - X. Meu pau assumiu o controle e imagens passaram pelo meu cérebro, dando a ela enquanto ela estava de bunda para cima, de cabeça para

baixo na minha cama, implorando para que eu a fodesse com mais força e mais rápido.

Blyad.

— Venha aqui, — ordenei.

Suas pernas obedeceram antes que ela percebesse e ela parou com um olhar incrédulo. Estendendo a mão, peguei sua mão e a puxei entre meus joelhos abertos. Envolvi-a com meus braços, enterrando meu rosto em sua barriga.

Porra, eu a queria. Muito mesmo. Toda ela. Eu queria me banquetear com ela, enfiar minha língua em sua boceta e beijá-la com uma violência que nos sacudiria e nos deixaria sem ar.

— Diga-me o que a aborreceu, kotyonok.

Tudo o que eu queria era fazê-la feliz. Que ela se derretesse em meus braços. Vê-la sorrir.

Seus lábios se afinaram, um sinal claro de que ela não iria me contar. Minhas mãos a envolveram e agarraram sua bunda.

— Preciso dobrá-la sobre meus joelhos e bater em você? — Ameacei suavemente. Um estremecimento a percorreu e observei seu rosto em busca de sinais de medo. *Confusão. Raiva. Tristeza.*

Ela me olhava fixamente, deixando-me afogar nas nuvens de chuva tempestuosa. Pressionei minha boca em sua barriga. Mesmo através de suas roupas, eu podia sentir sua pele macia. Inalei seu perfume profundamente em meus pulmões, deixando que ele me inundasse. Ela passou os dedos pelo meu cabelo, agarrando os fios.

Coloquei minha mão entre suas coxas. Mesmo através da calça jeans, o calor dela queimava. Levantei sua camiseta, esperando que ela me impedisse. Ela não o fez. Minha boca encostou em sua barriga macia e seu gemido suave preencheu o espaço. Rosnando, mordisquei sua pele macia. Me irritou que eu a desejasse tanto.

Abri o botão superior de sua calça jeans e depois desci a boca. Empurrei sua calça jeans para baixo, seguindo-a cada vez mais para baixo com minha língua, até que estava a poucos centímetros de seu monte. Foi então que a senti. Uma cicatriz.

Sua pele era impecável, exceto por aquela pequena cicatriz.

— Quem fez isso? — rosnei, levantando minha cabeça. Um tremor visível percorreu seu corpo.

Ela não respondeu. Apenas me observou com aqueles olhos cinzentos. Parecia que eu estava em um campo sob um céu tempestuoso, com a chuva de verão me cobrindo.

— Eu vou descobrir, — prometi. — Vou fazê-los pagar.

Ela engoliu. — Ele é o único que restou, — ela sussurrou. — Meu pai está morto.

— Eu o matarei, — prometi, com a voz sombria. — Assim como matei seu pai.

A expressão dela era de surpresa, mas não de arrependimento. Nenhum medo.

— Eu quero matá-lo. — Essa era a minha kotyonok. Minha tigresa. Branka e Mia podem ser parecidas fisicamente e ter um bom coração. Mas era aí que suas semelhanças terminavam. Branka era tão forte. Resiliente.

Eu queria que ela se visse como eu a via. Queria que ela fosse dona de tudo isso. O bom. O ruim. O feio. Porque isso a tornava quem ela era.

— Qual é o seu verdadeiro eu? — Eu lhe perguntei suavemente. Ela respirou desconfortavelmente e seus olhos brilharam com o fogo que eu estava acostumado a ver em seu olhar. Levantei minhas sobrancelhas em desafio, meus olhos a perfurando. — Você interpreta uma prisioneira indignada, uma irmã obediente. Uma assassina sedutora. Qual é a sua verdadeira personalidade?

Um suspiro estrangulado escapou dela. — Como... — Ela engoliu em seco. — O que...

Soltei um suspiro sardônico.

— Branka, sou especialista em me esconder. Minha mãe me culpava pelo fato de meu pai não a amar, — eu lhe disse. Eu poderia lhe contar toda a história, mas não achei que ela estivesse pronta. — Ela me chamava de mal-amado. — Bu-bum. Bu-bum. Eu podia ouvir os batimentos cardíacos dela. — Então eu me tornei adorável.

Um batimento cardíaco se passou e sua risada suave vibrou entre nós. Eu adorava o som de sua risada suave.

— Sua mãe parece um pouco equivocada, — comentou ela. — Mas gosto de sua solução.

Os cantos de meus lábios se ergueram. — Ela estava equivocada. — Nossos olhos se fixaram um no outro, com sentimentos pesados se formando entre nós. Ela lutou contra eles. Eu também. — Quero ver tudo de você. As coisas boas. O ruim. O feio. Tudo isso. Não se esconda de mim, e eu não me esconderei de você.

Nós dois sabíamos que ela se escondia atrás de uma máscara do que os outros esperavam que ela fosse.

Mas eu a vi. Agora eu queria que ela me visse.

Capítulo 43

BRANKA

Chegamos à Louisiana, em uma cidade desconhecida, no meio da noite. A única razão pela qual eu sabia que estávamos na Louisiana era porque vi a placa quando cruzamos a fronteira do estado.

Sasha dirigia como um louco, violando os limites de velocidade e muitas outras leis de trânsito, enquanto eu me agarrava a ele com toda a força. Ele adorava moto. Depois de todos esses quilômetros na garupa de uma, eu não tinha certeza se era meu estilo.

Eu havia chegado à conclusão de que Sasha era incansável quando tinha um objetivo em mente. E seu objetivo era chegar à Louisiana o mais rápido possível. Presumi que ele não seria pego pelo meu irmão. Alessio poderia estar fora do submundo, mas não hesitaria em usar a crueldade com que cresceu para me manter em segurança.

A pior parte era que esse demônio de olhos claros estava tirando todas as camadas, deixando-me nua na frente dele. Figurativa e literalmente.

Ninguém nunca tinha visto todos esses meus lados. Eu sempre tive o cuidado de escondê-los. Para manter meu irmão. Para manter minha melhor amiga.

Não queria que eles pensassem que eu era como meu pai.

Vingativa. Sedenta de sangue. Maligna.

No entanto, esse homem me viu. De alguma forma, ele me conhecia.

Não se esconda de mim, e eu não me esconderei de você. Suas palavras se repetiram em minha mente, ressoando em minha alma.

Mas o medo era uma droga. A raiva era ainda maior.

Acordei com uma dor no pescoço, enrolada no assento da janela. Não conseguia me lembrar de como cheguei aqui.

Piscando para afastar o sono, eu me acomodei no pequeno assento da janela. Levei um momento para me lembrar. Eu não estava em casa. Não estava em um quarto de hotel nem em uma lua de mel. Eu estava presa em um pesadelo com um Nikolaev louco. Um mafioso desequilibrado.

Como diabos eu tive tanta sorte?

O amanhecer cintilou no horizonte, mas ainda estava escuro. Um pouco desorientada, pisquei os olhos e tirei o cabelo do rosto. Pelo menos não estava amarrada.

O silêncio pesado encheu o ar. Nenhum movimento. Nenhuma voz. Nada.

Eu quase esperava que Sasha dormisse no mesmo quarto que eu, mas ele não estava aqui. A cama estava vazia. Só para garantir, levantei-me e dei uma olhada embaixo da cama. Era besteira, mas nunca se sabia com aquele maníaco.

Abri lentamente a gaveta. Ela estava totalmente abastecida. Peguei um vestido vermelho, com alças na altura dos ombros. Depois de vestida, peguei minhas botas, já que não consegui encontrar nenhum outro calçado. Não as calcei. Seria mais fácil ficar quieta se eu estivesse descalça. Saí do quarto e entrei no corredor escuro. A casa era bonita. Elegante, mas com uma decoração confortável. Pinturas penduradas nas paredes, mas eu não conseguia distingui-las no escuro.

Meus passos não faziam barulho contra o tapete macio. A cada poucos passos, eu fazia uma pausa e ouvia. Ainda não havia nada. Então, eu continuava a andar, com o objetivo de chegar à porta da frente. Ontem à noite, quando chegamos, fiz questão de prestar atenção ao que me rodeava.

Eu não seria uma daquelas garotas que sentariam e esperariam que alguém me resgatasse. De jeito nenhum. Eu me salvaria sozinha, muito obrigada.

No entanto, Deus devia estar rindo, porque eu estava a apenas dez passos do corredor quando uma mão envolveu meu pescoço, empurrando-me contra a parede. Uma respiração me escapou, meus pulmões se apertaram de medo. Ou excitação, eu não tinha certeza.

— Aonde você pensa que está indo, kotyonok? — ele zombou, com um ar sombrio e divertido. Como se estivesse impressionado com minha tentativa.

— Passeio matinal, — eu disse.

Os olhos azuis pálidos se chocaram com os meus, sugando todo o oxigênio do lugar. Se eu não tivesse cuidado, esse homem me puxaria para sua escuridão psicótica e depois me deixaria afogar. Ele era muito intenso.

Era muito fácil cair em seus encantos. Quase bufei ao pensar em Sasha sendo charmoso.

Fosse o que fosse, eu estava sob seu feitiço. Como o olho de um furacão, ele estava me sugando para um turbilhão de emoções.

— Mentirosa. — Sua expressão ficou sombria. Seu aperto em minha garganta ficou ligeiramente mais forte e a pulsação em meu âmago se intensificou. — Sempre tão inflexível quanto a ir embora. Por quê? Porque você quer *retornar* para ele.

Nós dois sabíamos quem *ele* era. Sasha Nikolaev ou odiava Killian ou tinha uma inveja louca dele. Provavelmente as duas coisas.

— Eu *deveria* estar casada com ele, — respondi secamente. Mas foi nesse momento que me dei conta. Eu não havia pensado em Killian nenhuma vez desde que Sasha me sequestrou.

Isso era... preocupante.

O joelho de Sasha entrou no meio das minhas pernas, e o atrito de seu músculo rígido contra o meu núcleo fez vibrar cada célula do meu corpo. Sem permissão, meu corpo se chocou contra sua coxa. Meus sentidos estavam tão aguçados que me senti tonta enquanto meu coração batia forte contra minhas costelas.

Meus dedos se enroscaram em seus ombros, arranhando sua camiseta. — Quer sair? — ele murmurou, seu hálito quente contra minha orelha. Seu polegar roçou meu pulso, depois pressionou contra ele.

Tempestades árticas se formaram em seus olhos. Mas também havia desejo bruto neles. Sua boca se agarrou ao meu pescoço e mordeu. Com força.

Eu deveria lutar com ele. Mandá-lo se foder. Em vez disso, um gemido escapou por meus lábios. O prazer zumbia em minha pele e percorria minhas veias. Os olhos de Sasha encontraram os meus. De alguma forma, eles estavam mais escuros agora. Um tom mais escuro de azul. Eu nunca tinha visto uma tempestade no Ártico, mas imaginei que fosse parecida com os olhos dele.

— Um dia desses, vou encher você com minha porra, — ele rosnou.

Um arrepio percorreu minha espinha ao ouvir suas palavras. Sua mão deslizou até meu peito e depois até meu quadril. Ele dobrou a saia do meu vestido em volta da minha cintura. — Quantas vezes?

Pisquei os olhos em confusão. Meus pensamentos eram incoerentes, meu cérebro estava em frangalhos.

— O quê?

— Quantas vezes ele tocou você? — grunhiu ele, seu dedo esfregando meu clitóris. — Quantas vezes ele comeu você?

Ele simplesmente não conseguia deixar isso passar. Bastardo obsessivo e psicótico.

Eu deveria lhe dar um tapa. Empurrá-lo para longe. Mas não o fiz. Todos aqueles dias me levando à beira do orgasmo, apenas para afastá-lo. Isso me tornou uma mulher desesperada.

Então, ignorei sua pergunta e fechei os olhos. — A ideia de ele tocar em você me deixa louco. Faz com que eu veja vermelho. — Ele me puxou pelo pescoço e inclinou a cabeça para baixo até que seus lábios roçaram os meus. — Diga-me quantas vezes, — ele repetiu e eu abri os olhos, encontrando seu olhar. Meu reflexo me encarou de volta. Selvagem. Consumidor. — Você não tem ideia do quanto eu quero encontrá-lo e quebrar todos os ossos de seu corpo. Depois, vou cortar o pau dele por ter tocado no que é meu.

Em um movimento, ele arrancou minha calcinha e o som de rasgo encheu o corredor. Ele enfiou dois dedos dentro de mim. Um gemido saiu de minha garganta e meu corpo se contraiu contra ele.

— É isso mesmo, kotyonok. Posso sentir sua boceta se apertando em volta dos meus dedos. — Eu pingava em seus dedos, balançando os quadris contra sua mão. — Sua boceta sabe quem é o dono dela. Ninguém jamais a tocará novamente. — Um gemido saiu de minha garganta. — Esta é a minha boceta. — Impulso. — Minha propriedade. — Impulso. — Você é minha.

Meu núcleo pulsava, a necessidade latejante queimando meu sangue. Eu estava tão perto, o orgasmo estava ao meu alcance. Mas quando estava prestes a gozar, ele retirou os dedos e meus olhos se arregalaram.

Soltei um suspiro frustrado que ecoou pelo ar.

— Você não pode gozar depois de tentar me deixar, — grunhiu ele.

— Seu desgraçado, — sussurrei. Meus dedos se fecharam em punhos e comecei a bater em seu peito. — Seu maldito bastardo.

Pegando-me, ele me jogou no ombro e me carregou de volta para o meu quarto. Ele me jogou de costas e meu corpo balançou na cama.

Ele montou em meus quadris, e eu tentei me livrar dele. Esse monstro maldito estava apenas me provocando. Brincando comigo. Ele agarrou meus pulsos e os colocou acima da minha cabeça. Eu continuava a me debater, mas ele era tão pesado. Girei a cabeça e afundei meus dentes em seu antebraço.

— Cuidado, kotyonok, — ameaçou ele, sua voz sombria. — Continue assim e você não gostará do que virá a seguir.

Fiquei quieta. Seu corpo sobre o meu era tão bom, como um cobertor pesado e reconfortante. E tudo o que ele fazia era me atormentar.

Virando a cabeça para o lado, olhei obstinadamente para o local na parede enquanto ele amarrava meus pulsos e os prendia à cabeceira da cama.

Ele passou os lábios por minha garganta. — Se você me pedir com jeitinho, eu vou fazer você gozar. — Meus lábios se comprimiram em uma linha fina. — Apenas diga por favor.

— Vá se foder, — cuspi. — Por favor.

Ele saiu do quarto, com sua risada sombria soando em meus ouvidos muito tempo depois de ele ter saído.

Capítulo 44

SASHA

— Você está fora de si?

Vasili bateu a porta de seu escritório. Dizer que meu irmão estava furioso era o eufemismo do século. A porra do vidro do prédio estremeceu com a batida da porta ou, muito possivelmente, com a força de sua voz.

Não importa. O que está feito está feito; era hora de seguir em frente.

— Você percebe que o mundo inteiro viu você sequestrar aquela mulher? — gritou ele. — Foi televisionado, porra.

— Hmm, foi? — Eu ri. — Eu nunca teria adivinhado com todas as vans de notícias na frente.

— Onde diabos você estava com a cabeça, Sasha? — ele gritou. — Você sabe quantos idiotas vou ter que subornar por causa dessa merda?

Encolhi os ombros. Ele não precisava subornar ninguém. Eu era capaz de acertar minhas próprias contas.

Sentado atrás da mesa do escritório de Vasili, recostei-me na cadeira e apoiei minhas pernas na mesa. Peguei a revista *People* que Vasili tinha em sua mesa. A porra do meu irmão sempre tinha essa revista em sua mesa, mas eu ainda não o tinha visto ler.

— Largue a porra da revista, — disse ele com os dentes cerrados.

— Relaxe, irmão, — eu lhe disse. — A noiva em perigo está sã e salva.

Na maior parte do tempo, acrescentei silenciosamente, rindo para mim mesmo.

Eu a deixei amarrada em minha cama, gloriosamente nua e sexualmente frustrada.

Infelizmente, meu plano saiu um pouco pela culatra porque eu estava andando por aí com um pau duro que se recusava a entender a mensagem de que não estávamos transando com ninguém hoje.

— Pelo amor de Deus, Sasha, — sibilou Vasili, mal conseguindo controlar seu temperamento. Eu podia ver isso na veia que latejava em seu pescoço. Aquela que sua esposa parecia não se cansar de ver, porque eu a peguei lambendo-a em mais de uma ocasião. Malditos coelhos excitados. Só a Isabella achava meu irmão atraente. — Você está tentando começar uma guerra? Primeiro, toda aquela maldita coisa toda com a Wynter e mantê-la longe de Liam Brennan. Agora essa merda!

E lá estava ele. Eu estava esperando o momento em que ele falaria sobre isso. Ele e todos os outros podiam se ferrar. Wynter, a princesa da patinação no gelo, precisava de mim, e eu nunca a deixaria na mão.

Abri a gaveta da escrivaninha de Vasili que eu havia ocupado e encontrei um chiclete. O barulho da embalagem preenchia o espaço, provavelmente irritando Vasili, incitando-o a continuar.

— Você disse que queria me ver casado, — eu disse preguiçosamente, ignorando sua provocação sobre Wynter. — Então, tive que encontrar uma noiva.

— Eu disse para encontrar uma noiva, não para sequestrá-la, — ele gritou.

— Semântica.

Juro que o cabelo loiro de Vasili, tão parecido com o meu, quase ficou vermelho de raiva. E eu me deliciava com isso.

Joguei o chiclete na boca e comecei a mastigar. Estalei o chiclete, observando com prazer o maxilar de Vasili se contrair. Ele estava furioso pra caramba. Não era nenhuma surpresa. Eu não gostava muito de mascar chicletes, mas era uma emoção tão grande ver as expressões de irritação nos rostos das pessoas quando eu os estourava.

Então, só para garantir, estourei uma bolha, esperei que ela ficasse com um tamanho decente e a estourei novamente.

Nossos olhos se fixaram em uma batalha de vontades. Os estranhos olhos azuis que compartilhávamos me encaravam, provavelmente contemplando meu assassinato. Aposto que meu irmão lutou contra a vontade de esticar o braço sobre a mesa e me esganar. Ele queria tanto, mas nunca ouviria o fim disso de sua esposa.

Era bom ter amigos em posições de destaque.

A porta de seu escritório se abriu e minha irmã, Tatiana, entrou com um vestido preto. Já havia se passado um ano e ela ainda insistia em ficar de luto.

— Ouvi dizer que você está começando uma guerra, — anunciou ela. — Posso participar?

Nossa família era definitivamente um tom diferente de loucura.

— Vocês dois são piores do que meus filhos pequenos, — gritou Vasili. — É isso aí. Já chega. — Ele apontou um dedo para Tatiana. — Você vai parar de beber. Eu não quero sentir o cheiro de álcool em você e...

— Vou borrifar mais perfume, — respondeu ela, com a fala um pouco arrastada.

— O caralho que vai, — ele rugiu. — Você vai parar de beber e de tomar pílulas para dormir. Tudo, porra.

Tatiana apenas mostrou o dedo do meio para ele. Eu gostaria de ver meu irmão mais velho tentando obrigá-la a fazer qualquer coisa.

Os olhos de Vasili se voltaram para mim. Era sempre assim. Nós éramos as crianças irresponsáveis e ele era o responsável que tinha de consertar tudo.

Bem, eu sabia o que estava fazendo.

— E você, Sasha, devolverá a noiva, — exigiu meu irmão mais velho.

— Não, eu passo, — disse a ele com firmeza. — Vou ficar com ela.

— Eu concordo, — disse Tatiana. — Por que você deveria ser o único a conseguir o que ele quer e precisa?

Sua voz era arrastada e amarga. Uma combinação ruim.

— Vocês dois serão a minha morte! Tatiana, arrume suas coisas ou eu farei isso por você. E você, Sasha. Você irá até Alessio e entregará a irmã dele, depois pedirá desculpas.

— O caralho é que vou, — eu disse a ele e soprei uma bolha com o chiclete ainda na boca. — A irmã dele é minha.

Ele passou as mãos pelos cabelos. — Jesus Cristo. Pensei que você gostasse de Autumn, não da amiga dela.

Dei de ombros. — Erro seu.

— Não podemos entrar em guerra com ele, — Vasili tentou argumentar. Ele não deve me conhecer bem para achar que isso me dissuadiria de meu plano. — Cassio e sua gangue o apoiarão. Ele é até mesmo próximo de Raphael.

— De qualquer forma, nunca gostei do Diabo, — disse-lhe casualmente. — Ele acha que é mais irmão da Bella do que o Alexei. Aposto que Alexei estaria do meu lado.

Como se soubesse que estávamos falando dele, Alexei entrou vestindo sua calça cargo preta e camiseta característica. A maioria das pessoas cagava nas calças quando via meus irmãos. Alexei evocava um tipo especial de medo. Estava gravado em cada pedaço de tinta em sua pele. Nossos pais fizeram um bom trabalho para que todos nós acabássemos fodidos.

Ele se sentou. — Então arranjou uma noiva? — Sua voz era casual, sem emoção. Essa era uma de suas melhores qualidades. Ele raramente ficava irritado. A menos que você mexesse com a esposa dele, Aurora. Então, a fera se manifestava.

— Sim, — eu disse com frieza. — Preciso ficar quieto por um tempo. Mas primeiro preciso de um pouco de tinta. — Eu sorri, a ideia de tatuar as marcas dos dentes de Branka em minha pele trouxe um novo tipo de alegria. — Quer segurar minha mão?

Alexei ergueu uma sobrancelha. — Eu lhe farei companhia. Mas não vou lhe dar a mão.

— Eu segurarei sua mão, — Tatiana murmurou. — Contanto que você me pague uma bebida. Estou me sentindo deprimida.

— Será que todo mundo perdeu a maldita cabeça? — Vasili gritou, olhando para nós três. — Que se dane a tinta e as mãos dadas. — Em seguida, ele respirou fundo como se estivesse arrependido da dureza de seu tom. — Tatiana, eu disse para você não beber mais álcool. Sei que está sofrendo, mas não vai melhorar assim. Confie em mim.

— Porque você viu isso em nossos pais, — comentei sarcasticamente. — Não se preocupe, Vasili. Todos nós vimos isso e sentimos as repercussões, de uma forma ou de outra.

— Ouçam, rapazes, eu amo vocês. Eu realmente amo vocês e não há nada que eu não faça por nossa família. — O cabelo de Vasili estava prestes a começar a afinar se ele não parasse de puxá-lo. — Mas agora temos filhos pequenos. Não podemos começar guerras e rixas. Nossos filhos vêm em primeiro lugar.

Ninguém disse nada. Eu sabia que Alexei concordava. Ele queimaria a porra do mundo se alguém olhasse para o pequeno Kostya de forma errada. Ou para sua esposa, aliás. Bem, eu também.

E como um raio, um pensamento me atingiu. Meus lábios se curvaram em um sorriso presunçoso. Eu tinha um plano para minha pequena kotyonok. Minha pequena selvagem finalmente receberia algum alívio e o resultado seria muito benéfico.

Porque ninguém iria querer levar uma mulher grávida para outra pessoa. Droga, essa era uma ótima ideia! Todos ganham. Eu a foderia até ao esquecimento, colocaria um bebê em sua barriga e arruinaria os planos de todos. Ela e eu, como Bonnie e Clyde. Sem a parte da morte por tiros, é claro.

— Porra, por favor, pare de sorrir assim, — grunhiu Vasili. — Por favor, pare com isso. Eu conheço esse sorriso e ele promete todo tipo de coisa ruim.

Recostei-me em minha cadeira e soprei uma bolha. — Não sei do que está falando.

Ele soltou um suspiro profundo. Jesus, meu irmão havia se transformado em um homem velho.

— Leve Branka Russo de volta, — ameaçou Vasili. — Se você não o fizer, eu o farei.

Levantei-me e ajeitei as mangas do meu terno.

— Toque-a e você não precisará se preocupar com uma guerra com os outros, irmão, — eu disse a ele calmamente. Nossos olhos se fixaram, a teimosia que eu sentia me encarando em seus olhos azuis. — Porque terá uma comigo.

Sem dizer mais nada, saí de seu escritório.

O zumbido constante da agulha contrastava com o silêncio de Alexei. Fiel à sua palavra, ele ficou ao meu lado, com os braços cruzados e olhando para mim. Tatiana ficou para trás com Vasili, provavelmente sendo repreendida pelo nosso irmão mais velho.

Eu não queria expressar isso, mas concordava com Vasili sobre o fato de Tatiana estar bebendo. Ela estava afogando suas mágoas de todas as maneiras erradas. Eu não queria que ela acabasse como nossa mãe. Tatiana era muito melhor do que isso.

Seu coração estava partido. Sua tristeza era crua, mas ela ainda era jovem. Ela havia de superar.

— Então ela mordeu você? — A voz de Alexei me fez voltar atrás.

Olhei para o artista que estava gravando os dentes de Branka em uma marca permanente em minha pele

— Moy kotyonok tem garras.

— E dentes, — observou ele em voz baixa, observando-me com aqueles olhos curiosos. Alexei sempre conseguia ver além das barreiras das pessoas. Era irritante pra caramba, mas foi o que o manteve vivo durante todos aqueles anos de cativeiro.

— Então ela é a tal?

— Está julgando? — Meu olhar se estreitou. — Eu questionei seu julgamento quando você escolheu Aurora?

Ele desviou o olhar de mim, obviamente vendo tudo o que precisava. Mas a inclinação de seus lábios não me escapou. Fiquei feliz em vê-lo sorrir mais. Ou meio sorriso, seja lá o que for que isso fosse.

Seu telefone tocou e ele o pegou.

Meu celular tocou ao mesmo tempo. Bem a tempo, porque a tatuagem estava pronta.

— Quer um creme calmante sobre ele?

Maldita boceta. — Não.

Peguei o meu no momento em que Alexei falou. — O avião de Alessio acabou de aterrissar. E ele não está sozinho.

E, com certeza, a mensagem estava esperando por mim. Uma de Vasili e a outra de Alessio.

Alessio: Você é um homem morto.

Vasili: Se você quer manter essa mulher, agora é a hora de desaparecer.

Meu irmão mais velho sempre me ajudou. Sempre. E eu sempre o apoiei.

— Para onde você está indo? — Alexei perguntou casualmente.

— É melhor que você não saiba, — eu disse a ele.

Não que alguém conseguisse arrancar alguma informação de meu irmão.

Estava na hora de cobrar minha segunda dívida com os irmãos
Konstantin.

Capítulo 45

BRANKA

Sacudi-me contra as cordas, tentando torcer meus pulsos para fora delas.

Sem sucesso.

A raiva e a fúria aqueceram meu corpo quando Sasha me deixou nua. Isso durou pouco. Uma corrente de ar frio tocou minha pele, e o ar-condicionado me causou arrepios. Eu estava com frio, com os pulsos presos acima da cabeça e a exaustão pesando em meus ossos. Apesar do desconforto, consegui adormecer um pouco, mas foi por pouco tempo.

Meus olhos percorreram o quarto. Uma cama king-size com uma elaborada cabeceira de ferro. Um lindo edredom preto que era inútil porque eu me deitava em cima dele em vez de me enfiar embaixo. Cortinas pesadas, em preto meia-noite, assim como a alma de Sasha, emolduravam a janela.

Ao ouvir o som da porta se abrindo, meus olhos se voltaram para a porta.

Sasha estava na porta, seus olhos percorrendo meu corpo nu. Algo sombrio e possessivo se escondia em seus olhos com promessas que causavam arrepios em minha espinha.

— Está com saudades minhas, kotyonok? — disse ele preguiçosamente.

Balancei a cabeça, sem conseguir encontrar minha voz. A maneira como ele me observava fez meu coração disparar. O olhar em seus olhos prometia prazer e o tipo de pecado que me queimaria viva. Eu queria isso.

Para meu horror, a umidade se acumulou entre minhas coxas e eu as esfreguei. Ele percebeu o movimento e seus olhos se arregalaram. O latejar pulsou e me provocou uma onda de calor.

— Minha mulher precisa de liberação, — disse ele com a voz rouca. Meus olhos desceram pelo corpo dele e se fixaram em sua ereção. Meu corpo respondeu imediatamente, como se ele fosse meu simulador pessoal. — O que minha kotyonok quer, ela consegue.

Meus nervos estavam à flor da pele. Se ele me levasse ao limite, apenas para tirá-lo, eu perderia o controle. A ansiedade me percorreu e, no momento em que Sasha puxou a camisa por cima da cabeça, um violento arrepio percorreu meu corpo.

Eu o desejava e não havia como resistir a isso. A luxúria seria minha ruína.

Seu abdômen duro e seu estômago marcado com tinta me deram água na boca. Sua ereção se comprimia contra a calça. Ele parecia enorme, seu tamanho prometia proporcionar prazer, mas também dor. Ele começou a tirar a calça e a cueca com facilidade e graça. Seu olhar azul-claro não se afastou de mim, monitorando cada respiração minha e observando cada movimento meu.

— V-você vai até ao fim desta vez? — Eu odiava como minha voz soava ofegante e carente, mas depois de tantos dias de quase orgasmos, eu estava desesperada por uma liberação.

Ele se aproximou de mim com a graça de uma pantera negra. — É hora de terminar o que começamos.

Sua cueca boxer deslizou pelas coxas grossas e musculosas e ele a chutou para o lado. Puta merda! Ele era enorme. De repente, fiquei preocupada se éramos compatíveis. Não havia como *ele caber* dentro de mim.

— Sasha...

— Sim, kotyonok?

Meus olhos estavam grudados em sua virilha. — Acho que não nos encaixamos bem.

Uma risada estrangulada sacudiu seu peito. — Somos a combinação perfeita, — ele me tranquilizou.

Ele deu um passo à frente e a palma da mão pousou no meu tornozelo, depois foi subindo cada vez mais à medida que seu corpo grande cobria o meu. O joelho de Sasha abriu minhas pernas. O colchão se abaixou sob seu peso e a pulsação entre minhas coxas pulsou com uma dor que só ele poderia saciar.

Ele estava em cima de mim, seu corpo grande protegendo o meu como um cobertor protetor.

Minhas mãos ainda estavam amarradas. Com uma das mãos, ele levantou e desamarrou meus pulsos, depois levou cada um deles aos lábios e os beijou. Em seguida, sua mão desceu pela minha clavícula até meus seios, e seu dedo tocou meus mamilos com força.

— Seus seios são lindos. — Um arrepio percorreu meu corpo. Passei minhas mãos por seu corpo, tocando seus ombros, seu estômago e depois seus antebraços.

Notei uma tinta fresca e meu coração se acalmou. Era o local onde eu o havia mordido há alguns dias. Meus olhos procuraram os dele. Deus, aqueles olhos azuis claros! Quando eles ardiam com aquele fogo indomável, era o suficiente para me derreter por dentro.

— Por quê? — Eu respirei.

— Adoro seu fogo, kotyonok. Machuque-me, arranhe-me, morda-me. Isso me mostra o quanto você se importa.

Jesus, quem era mais louco aqui? Sasha, porque ele era psicótico, ou eu, porque adorava a loucura dele?

— Você é louco. — Minhas coxas se apertaram e minhas pernas se abriram ainda mais para ele, brilhando com o suco que escorria pela parte interna da minha coxa.

— Nós dois somos o tipo certo de loucura, — ele ronronou, empurrando seu pau contra a minha barriga. Eu perderia a cabeça se não o tivesse dentro de mim logo. — Sua boceta é meu vício. Mal posso esperar para me enterrar profundamente nela, — ele rosnou contra minha boca.

Minha boceta latejou em resposta e eu gemi. Meus quadris se ergueram, esfregando-se contra ele. Ele beijou meus lábios. Suave, no início. Depois, como se tivesse perdido o controle, empurrou-me contra o colchão, fazendo a cabeceira da cama bater na parede atrás de nós. Os quadros pendurados chacoalharam com a força do impacto. Sua língua se enfiou entre meus lábios, enquanto sua mão se movia entre minhas coxas. As pontas de

seus dedos procuraram e encontraram meu clitóris. Eu gemia em sua boca enquanto ele provocava meu clitóris, esmagando meu osso púbico enquanto fodia minha boca.

Deixei escapar um grito suave e desesperado. Meu sangue ficou mais quente do que nunca quando ele baixou os dedos, enfiando um dentro de mim.

Ele esfregou meu clitóris com a palma da mão, com o dedo bem dentro de mim e a boca me devorando. Sua língua se movia em sincronia com o dedo, empurrando para dentro e para fora, e não demorou muito para meu corpo explodir. O orgasmo explodiu em cada célula do meu corpo, deixando-me cambaleante e confusa. Ele se afastou. Meus olhos cheios de luxúria o encaravam com perplexidade, enquanto eu o via se agachar e prender minhas pernas sobre seus ombros largos, deixando cada centímetro da minha boceta exposto para ele.

— Hora da sobremesa, — ele murmurou. — E é melhor você me ver devorando você. Para que se lembre a quem pertence essa boceta.

Sua boca desceu até ao local onde seus dedos estavam e outro gemido vibrou no ar, enquanto ele rosnava de satisfação.

Sua língua girava em torno do meu clitóris, enviando faíscas até aos dedos dos meus pés. Gritei quando ele o sugou, seus dentes puxando o botão, movendo-se para baixo para deslizar a língua em minha entrada. Porra. Seu gemido vibrou em mim e outra rodada de prazer me atingiu. Tremendo, pressionei uma mão contra a boca para abafar meu grito enquanto minha outra mão apertava seu cabelo, com medo de que ele parasse e tirasse esse prazer.

— Sasha! — Eu gritei quando sua língua voltou ao meu clitóris. À medida que mais explosões ecoavam em meu sistema, ele limpou a boca com as costas da mão, sorrindo com uma satisfação tão presunçosa que, se eu tivesse alguma energia, eu a tiraria de seu rosto. Do jeito que estava, ele havia esgotado minha resistência com orgasmos.

— Quer saber qual é o seu gosto, kotyonok? — ele murmurou, sua respiração roçando em meus lábios.

Oh, meu Deus! Talvez tenha sido a depravação e todos aqueles anos de espera que me deixaram tão ansiosa por mais.

Sua boca encostou na minha, sua língua deslizando entre meus lábios entreabertos. Lambi dentro de sua boca, nossas línguas dançando juntas. Sentir meu gosto em sua língua era tão erótico que meu corpo estremeceu sob o dele.

Ele agarrou minhas coxas e as envolveu em sua cintura. Seu pau se alinhou com minha entrada quente e ele empurrou com força.

— Oh, Cristo! — Eu gritei, meus dedos arranhando suas costas. A dor. O prazer. Era demais. Não era suficiente.

Ele se aquietou, com aquele olhar azul pálido tão escuro quanto os oceanos mais profundos. Então, lentamente, muito lentamente, seus lábios se curvaram em um sorriso. Do tipo ofuscante que roubaria meu coração.

— Você esperou, — ele murmurou.

Eu esperei. Embora ele quase tenha me perdido. Porque em minha noite de núpcias, eu pretendia dormir com meu marido.

— Não pareça tão presunçoso, — respirei, pressionando meus quadris contra ele. Estremeci com a dor aguda.

Seu nariz roçou o meu e seus lábios passaram pelo meu rosto. — Você é minha, — ele grunhiu, seus músculos tremendo. Ele estendeu a mão entre nós e eu observei, hipnotizada, seus dedos limparem o sangue que manchava a parte interna de minhas coxas enquanto ele o levava aos lábios. Isso deveria ter me enojado. No entanto, achei erótico pra caramba.

— Seu sangue é meu, — disse ele, com um olhar de pura obsessão em seus olhos. — Seu corpo é meu. Sua alma é minha. Você é toda minha, kotyonok.

Minhas unhas se cravaram em seus ombros e minhas pernas se apertaram em torno de sua cintura.

— Se eu o pegar com outra mulher, Sasha Nikolaev, arrancarei os olhos dela. E nada o salvará da minha ira. — Era o momento errado para essa conversa, com ele enterrado tão profundamente dentro de mim. Mas eu queria falar sobre isso e estava falando sério. Não me importava com a guerra que minhas ações iniciariam. — Assim como você, eu não compartilho.

Ele ainda estava sorrindo. Isso era bom. Ele balançou os quadris, lentamente no início. Entrando e saindo. Entrando e saindo. A cada vez, ele mergulhava mais fundo e com mais força. Fazendo com que eu me sentisse tão cheia. A cada investida, a dor diminuía e o prazer aumentava.

— Você me pega tão lindamente, kotyonok, — elogiou ele. — Olhe para nós, — ele exigiu quando eu não obedeci imediatamente. Baixei os olhos e observei seu grosso pau entrando em mim, esticando os lábios da minha boceta. — Essa boceta estava esperando por mim, — ele rosnou. —

Ela está estrangulando meu pau, ávida por mais. — Ele empurrou com mais força, seu ritmo aumentando.

— Diga-me, — ele rosnou. — Diga-me o quanto você quer isso.

Eu nos observava, meu suco escorrendo para molhar seu pau. Seu pau grosso era cheio de veias, uma mistura de meu sangue e sucos que facilitava a penetração dele dentro de mim.

— Eu quero, — gemi. — Quero seu pau. Por favor...

— Uma garota tão boa para mim. Veja como somos perfeitos juntos, — elogiou ele, enquanto começava a empurrar mais rápido. — Tão certo, porra.

A boca de Sasha se acomodou ao redor do lóbulo da minha orelha, puxando-o com os dentes. Ardia, mas a dor era bem-vinda.

Como se tivesse perdido toda a aparência de controle, ele rosnou em meu ouvido, — Essa boceta é minha. Diga.

— Sua, — choraminguei.

— Você pode matar qualquer mulher que eu tocar, — ele rosnou, penetrando em mim. — Mas eu farei o mesmo e pior com qualquer homem que você tocar.

— Oh, meu Deus, — soluzei. — Mais. Por favor, mais.

Seus quadris se aceleraram, penetrando-me, martelando-me, até que eu soube que o sentiria profundamente dentro de mim enquanto vivesse. Então, seus dedos deslizaram entre nossos corpos, tocando meu clitóris. Apenas algumas carícias suaves, um contraste tão grande com aquela foda bruta, e ele detonou outra explosão dentro de mim. Minha boceta se

contorceu em torno de seu pau, meus gritos vibraram no ar e meu corpo estremeceu violentamente.

Ao mesmo tempo, ele rosnou sua liberação em meu ouvido, sibilando e xingando como se a sensação fosse tão boa que chegava a ser dolorosa. Seu esperma me preencheu, jorrando dentro do meu corpo. Eu estava encharcada com meus sucos e sangue, e seu esperma se espalhou dentro de minhas coxas, criando ruídos de estalo.

Sua cabeça se aninhou em meu pescoço, salpicando minha pele com beijos. A suavidade desses beijos era um contraste tão grande com sua foda dura. Essa era a mais doce agonia e eu sabia que estava perdida.

— Minha, — ele murmurou, causando arrepios em minha espinha.
— E eu matarei todos eles se tentarem levar você.

Sasha Nikolaev me marcou - de corpo e alma.

Capítulo 46

SASHA

O crepúsculo começou a cair e a projetar sombras no corpo de Branka.

Observei a subida e a descida de seus seios, o brilho de seu corpo nu me tentando a tomá-la novamente. E mais uma vez. Até que ela estivesse tão dolorida que me sentiria por meses.

Droga, eu tinha perdido toda a aparência de sanidade. Deveríamos estar a caminho do aeroporto. Em vez disso, pensei em transar com ela novamente. Se eu deixasse meu pau me guiar, o irmão dela nos encontraria e a levaria para longe de mim.

Matá-lo definitivamente afastaria Branka, então eu teria que... não sei. Talvez matá-lo pela metade. Que droga! Não matá-lo seria um problema. Perdê-la seria um problema ainda maior.

Não apenas por mim. Mas por todos, porque eu começaria a matar inimigos e amigos por sequer pensarem em tirá-la de mim.

Só de pensar em perdê-la, minhas mãos tremeram levemente.

Minha vida foi moldada por uma mãe psicótica e obsessiva. As palavras que ela me disse no momento em que tirou a própria vida fizeram de mim o que sou hoje. Ainda me lembro daqueles breves momentos logo antes de ela tirar a própria vida.

Vasili encontrou seu corpo maltratado depois que ela pulou, mas ninguém sabia das palavras que ela me disse antes. Ninguém sabia que ela quase levou Tatiana com ela.

Meu olhar percorreu o corpo de Branka. Ela era linda pra caramba, o sonho molhado de qualquer homem. Mas era muito mais do que isso. Eu adorava sua força, sua boca atrevida e seu espírito rebelde. Eu lhe daria todas as liberdades, menos uma.

Sua liberdade. Era minha.

Eu fiz a coisa certa. Eu esperei, porra. Sete malditos anos. Mas agora, *eu* tirei sua virgindade. Ela era minha e ninguém poderia tirá-la de mim.

Meu telefone apitou, sinalizando que convidados indesejados estavam se aproximando. Isso significava que eu tinha exatamente vinte minutos para nos tirar daqui. Dei um passo à frente, abrindo a cômoda e pegando roupas para Branka.

Sorri e peguei um vestido vermelho. Ela ficaria linda nele e seria a minha lembrança da virgindade que eu havia reivindicado. Peguei a lingerie vermelha com gargantilha de corrente e calcinha e sutiã combinando. Meu pau endureceu instantaneamente. Ela usaria isso até chegarmos ao nosso destino e então eu a foderia segurando a corrente.

As imagens já estavam em minha mente e meu pau exigia que eu fizesse isso agora. Malditos visitantes indesejados. Ninguém mais tinha a etiqueta certa.

Sentando-me na cama, cutuquei-a para acordá-la.

Ela bateu em meu braço e tentou se afastar.

— Acorde, — eu disse a ela. — Está na hora de ir.

Ela abriu os olhos sonolentos, aqueles cinzas tempestuosos que me capturaram. Sempre me atraindo.

— Mas acabamos de chegar, — ela murmurou.

Eu não queria revelar que o irmão dela estava atrás de nós. Ela tentaria lutar comigo. Embora a ideia de ela escolher o irmão em vez de me escolher queimasse como ácido em minhas veias e ardesse como cinzas.

— Vista-se e eu lhe comprarei um telefone.

Isso a fez se mexer. Eu sabia que Branka vivia para seu telefone. Ela era a rainha das plataformas sociais. *Minha rainha.*

Ela pegou as roupas e deu uma olhada no tamanho. — Quando você teve tempo para fazer compras?

— Eu as tenho há anos, — disse-lhe. Sua cabeça balançou em minha direção e nossos olhares se fixaram. O significado disso não passou despercebido para ela. Eu sempre planejei vir atrás dela. Alexei me pegou comprando coisas para ela na Internet e apenas balançou a cabeça.

— Perseguidor, — ela murmurou.

Ela não fazia ideia.

Ela voltou a atenção para as roupas e pegou a gargantilha. — Que diabos é isso? — resmungou ela.

— Coloque isso antes da calça e da camisa.

— Dê o fora daqui, — ela respondeu secamente. — E eu achando que era para colocar depois.

Eu não tirei a audácia dela, pensei divertido.

— Não vou vestir isso, — anunciou ela, entregando-o de volta para mim.

Eu o empurrei de volta para ela. — Sim, vai. E eu a recompensarei mais tarde por isso.

Ela piscou, e suas bochechas ficaram profundamente vermelhas. — Você vai?

— Sim, vou.

A luxúria transformou seus olhos em prata derretida. Aquela cor nunca mais seria a mesma. Quando nos casássemos, eu me certificaria de que ela usasse um vestido prateado. Que se dane o branco.

— Você jura? — Sua voz era rouca, com os lábios ligeiramente entreabertos.

— Eu juro, minha insaciável kotyonok.

Pegamos o elevador até à garagem subterrânea onde meus carros estavam estacionados.

Branka estava linda em seu minivestido vermelho de ombros caídos que abraçava suas curvas e deixava à mostra suas longas pernas. Em vez de usar salto alto, ela optou por sapatilhas brancas. Ela ficava bem de

vermelho. E essa gargantilha me deu todo tipo de ideia. Do tipo que envolvia ficar no quarto por dias.

Talvez tenha sido minha imaginação ou alguma felicidade pós-foda, mas seus olhos tinham um tom de cor esta manhã. Como o céu com manchas de nuvens cinzentas em um céu azul claro.

Segurei sua mão só porque pude e ela era tão macia. Ela não tentou puxar a mão e meu peito se aqueceu. Passei o polegar pela pulsação na parte de trás de seu pulso e ela estremeceu.

Mesmo assim, deixou sua mão na minha.

Paramos em frente às fileiras de chaves e eu peguei a do Land Rover. Seria a saída mais rápida se tivéssemos que pegar atalhos.

Quando entrou no veículo, ela baixou o quebra sol. Eu a observei passar os dedos em sua juba espessa. Era uma coisa tão simples, mas que fez meu sangue zumbir em aprovação.

— Então, para onde estamos indo? — perguntou ela, levantando o quebra sol novamente.

Eu não conseguia o suficiente dela. Eu a amava em meu espaço.

— É uma surpresa.

Ela revirou os olhos. — Está bem, então. — Ela cruzou as pernas e olhou pela janela. — Quando vou receber meu telefone?

Meus olhos percorreram suas longas pernas.

— Em breve.

Ela me lançou um olhar hesitante. — Qual é o problema com essas respostas curtas?

A frustração me invadiu. Eu tinha acabado de me enterrar profundamente em sua boceta e ainda não era o suficiente. Eu a queria novamente. De joelhos, com meu pau bem fundo em sua garganta. Em suas mãos e joelhos. E, acima de tudo, eu a queria amarrada à minha cama, à minha mercê.

Mas ela teria que confiar em mim primeiro.

— Sasha?

Voltei minha atenção para Branka.

Cada olhar suave dela abria um buraco em meu peito e tatuava seu nome em letras garrafais em meu coração.

E, de repente, eu soube. Não haveria como deixar Branka Russo nesta vida.

Somente na morte.

Ao embarcarmos no avião, Branka franziu a testa.

— Qual é o problema?

Entramos na cabine e ela se sentou no sofá de couro branco. Com o lábio inferior entre os dentes, ela continuava torcendo o pulso enquanto os dedos da outra mão o envolviam. Sentei-me ao lado dela e coloquei seu rosto em minhas mãos.

— Diga-me o que há de errado.

O olhar das nuvens chuvosas encontrou o meu e puxou meu coração. Foi nesse exato momento, que percebi que amava essa mulher. Não era o tipo de amor doce. Ou gentil. Era o tipo de amor ardente que destruiria o mundo e todos nele se ela me deixasse.

— Quero ligar para meu irmão, — respondeu ela, depois engoliu.
— E Killian.

A onda gelada de pânico me invadiu. Soltei o rosto dela ou corria o risco de esmagar seu crânio.

— Não. — As nuvens de chuva em seus olhos se transformaram em trovões.

Ela não me amava. Assim como mamãe não me amava. Assim como papai não amava mamãe.

Branka não me ama.

As imagens de minha própria mãe, desequilibrada e louca, murmurando para si mesma, passavam em minha mente. Ela dava voltas e mais voltas, até que pulou, matando-se.

— Eles deveriam saber que estou bem, — protestou ela.

— Não.

— Eventualmente, vou voltar para casa, — sibilou ela.

Eu nunca a deixaria ir embora. Ela era minha agora.

O ciúme era uma coisa feia. Eu vi isso em primeira mão com minha mãe. Jurei que nunca iria me aprofundar tanto. No entanto, lutar contra ele agora seria como nadar contra a maré.

Nós vamos dando voltas e mais voltas.

Branka virou o rosto para o outro lado, como se não suportasse olhar para mim. Meu peito ficou apertado. Meu coração se contorceu de raiva ao pensar que um homem poderia tocá-la. Só de pensar nisso, minha visão ficou manchada de uma névoa vermelha.

Minha mão envolveu seu pescoço fino, mantendo seu rosto em mim. Sempre em mim.

— Você é um imbecil, — ela respirou, com a raiva estampada em sua expressão. — Eu odeio sua bunda psicótica.

Apliquei pressão em seu pescoço. Ela não se afastou. Em vez disso, seus olhos se turvaram, a raiva se transformando em prata derretida. *Luxúria.*

A vitória correu em minhas veias e fez com que o calor chegasse à minha virilha. Apertei seu pescoço com mais força e seu corpo se inclinou em direção ao meu toque. Seus lábios se entreabriram e aqueles olhos me observaram semicerrados com tanta necessidade que causaram um arrepio em minha espinha.

Ela podia não me amar, mas me desejava. Eu usaria isso e faria com que ela me amasse. Eu só precisava de tempo.

— Abra as pernas e me mostre o quanto, — eu disse, meu tom rouco. — Faça com que sua boceta me mostre o quanto você me odeia.

Seu pescoço balançou, um movimento delicado sob meu toque.

— Assustada, kotyonok? — Eu desafiei com um sorriso presunçoso. Seus olhos se estreitaram, mas sua respiração a traiu. Seu peito subia e descia, seu peito ficou manchado. — Com medo de perceber que está mentindo para si mesma ou para mim?

— Nenhum dos dois, — ela murmurou.

Já estávamos no ar, a caminho da Rússia. Essa poderia ser uma boa maneira de matar o tempo. Eu foderia o amor para dentro dela, faria com que ela se esquecesse de tudo e de todos, menos de mim.

Sim, bom plano.

Inclinei seu rosto para cima para que ela olhasse para mim. — Prove isso, — exigi. — Mostre-me o quanto sua boceta me odeia.

Um tremor percorreu seu corpo. Seus olhos brilhavam como diamantes. A pressão em meu peito aumentou.

— Você vai me provar o quanto me odeia.

Peguei-a em meus braços e fui para a parte de trás do avião, onde ficava o quarto.

Coloquei Branka de pé e esperei. Esperei que ela me impedisse. Esperei que ela me dissesse que não me queria.

Ela não me impediu. Não se mexeu.

Apenas me observava com aqueles olhos que tinham o poder de me fazer cair de joelhos. Eu a tinha tido horas antes e a queria novamente. Muito. Essa luxúria e necessidade por ela me agarraram e se retorceram sob minha pele.

Exigiam que eu fosse o dono dela. Que eu a controlasse.

A mão de Branka tocou meu peito e aquele simples toque me queimou. Ele me marcou. Uma onda relutante de calor correu para minha virilha. Baixei os olhos para ver a mão dela percorrer meu abdômen. Não era bom o suficiente. Eu a queria em minha pele. Queria minhas mãos em sua pele.

Peguei o zíper do vestido dela. O som do zíper fez um eco na parte de trás do avião. O vestido escorregou por seu corpo e se amontoou ao redor de seus pés, deixando-a apenas com suas roupas íntimas e aquela gargantilha vermelha.

Era a melhor visão. Foda-se, de sempre.

Ela estendeu a mão e agarrou a bainha da minha camisa, depois a puxou sobre minha cabeça. Tirando as botas, desafivelei o cinto e me liberei da calça.

Os olhos de Branka baixaram para o meu peito, olhando para as minhas tatuagens, e depois para o meu pau brilhando com pé-goço. Minha virilha latejava, ansiosa para entrar dentro dela. Quando seu olhar turvo se voltou para o meu, uma onda de escuridão me percorreu.

Agarrei sua bunda e a levantei para que ela pudesse envolver as pernas em minha cintura. Eu precisava me recompor. Precisava me satisfazer com ela. A necessidade de amarrá-la e amordaçá-la, e depois puni-la por ter pensado em se casar com Killian.

Quantas vezes Killian a beijou? Tocou-a? Viu seu sorriso? Maldito irlandês.

Suas costas foram empurradas contra a parede. Minha boca beijou a dela com força. Ela gemeu em minha boca, com as coxas apertadas ao meu redor.

— Eu quero isso, — ela grunhiu.

— O que você quer? — Eu exigi com aspereza. Eu queria ouvi-la dizer isso. — Diga-me o que você quer, kotyonok.

— Quero seu pau, — ela respirou contra minha boca.

Rasgando sua calcinha em pedaços, enfiei meu pau nela. Duro. Áspero. Profundo. Ela gritou, não esperando algo tão brutal. Meu controle se rompeu. Minha necessidade aumentou.

— Mais, — ela exigiu, sua boceta encharcada estrangulando meu pau. Ela estava tão apertada que quase gozei ali mesmo.

Gemi entre os dentes, enquanto o calor se espalhava pela base da minha coluna.

A frustração iluminou minhas costas. Nenhuma mulher jamais havia me irritado. Essa mulher, por outro lado, me fazia agir como um adolescente excitado.

Ela estava tão molhada que eu deslizei para dentro e para fora dela, batendo meus quadris nos dela com tanta força que a parede estremeceu com a força. Sua cabeça se arqueou para trás, seus seios balançando a cada investida.

Suas unhas cravaram-se em meus ombros, segurando-se em mim enquanto eu batia nela como um louco. Minhas bolas batiam em sua bunda.

Seus gemidos preenchiam o espaço e sua boceta se apertava cada vez que meu pau desaparecia dentro dela.

— Olhe para nós, kotyonok, — exige com aspereza. — Veja como meu pau se encaixa perfeitamente em sua boceta apertada. — Fiz uma pausa em minhas investidas, ainda bem dentro dela. — Olhe agora.

Seus olhos semicerrados baixaram para nossos corpos unidos, meu pau profundamente dentro dela. Ela sentiu um tremor visível.

Ela começou a se esfregar contra mim, para cima e para baixo, ambos com os olhos grudados no meu pau que entrava e saía dela. Era a coisa mais gostosa que eu já tinha visto.

— Por favor, — ela ofegou, se esfregando sem pensar contra mim. Seus olhos se fecharam, inclinando-se para trás contra a parede. — Eu preciso - *oh, Deus*.

Puxei seu cabelo e a forcei a assistir enquanto eu a fodia. Dentro e fora. Profundo e duro. Meu orgasmo estava à espreita, pronto para ser liberado a cada investida. Ao penetrá-la, pude senti-la se contrair, lutando contra seu próprio orgasmo.

— Sasha, por favor, — ofegou ela, com os olhos revirando. — Por favor.

Seus quadris se arquearam, seu cabelo grudou na testa. Eu queria foder sua bunda, sentir o gosto dela em minha língua, amarrá-la e marcá-la com meus dentes, com o chicote e com minhas mãos, e depois fazê-la gozar. Eu queria tanto que fazia minhas bolas doerem. Ela gemeu, balançando contra mim.

Seus dedos agarraram meus ombros e ela se desfez. Eu a penetrei repetidamente, fodendo-a durante seu orgasmo. Ela explodiu em meu pau e eu me soltei. Sentindo apenas ela e sua boceta encharcada.

Com um último impulso, derramei profundamente dentro dela, permanecendo enterrado até ao fim enquanto ela tremia com a força de seu orgasmo. Seus batimentos cardíacos batiam erráticamente, no ritmo dos meus. Nossos olhos se fixaram, depois baixaram lentamente para nos ver ainda conectados, minha porra deslizando pela parte interna de suas coxas.

E a satisfação cresceu dentro de mim. Se eu a engravidasse, ela ficaria comigo. Nunca me deixaria. Branka era leal, quase até ao limite, e nosso bebê teria toda a sua lealdade.

Eu a abaixei lentamente sobre suas pernas instáveis. Ela estava diante de mim, nua e linda. Como uma deusa. Minha deusa.

Eu me inclinei para mais perto dela e apoiei minhas mãos em cada lado de sua cabeça. Seus olhos foram até meus ombros, estudando a tatuagem da fênix.

Ela tocou a fênix. — *Vozrodivitsya*. — Quando ela piscou, eu expliquei. — Renascida. Você é o meu renascimento. Eu esperei por você por muito tempo, kotyonok.

Ela olhou para mim com os olhos arregalados.

— E esta? — ela disse rouca, com os dedos trêmulos enquanto os traçava sobre minha última tatuagem.

— Essa é para lembrar como seus dentes são perfeitos em minha pele.

Capítulo 47

BRANKA

Eu não sabia o que pensar de Sasha.

Meu sequestrador. Meu amante. Meu salvador.

Por mais estranho que isso possa parecer.

Eu estava confusa. Emocional. Culpada. Eu não amava Killian, mas o respeitava. Eu devia mais a ele. Em vez disso, cedi a Sasha sem qualquer consideração pelo meu noivo. Sim, eu disse a Killian que havia um homem em meu passado, mas afirmei que ele era história para mim.

E aqui estava eu me envolvendo com ele. Ficando selvagem com ele.

Depois que aterrissamos, meus olhos se arregalaram de choque no momento em que a porta da cabine se abriu e saímos para a plataforma.

Uma placa *Welcome to Siberia* nos encarava.

— Sibéria? — Eu disse incrédula, olhando para a terra desolada sem uma cidade à vista. Depois que saímos da casa de Sasha, fomos de carro até um pequeno aeroporto particular, onde um jato de luxo nos esperava. Doze horas depois, voilà. Verão fresco e no meio do nada. — Você me trouxe para a porra da Sibéria?

Sasha não pareceu perceber meu tom de voz.

— Você nunca esteve aqui, — ele respondeu. — A Sibéria deveria estar na lista de desejos de toda mulher.

Revirei os olhos. — Não é à toa que você não é casado, — comentei secamente.

Seu olhar brilhava com algo sardônico. Algo obsessivo em seus olhos me enervou. Meu sexto sentido me alertou. Mas meu corpo se recusou a cooperar. Porque o homem era bom demais em me proporcionar orgasmos alucinantes.

— Eu estava esperando por você. — Um sussurro de escuridão se misturou à sua voz e minha pulsação disparou. Inspirei fundo.

Ele quis dizer...

Não, ele não poderia ter feito isso. Além disso, eu não conseguia esquecer e perdoar tão facilmente. Ele não voltou por anos. Não uma, mas duas vezes ele me deixou. E se Wynter fosse sua primeira opção? Eu nunca me conformaria em ser a segunda melhor opção de alguém, mantendo-o como minha primeira opção. Essa era uma receita para o desgosto.

Eu sabia que isso não seria um bom presságio. Não para ele. Não para mim. Eventualmente, eu ficaria ressentida com o fato de ele não... me amar? Jesus, isso não podia acontecer. Eu não o amava.

É uma linha tênue entre o amor e o ódio. De todas as frases e palavras, essa me veio à mente. Não era isso que as pessoas sempre diziam?

— Qual é o problema entre você e a Wynter? — As palavras saíram de minha boca. Sem minha maldita permissão. Eu não queria parecer

uma mulher patética e ciumenta. No entanto, eu estava parecendo uma com essa pergunta, mas não conseguia me retratar.

— Ela precisava de ajuda. Ela não é minha. Você sempre foi minha.

Minha boca se abriu em choque e eu o encarei com incredulidade. *Eu sou dele?* Isso significa...

Balancei a cabeça. Não, não havia palavras de amor. Apenas posse. Era demais. Não o suficiente. Muito cedo. Aterrorizante. Emocionante.

— Estive esperando por você, Branka Russo, nos últimos quatro anos. — Ele pegou meu pulso e nós dois paramos de andar e nos encaramos. Ele se inclinou para mais perto, seu rosto a centímetros do meu. Uma gota de chuva pousou em meus cílios, mas não ousei me mexer. Meus ouvidos zumbiam. Nossas respirações se misturaram.

— Você sabe quanto tempo são quatro anos para um homem? — Meu coração vibrou, as asas que estavam cortadas há muito tempo se abriram lentamente. Lambi meus lábios e seu olhar se fixou no movimento. — Sabe, kotyonok?

Minha boca estava seca demais para dizer qualquer coisa, mas não consegui conter minha língua. Essa era uma das coisas que eu amava em Sasha Nikolaev. Ele me deixava ser eu mesma. — Imagino que sejam tão longos quanto para uma mulher.

Ele soltou um suspiro sardônico e seu olhar possessivo observou o meu. — Eu não toco em uma mulher desde que fiz você prometer que esperaria por mim.

— Não tocou? — Eu ofeguei.

Ele levou um dedo até meus lábios e passou-o pelo lábio inferior. Meus lábios se abriram por vontade própria, respirando o ar frio.

— Nem uma única mulher. — Ele pressionou o dedo contra meus lábios. — Chupe.

Sem hesitar, levei seu dedo à boca e chupei. Seus olhos se transformaram em piscinas oceânicas escuras. Era viciante ver aquele olhar pálido arder por mim.

Raspei seu dedo com meus dentes. Ele não pareceu se importar com a dor. — Você tem sorte de não ter deixado aquele desgraçado do Killian tocar em você. Você pode ter salvado a vida dele. — Suas palavras acenderam um inferno e estavam me queimando por dentro. Talvez ele tenha fodido todos os meus miolos. — Mas vou puni-lo por pensar que poderia me substituir.

Ele puxou o dedo de volta, meus dentes raspando contra sua pele. — Pensei que você fosse me recompensar, — falei com voz rouca.

Seu olhar baixou para a gargantilha em meu pescoço. Um rosnado vibrou em seu peito e um fogo azul se acendeu em seus olhos. Do tipo que consumia sua alma e deixava apenas as cinzas para trás.

— Sr. e Sra. Nikolaev. — Uma voz desconhecida chamou nossa atenção e fez uma pausa em nossa conversa. Provavelmente foi melhor assim, porque eu estava atônita.

Então, as palavras do estranho se encaixaram. Ele me chamou de Sra. Nikolaev.

Meus olhos se voltaram para Sasha, mas seu olhar estava fixo no estranho.

— É bom vê-lo novamente, — continuou o homem quando Sasha e eu ficamos em silêncio. — Sejam bem-vindos a casa. O carro está bem aqui.

— Indique o caminho, — Sasha o reconheceu.

Meu olhar se voltou para ele, levantando uma sobrancelha. — Bem-vindo a casa? — perguntei. Eu não achava que ele morava na Rússia.

Assim que o cara se virou, a mão grande de Sasha foi para a parte inferior das minhas costas. Meu núcleo pulsava, ansiosa para senti-lo dentro de mim novamente. O desejo de implorar para que ele me fodesse agora mesmo estava na ponta da minha língua. Talvez aqueles anos de espera um pelo outro tenham saído pela culatra para nós dois.

Não importa. *Sasha estava esperando por mim.* Eu sorri com alegria. Eu teria que *recompensá-lo*.

Aparentemente, minha sanidade mental havia sido deixada no santuário da Catedral de St. Patrick.

Uma vez no elegante Land Rover, nós dois nos acomodamos em nossos assentos, e foi então que notei que Sasha estava com o coldre da arma desabotoado.

— Você está esperando problemas? — Sussurrei para que somente ele pudesse me ouvir enquanto o motorista saía do aeroporto em alta velocidade pela rodovia.

— Não. Eu só gosto de estar preparado.

Minhas sobrancelhas se ergueram. Eu tinha quase certeza de que ele manteve sua arma em segurança durante o curto período em que estivemos na Louisiana.

Ele permaneceu quieto durante o restante da viagem, observando a vasta paisagem da Sibéria que se estendia por quilômetros. Em algum momento, adormeci enquanto o aroma de frutas cítricas permanecia ao meu redor.

Vinte e quatro horas em um castelo russo.

A última coisa de que me lembro é de estar observando extensões de terra até onde meus olhos podiam ver. Acordei quando o amanhecer entrava pelas grandes janelas em um quarto estranho e Sasha não estava à vista.

Depois, passei o dia passeando pelo castelo. Em um cômodo em particular. A biblioteca. Muitos livros encadernados em couro enchiam as prateleiras, o cheiro de livros antigos enchia o ar. Tolstoi. Dostoiévski. Pushkin.

Estudei as fotos que estavam penduradas na parede. Retratos. Mãe. Pai. Crianças.

Mas apenas uma foto de família, somente com o filho mais velho. Isso. Algumas coisas que Sasha deixou escapar me levaram a crer que sua família não era perfeita, mas ainda assim achei estranho. Todas as fotos eram

principalmente dos irmãos juntos ou sozinhos. Esquiando. Tubing⁸. Férias em família sem os pais.

Depois de bisbilhotar, peguei um livro e o virei com curiosidade. Depois sorri.

— Perfeito, — murmurei sarcasticamente. — Um romance em russo.

Dirigindo-me ao sofá, mais próximo da janela, peguei o controle remoto e sentei-me com as pernas cruzadas. Passei os canais com um romance em meu colo. Depois, passei por todos os canais novamente. E mais uma vez. Todos os canais estavam em russo. O livro também. A única razão pela qual eu sabia que era um romance era o fato de a capa ser muito quente.

Fazia sentido. Quando se está na Rússia, é preciso assistir e ler em russo. Bem, eu era péssima em russo. A única coisa que aprendi até agora foi pierogi⁹ e eu nem tinha certeza se esse era um prato russo.

— Não vamos esquecer que eu sei o que significa *moye serdtse*, — resmunguei.

Sasha deveria ter me acordado e me arrastado junto. Para onde quer que ele fosse. Afinal de contas, ele me trouxe até à Rússia. Em vez disso, ele me deixou sozinha em um remoto castelo russo, morrendo de tédio e odiando estar sozinha.

Ainda não havia passado uma semana inteira e eu já sentia falta da minha família. Até de Killian. Eu queria ligar para ele e explicar. Queria falar

⁸ Atividade de lazer de andar na água ou na neve em cima de um grande tubo interno inflado

⁹ É um tipo de pastel cozido muito consumido na Europa Central e de Leste, (de origem provável da Ásia, China) na Polônia e oeste da Ucrânia.

com meu irmão. Em vez disso, eu ainda estava aqui. Sem telefone. Sem entretenimento. E sem nenhuma companhia.

Pressionando mais alguns botões, mudei para a HBO Max.

— Obrigada, porra, — murmurei. Eu tinha quase certeza de que aquele canal tinha principalmente programas em inglês e espanhol. Comecei a percorrer as opções e parei em *House of Dragons*. Eu ainda não tinha começado a assistir, mas sem nada melhor para fazer agora, parecia um bom plano.

— Vamos maratona, — eu disse a ninguém em particular.

Sasha poderia ter me levado com ele, para onde quer que estivesse indo. Talvez ele tenha pensado que eu iria embora. Eu não iria, mas isso não vem ao caso. Então, aqui estava eu, sentada no sofá da luxuosa biblioteca de nosso castelo.

Não o nosso castelo, corrija-me rapidamente.

De qualquer forma, isso me fez passar o dia inteiro sozinha. Puxei o cobertor sobre mim e apertei o botão play.

Eu assisti aos episódios consecutivamente por horas, prendendo a respiração, imaginando dragões e príncipes bonitos com cabelos mais brancos do que os de Sasha partindo corações para, mais tarde, aparecerem para resgatar a heroína novamente.

Apesar de minha vida de merda e de meus pais, eu ainda acreditava no felizes para sempre. Os pais de Autumn me deram essa esperança. As pessoas brincavam sobre meu trabalho de casamenteira, mas havia algo

mágico em ver um casal se comprometer um com o outro. Encontrar aquele amor que nos consome.

Como Autumn e meu irmão.

Foi um caminho longo e difícil para os dois, mas eles finalmente tiveram seu final feliz.

Sentada sozinha, eu me apaixonei pelo Príncipe Daemon Targaryen, um personagem moralmente ambíguo e repreensível, e torci por sua redenção. O malandro impulsivo e imprevisível me deixou ofegante e torcendo por ele. Talvez porque eu visse nele outra pessoa ou talvez porque eu achasse que nem todos os homens moralmente cinzentos eram maus.

Basta olhar para meu irmão e seus amigos. Até mesmo Sasha.

Meu Deus, eu queria que Autumn estivesse aqui para que eu pudesse conversar com ela. Eu odiava ficar sozinha. Era uma de minhas fraquezas. Desde que vi minha irmã mais velha e Alessio fugirem nas sombras da noite, abandonando-me à crueldade de meu pai, eu tinha pavor de ser deixada para trás. Mamãe me abandonou muito antes de morrer. Sasha me abandonou uma vez. Será que ele faria isso de novo?

Eu seria deixada para ficar nas sombras novamente?

Deixada para ficar nas sombras, sendo invisível e sem ninguém para me amar.

Uma música começou a tocar e eu peguei o controle remoto antes de pausar a tela para ler o título da música.

— Essa música é muito deprimente. — Passei os dedos pelo cabelo e minha cabeça girou para encontrar Sasha em pé atrás do sofá. — Somente músicas alegres para minha kotyonok.

Balancei a cabeça. Não havíamos conversado sobre preferências musicais, mas se ele achava que eu só ouvia músicas alegres, estava redondamente enganado.

— Quando voltou? — Perguntei a ele, jogando fora o cobertor e o Príncipe Daemon na tela, completamente esquecido.

— Agora mesmo.

— Não ouvi você entrar.

Ele se aproximou e se sentou ao meu lado, com o sofá caindo ligeiramente sob seu peso. Meu corpo se deslocou, caindo sobre ele, e ele envolveu-me com os braços, depois levantou as pernas.

— Que tipo de programa é esse?

— *House of Dragons*.

Ele arqueou a sobrancelha. — Você sabe que dragões não existem, certo?

— Cai fora, — murmurei. — E eu que tinha um dragão na minha lista de Natal.

Ele me olhou de relance, com um olhar de diversão em seus olhos cor de ártico. Ele me beijou suave e lentamente, passando os dedos pelo meu cabelo.

— Nesse caso, você terá um dragão, — ele murmurou contra meu cabelo.

Revirei os olhos, mas não consegui evitar que meus lábios sorrissem.

Éramos eu e ele e, naquele exato momento, nada mais importava.

Capítulo 48

BRANKA

Devo ter adormecido porque acordei com lábios ásperos em minha garganta, mordiscando, lambendo, mordendo e com mãos por todo o meu corpo. E eu estava na cama.

Por uma fração de momento, entrei em pânico, mas então o cheiro cítrico familiar foi registrado em meu cérebro confuso. As pontas dos dedos ásperos marcaram minha pele, e foi só quando seus dedos alcançaram meu mamilo através do material do sutiã.

Meus lábios se separaram com a sensação.

— Isso mesmo, kotyonok, — ele murmurou, seu hálito quente em meu ouvido. — Está na hora de sua punição.

— Eu não tenho sido ruim, — protestei fracamente.

Seu peito roncou. — Você quase se casou com outro homem.

— Isso faz parte do passado, — murmurei baixinho enquanto sua boca percorria minha pele.

Através da luxúria em meu cérebro, percebi que todas as minhas roupas haviam desaparecido, com exceção daquela gargantilha ridícula conectada ao meu sutiã e calcinha por uma corrente. Ele segurou minha bochecha e atacou minha boca com um beijo que me consumia por inteiro. Ele provou, dominou, possuiu.

A sensação de seus dedos em meu mamilo me dominou e eu gemi em sua boca.

— Implore para que eu a castigue, kotyonok.

Eu não tinha a menor ideia do que ele queria dizer com isso. Sua língua voltou a entrar em minha boca enquanto suas mãos se moviam até à corrente e a puxavam.

— Ai. — Um grito suave me escapou de surpresa, e meus olhos se arregalaram.

Uma risada sombria vibrou entre nós. — Implore para que eu a castigue.

Olhei para ele com cautela. Eu não gostava de dor.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele enfiou dois dedos dentro de mim. Para meu horror, eu estava encharcada. — Implore para que eu a castigue, kotyonok, e você será recompensada.

Isso não fazia o menor sentido, mas meu corpo não parecia se importar com a insinuação. Seu olhar tocou minha pele. Seu corpo se aproximou do meu e eu passei os braços ao redor dele, seus músculos quentes e duros. Ele sempre irradiava calor. Talvez tivesse algo a ver com o fato de ser russo. Ou talvez fosse apenas ele.

Eu adorava o quanto ele era grande. Adorava como ele me fazia sentir protegida. Apesar do início difícil de nosso relacionamento, entre aspas. Eu adorava tudo nele.

Ele apertou meu mamilo novamente e eu arfei, depois mordi o lábio inferior. — Implore-me, — ordenou ele, enquanto o êxtase zumbia sob minha pele.

Levantando a cabeça, encontrei seu olhar enquanto ele passava a palma da mão áspera pela minha bochecha e depois pela minha nuca. Ele me beijou enquanto eu passava minhas mãos pela suavidade de suas costas. Cada beijo com ele era novo. Quente. Úmido. Obsessivo.

— Eu quero tudo de você, — ele sussurrou e sua voz envolveu meu coração. Meus batimentos cardíacos diminuíram e as sensações cruas cortaram meu peito. Era um tipo bom de dor. *Eu acho.*

Seu peito subia e descia a cada respiração. Ele estava se contendo. Por minha causa, mas ele queria isso. Precisava disso. Então eu lho daria. Mas não se tratava apenas dele. Era sobre mim também. Minha dor reconhecia a dele. Ele teve tragédias em sua vida, assim como eu. Eram diferentes, mas isso não significava que doessem menos.

— Por favor, me castigue. — As palavras saíram de meus lábios sem minha permissão.

Um rosnado profundo e estrondoso ecoou em nosso quarto e suas pálpebras se encheram de luxúria.

Eu queria agradá-lo. Queria ser tudo para ele.

Assim como ele estava rapidamente se tornando tudo para mim.

Pegando sua mão com a minha, com sua tinta bem marcada contra minha pele pálida, coloquei-a na base da minha garganta. Ele poderia facilmente me arrancar a vida, mas eu confiava que não o faria. Ele me

encarou com um olhar feroz. Eu estava nua, com exceção da gargantilha que Sasha parecia gostar tanto, e estava diante dele para ser tomada. Seu olhar me percorreu, detendo-se sobre meu sexo nu, e uma obsessão selvagem entrou em seus olhos.

Tudo para mim.

— Olhe para essa boceta linda, — ele sussurrou enquanto seus dedos desciam entre minhas coxas e deslizavam pela excitação. — Tão molhada. Se apertando para receber meus dedos. — Ele mordeu meu lábio com delicadeza. — Ou é o meu pau que você quer, kotyonok?

Um estremecimento me percorreu. — Tudo, — gemi, rebolando os quadris contra sua mão.

Ele me virou em um movimento rápido. Suas mãos chegaram aos meus quadris e ele os puxou para cima, de modo que minha bunda ficou no ar. Ele passou as mãos sobre minha bunda, moldando a carne macia para que se ajustasse às suas palmas. Em seguida, deu um tapa sem aviso, e um suspiro saiu de meus lábios e meus quadris se arquearam.

Esperei por outro tapa, mas ele não veio. Em vez disso, senti seus dentes na bochecha nua da minha bunda. Primeiro à esquerda, depois à direita. Eu gemia e me balançava contra ele. Mas quando ele me lambeu da boceta até à bunda, achei que era o fim do jogo. Um estremecimento violento me percorreu, ameaçando liberar a barragem e me provocar um orgasmo.

— Você fica tão bem de joelhos, kotyonok, — ele disse rouco. Achei que sua voz estava trêmula e me virei para observá-lo. Ele colocou aqueles dedos marcados em volta de seu pau e o acariciou uma vez, depois duas. — Seu gosto é ainda melhor. Tão bom que faz minhas bolas doerem.

Por que eu achava a visão dele se masturbando tão erótica?

— Faça de novo, — eu ofeguei.

Seus olhos se arregalaram e ele deu outro tapa forte na minha bunda. — Eu faço as exigências.

Colocou dois dedos dentro de mim, e suspirei quando minha boceta se apertou contra ele.

— Sua boceta gulosa quer isso, — ele gemeu. — Ela quer ser castigada para que *eu* possa lhe dar prazer. Ninguém além de mim pode lhe dar isso.

Outro tapa.

— *Oh, Deus.*

Empurrei-me contra seus dedos, pedindo-lhe que me fodesse com os dedos. Que me fodesse com a língua. Qualquer coisa, desde que ele me fodesse.

— Você está quebrando todas as minhas regras, — disse ele de forma grosseira ao retirar os dedos. Fiz um ruído de frustração. — Eu deveria estar no controle. Mas não estou. Eu deveria mantê-la quieta. Você não está. — *Um tapa.* — Olhos para a frente, kotyonok.

Não devo ter obedecido rápido o suficiente. *Outro tapa.* As bochechas da minha bunda arderam.

— Ai, — protestei sem convicção e me virei para olhar a cabeceira da cama.

— Você gosta. — Ele estava certo. O calor se espalhou da minha bunda até à boceta.

Pude sentir a cabeça de seu pau contra minha entrada quente e um tremor me percorreu. Meus dedos se enroscaram nos lençóis, agarrando-os. Lutei contra a vontade de me mover contra seu pau duro, com o sangue correndo em minhas veias aceso pela necessidade que só ele poderia satisfazer.

Ele entrou em mim, apenas com a cabeça, e um gemido estremeceu o ar. Minhas entranhas o apertaram com força, incitando-o a continuar.

— Você está tão molhada, — ele disse com voz rouca. — Você está me aceitando tão bem. Essa boceta foi feita para o meu pau. — Eu gemi quando ele deu outro tapa na minha bunda. Logo depois, ele passou as mãos sobre a curva da minha bunda e apertou. — Sua boceta está me agarrando como um punho apertado. Ela foi feita para ser fodida, mas só por mim.

Eu não conseguia controlar meu corpo. Balancei-me contra ele e ele se retirou, mas voltou a me penetrar. Sua investida foi poderosa e profunda. Eu gemi e caí sobre os cotovelos. Gemi para o travesseiro enquanto ele me fodia com mais força. A pressão aumentou na base da minha coluna e queimou minhas veias como fogo. Eu estava tão perto. Suas investidas profundas e penetrantes me levaram a um lugar onde nada mais existia além desse prazer.

Sua mão envolveu minha cintura e me puxou para cima, de modo que seu peito ficasse nas minhas costas, enquanto a outra mão envolvia minha garganta.

Sua boca tocou minha orelha.

— Vou puni-la da próxima vez. — Sua voz estava rouca, e acho que ele não percebeu que tinha dito aquelas palavras em voz alta. — Você cheira tão bem.

Ele mordiscou o lóbulo de minha orelha, depois mordeu meu pescoço e chupou, certamente deixando uma marca em minha pele. Empurrou. Dentro e fora. Com força e profundidade. Rápido e bruto.

Ofeguei, a névoa em meu cérebro engrossando. Minha cabeça caiu para trás e descansou em seu ombro, meu coração batendo contra seu braço tatuado. O coração dele batia contra minhas costas tão violentamente quanto o meu.

Minha cabeça balançou em seu ombro, como se eu fosse uma boneca de pano.

— Que seios lindos, — ele elogiou. — Vou fodê-los em seguida. Serei todos os seus primeiros e últimos.

Ele mordiscou meus ombros e sua mão deslizou entre minhas pernas. E, durante todo esse tempo, ele se empurrava dentro de mim. Umidade escorregadia. Carne contra carne. Meu orgasmo explodiu dentro de mim. Fogos de artifício se acenderam atrás de minhas pálpebras. Estremeci e me apertei em torno de seu pau e, durante todo o tempo, ele me fodeu durante meu orgasmo.

Ele me empurrou para as mãos e joelhos, enquanto me fodia e segurava meus quadris.

— A quem pertence isso? — ele exigiu saber, apertando a bochecha da minha bunda. Deu um tapa na minha bunda como se estivesse

bravo por eu ter demorado um segundo a mais para responder. A verdade é que meu cérebro estava fritando.

Ele se retirou completamente e depois voltou a bater dentro de mim, atingindo meu ponto G. Um gemido subiu pela minha garganta e eu me agitei contra ele, ansiosa por outro orgasmo. Ele voltou a penetrar em um único impulso forte. Meus olhos se fecharam e vi estrelas.

— Quem? — rosnou ele.

— Você, — respirei, com seu pau profundamente dentro de mim. Minha mão se aproximou e pousou em sua bunda dura, com as unhas cravadas nela. Se ele queria me marcar, eu o marcaria também.

— Quem está transando com você? — Ele apertou meu cabelo, empurrando para dentro e para fora de mim. Atingindo meu ponto G todas as vezes. — Quem está te fodendo, kotyonok?

— Você.

Eu me despedacei novamente quando ele entrou em mim. Isso era o mais próximo que eu me sentia de outro ser humano e eu temia perder isso.

Nós dois ofegávamos, lutando para respirar. Meus músculos tremiam. Os dele também, enquanto seus braços me seguravam, murmurando palavras suaves em russo que eu não conseguia entender.

Desviei meu rosto para encontrar seu olhar, com perguntas em meus olhos.

— Você afugenta meus fantasmas, kotyonok. Eu vou matar os seus.

Era uma declaração tão Sasha Nikolaev. A coisa mais romântica que eu já tinha ouvido.

Só que eu não sabia que ele estava falando literalmente.

Capítulo 49

SASHA

Felicidade.

Cada dia com ela era uma felicidade. Eu já havia perdido a conta de quantas vezes a havia tomado. Cada vez era diferente. Melhor do que a última vez. Mas, para minha surpresa, beijá-la era o que eu mais gostava. Ela se derretia contra mim, com seus dedos finos envolvendo meu bíceps ou minha nuca. Dependendo da posição.

Resumindo, eu era insaciável quando se tratava de Branka Russo. Eu queria fazer dela a Sra. Nikolaev. Só que não acho que ela esteja pronta.

Cada canto da casa da minha família russa estava sendo lentamente substituído por Branka. Os corredores onde os velhos fantasmas se escondiam ficaram mais claros. A sombra de Branka os substituiu. A varanda de onde minha mãe tirou a própria vida não me lembrava mais aquele dia fatídico. Agora ela me lembrava dos gemidos de Branka. Na noite anterior, eu a curvei sobre a grade e bati nela como se minha vida dependesse disso.

Talvez tenha sido. Talvez ela tenha sido minha cura o tempo todo.

Enquanto eu dominava cada centímetro de seu corpo e sussurrava sobre nosso futuro juntos, eu ainda queria mais. Queria suas palavras de amor. Elas permaneceram firmemente fechadas atrás de seus belos lábios.

Mas tínhamos tempo. Eu as mereceria. Desde que ela estivesse comigo.

Estávamos de volta ao nosso quarto. Passávamos muito tempo em nosso quarto. Era meu espaço favorito, com certeza. O de Branka também. Ela admitiu isso, embora pudesse ter algo a ver com o fato de que eu não conseguia manter minhas mãos para mim.

Mas eu também queria que ela admitisse os sentimentos que tinha. Talvez não fosse amor para ela - ainda - mas ela sentia algo. Eu queria assumir isso. Eu precisava curar cada grama de sua antiga dor. De agora em diante, a única dor que ela teria seria aquela ligada ao prazer e à foda completa.

Estudei o chupão em seu peito com orgulho. Como um maldito adolescente.

— Você morava aqui quando era criança? — Seu cabelo estava em meu rosto, sobre meu peito e sua bochecha pressionada contra meu coração.

— De vez em quando, — eu lhe disse. — Antes de minha mãe morrer, nós ficávamos aqui. Depois disso, ficávamos em Nova Orleans e só vínhamos para cá quando meu pai exigia.

— Você era próximo a eles?

— Tatiana, Vasili e eu éramos próximos. — Vasili era nosso pai, mãe e irmão. — Alexei também, quando descobrimos sobre ele.

— Hã?

— Ele é nosso meio-irmão, — esclareci enquanto seus dedos finos percorriam meu peito. — Tem uma mãe diferente.

Nunca falei sobre nossa família. Nunca. Com Branka, eu me pegava dizendo pequenas coisas aqui e ali. Não conseguia decidir se isso era bom ou ruim. Mas de uma coisa eu tinha certeza. Isso não me deixava mais amargo como antes.

— Sua mãe? — Eu a questionei. — Você era próxima dela?

Seus ombros se enrijeceram e achei que ela não responderia.

— Não, na verdade não, — sussurrou ela, com o rosto ainda enterrado em meu peito. — Meu pai já havia destruído seu espírito muito antes de eu nascer. Não sobrou muito dela.

A crueldade de seu pai era conhecida por muitos. Ele tinha uma aliança com Benito King por um motivo. Ambos eram feitos do mesmo material.

— Ele derrubou seu espírito? — Perguntei suavemente.

Eu sabia a resposta, mas queria que ela a dissesse. Queria que ela soubesse o quanto era forte e se orgulhasse disso.

Ela levantou a cabeça, encontrando meu olhar.

— Era o que ele mais odiava em Alessio e em mim, — murmurou ela. — Não importava quantos dias ele nos espancasse ou torturasse, ainda assim reagiríamos. Não importava quantos dias ele nos deixasse no porão escuro, nós ainda nos agarraríamos a um lampejo de esperança. Ele não podia nos controlar ou nos quebrar como havia feito com a mamãe. Mía estava a caminho de se tornar como a mamãe. — Eu podia sentir seu pescoço balançar

enquanto ela engolia com força. Porra, se eu pudesse voltar a vinte e cinco anos atrás, eu mataria o pai dela no momento em que ela nascesse. Se ao menos eu soubesse. — Essa foi a razão pela qual Alessio a levou embora. Ele nunca disse isso em voz alta, mas podia vê-la morrendo lentamente diante de seus olhos.

Minha mão percorreu suas costas macias para cima e para baixo. — Ele deveria ter levado você. Ele não deveria ter deixado você para trás.

Ela ficou quieta, mas não confirmou nem negou.

— Mas eu dei muito trabalho ao meu pai, — disse ela, com um tom frio. — Ele pode ter me convencido de que Alessio não voltaria para me buscar, mas eu sabia que, no dia em que me submetesse a ele, eu seria um cadáver.

Uma coisa era certa. Branka nunca se acovardaria na frente de ninguém. Não importava o que acontecesse.

Nossos olhares se cruzaram. Palavras não ditas permaneceram. Os velhos fantasmas perderam seu poder sobre nós. Somente nós dois importávamos.

Observei o sobe e desce de seus seios, tentando-me. Ela estava linda pra caramba, suas curvas me tentavam.

Seus dedos subiram até meus bíceps, descendo como plumas até chegarem à minha mão, deslizando sobre meus dedos.

— O que essas tatuagens significam?

Ela as traçou levemente, de um dedo a outro. — Coisas diferentes.

Ela olhou para cima e depois para trás, concentrando-se na fênix. Voltou a percorrê-la, com seu toque leve como uma pluma.

— Uma fênix, — ela murmurou suavemente. Ela passou para a próxima. — O que é esta?

— É o hamsa. — Suas sobrancelhas se franziram, então expliquei. — O símbolo em forma de mão representa proteção e cura.

— A fênix e o hamsa estão conectados? Ascensão e cura? — Não me surpreendeu o fato de ela ter ligado os pontos. Acenei com a cabeça em minha resposta. — Você quer se erguer a cada nova morte e se curar.

Ela entendeu o significado. Talvez estivéssemos separados por todos esses anos, mas algo nos mantinha conectados. Em um nível fundamental, éramos muito parecidos. Ambos passamos pela vida, escondendo-nos atrás de uma máscara enquanto, no fundo, nos curávamos lentamente.

De nossa própria maneira.

— Você se curou? — Eu lhe perguntei.

Ela respirou fundo e depois expirou lentamente. — Às vezes acho que sim. Outras vezes, ainda me sinto como aquela garotinha presa em um porão escuro.

Acenei com a cabeça em sinal de compreensão.

— Você é forte, — eu disse a ela. — Muito mais forte do que todos imaginam.

Seus lábios se curvaram em um sorriso suave. Diferente de todos os outros.

— Acho que você é o único que pensa assim.

— Eles são idiotas por não enxergarem isso, — eu disse a ela. — Você pode não ter cicatrizes e tinta, mas é igualmente durona.

Ela riu levemente, seus dedos percorreram meus antebraços até se entrelaçarem com os meus.

— Eu as tinha, sabe. — Quando levantei uma sobrancelha, ela explicou. — Cicatrizes. Algumas eram muito ruins.

Eu as vi. Aquela foto da garotinha com os joelhos pressionados contra o peito e cicatrizes pelo corpo estava tatuada em minha mente. Era a minha justificativa toda vez que eu matava um filho da puta abusivo que ousava fazer algo assim com outro ser humano.

— Minha irmã também tinha muitas cicatrizes, — continuou ela com uma voz suave. Eu não tinha visto a extensão total das cicatrizes de Mia, mas as que eu vi eram muito ruins. Isso fez com que a raiva vermelha ardesse em minhas veias. — Implorei a Alessio por uma cirurgia plástica. Não queria viver o resto de minha vida me escondendo atrás de camadas de roupas. Já havia muita coisa que eu escondia. — Ela soltou um suspiro trêmulo e seus dedos apertaram os meus. Ela nem percebeu que estava fazendo isso. — Alessio concordou em pagar pela cirurgia plástica somente se eu concordasse em conversar com um terapeuta.

Seguiu-se o silêncio. Não era um silêncio incômodo, mas cheio de fantasmas do passado.

— Mia falava de você o tempo todo, — eu disse a ela. Seus olhos se voltaram para mim, com as tempestades escuras passando por eles.

— Você a conheceu? — Assenti com a cabeça. Eu praticamente podia ver as rodas girando em sua cabeça, ligando os pontos. — Vocês dois serviram no exército. Com Jason.

Acenei novamente com a cabeça.

— Ela amava você, — eu disse. — Talvez até mais do que seu irmão.

O pescoço de Branka balançou enquanto ela engolia. — Fiquei feliz por ela ter escapado. Mas também fiquei brava por ter sido deixada para trás.

Eu conseguia entender o sentimento. Eu não fui deixado para trás fisicamente, mas nunca fui bom o suficiente para nossa mãe.

— Era só sobre isso que ela falava. Voltar para buscá-los. — A ligação de Mia com sua irmã e seu irmão era diferente de tudo o que eu já havia visto. Eu era próximo de meus irmãos, mas Mia dependia deles. Mentalmente.

— Você matou os homens que a feriram?

— Sim.

Um batimento cardíaco passou. — Bom.

O silêncio dançava nas sombras, nos fantasmas. Os dela. Os meus. Nossos. Mas eu sabia que juntos venceríamos todos eles. Porra, se eu tivesse que desistir do sexo mais duro, eu desistiria. Por ela, eu o faria. De qualquer forma, meu controle iria à merda com ela. Talvez fosse dela que eu precisasse o tempo todo para quebrar minhas correntes e a necessidade de controle.

Eu ri da ironia de tudo isso. Ela me fez gozar com mais força do que nunca e eu mal lhe dei umas palmadas. O controle era praticamente inexistente quando eu a tocava. Décadas de BDSM e foi preciso uma virgem para mandar tudo para o inferno.

— Sasha? — Sua voz estava hesitante. Ela evitou olhar para mim, olhando para nossos corpos emaranhados entre os lençóis. O dela, impecável, e o meu, um tapete de tatuagens.

— Hmmm.

Ela mordeu o lábio rosado e carnudo.

— Não sei se posso lhe dar o que você precisa. — Meus batimentos cardíacos pararam, observando-a. Se ela me pedisse para deixá-la ir, eu não achava que conseguiria. Eu não era tão forte assim. — Mas eu quero tentar. Se você quiser tentar... — Sua voz se arrastou.

Coloquei dois dedos embaixo de seu queixo, forçando-a a olhar para mim. — Tentar o quê?

— Seu tipo de sexo, — ela murmurou.

Meu peito ficou apertado. Eu sabia como era difícil para ela dar a alguém o controle de seu corpo. O fato de ela querer tentar significava que talvez, apenas talvez, ela aprendesse a me amar.

E eu, eu estava tão envolvido com ela que até mesmo a palavra ‘amor’ se desvaneceu em comparação.

Sua garganta delicada subia e descia com um gole.

— Apenas me prometa que não vai me olhar de forma diferente se eu perder a cabeça.

Só havia uma maneira de olhar para ela. Com a mais louca e profunda obsessão.

— Kotyonok, você não precisa...

— Eu quero. — A inclinação teimosa de seu queixo confirmou sua determinação. Branka *queria* viver, não apenas existir.

Eu segurei seu rosto e dei um beijo na ponta de seu nariz.

— Prometo, — garanti. Eu cortaria minhas bolas e meu pau antes de machucá-la.

Ela assentiu com a cabeça e suas mãos envolveram meu pescoço. Suas unhas raspavam levemente contra ele. Eu podia ver sua pulsação trovejando sob a carne macia de seu pescoço. Deslizei minha mão até à parte de trás de sua cabeça e apertei seu cabelo, puxando sua cabeça para trás para que olhasse para mim.

— Você confia em mim?

Bu-boom. Bu-boom. Bu-boom.

Três batimentos cardíacos foi uma resposta longa demais. Eu teria que me esforçar mais.

— Confio em você para parar, — ela respirou. — E que não me machuque.

Puxei seu cabelo para trazê-la para mais perto de mim, nossos lábios quase se tocando.

— Vou cortar meu pau antes de machucá-la, kotyonok.

Ela fechou os olhos por um instante e, quando minha boca encostou na dela, um arrepio percorreu seu corpo. — Isso parece doloroso, — disse ela, meio provocante. — E um desperdício de um pau muito bom.

Um sorriso surgiu em meus lábios. Pelo menos ela gostava do meu pau.

— *Moye serdtse*, — eu disse. Sua sobrancelha se ergueu. — A qualquer momento que você quiser que eu pare, diga *moye serdtse*.

Seus lábios se curvaram.

— Você quer que eu o chame de meu coração bem no momento em que estamos prestes a ficar loucos na cama.

Meu peito roncou de tanto rir. — Esquisito, não é?

Seus olhos cinzentos penetraram nos meus quando ela parou de me tocar e se mexeu ligeiramente. Ela abaixou as mãos e seus dedos se enrolaram na bainha do vestido e ela o puxou lentamente pela cabeça. Jogando-o no chão, ela ficou apenas com o sutiã vermelho e a calcinha fio dental.

Um jorro de sangue correu para minha virilha. Seu olhar veio até ao meu, e a vulnerabilidade nele me corroeu por dentro. Ela era tão linda que me doía olhar para ela. Eu queria que ela se visse da mesma forma que eu a via. Perfeita.

Cada. Maldito. Centímetro. Ela era simplesmente perfeita.

Estudei cada centímetro dela e tudo o que vi foi a perfeição. Seus mamilos pressionavam o material fino do sutiã e a calcinha se dividia em

duas linhas finas, convidando-me a devorá-la. Meus olhos se voltaram para seu rosto e a profunda necessidade neles tinha o poder de me destruir.

Meu pau latejava e a tensão se apertava em meu corpo. Essa obsessão por ela era profunda. Fazia parte de cada respiração e, em vez de diminuir a cada dia, crescia mais.

Minha mão agarrou seu cabelo e o puxei para trás, depois encostei meus lábios em sua orelha.

— Qual é a palavra segura? — Perguntei, com minha voz áspera.

— Moya serdtse.

Com um braço em volta de sua cintura, eu a puxei contra mim. — Se for demais, me diga e eu paro.

— Eu quero que você aproveite. — A insegurança tocou sua voz e apunhalou meu coração.

Ela parecia tão bem, seu corpo macio contra o meu corpo duro. Seu cheiro era ainda melhor. — Confie em mim, eu apreciaria e gostaria de qualquer coisa. Desde que seja com você.

Seu corpo se moldou ao meu, esmagando-se contra mim com um gemido suave que encheu o quarto.

— Ajoelhe-se. — Ela obedeceu imediatamente, com os joelhos tocando o tapete de pelúcia. — Chupe meu pau.

A incerteza cruzou sua expressão e eu peguei seu queixo entre meus dedos. — O que é?

Ela franziu a testa, mas imediatamente endireitou os ombros e seu olhar se voltou para o meu.

— Eu nunca fiz isso. — Deus, seus olhos brilhavam como estrelas. Suas mãos alcançaram meu cinto e mexeram na fivela. Normalmente, ela não poderia me tocar até que eu lhe desse permissão. Mas nada nela era normal. Ela era uma exceção a todas as minhas regras.

— Mostre-me o que você gosta, — exigiu ela, inquieta.

Meu Deus, eu já estava duro e ela nem tinha tocado no meu pau.

— Da. — *Sim*. Minha voz era um gemido rouco.

Ela baixou minha cueca e colocou a mão em volta do meu pau duro, acariciando-o gentilmente. Meu pau se contraiu, precisando de mais. Envolvi minha mão na dela e mostrei-lhe como eu gostava. Sua boca se abriu, sua respiração ficou acelerada e um rubor manchou suas bochechas.

Puxei a pele com força, para cima e para baixo, com o sêmen já brilhando na ponta do meu pau.

Ela lambeu os lábios e depois olhou para mim. — V-você é tão lindo.

Se eu morresse agora, morreria feliz. Com seus olhos me observando como se eu fosse seu mundo inteiro. Meu coração batia forte, a adrenalina correndo em minhas veias. Isso era melhor do que a perseguição, mais satisfatório do que matar a escória desta terra.

Ela deslizou a língua pelo meu pau e isso fez minha pele pegar fogo. O calor se espalhou pela minha pele, subiu pelo meu estômago e enrijeceu meus abdominais. Porra, nesse ritmo, eu não duraria muito.

Cerrei os dentes, com um gemido vibrando em meu peito. Seus olhos se arregalaram e sua língua lambeu meu pau como se fosse um pirulito.

— Você está se saindo bem, kotyonok, — eu disse. Bem demais.

Minha mão chegou ao seu cabelo, meus dedos agarraram sua juba.

— Preciso assumir o controle. Você vai me deixar?

Ela piscou os olhos e eu não perdi tempo. — Me engole fundo, kotyonok, — exigi, enquanto empurrava fundo em sua boca. Afastei seu cabelo do rosto para poder ver meu pau desaparecer naquela boca linda. — Toque minha coxa quando precisar respirar.

Ela me levou mais fundo, mantendo contato visual comigo e obedeceu. Eu não imaginava que ela nunca tivesse feito isso antes. Era tão bom. Ou talvez fosse só ela. Era tão bom porque ela era minha e eu era dela.

Deslizei sua cabeça para trás para poder empurrar meu pau mais fundo em sua garganta. Dentro e fora. Entrando e saindo. Ela fazia pequenos zumbidos ao redor do meu pau, e a vibração fazia meu corpo estremecer.

Minha pequena kotyonok gostava disso tanto quanto eu. Ela pressionou as coxas, esfregando-as.

O pouco que eu tinha de restrição, se rompeu. Empurrei mais fundo em sua garganta.

— Tudo, kotyonok, — ordenei com severidade.

Ela engasgou, mas não bateu em minha coxa. Ela me levou mais fundo, chupando-me, recusando-se a parar. O calor aumentou na base da minha coluna, ficando mais quente e instável.

— Relaxe, — eu disse. — Você está se saindo muito bem, amor. Bem pra caramba.

Outro zumbido. Ela relaxou a garganta e me levou mais fundo em sua boca, tomando cada centímetro de mim.

— Foda-se, kotyonok, — rosnei, com a voz grave e áspera. — É isso aí.

Sua cabeça balançou. Seus olhos lacrimejavam, mas ela se recusava a parar de sugar. Meu coração disparou com a força de um relâmpago rompendo o céu. Afastei seu cabelo do rosto para poder observar sua expressão.

Ela colocou uma das mãos entre as coxas e seu gemido vibrou em meu pau enquanto continuava a lambe meu pau. Chupava e depois voltava a penetrá-la completamente.

— Não. Toque. Em si mesma. — Minha voz era áspera. Meu controle havia desaparecido. — Essa boceta é minha. Só a minha mão vai fazer você gozar.

Ela obedeceu e olhou para mim, seus olhos brilhavam e me observavam com tantos sentimentos que eu poderia facilmente me convencer de que ela me amava. Eu me afastei um pouco, e seu pequeno protesto fez com que eu voltasse a penetrar profundamente em sua garganta.

As vibrações de seus gemidos subiram por toda a minha espinha, os sons dos gorgolejos vindos de sua garganta eram tão eróticos. Eu esperava que ela desistisse. Ela não o fez. Em vez disso, suas unhas cravaram-se em minhas coxas, segurando-se. Eu gozei mais forte do que nunca. O orgasmo percorreu minha espinha, selvagem e quente, e gozei no fundo de sua garganta.

Ela engoliu, com as bochechas coradas e com pequenas marcas de lágrimas.

— Cada gota, — ordenei, não que ela estivesse desperdiçando nada. Seu olhar permaneceu fixo no meu, sua língua saiu para lamber meu esperma do canto de sua boca. Depois, ela limpou a boca com as costas da mão, com o cabelo bagunçado e caindo até à cintura.

Jesus Cristo, porra.

Ela parecia uma virgem caída. Uma virgem totalmente arruinada que não parecia se importar em pecar com a prole de Satanás.

— Eu gostei, — murmurou ela, com os olhos suaves.

Agarrei sua nuca, puxei-a para ficar de pé e bati meus lábios nos dela, beijando-a profundamente e deslizando minha língua em sua boca.

Eu estava pronto para outra rodada, meu pau endurecendo. Ela suspirou em minha boca como se eu tivesse acabado de lhe dar prazer, quando foi ela quem me deu *o maior* boquete da minha vida.

— Deite-se na cama, — ordenei, minha voz grossa. — De mãos e joelhos.

Ela mal chegou ao colchão e eu já estava tirando o resto das minhas roupas.

Cheguei por trás dela.

— Bunda para cima. — Dei um tapa em sua bunda para pontuar a ordem.

Ela seguiu a ordem enquanto eu mantinha meus olhos nela, observando se havia sinais de pânico. Ela se ajoelhou, com os olhos fixos em mim, mas sem medo refletido neles.

— Mãos e joelhos no colchão, kotyonok. Fique confortável.

Ela hesitou por um instante. Minha mão pousou em sua bunda redonda e ela obedeceu rapidamente.

Eu sorri e depois esfreguei sua bunda. — Essa é a minha boa kotyonok, — elogiei, sua bunda pressionando minha palma. Abri suas coxas com as mãos e a encontrei tão molhada, com seu suco brilhando entre as coxas.

Inspirando profundamente, saboreei seu delicioso perfume que permanecia no ar. Isso me deixou louco.

— Você está tão molhada, — eu disse com a voz rouca enquanto enfiava o dedo em suas dobras grossas e úmidas. — Isso é por ter me chupado? — Seu gemido foi minha resposta.

— Não se mexa a menos que eu diga, — eu disse asperamente.

A verdadeira punição é eu mantê-la aqui.

— Está bem, — ela murmurou.

Sua obediência me agradou e, pelo rubor de sua pele, isso era prazeroso para nós dois.

Ela olhou por cima do ombro, com os olhos cinzentos nublados de luxúria.

— Você me agrada tanto, kotyonok, — elogiei enquanto acariciava sua bunda redonda. Ela voltou a se empurrar em meu toque. Como

uma gatinha. Normalmente, isso não seria algo que eu permitiria, mas com ela, isso me agradou muito. Saber que ela queria meu toque.

— Relaxe, kotyonok. Eu sei do que você precisa.

Fui até à parede dos fundos e peguei um chicote de couro, depois voltei para Branka, ainda de mãos e joelhos, esperando por mim. Sua bunda estava bem à vista. Seus sucos me convidavam. Ela era tão perfeita.

Passei os fios suaves por sua pele.

— Qual é a palavra segura? — Perguntei a ela novamente. Queria ter certeza de que ela se lembrava dela.

— Moya serdtse.

— Muito bem. Agora, olhos para a frente.

Ela virou a cabeça. Tomei meu lugar atrás dela, traçando o chicote em sua bunda sobre a marca da minha mão que marcava sua pele. Girei o chicote de modo que apenas as pontas roçaram sua pele.

Um gemido de surpresa escapou de seus lábios. Meus lábios se contraíram e aproximei os fios do chicote de sua pele. Sua bunda se contraiu, e um zumbido suave vibrou nela.

Levantei o chicote e depois o abaixei, chicoteando-a na bunda uma vez. Ela soltou um suspiro agudo, depois olhou por cima do ombro.

— Gosta disso, kotyonok?

Sua bunda se contraiu, suas coxas se esfregaram e uma poça de umidade escorreu por suas coxas. Seu corpo adorava isso, mas eu precisava que sua mente também adorasse.

A língua dela correu, passando pelos lábios. — Acho que sim.

Soltei um suspiro de alívio. Então, com um sorriso satisfeito, puxei meu braço para trás e a chicoteei novamente. Uma marca rosa floresceu no local onde a golpeei. Tão linda.

— Uma kotyonok tão boa, — murmurei, elogiando-a.

Suavemente, passei o chicote em sua bunda. Seu cheiro encheu o ar, intoxicando-me. Gemendo, seu corpo se deslocou para a frente, afundando nos cotovelos. Seu corpo ansiava por mais. Sua excitação exigia mais. Mas não foi isso que me fez ficar duro novamente tão rápido. Foi a confiança dela.

Dessa vez, bati com um pouco mais de força, e ela estremeceu, apertando as bochechas da bunda. Em seguida, passei o chicote por suas coxas e por suas costas graciosas. Sua pele brilhava sob a lua que espreitava pelas janelas.

Tracei o chicote de couro de volta para baixo e parei no buraco escuro de sua bunda. Seus dedos se enroscaram no colchão.

— Um dia vou ser o dono do seu traseiro. — Sua resposta foi um aperto em seu buraco escuro e um gemido suave. Meu coração pulsou com força, a necessidade de dominá-la zumbia em minhas veias. Passei as borlas levemente sobre a pele avermelhada entre as bochechas da bunda e depois na boceta.

Toquei levemente em sua boceta. Ela se contorceu. Bati novamente. Depois, larguei o chicote e esfreguei sua entrada com meus dedos.

Ela estava tão molhada. Inchada e brilhante.

Eu precisava estar dentro dela. Precisava transar com ela até que o quarto inteiro estivesse girando para nós dois. Coloquei meu pau contra sua boceta quente e apertada. Empurrando com força dentro dela, seu corpo caiu para a frente. Minhas mãos chegaram aos seus quadris, puxando-a de volta para cima.

Estar dentro de sua boceta gostosa e úmida era meu paraíso. Suas entranhas se apertaram ao redor do meu pau, seus cabelos escuros caíam por suas belas costas. Segurando seus quadris com uma mão, agarrei seus cabelos castanhos, enrolando-os duas vezes em meu punho.

Puxando sua cabeça para trás, forcei seu rosto contra o meu e tomei sua boca. Suas costas contra meu peito.

Bati nela com força, várias e várias vezes.

— Minha kotyonok precisa disso, — rosnei. — Você precisa que eu a possua.

— Sim, — ela gemeu, seu corpo balançando para a frente. Seus quadris balançaram e eu apertei meu punho, acelerando o ritmo, fodendo-a como um louco. Até agora, a transa era para ela. Isso era para nós.

Bati nela com cada vez mais força, fechando os olhos para saborear a sensação boa que ela tinha. Sua boceta estrangulava meu pau. Seus gemidos e choramingos encheram o quarto. Agarrei sua garganta, empurrando para dentro e para fora dela, com força. Violento. Consumidor.

Eu a fodi com força, toda a semelhança de controle foi por água abaixo. Carne batendo contra carne.

— Blyad, — rosnei. — Estou gozando, kotyonok.

Sua boceta explodiu em volta do meu pau. Branka virou a cabeça para olhar para mim, com o rosto corado e os olhos vidrados de prazer me observando. Algo em seu olhar fez meu coração vibrar. Seus suspiros me incitaram a ir mais rápido e com mais força. Mais fundo.

Minhas bolas bateram nas bochechas de sua bunda. Eu me aproximei e esfreguei seu clitóris encharcado. Ela gritava seu orgasmo ao mesmo tempo em que eu rugia de prazer com seu nome em minha língua. E o tempo todo, suas entranhas se apertaram.

Um raio quente atingiu a base da minha coluna vertebral e o poderoso orgasmo me atravessou com a força de um terremoto de magnitude 10.0.

Nossa respiração estava pesada, nossos corpos escorregadios de suor, e eu podia sentir o trovão de seu coração. Meu esperma escorria de sua boceta. Eu nunca tinha tido uma visão melhor.

Minhas mãos acariciavam seu corpo, percorrendo sua pele macia. Eu a segurei perto de mim, minha boca percorrendo a pele macia de seu pescoço e depois de seu ombro. Estremecimentos percorreram sua espinha dorsal.

— Minha linda kotyonok, — murmurei contra sua pele.

Assim que nossa respiração se acalmou, eu tirei de dentro dela e, caramba, já estava com saudades de sua boceta. Eu a virei e a deitei de costas.

— Fique aqui, — ordenei a ela, depois desapareci no banheiro. Peguei uma toalha de rosto limpa, molhei-a em água morna e voltei para ela.

Capítulo 50

BRANKA

Nossa respiração foi se acalmando lentamente, mas nossos corações batiam forte em perfeita harmonia.

Ou isso ou eu me tornei poética com os orgasmos explosivos que esse homem estava me proporcionando. Sim, a conexão física não era tudo, mas... Oh. Meu. Deus. Definitivamente havia algo aqui.

Eu me enrosquei em Sasha, absorvendo seu calor. Sim, eu cresci em Montreal, mas isso não significava que eu gostasse do frio. A praia e o sol eram sempre mais preferíveis.

Escutei a respiração de Sasha enquanto meus dedos percorriam seu corpo, traçando a tinta. Ele tinha muita tinta. Eu adorava. Era uma história, a vida dele, contada em sua pele. Eu queria saber tudo isso. Ele me deu um vislumbre de quem ele era antes, mas eu queria saber tudo. Era fácil exigir tudo dele, mas era muito difícil dar-lhe tudo de mim.

Meus dedos se depararam com a marca da mordida e a tinta fresca e parei. Será que ele...

Eu a tracei, sentindo minha garganta apertar. Ele tatuou minha marca de mordida em sua pele. Eu não havia notado até agora.

— Por que você tem tanta tinta? — perguntei, quase prendendo a respiração.

— Para lembrar.

Levantei a cabeça para ver sua expressão. — Lembrar do quê?

Não houve resposta. Minhas palmas voltaram a percorrer seu peito. Eu não conseguia parar de tocá-lo.

— Quantos anos você tinha quando fez sua primeira tatuagem? — Seu corpo ficou tenso sob minhas palmas.

— Era jovem.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Quão jovem.

— Onze ou mais.

Eu sabia que havia uma história por trás de sua tinta. Meus olhos percorreram suas tatuagens. Era como ver uma história apresentada em imagens. Nó sem fim. A cruz cristã. Criaturas mitológicas. Palavras em cirílico.

Talvez fosse bobagem, mas eu queria saber mais. O que o motivava. O que o criou. Eu queria entendê-lo. Apesar de toda a franqueza de Sasha, eu não sabia muito sobre ele. Ele era psicótico, perigoso, mortal. Mas isso não era tudo. Havia camadas que eu precisava tirar para conhecer o verdadeiro Sasha.

— Qual foi sua primeira tatuagem? — perguntei, tocando cada centímetro de sua pele.

Ele apontou para suas costelas. Uma tatuagem de Nêmesis olhava para mim. Mitologia não era meu forte, mas eu me lembrava que era uma deusa da indignação e da retribuição.

— Nêmesis? — Perguntei só para ter certeza.

— *Da*¹⁰. — Sua voz era áspera, com um toque de emoção.

— Por quê essa em particular?

Paredes invisíveis se erguiam ao redor dele. Eu estava praticamente em cima dele, mas ele poderia estar a milhares de quilômetros de distância.

Mas ele respondeu. — Ela me lembrava minha mãe.

— Por quê?

— Nêmesis pode causar perdas e sofrimento, — disse ele, com a voz mais fria do que as temperaturas do inverno na Sibéria.

— Por que você escolheu essa tatuagem?

— Porque minha mãe só trouxe dor e sofrimento, — comentou ele, com o tom seco e as palavras mais ásperas. Era a primeira vez que ouvia um pouco de seu sotaque russo.

Fiquei quieta e senti arrepios em meus braços. A temperatura no quarto despencou. Sua mãe deve tê-lo machucado para que sua expressão escurecesse. Talvez Deus tenha trabalhado de maneira misteriosa, afinal. Conectou-nos com nossa outra metade que espelhava nossas próprias cicatrizes. Assim, poderíamos nos ajudar a curar um ao outro.

— Ela o machucou? — Eu me engasguei.

Ele balançou a cabeça. — Não assim. Ela apenas garantiu que todos nós sofrêssemos por causa de sua raiva pela infidelidade de nosso pai.

¹⁰ Sim.

Ela não conseguia se libertar, então se certificou de que sofrêssemos junto com ela.

Sasha era mais do que seu comportamento psicótico. Havia um lado dele que ele mantinha bem controlado. Eu queria conhecer esse lado dele. Eu queria conhecer todo *ele*.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, ele arrancou as cobertas de mim e me jogou de costas. Seu corpo veio para cima do meu e eu passei os braços ao redor dele, absorvendo seu calor. Ele era tão grande, seu corpo era um cobertor pesado sobre o meu.

Seus lábios roçaram os meus enquanto minhas palmas percorriam os músculos lisos de suas costas. Um dia, eu exploraria cada uma das tatuagens em seu corpo e descobriria o que elas significavam.

Ele me beijou, lenta e profundamente, diferente da maneira rude com que me fodeu antes. Minhas coxas se abriram, recebendo-o de volta dentro de mim.

Dessa vez, suas investidas foram profundas e lentas, como se quisesse saborear o momento pelo máximo de tempo possível.

Capítulo 51

SASHA

Esfreguei meu rosto, vendo Branka dormir em meus braços. Nua e exausta.

Minha garganta ficou apertada com a lembrança das palavras que minha mãe me disse pela última vez.

Você nunca será bom o suficiente. Nem para mim. Nem para seu pai. Para ninguém.

Ela era uma vadia psicopata, mas as palavras permaneceram. Ela me odiava por ser parecido com meu pai. Ela odiava meu pai por amar outra mulher e me culpava por isso.

Nada disso fazia sentido. Mas essas palavras deram início a um efeito dominó. Suas palavras estavam certas. Pelo menos no que dizia respeito a papai. Nós não tínhamos mais importância para ele. Vasili assumiu o papel de pai, cuidando de um irmão mais novo adolescente e de nossa irmãzinha. Sem falar que ele administrava as empresas e o lado ilegítimo de nossos negócios.

Você nunca será bom o suficiente.

Passei o polegar por sua pele macia, segurando sua bochecha. E como se desejasse meu calor, ela pressionou a bochecha contra a palma da minha mão.

Meu telefone vibrou na mesa de cabeceira e eu o peguei.

Alessio: Quero minha irmã de volta. Ilesa. Intocada. Seu psicótico de merda.

Eu: Suas notas de amor me fazem chorar. Não se preocupe com sua irmã. Ela está segura e não é mais problema seu.

Levou apenas um milésimo de segundo para meu telefone tocar. Meus lábios se contraíram em um meio sorriso. Alessio. Eu deveria saber.

Com cuidado para não acordar Branka, saí da cama e vesti uma calça jeans, depois fui até à varanda do nosso quarto.

— Alô?

— Não me diga a porra de alô, Nikolaev. — Certo, Alessio estava irritado. — Eu deveria saber que você não aceitaria um não como resposta. Maldito seja.

— Estou indo muito bem, — disse a ele. — O tempo está ótimo. A comida é ótima. E a companhia é a melhor.

— Seu filho da puta desequilibrado, — ele sibilou. — Onde diabos você está?

— Não é da sua conta.

Se ele achava que eu entregaria Branka, ele estava louco.

— Passe o telefone para ela, — exigiu ele.

— Uma pequena novidade, — eu disse. — Você não pode gritar suas exigências. Pode tentar, é claro. Mas isso só fará com que eu desligue o telefone mais rápido.

Seguiu-se um silêncio tenso.

— Quanto tempo?

Franzi a testa. — Quanto tempo o quê?

— Há quanto tempo você está de olho em Branka?

Era evidente que Branka não compartilhava certas coisas com seu irmão mais velho. Nosso encontro em Berkeley era algo que só nós dois sabíamos. Eu poderia mentir. Eu deveria mentir.

— Foi quando eu lhe disse que ela estava fora dos limites. Eu a tornei mais tentadora com essas palavras há quatro anos. Um fruto proibido.

Talvez isso tenha selado o acordo, mas ela já era minha muito antes disso. Essas palavras me levaram a procurá-la naquela noite.

— Sim, essas palavras selaram tudo. — Eu me conformei com uma meia verdade.

Ele suspirou cansado.

— Não tenho energia nem tempo para esse seu traseiro maluco, — ele murmurou. — Apenas me devolva minha irmã.

— Você precisa se acalmar, — eu disse a ele friamente. — Você estará morto quando tiver um recém-nascido em suas mãos se não se acalmar.

— Eu juro por Deus, Sasha...

— Você não vai tê-la de volta, — eu disse, com a voz extremamente calma. — Branka Russo é minha. Se alguém tentar tirá-la de mim, você verá como sou um verdadeiro psicopata.

Eu podia ouvir sua respiração sardônica através da linha. — Jesus Cristo, — ele murmurou. — Sasha, Branka não é para você. Ela é muito... — Ele inalou profundamente e depois exalou lentamente. — Ela já foi muito machucada. Ela precisa de um homem bom. Alguém que a mereça.

A frustração me percorreu, as palavras não ditas me afetaram mais do que deveriam. Elas atingiram seu alvo, e eu odiava a maneira como isso me fazia sangrar. Se ele não fosse o irmão de Branka, eu voaria de volta e colocaria uma bala em sua testa.

Meu dedo coçou para apertar o gatilho.

A dor que imaginei no rosto de Branka se ela perdesse o irmão causou um estranho aperto em meu peito. Balancei a cabeça. Não adiantava me enganar. Eu não faria mal a uma mosca se isso deixasse Branka chateada.

— Ela está *me* pegando, — grunhi. — Ninguém mais além de mim. Então, lide com isso.

— Eu quero falar com ela. — Sua voz era fria, o menor cerrar de dentes era perceptível mesmo pelo telefone.

— Ela está dormindo.

Uma pausa. — No meio da porra do dia?

Percebi meu erro imediatamente. Já era dia no Canadá e na Costa Leste.

— Ela estava cansada. Estávamos ocupados.

De repente, percebi como isso soou. Como se estivéssemos transando há horas. Jesus, apenas alguns dias com Branka e eu já estava escorregando.

— Você está morto, seu russo maldito, — ele rugiu. — Quando eu o encontrar, vou estrangulá-lo.

Jesus, o cara estava com hormônios. — Você deveria tentar algumas técnicas de respiração, — sugeri com calma. — É evidente que a gravidez o está deixando volátil.

— Você. Está. Me. Tornando. Volátil. — Sua voz estava tensa. — Vou matar seu traseiro russo.

Sorri para o telefone, embora não fosse com meu entusiasmo habitual. Se Alessio me odiasse, Branka ficaria chateada. Era a última coisa que eu queria.

— Você faria de sua irmã uma viúva? — Jesus, é melhor eu encontrar alguém para nos casar. O mais rápido possível.

— Ela vai se casar com Killian, não com você. — Talvez eu tenha ouvido algum barulho ao fundo.

— Sim, boa sorte com isso, — eu disse. Ela se casaria com outro por cima de meu cadáver. Eu já havia terminado essa ligação exaustiva. — Eu o manterei informado sobre nossos aniversários. Quando você aceitar que estamos juntos, Branka e eu, então lhe enviaremos fotos nossas e de nossa família.

Encerrei a ligação sem esperar por uma resposta.

Meus olhos percorreram a paisagem ao nosso redor. Não havia nada em duzentos acres ao nosso redor. Se alguém tentasse se aproximar do castelo, nunca teria a chance de chegar perto dele sem ser notado.

Ainda assim, o medo de perder Branka era como um pânico gelado em minhas veias. Fui paciente por sete anos e quase a perdi. Agora, eu precisava que ela voltasse atrás e me escolhesse. Amarrá-la a mim para que ninguém mais me pudesse tirá-la.

O sangue corria em minhas veias. Minha pulsação zumbia em meus ouvidos e meu coração batia forte demais. Geralmente era o que eu sentia antes de tomar decisões precipitadas.

Matar. Eliminar o obstáculo.

Eu não poderia fazer isso agora. Isso me custaria a única coisa que eu queria.

Voltei para o quarto e fiquei observando Branka dormir. Seu peito subia e descia, sua respiração era superficial. Ela parecia tão dócil quando dormia, com os lábios ligeiramente entreabertos e as linhas suaves do rosto convidativas.

Deslizei para a cama e envolvi um braço em torno de sua cintura, encostando meu peito em suas costas. Enterrei meu rosto em sua nuca e inspirei profundamente, seu familiar perfume floral aliviando minha inquietação. Foi apenas a visão dela que me acalmou, diminuindo o latejar em meus ouvidos e a batida do meu coração.

— *Ya tebya lyublyu, kotyonok*, — sussurrei em seu ouvido.

Foi a primeira vez que eu disse ‘eu te amo’ para uma mulher.
Qualquer mulher.

Capítulo 52

BRANKA

Os meus olhos se abriram em um quarto escuro. Estendi a mão para o outro lado da cama e encontrei os lençóis frios e vazios. Sasha não estava aqui. A decepção me invadiu.

Arrastei-me até ao banheiro, com o esperma de Sasha escorrendo pelas minhas coxas. Nunca havíamos pensado em usar camisinha. Engoli com força, a ideia de uma gravidez me encheu de ansiedade. Tristeza.

Meu coração ficou pesado.

Sasha me jogaria fora se soubesse? *Com defeito.*

Engoli em seco. Bebês e legados eram uma parte importante do submundo. Carregar uma linhagem de sangue. Levar o sobrenome. Manter as coisas dentro de uma família. Só que eu não me importava que a linhagem Russo morresse comigo.

Eu me importava em ser deixada para trás novamente.

Meu estômago se revirou e enrijei a coluna. Limpei-me, fiz xixi e entrei no chuveiro, ignorando todos os sentimentos pesados no fundo do meu estômago.

Tomei banho, comi a comida que me trouxeram e decidi explorar o antigo castelo. Não era como se eu tivesse algo melhor para fazer. Andei de cômodo em cômodo, com o luxo evidente em cada canto dessa casa. Eu

não era uma aficionada por história, mas meu palpite era que quem quer que fosse o proprietário desse lugar o havia restaurado à sua glória original.

O castelo data de alguns séculos atrás, dos bons e velhos tempos antes da Revolução Russa.

Desci a grande escadaria quando ouvi a voz escura e familiar. Minhas bochechas esquentaram ao lembrar quantas vezes ele me fodeu na noite passada. Sasha era dominante e insaciável no quarto.

Segui a direção da voz, mas cada vez que entrava em uma sala, encontrava-a vazia.

— Está procurando Sasha? — Eu me virei com o som de uma voz. Pisquei os olhos e depois pisquei novamente.

O dono da voz era alto, com cerca de 1,80 m ou mais. Ele usava camisa e calça pretas com um casaco de cashmere preto aberto. Minhas sobrancelhas se ergueram. Ele realmente gostava da cor preta. Meu olhar se dirigiu ao seu rosto. Traços afiados e angulares e olhos escuros intensos. Cabelo castanho-escuro.

Ele era um Konstantin. Um dos gêmeos. O que estava fazendo aqui?

Então me lembrei de sua pergunta. — Sim, estou procurando por Sasha.

— Você está com sorte, então, — declarou ele, colocando as mãos nos bolsos, como se tentasse parecer não ameaçador. Sim, sem chance disso. Ele tinha aquela aura de homem cruel e perigoso. Muito parecido com meu próprio irmão. Muito parecido com Sasha.

Era agradável olhar para ele, mas eram seus olhos enervantes que me faziam querer correr e me esconder. A maneira como ele me observava me fazia pensar que ele via demais. Até mesmo os segredos mais obscuros que eu escondia de mim mesma.

— Acabei de deixá-lo na biblioteca, — disse ele. — Seus irmãos estão com ele.

O alarme passou por mim. Eu não sabia que tínhamos transformado isso em uma reunião de família.

— Só eles? — Perguntei com cautela. Será que meu irmão me encontrou?

Suas sobrancelhas se franziram por uma fração de momento, como se ele pudesse sentir meu medo. Como se estivesse confuso com isso. Mas então sua expressão voltou a ser uma máscara ilegível e ficamos parados ali. Imóveis. Sem piscar.

— Sim, apenas *seus* irmãos.

Esse homem sabia quem eu era. Eu apostaria minha vida nisso. No entanto, por mais louco que pareça, eu me sentia segura sob a proteção de Sasha. Balancei a cabeça para mim mesma. O homem distribuía orgasmos como se fossem doces e fazia meu corpo derreter, e de repente eu me sentia segura com ele. Sim, não era meu cérebro falando, mas tanto faz.

— Parece que você quer correr? — ele comentou, com a voz calma. Como se tivesse mantido o tom baixo de propósito para não me assustar. Foi então que percebi que meus pés estavam inquietos, mudando de um pé para o outro, e me forcei a parar.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que fugi de um homem. Já fazia algum tempo. O pai e seu maldito sócio! Ele foi o último homem de quem fugi.

— Eu sou Ilias, — ele se apresentou, estendendo a mão. — Ilias Konstantin.

Hesitantemente, coloquei minha mão na dele. — Branka.

Aprendi há muito tempo que não era inteligente revelar meu sobrenome. Meu pai tinha muitos inimigos. Muitas pessoas que ele havia prejudicado.

— Prazer em conhecê-la, Branka. — Inclinei minha cabeça em sinal de reconhecimento. — O que está achando da Rússia até agora?

Dei de ombros, estudando-o. — Eu só vi esta casa e a vasta terra que se estende por quilômetros, — comentei secamente. — Mas os verões são mais frios na Sibéria.

Ele sorriu, divertido, e minha boca quase caiu. *Santa mãe de Deus.* Foi como ser cegada pelo sol. Seu apelo sexual era impressionante.

— E os invernos são ainda mais frios, — observou ele, divertido.

Um arrepio percorreu minha espinha. Eu só conseguia imaginar quilômetros e quilômetros de neve profunda. Branco até onde seus olhos podiam ver. Não era meu cenário ideal de inverno. Sim, eu era do Canadá, mas isso não significava que eu gostasse de passar frio.

— Você é amigo de Sasha? — Perguntei com curiosidade. Essa era a segunda vez que eu o via nas proximidades de Sasha. Não podia ser uma coincidência. — Eu já vi você antes. Na Califórnia.

Seus lábios se contraíram em um leve sorriso. — Eu me lembro de você, — ele comentou.

Ok, isso era preocupante. Afinal de contas, isso foi há sete anos. — Então, vocês são? — perguntei novamente. Quando ele arqueou a sobrancelha em sinal de dúvida, acrescentei: — Amigos?

— Ele provavelmente não me colocaria nessa categoria. — Seu tom era seco e sua expressão, ainda mais seca. — Especialmente depois da conversa que acabamos de ter.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Hã?

Ele inclinou a cabeça. — Receio que os irmãos Nikolaev não tenham ficado muito felizes com minhas exigências em relação à irmã deles. — Ele balançou a cabeça, com a agitação clara em seu rosto. — Esse é o único defeito de Tatiana. Seus irmãos.

Franzi a testa, totalmente confusa. Por que ele estava me dizendo isso? Algo me dizia que tudo o que esse cara fazia era com um propósito. Ele não era do tipo que comete erros.

— E você deve estar se perguntando por que estou lhe dizendo isso, — ele disse preguiçosamente, com um sorriso distante. Assenti com a cabeça. Era estranho que ele estivesse me contando algo sobre Tatiana. Afinal de contas, éramos estranhos. — Porque você é o ponto fraco *dele*, Branka Russo.

De alguma forma, não me surpreendeu o fato de ele saber quem eu era.

Capítulo 53

SASHA

Branka estava comigo há apenas três dias e meu telefone não parava de tocar. Nem as visitas.

Era como uma grande estação central. Bipes, toques e conversas constantes. Mas eu poderia ter passado sem a maldita visita de Ilias Konstantin. Filho da puta! Se ele achava que conseguiria pegar minha irmã, estava enganado. Pelas expressões de Vasili e Alexei, eles concordavam comigo.

Para minha consternação, quando Ilias saiu da sala, Tatiana entrou. E, pela expressão do maldito, acabaria havendo problemas em nosso caminho. Ele não desistiria; eu apostaria minha vida nisso.

Sentei-me no escritório da biblioteca atrás da escrivaninha, abrindo e fechando minha faca. Abrir. Fechar.

Um silêncio tenso pairava no ar. Vasili sentou-se na cadeira em frente a mim, Tatiana sentou-se no sofá e Alexei ficou de pé, encostado na parede com os braços cruzados. Os três apareceram. Sem serem convidados. Malditos perseguidores. Embora eu tenha ficado feliz em ver Tatiana vestida com sua roupa Chanel preta e branca característica, em vez de calça de moletom.

O silêncio se estendeu por toda a sala, com os olhos de meus irmãos voltados para mim. Um furioso. Um sem emoção. E um entediado.

Meus músculos se contraíram, furioso com a presença dos três. Um homem não podia ficar sozinho com a mulher que amava? Pelo menos até que eu a engravidasse e ninguém pudesse tirá-la de mim.

Recostei-me em minha cadeira. — Como me encontrou?

— Foi bem fácil, — respondeu Tatiana, estudando-me com compreensão.

Os olhos de Alexei e Vasili me observavam com aqueles olhos curiosos, mas era Tatiana quem eu temia que visse demais.

— A mulher Russo está bem? — perguntou Alexei.

Abri a faca e depois a fechei novamente. — Sim.

— Por que Ilias deixou você usar o jato dele? — perguntou Vasili.

Dei de ombros. — Ele gosta de mim.

— Ele também gosta da garota Russo? — Vasili podia ser irritante pra caralho. Embora a ideia de Ilias ou de qualquer outra pessoa se interessar por Branka me deixasse irritado.

— Se Ilias gostasse da garota Russo, ele mesmo a teria levado, — anunciou Tatiana.

Meu olhar se estreitou. O que minha irmã saberia sobre Ilias? Ela só o encontrou uma vez.

Vasili e Alexei devem ter pensado exatamente o mesmo, pois seus olhares estavam concentrados em nossa irmãzinha.

Ela desviou o olhar, consciente de que havia escorregado.

— Você vai se casar com ela? — Alexei perguntou com uma voz indiferente. Não respondi.

— Juro por Deus, Sasha, — rosnou Vasili. — É melhor você se casar com a garota. Se fizemos tudo isso para que você pudesse jogar seus jogos com a garota e depois se livrar dela, juro que eu mesmo o matarei. E encontrarei um marido para ela antes que o irmão dela ou Brennan percebam que você corrompeu a mulher.

Levantei-me rapidamente. — Se você sequer olhar na direção dela, eu acabo com você. — Minha voz era sombria. Meu olhar era ainda mais sombrio. — Nunca mais fale sobre isso, Vasili.

Meu olhar teria matado qualquer outra pessoa. Mas não meus irmãos.

— Jesus, — murmurou Tatiana.

Vasili se recostou na cadeira, estudando-me.

— Então você obviamente quer se casar com ela. Qual é a porra do problema? — questionou Vasili.

O problema é que eu não queria forçá-la a se casar comigo. Eu queria que ela me escolhesse. Que quisesse se casar comigo. É claro que eu esperava que ela engravidasse. Seguro.

— Sem problemas, — resmunguei. — Agora, por favor, vão se foder. Todos vocês três. Nós vamos nos casar quando estivermos bem e prontos. — *Quando Branka estiver pronta.*

Seus lábios se curvaram e um sorriso surgiu em seus olhos. Filho da puta. — O carma é realmente uma droga, — disse ele, satisfeito.

Meu maxilar se contraiu. Vasili podia ser tão babaca.

— Quando vocês três vão embora? — Eu disse com os dentes cerrados.

Vasili se levantou, ajeitando a manga do terno. — Acho que vou ficar por alguns dias.

— Não, você não vai, — eu disse. — Não preciso que você me siga. Eu o importunei quando você estava com problemas com a Isabella? Não, eu não o fiz. — Tatiana revirou os olhos. — Vocês três. Peguem alguma comida na cozinha e voltem para Nova Orleans.

— Você feriu meus sentimentos, — disse Alexei.

Um silêncio espesso envolveu a sala.

— Você acabou de fazer uma piada? — Eu disse com incredulidade. Alexei nunca brincava. Ele mal sorria.

A atenção de Alexei se concentrou em mim. — Eu vou ficar. Tenho que cuidar do meu irmão maluco.

Tatiana se juntou a mim. — Eu também.

— Quanto tempo? — perguntei.

— Quanto tempo o quê? — Vasili se dignou a fingir que não estava entendendo.

— Quanto tempo você vai ficar? — Eu gritei.

Ter irmãos tinha suas vantagens, mas eles podiam ser muito irritantes.

— Alguns dias, mais ou menos.

Os três saíram da sala, provavelmente conspirando sobre como tornar minha vida um inferno nos próximos dias.

Maldito Ilias Konstantin.

Ele convenientemente passou meu itinerário para Vasili. Esse era para ser meu tempo com Branka. Não uma maldita lua de mel com a família. O som de vozes e risadas veio de fora e eu olhei pela janela.

— A porra da família toda, — grunhi. Meus irmãos trouxeram suas esposas e seus filhos. Como eu poderia estar transando com minha mulher em todos os cantos do castelo se todos eles estavam aqui?

Tive um vislumbre de Branka de biquíni, sentada na borda da piscina, e meu pau se contraiu. Ela estava linda de tirar o fôlego em seu biquíni vermelho e branco. O pequeno Kostya estava sentado em seu colo, balbuciando e com as perninhas balançando. Ele queria ser levado para a água. O menino era como um peixinho. Ainda bem que a piscina era aquecida.

Deixando meu lugar, fui para o quarto que dividia com Branka e vesti um calção de banho, depois fui para a piscina. E o tempo todo eu resmungava, irritado com o fato de minha família ter estragado a porra da minha festa.

Quando parei ao lado da piscina, todos olharam. Os pequenos Kostya e Nikola sorriram para mim, com suas mãos gordinhas se estendendo para mim. Foi o que bastou para que minha frustração se dissipasse.

Entrei na água e me sentei ao lado de Branka, empurrando Alexei para fora do caminho. Ele era como uma sombra escura sobre seu Kostya, que chutava e sorria. Ele estava satisfeito sentado no colo dela. Que porra Alexei achou que Branka faria? Jogá-lo na água enquanto seus pais e tios nadavam.

— Oi, Sasha, — Aurora me cumprimentou. — Ainda causando problemas, pelo visto.

Envolvendo minha mão no ombro de Branka, eu sorri. — Oi, Aurora. Ainda irritante, pelo visto.

Branka empurrou seu ombro contra mim. — Seja legal, — ela repreendeu suavemente.

Eu sorri. — Sempre. — Então, estreitei meus olhos para Alexei. — A menos que você queira se afogar na piscina infantil, não se sente tão perto da minha mulher.

Alexei me deu uma piscadela, seu rosto era uma máscara sem emoção. Como sempre. Minha mãe foi quem mais o ferrou, sequestrando-o quando criança da própria mãe de Alexei, Marietta Taylor.

Sim, certamente éramos todos os tipos de loucos. Vasili era movido pela culpa. Alexei tinha danos físicos e mentais graças à minha mãe vingativa. Tatiana nunca teve nenhum dos pais, então talvez tenha tido sorte.

E eu... Bem, acho que me tornei perfeito, pensei sarcasticamente.

A verdade é que eu confiaria em Alexei e Vasili no mesmo cômodo que Branka nua. Não que eu jamais permitisse que eles a vissem nua.

Kostya me deu um sorriso cheio de dentes, e eu estendi a mão para acariciar seu cabelo loiro. — Acho que podemos ser bonzinhos por um tempo. Pela minha kotyonok.

Minha irmã, que estava tomando banho de sol, soltou uma risada.

— Ele a chama de gatinha? — ela perguntou a Branka. Branka olhou para ela, depois seus olhos se voltaram para mim e de volta para Tatiana, que assentiu. — Porra, eu cortaria as bolas dele por isso.

Branka franziu a testa. — Por quê?

— É bom que eu seja uma rainha. Não uma gatinha.

Branka deu uma risadinha. — Sou mais o tipo de garota que esculpe o coração de um homem. Mas não por algo assim.

Encostei minha boca na testa de Branka e disse: — Ela não é uma gatinha. Ela é uma tigresa.

Vasili estava com o pequeno Nikola sentado em seus ombros enquanto ele se movia pela água. Isabella estava sentada no lado oposto da piscina, lendo algum jornal médico. Sua filha pequena dormia no carrinho de bebê com um guarda-sol sobre ela e Isabella ignorando todos nós.

— Vasili, não dê trabalho a Sasha, — ela advertiu o marido sem levantar a cabeça.

— Malyshka, alguma vez eu incomodei alguém? — resmungou Vasili.

— O tempo todo, — todos nós respondemos secamente ao mesmo tempo.

Vasili nos deu uma bronca. — Então, durante todo esse tempo, tudo girava em torno de você, Branka Russo? — disse Vasili casualmente. Ela olhou hesitante para mim e depois de volta para meu irmão mais velho. — Bem-vinda à família.

As bochechas de Branka ficaram vermelhas e isso não tinha nada a ver com o calor do verão russo.

Ignorando o comentário de meu irmão mais velho, ela se virou para Alexei. — Devo levar Kostya para nadar na água? Ou você prefere?

Alexei a observava de uma maneira que normalmente fazia as pessoas se contorcerem ou se borrarem nas calças.

Eu estava prestes a dizer a ele para parar com isso quando Aurora perguntou: — Como é que Alexei não assusta você? — Ela inclinou a cabeça, estudando Branka pensativamente.

Branka deu de ombros, entregando Kostya de volta ao pai. — Talvez eu já tenha visto coisas mais assustadoras.

Ela pulou na água e Kostya soltou um grito, pronto para abandonar a segurança de seu pai e ir até Branka. Talvez a vinda da minha família não tenha sido uma ideia tão ruim. Meu coração se encheu de orgulho ao ver minha mulher com minha família. Ela pertencia a este lugar. Em nossa família.

Isabella fechou a revista com um leve baque e a jogou no chão.

Vasili se virou para olhar para sua esposa. Todos nós também.

— Qual é o problema, malyshka? — Vasili exigiu saber. Que Deus ajude qualquer um que aborreça sua esposa.

Isabella entrou na piscina e nadou até nós.

— Malyshka?

Ela acenou com a mão. — O artigo de um amigo não foi publicado no jornal, — murmurou, depois sorriu e pegou seu filho mais velho. — Saia dos ombros do papai, Nikola. Nade com a mamãe.

Sem medo, ele se soltou dos ombros de seu pai e pulou. Jesus Cristo. O garoto era imprudente.

Como se tivesse lido minha mente, Vasili confirmou. — O garoto é tão imprudente quanto Sasha.

— Ah, vamos lá, irmão, — exclamou Tatiana, levantando-se da espreguiçadeira e indo em direção à borda da piscina. — Todos nós, Nikolaevs, somos imprudentes. E fodidos.

Tatiana pulou na piscina e sua cabeça desapareceu.

— Ela ainda está bebendo? — Perguntei, dando uma olhada em meus irmãos.

— Ela não tocou em álcool hoje, — disse Vasili quando nossa irmã voltou a respirar. Sacudindo a água do rosto, ela subiu em um grande golfinho rosa e agarrou o pescoço dele, depois se inclinou para trás, pronta para relaxar.

— Então você é irmã da Mia? — ela perguntou. — Você se parece com ela. Pelo menos a foto dela. Engraçado, eu sempre achei que Mia era o amor perdido de Sasha. — Ela deu uma risadinha. — Eu estava tão errada.

A tensão tomou conta da piscina. O ar parou.

Foda-se.

Capítulo 54

BRANKA

Quatro dias de verão na Sibéria.

Felizmente, a piscina era aquecida. E eu tinha que admitir que a família de Sasha era tensa, mas agradável. Kostya ria e balbuciava em meus braços, lembrando-me do meu próprio sobrinho.

Ao pensar em meu irmão, Autumn, e em meu sobrinho, senti-me em conflito comigo mesma. Sentia falta deles. Queria conversar com eles.

— Então você é a irmã da Mia, não é? — comentou Tatiana. — Você se parece com ela. Pelo menos a foto dela. Engraçado, eu sempre achei que Mia era o amor perdido de Sasha. — Ela deu uma risadinha. — Eu estava tão errada.

Fiquei muito confusa e meus olhos se movimentaram entre todos eles.

— O que você quer dizer com isso? — Perguntei hesitante.

— Você não lhe contou, — afirmou Alexei, a voz sem emoção.

Eu engoli. — Me contou o quê? — questionei. — Como todos vocês conhecem Mia? E o que você quer dizer com Mia era... Sasha? — Respirei fundo. — Sasha... — Eu não conseguia nem dizer.

Sasha e Mia. Jesus Cristo, Sasha e Mia.

Eu era apenas uma substituta.

Tatiana balançou a cabeça. — Merda, merda, merda. Desculpe-me. Eu só pensei... — A irmã de Sasha se endireitou sobre o ridículo golfinho, equilibrando-se. — Eu não deveria ter dito nada. Sinto muito.

— Não, você deveria ter me contado, — eu disse, minha voz estranhamente calma. Mudei de posição e fiquei de frente para Sasha. — Ou melhor ainda, Sasha deveria ter me contado.

Nadei até à borda da piscina e saí dela, com a água pingando do corpo.

— Branka, espere. — Sua voz estava bem atrás de mim. Eu podia sentir seu calor em minhas costas. Não conseguia me afastar dele rápido o suficiente.

De repente, a raiva me invadiu. — Esperar pelo quê? O telefone que você me prometeu dias atrás? Até que você me diga que não há problema em ligar para meu irmão ou minha amiga? — Passei a mão no meu cabelo úmido. — Sete anos, porra, e você não pensou em mencionar uma vez que desejava minha irmã.

Não me importava com o público. Meu corpo tremia. Ou por causa das temperaturas mais frias do verão na Sibéria ou por causa do meu coração disparado.

Meu coração disparou em meu peito, cada batida doía mais do que a anterior. Sasha era meu dono. Do meu coração. Minha alma. Meu corpo. E o tempo todo eu era seu prêmio de consolação. Por minha irmã.

A mão de Sasha envolveu meu pulso.

— Kotyonok, — ele rosnou.

Arranquei meu pulso de seu aperto. — Não me venha com essa porra de kotyonok. Quero ir para casa, — sussurrei. — Para minha família. Minha vida.

— Você não vai a lugar nenhum, — alertou Sasha, com uma expressão sombria no rosto. Ele se aproximou, ignorando completamente meu espaço pessoal. — Você é minha. Ninguém mais pode ter você.

Eu perdi o controle. Empurrei contra seu peito. Várias e várias vezes. Mas ele permaneceu ali como uma parede de pedra. Imóvel.

— Você não tem o direito de decidir isso, — gritei. — Você não pode obrigar alguém a ser seu.

Algo cruzou sua expressão, mas eu estava com muita raiva para parar. Estava muito magoada para avaliar. Empurrei contra ele. Ele me segurou contra seu corpo e eu me mexi e mordi seu braço. Ele se assustou e me soltou.

Dei meia-volta e voltei para dentro de casa. Uma vez fora da vista dos Nikolaev, corri até ao quarto e tranquei a porta atrás de mim. Com o pânico em minhas veias e o coração na garganta, encostei-me à porta.

— Kotyonok, abra a porta, — exigiu Sasha, sua voz calma demais para me confortar. Mas eu não me enganava. O homem era uma bomba-relógio. — Cinco segundos. Depois vou arrombar a porta.

Eu o ignorei, meus olhos percorrendo freneticamente o quarto. Corri para a janela, embora soubesse que não havia como escapar por ali. Não havia mais para onde ir. Dei meia-volta.

Bang!

Dei um pulo para trás, batendo a cabeça contra a janela. A porta se abriu e bateu contra a parede com tanta força que deixou uma marca na parede de pedra. Levantando os olhos para encontrar seus olhos azuis pálidos, algo profundo e cru neles me paralisou.

Meu peito pesou. Sasha veio em minha direção, como um predador em busca de sua presa. Minhas costas bateram na parede de pedra fria, causando arrepios em minha pele. Prendi a respiração, sem saber o que esperar dele. Peguei o primeiro objeto ao meu alcance e o arremessei contra ele. Ele se esquivou e o objeto se espatifou contra a parede. Peguei o próximo objeto e o arremessei em sua direção. Ele também se esquivou.

Agarrando meus pulsos com firmeza, ele pegou um cinto no suporte próximo e o enrolou em meus pulsos. Ele deu um passo para trás e puxou o cinto. Eu chutava e gritava, proferindo todo tipo de obscenidades contra ele.

Ele segurou meu rosto, levantando-o para que eu encontrasse seus olhos. — Acalme-se.

— Vá se foder, — sussurrei. — Eu odeio você.

Mesmo ao dizer essas palavras, eu sabia que eram mentiras. Eu me apaixonei pelo psicótico idiota e ele estava me usando como substituta da minha irmã morta. Ela *era* uma pessoa melhor do que eu. Eu sabia disso. Eu a amava. Mas isso ainda me machucava.

— Você tem um temperamento difícil, kotyonok. — Sua mão envolveu meu pescoço e a segurou com firmeza. — Você vai se acalmar e nós vamos conversar.

— Não quero conversar. Quero sair deste lugar. E de você.

Algo passou por seus olhos, mas depois endureceu. Em uma pedra azul e fria.

Seu polegar roçou minha pulsação agitada e eu soltei um suspiro trêmulo. O contraste de sua expressão fria e sua carícia acendeu um raio em minhas veias.

— Deixar-me nunca será uma opção, kotyonok.

Seu polegar passou pelos meus lábios, esfregando-os suavemente. Minha boca se abriu e ele o empurrou levemente em minha boca. O rosnado baixo em sua garganta fez com que o desejo se acumulasse em meu baixo ventre. Furiosa com a luxúria que ainda persistia, afundei meus dentes em sua carne.

Ele sibilou, mas não retirou o dedo. Meu coração batia descontroladamente, seu corpo duro pressionado contra o meu.

— Está claro? — Havia um tom áspero em sua voz. Ela envolvia meu corpo e apertava. Como um cobertor. Como uma corda.

— Cristalino, — ofeguei. — Eu sou sua prisioneira.

Ele soltou um suspiro sardônico. — Errado, kotyonok. Você é tudo para mim. Se você está chateada, vamos conversar sobre isso. Se estiver com raiva, nós a acalmaremos e depois conversaremos. — Seu maxilar tremeu. A expressão sombria em seu rosto era assustadora.

Suas mãos seguraram meu queixo e ele colocou seu rosto a centímetros do meu. Prendi a respiração. Esperei. Ele iria me beijar.

Ele não beijou.

— Você me deixando... Isso. Nunca. Vai. Ser. Uma. Opção.

Então ele mordeu meu lábio inferior. Com força. Tirando sangue.

Era realmente apropriado. Considerando como nossa história começou.

Capítulo 55

SASHA

Ela me dispensou como se eu não fosse nada para ela.

Eu queimaria este mundo por ela, mas ela tratava essa relação entre nós como se fosse apenas sexo. Eu daria minha vida apenas para ouvi-la dizer que me amava. *Uma vez.*

Realmente patético, considerando a maneira como ela me observava. Seus olhos brilhavam cheios de aversão e ódio. Ela mal podia esperar para me deixar e eu não podia viver sem ela.

A dor oca em meu peito se expandiu. Ela cresceu e cresceu até se tornar um grande buraco negro. A dor me atravessou como uma faca afiada. Eu estava tão fundo e ela estava pronta para simplesmente ir embora. Sem conversar. Sem trabalhar para resolver o problema.

Meus sentimentos ficaram fora de controle. O que eu sentia por ela era tão profundo que eu não conseguia encontrar o caminho para respirar.

Eu me inclinei e mordisquei seu lábio inferior. Para punir. Para marcar.

— Quero ligar para meu irmão, — exigiu ela, com a voz ofegante.

— Não. — Essa hora chegou e passou. Eu precisava de mais tempo. O resto de nossas vidas.

A fúria brilhou em seus olhos.

Definitivamente, era o momento errado para lhe dar o telefone agora. Ela choraria para o irmão e então haveria guerra. Droga, eu deveria ter dado o telefone a ela durante aquele curto período de tempo em que as coisas estavam bem entre nós.

— Não quero que você me toque, — sibilou ela.

Isso doeu.

Peguei seus pulsos, ainda amarrados com o cinto, e os coloquei acima de sua cabeça, pressionados contra a parede.

— Diga-me por que está com raiva? — ordenei, com um tom áspero. Ela virou o rosto para longe de mim e eu o peguei entre meus dedos, enquanto ainda segurava seus pulsos acima da cabeça.

Seus lábios se comprimiram em uma linha fina, o queixo em uma inclinação obstinada.

— Preciso bater em você?

Sua coluna se enrijeceu e ela começou a se debater contra mim.

— Não se atreva, porra.

Acariciei um fio de cabelo de sua testa com um dedo. Meus dedos pintados contra sua pele pálida pareciam sujos. Indignos.

As palavras da mãe ditas àquele garotinho décadas atrás voltaram com força total.

Em um movimento rápido, eu a levantei e depois me sentei na cama. Com sua barriga sobre meus joelhos, admirei sua bunda redonda.

— Não se atreva a me bater, Sasha, — sibilou ela, se debatendo como um gato selvagem. Para sua sorte, eu era mais forte do que ela. Com a palma da mão na parte inferior de suas costas, eu a mantive no lugar. — Eu juro por Deus. Eu vou...

— O quê? — Falei preguiçosamente, embora minha raiva estivesse fervendo sob minha pele. — Contar para seu irmão? Esculpir meu coração. — Ela se acalmou. — Você já roubou meu coração. Tatuou suas malditas iniciais nele. Faça o seu pior, kotyonok.

Desamarrei os cordões laterais do biquíni e meu pau endureceu instantaneamente. Eu sabia que ela podia senti-lo, pressionando a parte inferior de sua barriga. Pressionando a palma da mão em sua bunda redonda, continuei a amassar sua carne macia, preparando-a para o castigo.

Um gemido suave vibrou, mas foi interrompido.

Mulher teimosa.

Ela tinha a capacidade de me deixar louco.

Tapa.

Ela se sacudiu contra mim. — Pare, — ela respirou, com a bunda apertada.

Tapa.

Suas mãos se fecharam, com as unhas cravadas em minhas coxas.

Dei outro tapa em sua linda bunda vermelha. Seu corpo se inclinou para a frente e pude sentir o cheiro de sua excitação. Ela era meu par perfeito. Tão depravada quanto eu. Ela se enganava se achava que eu a deixaria ir.

Eu a foderia com força. Deixaria minha marca em cada centímetro de sua pele e alma. Eu nunca a machucaria, mas garantiria que todos que a olhassem soubessem que ela era minha.

— Você está pronta para conversar? — perguntei.

Seu corpo se enrijeceu. Eu podia ouvir seu pequeno rosnado. Não precisei ver seu rosto para saber que seus olhos brilhavam como dois relâmpagos contra o céu escuro.

— Vá se ferrar, Nikolaev.

Levantei minha mão e a levei até sua bunda avermelhada. *Tapa*. Dessa vez, ela não conseguiu conter o gemido. Sua voz era luxuriosa e sua bunda empurrou minha mão. Mulher gananciosa. Ela queria ficar louca e ser fodida ao mesmo tempo.

Uma gota de sua excitação brilhava na parte interna de sua coxa. Empurrei meu dedo mais fundo entre suas pernas, circulando sua boceta escorregadia até que um gemido rouco escapou de sua garganta. Espalhei os sucos dela na entrada e depois levei os sucos escorregadios ao seu cuzinho.

— Você está molhada para mim. — Meu tom era presunçoso, mas eu não conseguia evitar. Ela não podia tirar sua luxúria de mim. Sua excitação era toda para mim.

Espalhei sua umidade ao redor do olho do cuzinho e empurrei suavemente. Seus músculos se contraíram ao redor da ponta do meu dedo.

— Eu vou reivindicar isso, — grunhi. — Vou ser o dono de todos os seus primeiros e últimos momentos.

Em seguida, puxei meu dedo e o arrastei por sua boceta. Sem aviso, enfiei dois dedos dentro dela de uma só vez e dei um tapa em sua bunda ao mesmo tempo.

Ela gemeu, mas rapidamente abafou seus sons com a mão. — Você vai me dar tudo, kotyonok.

Empurrei meus dedos para dentro e para fora, com força, até que eu estava com os nós dos dedos dentro de sua boceta apertada.

Seu corpo tremia, estremecimentos percorriam sua espinha enquanto eu socava meus dedos dentro dela repetidas vezes e depois batia em sua bunda. O som de pele batendo e seus gemidos abafados encheram o quarto. Eu podia sentir que ela estava perto, seus músculos internos se contraindo ao redor dos meus dedos e seu corpo se retesando com a necessidade de liberação.

Então, ela se desvencilhou do nada. Ela gritou e nem mesmo sua mão conseguiu abafar o som. Seu corpo tremeu e suas unhas cravaram-se em minhas coxas.

Vou precisar de outra tatuagem, pensei presunçosamente.

Sua respiração estava ofegante e eu não diminuí a força até ter extraído cada grama de prazer dela.

Quando seu corpo ficou mole, eu saí de sua boceta encharcada.

— Olhe para mim, — exigi de forma mais dura do que pretendia. Meu pau estava latejando como um filho da puta.

Lânguida por causa do orgasmo, ela me observava com os olhos semicerrados. Nossos olhares se cruzaram, nossa batalha de vontades se inclinou a meu favor graças ao seu prazer.

Lambi meus dedos enquanto ela me observava, com as bochechas coradas pelo prazer que eu lhe arrancava. Deus, eu adorava prová-la. Ela era minha própria marca de cocaína. Meu vício.

— Isso... você e eu... é para a vida toda, kotyonok, — eu disse. — Esperei muito tempo para desistir de você agora. — Eu a tirei de cima de mim e a coloquei debaixo das cobertas, enquanto seus olhos permaneciam em mim. Ela não disse nada. Ela se escondeu bem. — Procure-me quando estiver pronta para conversar.

Eu a deixei no quarto sem dizer mais nada, colocando um guarda em frente à porta. Eu mandaria consertar a porta para poder trancá-la até que ela recuperasse a razão.

Se eu não fosse digno, encontraria uma maneira de ser digno dela.

Eu queria que ela me escolhesse por vontade própria. Mas isso não poderia acontecer se ela fugisse de mim.

Um dia inteiro e ela se recusou a sair do quarto.

Mulher teimosa!

Pelo menos ela comia. Tatiana me garantiu isso. Minha irmã se sentiu culpada por ter falado sobre Mia, mas a verdade é que eu deveria ter contado a Branka sobre sua irmã há muito tempo.

Sentei-me ao lado da cama. Já passava da meia-noite e Branka estava dormindo profundamente, com a respiração fraca e as sobrancelhas franzidas. Estendi a mão e suavizei as linhas, odiando o fato de ela estar preocupada mesmo enquanto dormia. Esperei que ela se acalmasse e me procurasse. Eu deveria ter imaginado que ela iria insistir. Teríamos que conversar eventualmente.

Porra, eu teria que falar com o irmão dela eventualmente também. Com sorte, nós dois sairíamos vivos dessa. Sem conseguir me conter, passei a mão pelo tornozelo dela, subi pelas pernas e parei em sua coxa nua.

Seus lábios se entreabriram e um gemido suave escapou de seus lábios enquanto ela afastava as coxas. Ela podia brigar comigo quando estava acordada, mas quando dormia, ronronava como um gatinho para mim. Soltei um suspiro sardônico e minha garganta se apertou, deixando-me com um gosto amargo.

Eu queria que ela ronronasse para mim quando estivesse acordada também. Eu queria que ela me amasse e quisesse ficar comigo, porque, foda-se se eu a estava deixando ir. Eu não estaria tão envolvido conosco sozinho. Ela também estaria envolvida até ao pescoço.

Meu celular tocou e eu o peguei, esperando uma mensagem específica. Não fiquei desapontado. Era uma mensagem de Nico.

Uum endereço. A localização atual do desgraçado que se atreveu a tocar em Branka. E como era conveniente que ele estivesse se escondendo na Rússia. Ah, as pequenas coisas. Eu sorri sardonicamente, pronto para distribuir dor.

Digitei um rápido agradecimento e o enviei de volta para Nico. Era bom ter amigos em posições de destaque. Nico sempre me ajudou.

Antes que eu pudesse guardar o celular, ele tocou novamente.

Alessio está em pé de guerra. Talvez queira entrar em contato. Tanto para seu irmão quanto para seu noivo.

Essa era a única desvantagem de ter amigos em comum com o irmão da mulher que você sequestrou. É claro que ele estava certo. Eu teria de resolver as coisas com Alessio. Com Killian eu não dava a mínima. Ele tinha sorte de não estar sem um membro.

De qualquer forma, eu não estaria fazendo as pazes com o irmão de Branka hoje. Essa seria uma tarefa para outro dia. Hoje, eu estaria caçando o fantasma que ousou machucar minha mulher quando ela era uma criança.

Eu lhe enviei um rápido agradecimento e fui até ao armário onde nossas coisas ainda estavam nas malas. Branka não queria desfazer as malas. Não que eu a culpasse. Esta não era a nossa casa. Eu esperava que chegássemos a algum tipo de meio termo, e então diríamos ao irmão dela, como um casal, que estávamos juntos nessa. Branka e eu. E então voltaríamos para Nova Orleans. *Para casa.*

Esse longo desvio não estava previsto.

Vesti um terno Givenchy. Não havia necessidade de jeans e botas. Não seria eu a matar dessa vez. Isso era exclusivamente para Branka.

Coloquei um revólver e uma faca em meus coldres - um no tornozelo e outro preso ao ombro.

Saí do quarto, trancando-o atrás de mim. Eu tinha a única chave. Eu confiava em meus irmãos e cunhadas, mas não podia correr o risco de perdê-la. Ok, talvez isso significasse que eu não confiava neles com ela, mas que se dane.

Quando se tem algo que significa tanto, não se pode deixar de lado. Passei a mão no cabelo.

Jesus Cristo!

Eu estava perdendo a cabeça. Assim como minha mãe.

— Para onde você está indo?

A voz de Alexei veio do canto escuro.

— Você não deveria estar na cama? — respondi secamente, ignorando sua pergunta. — Não me diga que não consegue dormir. Sua esposa está aqui. É o único momento em que você dorme.

— Tentando mantê-lo vivo, — disse ele em uma voz inexpressiva.

Lá se vão os bons amigos em altos cargos, pensei sarcasticamente.

— Não preciso de uma babá. — Continuei andando. Se eu quisesse chegar a Moscou e voltar pela manhã, tinha que me mexer. As botas de Alexei soaram atrás de mim. — Hoje não, pirralho.

— Você nem vai saber que estou com você. — Alexei poderia se misturar às sombras e perseguir você por anos sem nunca ser detectado. Infelizmente para ele, eu podia. Fazia parte do meu DNA. Parei e estreitei os

olhos para ele, pronto para fazê-lo dormir dando-lhe um soco no rosto. —
Você não tem tempo a perder, — ele argumentou friamente.

Suspirei. Ele tinha razão.

Eu não tinha tempo para isso.

Capítulo 56

BRANKA

Abri meus olhos, piscando contra a luz que vinha das janelas. Uma corrente de ar frio tocou meu ombro e um calafrio me percorreu.

O verão na Sibéria era péssimo.

Eu precisava que fosse quente e úmido. Não frio como a porra.

Ao ouvir o som de papéis sendo amassados, fiquei paralisada e virei a cabeça lentamente. Tatiana estava sentada no assento da janela, com uma goma de mascar na boca e um Kindle no colo.

Seu cabelo brilhava como ouro fiado. Foi só agora que percebi que seu cabelo loiro era um pouco mais escuro, mais dourado, do que o de seus irmãos.

— O que está fazendo aqui? — Fazia mais de vinte e quatro horas que eu não falava com outro ser humano.

Tatiana deu de ombros. — Eu arrombei a fechadura. — Minhas sobrancelhas se ergueram, impressionada por ela saber como fazer isso. — Achei que você podia querer companhia.

— Obrigada, — murmurei, sentando-me. Nossos olhos se fixaram e eu jurei que ela estava me observando com uma ponta de julgamento em seus olhos. Uma tensão desconfortável estava me sufocando e esperei que ela dissesse algo, mas permaneceu calada.

— O quê? — Eu rebati, cansada dessa situação fodida. Minha bunda ardia. Minha cabeça doía. Mas, acima de tudo, meu coração doía.

— Você o ama? — Sua pergunta era calma, mas a veemência vibrava em sua voz. Deus, esses Nikolaevs seriam a minha morte. Durante o curto período de tempo na piscina, eu realmente gostei deles, mas depois a merda foi para o inferno.

— Ele me sequestrou, — respondi, mas minha expressão deve ter dito o que ela precisava saber.

Ela suspirou e murmurou: — Tão teimosa. Não é de admirar que ele tenha se apaixonado por você.

— Ele se apaixonou por mim? — As palavras escaparam e já era tarde demais para retirá-las.

Ela revirou os olhos. — Ele não tem o hábito de simplesmente sequestrar mulheres, — ela murmurou. — Na verdade, você é a primeira.

Estreitei os olhos. — E quanto a Wynter?

Ela acenou com a mão, como se estivesse espantando uma mosca. — Não, ele ajudou a Wynter, — respondeu ela, confirmando as palavras do irmão. — Ela não queria voltar para o tio até que estivesse pronta.

Ela tirou outra embalagem de algum lugar. — Quer um chiclete?

— Acabei de acordar, — disse a ela, passando as mãos pelos cabelos. — Por que você está aqui, afinal?

Ela revirou os olhos. — Aurora e Isabella estão falando de bebês. Eu adoro bebês tanto quanto qualquer outra pessoa, mas há um limite de

conversas de bebês que eu posso suportar. — Ela sorriu. — Além disso, quero ajudar meu irmão. Fiz besteira quando falei de sua irmã.

— Você disse algo que ele deveria ter me dito há muito tempo, — resmunguei.

— Sete anos, não é? — ela perguntou, estudando-me. Quando lhe lancei um olhar confuso, ela esclareceu: — Vocês dois se conhecem há sete anos e ele nunca disse uma palavra a ninguém sobre você.

Dei de ombros. — Talvez eu não merecesse ser mencionada.

Ela sorriu, e aquele sorriso me fez lembrar muito de seu irmão. — Sasha sempre diz coisas que não valem a pena mencionar. As coisas que ele deveria dizer, ou alguém que ele deveria mencionar, ele não menciona.

Hesitei, pois a lógica não fazia o menor sentido.

Ela revirou os olhos e depois sorriu inocentemente. — Eu não disse que faz sentido, — ela respondeu secamente. — É assim que Sasha funciona.

— Onde ele está, afinal?

— Ele e Alexei saíram escondidos no meio da noite, — disse ela, depois fez aspas no ar. — Algo importante. — Fiquei olhando para ela, enquanto seus olhos brilhavam de diversão. — Provavelmente para matar alguém.

Meu Deus, era apenas... meus olhos se voltaram para o relógio... nove da manhã e minha cabeça já estava aumentando a doer.

Ela saiu do parapeito da janela e sentou-se na beirada da cama. — Então você o ama, — declarou ela.

Ao ver minha expressão confusa, ela apenas deu uma risadinha. Era muito cedo para isso. E com o estômago vazio. Deveria haver uma regra sobre assuntos pesados antes de escovar os dentes, pelo menos.

— Tatiana, é um pouco cedo para isso, — eu disse secamente. — A menos que você esteja disposta a me dar um telefone para que eu possa ligar para o meu irmão, prefiro ficar sozinha.

Por alguma razão, meu tom a divertiu. Ela se agachou ao meu lado nos travesseiros, como se estivesse pronta para uma longa discussão.

— Meu Deus, esses lençóis têm cheiro de sexo.

Eu estava mortificada. A família Nikolaev deveria fazer uma tatuagem com a inscrição ‘certificadamente louco’ para que todos pudessem se afastar. Ela olhava fixamente para o teto, como se estivesse pensando.

— Você sabia que minha mãe se matou? — Meus olhos se voltaram para ela com surpresa. Ela sustentou meu olhar e balancei a cabeça. Eu não sabia muito sobre Sasha. Ele sempre fazia perguntas sobre mim, mas raramente falava sobre si mesmo. — Sim, ela era completamente louca. Ela fez com que Alexei crescesse preso e torturado, passou drogas de estupro para meu pai para que ele dormisse com ela. Adivinhe quem é o produto dessa união? — Pisquei os olhos. — Sim, você acertou. Eu.

Ok, talvez a família deles fosse um pouco fodida como a minha.

— Sinto muito, — murmurei baixinho, colocando minha mão sobre a dela.

Ela deu de ombros. — Sinceramente, não presenciei nada disso, pois meus irmãos são muito mais velhos. Fui poupada. — Ela virou a cabeça

para mim, seus olhos azuis me lembrando o céu claro do Mediterrâneo. — Sasha nem tanto.

— O que você quer dizer com isso? — sussurrei, sentindo que estava invadindo algo que não deveria.

— Ele deveria lhe contar a história dele, — comentou ela. — Eu só sei o que a vigilância mostrou. Ela ia pular comigo e matar nós duas. Eu tinha apenas algumas semanas de vida. Sasha a convenceu a me entregar a ele e então ela pulou.

— Na frente dele? — Eu disse baixinho, tentando imaginar um garotinho vendo sua mãe se matar.

Ela acenou com a cabeça. — Não sou psiquiatra, mas há algo nele e na tentativa de evitar que as mulheres se matem.

Um silêncio tenso e pensativo permeou o ar e nós duas voltamos nossa atenção para o teto. Os fantasmas se escondiam. Revelações dançavam.

— Minha irmã cometeu suicídio, — disse eu finalmente. — Eu era muito jovem para registrar o significado disso. — Além disso, acabei de suportar dois anos de meu pai e seus jogos, por isso era difícil fazer o luto adequadamente. — Minha mãe também tentou, mas eu era apenas um bebê na época, então não me lembro.

Ela acenou com a cabeça em sinal de compreensão. Ela realmente se identificava.

— Fale com Sasha, — ela sugeriu suavemente. — Acho que ele se sente responsável pela morte de sua irmã.

Meu estômago ficou apertado. Uma queimadura atingiu a parte de trás de meus olhos.

Sem aviso, ela pulou da cama e foi até à porta. Ela entrou no corredor e olhou por cima do ombro para me ver.

— Se você o ama, não importa o que ele tenha feito, você lutará por ele.

Ela deixou a porta aberta e desapareceu de minha vista.

Capítulo 57

BRANKA

Toc. Toc. Toc.

Meus dedos bateram na janela, mas não me preocupei em olhar para a paisagem que se estendia por quilômetros. Meus olhos estavam fixos na porta aberta. Primeiro, esperei que Tatiana voltasse. Ela não voltou. Depois, esperei que fosse uma armadilha. Não era.

Eu havia passado seis horas e vinte minutos nesse quarto com a porta aberta. Tomei banho, escovei os dentes, tomei meu café da manhã e, durante todo esse tempo, a porta do quarto permaneceu aberta.

Uma mulher de meia-idade veio limpar o quarto. Ela me olhou com desconfiança, como se achasse que eu era uma idiota por permanecer no quarto com a porta claramente aberta.

— Onde está Sasha? — perguntei.

Ao me olhar de relance, sua resposta foi uma carranca e depois retomou suas atividades. Fui em direção à porta e me vi no corredor. Não havia ninguém lá para me impedir. Então, continuei meu caminho pelo corredor. Desci as escadas, passei pelo grande salão de baile onde Kostya, Aurora, Nikola, Isabella e sua filhinha estavam sentados em círculo.

— Oi, Branka, — Isabella me cumprimentou. — Quer se juntar a nós? Estamos jogando a dança das cadeiras.

Pisquei os olhos e depois olhei lentamente ao redor. — Não há cadeiras, — comentei.

Ela sorriu. — É um desastre com as cadeiras. Assim é melhor.

— Obrigada pelo convite, — murmurei. — Na verdade, estou procurando por Sasha. Ele está aqui?

O olhar de Aurora e Isabella não me escapou. — Ele está na academia, — respondeu Isabella.

— Sozinho? — Outro olhar compartilhado. — O quê? — Questionei hesitante.

A expressão de Aurora era de compaixão. — Sasha é um pouco protetor, — murmurou ela. — Mesmo que ele possa me deixar louca. — Franzi a testa, sem entender o que ela estava dizendo. — Quando alguém machuca as pessoas sob sua proteção, ele entra no modo Nikolaev.

— Modo Nikolaev? — Repeti lentamente, com a certeza de ter ouvido errado.

Isabella revirou os olhos. — Sim, o modo em que eles matam toda e qualquer pessoa que olhe para nós de forma errada.

— Eles são protetores, — raciocinou Aurora. — Superprotetores. Mas eu preferiria isso à alternativa a qualquer momento.

— Alternativa?

— Sim. Um pai que coloca seus filhos em risco, — murmurou Aurora.

Eu a estudei. Ela era filha do senador Ashford. Meia-irmã de Alessio. Ela foi ao casamento do meu irmão e à minha despedida de solteira, mas não cheguei a me aproximar dela.

— O senador Ashford colocou você em risco? — questionei.

Seu olhar se desviou para a janela e algo sombrio cruzou sua expressão. — Meu pai está tentando expiar seus pecados. Mas ele cometeu muitos. Meu irmão, Kingston, pagou por eles. Alessio pagou por eles. Todos ao seu redor pagaram por eles, de uma forma ou de outra.

Eu estava começando a perceber que todos nós carregávamos um fardo familiar de uma forma ou de outra. Alguns eram mais pesados que os outros, mas eram fardos de qualquer forma. Sasha não era exceção.

— Ele não vai machucar Alessio de novo, vai? — perguntei preocupada. Meu irmão já havia passado por muita coisa. Sua felicidade conquistada com muito esforço não deveria ser tirada dele. Meu sobrinho merecia ambos os pais. Pais felizes. — Se ele machucar meu irmão, eu o destruirei, — ameacei em voz baixa.

— Não se preocupe. — Aurora assegurou. — Papai precisa de Alessio. Ele vai se comportar bem.

— Onde fica a academia? — perguntei, com a determinação se instalando dentro de mim. — Vou procurar Sasha.

— Pela porta, esquerda e segunda à direita, — instruiu Isabella. — Ele é um bom homem, Branka.

— Eu sei.

Talvez fosse a hora de nós dois sermos sinceros um com o outro.

Encontrei a academia, seguindo as vozes abafadas. Vozes de homens.

Abri a porta e meu coração congelou. Os homens de Nikolaev cercavam meu pesadelo. Uma âncora me puxou cada vez mais para dentro dos oceanos escuros.

— *Lembra de mim, garotinha?*

Fechando os olhos, contei até cinco e depois os abri.

— *Hora de brincar, garotinha.*

A náusea me atingiu. Minha pele ficou fria e úmida.

O sangue pingou no chão. *Pingo. Pingo. Pingo.* O homem que me torturou quando eu era uma garotinha de oito anos. Ele estava pendurado na mesma corda que um saco de pancadas, com a cabeça baixa e ensanguentada. Estava nu, exceto por suas cuecas boxer, e havia cortes de faca em todo o seu peito.

Respirei fundo e depois expirei lentamente. Repetidas vezes. No entanto, isso não fez nada para acalmar meus batimentos cardíacos. Meus pulmões doíam a cada respiração, como pedaços de gelo contra minha pele sensível.

Minhas mãos tremiam. Engoli e depois engoli novamente. O terror subiu pela minha espinha e se recusou a ir embora. Ele estava amarrado, não eu. No entanto, era eu que estava tremendo.

Mãos seguraram minhas bochechas e forçaram meus olhos a desviar a atenção da ameaça.

— Kotyonok. — Pisquei os olhos. Eu não estava olhando para ele, mas ainda assim só via ele. — Kotyonok, olhe para mim. — A ordem foi suave e veemente. Foi só quando me afoguei naqueles olhos azuis pálidos que meus tremores diminuíram lentamente. Havia paz e segurança naqueles olhos. O trovão selvagem em meu peito diminuía a cada respiração.

Foi só então que percebi que Vasili e Alexei estavam atrás de Sasha, com expressões sombrias e preocupadas.

Meus olhos viajaram lentamente de Sasha para Vasili, depois para Alexei e de volta para Sasha.

— Sasha pensou que esse... — ele inclinou o queixo para o homem pendurado como um pedaço de carne prestes a secar, — ...era um presente romântico, — Alexei disse sem rodeios.

Meus olhos se voltaram para Sasha. — É sua escolha como ele vai morrer. — Meu Deus, meus olhos e minha garganta ardiam. — Mas ele vai morrer. Pelo que ele fez com você.

Como ele sabia? Então me lembrei da cicatriz. A única cicatriz que guardei. Mas isso não era prova da identidade desse homem. Nem mesmo eu sabia seu nome. Apenas seu rosto.

— Mia contou a você? — Eu engasguei, minha própria voz soando distante aos meus ouvidos.

— Nem tudo. — Respirei fundo em meus pulmões. Não era suficiente. Não havia oxigênio suficiente neste mundo para esse homem que machucou a mim e a minha irmã.

As expressões nos rostos dos Nikolaevs eram assassinas e, de repente, entendi exatamente o que Aurora queria dizer. Havia um brilho cruel e perverso em seus olhos que prometia retribuição. Os irmãos de Aurora eram protetores. Meu irmão era protetor. Mas, comparados aos homens Nikolaev, nossos irmãos eram normais.

A proteção dos homens Nikolaev subia alguns degraus, chegando a um nível doentio e psicótico, e eu não me importava com isso.

Nem. Um. Pouco.

Foi só nesse exato momento que percebi que esse homem ainda estava à espreita nos cantos da minha mente. Aquela garotinha ainda temia que ele voltasse para mim e me machucasse novamente.

A palma da minha mão ardia. Eu queria fazer com que ele pagasse. Por Mia. Por mim. Por nossa família. Por cada lágrima e cada grito que nos atingiu. Eu me aproximei dos três, a dureza perturbadora e o brilho em seus olhos não eram alarmantes. Eu não tinha medo deles.

O monstro pendurado no teto, por outro lado, me aterrorizava. Havia diferentes tipos de monstros na Terra. Os que protegiam você dos monstros como esse desgraçado que arruinou minha irmã e eu. E havia homens como meu irmão e os homens Nikolaev que eram implacáveis, mas porque precisavam ser. Para nos proteger.

Quando me aproximei do corpo maltratado, o homem abriu os olhos, com sangue escorrendo da testa. Ele me viu e congelou. A

compreensão entrou em seus olhos. Ele balbuciou algo ininteligível e eu percebi que ele não podia falar.

— Sasha cortou sua língua, — comentou Vasili friamente.

— Ele estava me irritando, — disse Sasha, com a voz morta. — Todo aquele pedido de misericórdia.

O medo turvou os olhos do homem que estavam grudados em mim, aquele olho vítreo ainda lá. Uma lembrança de minha luta. Dos meus gritos. Ele não poupou outro olhar aos homens Nikolaev atrás de mim. Ele sabia que tudo estava em minhas mãos agora. Infelizmente para ele, eu também era filha de meu pai e não acreditava em misericórdia.

Virei-me para Sasha, que estava me observando. Possessivamente. Obsessivamente. De forma protetora. Como se eu fosse dele. E era. Eu era dele há muito tempo.

Meus olhos se voltaram para a arma em seu coldre. Sem questionar, ele a sacou e a entregou para mim. O metal estava frio em minhas mãos. Eu não era uma assassina, mas acreditava em vingança.

Levantei minha arma, com o cano apontado para seu rosto.

As lágrimas começaram a cair em seu rosto, misturando-se ao sangue. Ele balançou a cabeça freneticamente, arqueando-se, com o corpo balançando para a frente e para trás.

— Olho por olho, — eu disse, minha voz calma e minha mira mortal.

Bang.

Capítulo 58

SASHA

Tigresa.

Branka foi uma lutadora durante toda a sua vida, e eu não poderia estar mais orgulhoso. Ela poderia ter pedido a mim e a meus irmãos que puxássemos o gatilho para que ela mantivesse suas mãos limpas. Mas minha kotyonok não era assim.

Ela acabou com a existência miserável do bastardo.

Eu sabia que Mia e Branka não sabiam o nome do homem que as tratava com crueldade. Mas o maldito deveria saber que nada ficava escondido por muito tempo neste mundo.

Deixando o cadáver para trás para que Vasili e Alexei cuidassem dele, eu a levei para longe da morte e para a vida. Seu lugar era entre os vivos. Ela merecia felicidade. Ela merecia estar sempre em primeiro lugar.

Ao sair, ela inclinou o rosto para o sol. Isso fez com que seu cabelo brilhasse em todas as cores do outono - vermelho, mel, marrom e até mesmo loiro. Peguei uma mecha, maravilhado com a sedosidade de seus cachos. Ela era forte porque tinha de ser. Para sobreviver. Mas, no fundo, ela tinha um coração suave e leal que era o maior prêmio que um homem poderia ganhar.

— Nunca faz calor aqui? — perguntou ela, com o rosto ainda voltado para o céu.

Eu sabia que ela não gostava muito do verão siberiano, nem eu. Mas a casa dos meus pais era o lugar mais remoto para ficarmos. Era onde eu sabia que ela estaria segura.

— Muito raramente. — Ela soltou um suspiro pesado. — Você está bem? — Eu lhe perguntei.

Lançando um olhar de lado para mim, ela acenou com a cabeça. Seus olhos eram cinza metálico. Não estavam tristes, mas também não estavam felizes. Qualquer coisa que não fosse felicidade não era boa o suficiente para ela. Ela merecia tudo isso. Seu pai deveria ter sido queimado. Isso me deu vontade de voltar, desenterrá-lo e depois torturar seu cadáver.

No entanto, isso pode ser um pouco exagerado.

— Sim, obrigada. — Depois de um momento de silêncio, ela continuou, — Eu nunca soube o nome dele. — Observei seu pescoço delicado se mover para cima e para baixo. — Obrigada por fazê-lo pagar. Isso me fez encerrar o caso.

Acenei com a cabeça. O homem era um maldito covarde. O pai dela ainda mais, por vender as filhas daquele jeito. Ele manteve suas virgindades intactas, mas deu a esse bastardo doentio liberdade para todo o resto.

Ela voltou a olhar para o céu e eu esperei. Eu queria que ela falasse comigo, mas isso era uma coisa que eu não podia forçá-la a fazer.

— Eu sou uma substituta para ela? — Sua voz era quase inaudível, seus olhos ainda estavam grudados no céu. — É por isso que você me quer?

— Eu gostava de Mia, mas ela não é você. — Seus olhos baixaram, estudando-me. — Sua semelhança começa e termina com sua aparência física. Eu me preocupava com ela. Queria salvá-la. E fiz-lhe uma promessa.

— Uma promessa?

— Sim, uma promessa. Que eu cuidaria de você e de seu irmão. Que eu os protegeria. Então, desde que você tinha dez anos de idade, eu a observo. Vi seu irmão espancar seu pai no enterro de Mia e sabia que você estaria a salvo. Mas continuei cuidando de você. Vi uma garotinha machucada crescer e se tornar uma mulher forte e impressionante. — Peguei seu rosto entre as palmas das mãos e a puxei para mais perto. — Foi por essa mulher forte que me apaixonei. Era essa mulher forte que eu queria para mim.

Seus olhos se arregalaram. Sim, eu estava indo com tudo. Que se dane a cautela. Que se dane o que ela estava pronta para ouvir. Isso era nós. Nosso futuro. Ela era o outro lado da minha moeda. Eu era o outro lado de sua sanidade.

Ela engoliu, com os olhos piscando. — Você se apaixonou por mim?

Eu dei uma risadinha. — Kotyonok, já passei tanto da fase do amor que não tem nem graça. Você é minha vida. Você é minha respiração. Você é tudo para mim. Esperei sete anos. Eu queria que você se tornasse alguém antes de levá-la à minha loucura. Não posso mais esperar.

Um suspiro trêmulo passou por seus lábios. — E se eu precisar de espaço? Tempo para pensar?

Eu a puxei para os meus braços.

— Foda-se o espaço. Foda-se o tempo. Você e eu, Branka... nós fazemos sentido. Juntos. Não quero perder nem mais um segundo no espaço e no tempo. — Pressionei minha boca contra a dela, e seu corpo se derreteu em mim. — Pense enquanto estiver em meus braços. Só não me deixe.

Deixei que ela visse tudo. Tudo de mim. As partes danificadas e fodidas. Os pedaços de partes decentes.

Tudo, porra.

— Não posso ter filhos, — disse ela. Seu tom era leve. Mas seus ombros estavam tensos. Seus lábios estavam apertados e finos. — Outro pedaço de mim com defeito, — ela zombou. — *Uma anormalidade*, disse meu médico. Excesso de tecido cicatricial ou alguma besteira assim. — Uma respiração trêmula passou por seus lábios. — Eu nunca poderei lhe dar uma família, Sasha.

Um batimento cardíaco passou. Meu peito doía. Minha garganta ficou apertada. Por ela. Se ela quisesse um bebê, encontraríamos uma maneira e teríamos um bebê.

— Tem certeza?

— Sim. — Sua voz era um sussurro áspero. Nossos olhares se cruzaram.

— Ouça-me, Branka Russo, — comecei. — Eu quero *você*. *Você*. Não o que você pode me dar. Não quero saber de nenhuma dessas outras coisas. — Seus dedos se cravaram nas palmas das mãos e fiquei preocupado que ela não acreditasse em mim. — Se um dia você quiser ter uma família, nós adotaremos. Se não quiser uma família, seremos apenas você e eu. Entre seus irmãos e os meus, teremos muitos sobrinhos e sobrinhas para mimar.

Seu lábio inferior tremeu. — Mas...

— Não há mas, — eu lhe disse com firmeza. — Você é suficiente para mim. Foi por você que esperei. Você é a pessoa que eu tenho pavor de perder.

— Você é demais, Sasha, — disse ela. — E se você acordar amanhã e perceber que cometeu um erro?

As inseguranças que senti em meu coração e em minha alma, desde o momento em que ouvi as palavras de minha mãe em voz alta, me encararam de volta. Talvez essa tenha sido a razão pela qual Branka e eu nos identificamos. Duas pessoas quebradas, mas juntas éramos completas.

— Você não é um erro. Você é minha paixão. Minha obsessão. Alguém sem o qual não posso viver. — Meu coração disparou e o sangue zumbiu em meus ouvidos. — Não me peça para viver sem você porque essa é a única coisa que não posso lhe dar. Sua liberdade.

O fato de o meu amor não ser correspondido me assustava, mas eu não conseguia mais segurá-lo dentro de mim. Eu precisava dela em minha vida. Um encontro inocente em um bar há sete anos me mudou para sempre. Ela era a pessoa que eu estava esperando.

— É insanidade, — murmurou ela. — Alessio ficará furioso. E eu fiz uma promessa a Killian.

Cerrei os dentes. Eu podia entender sua lealdade ao irmão, mas não a Killian. Isso me incomodava muito. Mas eu sabia que teria de ser cauteloso com ela.

— Esqueça sua cabeça, kotyonok. Esqueça sua razão. Isso é para nós. Apenas ouça seu coração e depois me diga se consegue nos imaginar envelhecendo juntos. Porque eu consigo. Eu amo você, Branka Russo. Todas as suas perfeições e imperfeições são minhas. Assim como as minhas são todas suas.

Ela mastigou o lábio inferior enquanto eu a observava. Eu podia ser paciente quando queria algo. Fui paciente com ela porque *precisava* dela.

Eu estava nisso para me manter o tempo todo.

Capítulo 59

BRANKA

Eu deveria saber que nada com Sasha era meia-boca.

Afinal de contas, ele parecia me conhecer melhor do que eu mesma. Meu coração tremeu de saudade. Meu próprio felizes para sempre estava a um sopro de distância.

— Eu também amo você, — admiti suavemente, meu coração batendo forte com a admissão. Isso me fez sentir vulnerável e exposta. Mas também invencível quando ele me olhava com tanto sentimento em seus olhos.

Eu teria que pedir desculpas a Killian. Não deveria ter me conformado com ele e ter ido tão longe quanto fui. Eu disse a Killian que havia um homem por quem eu havia me apaixonado e que era história para mim. Sasha era meu passado, presente e futuro.

Ele segurou meu rosto com a palma da mão, passando o polegar em minhas bochechas. A intensidade de seu olhar fez minha garganta se contrair. Esse homem era a única pessoa com quem eu queria passar esta vida.

Sua boca se chocou contra a minha. Seu braço em volta da minha cintura me puxou com força contra ele, nossos batimentos cardíacos eram rápidos e ansiosos.

— Nunca mais me deixe, kotyonok, — ele murmurou contra meus lábios.

— Nunca, — eu disse baixinho. — Eu nunca vou deixar você.

Nós descobriríamos nossa vida juntos. Nosso futuro juntos. Desde que estivéssemos juntos.

Ele sorriu com a minha promessa e suas duas mãos agarraram minha bunda, levantando-me no ar. Minhas pernas se enrolaram em sua cintura. Ele encostou a testa na minha, seu perfume cítrico me envolveu.

— Diga que me ama novamente, — exigiu ele, com a voz rouca.

— Eu amo você, Sasha Nikolaev. — Um sorriso surgiu em seus lábios e meu coração palpitou em meu peito, deixando-me com uma sensação de dor.

Ele fez um barulho áspero e me levantou enquanto minhas pernas envolviam sua cintura. Encostei meu rosto em seu pescoço, inalando aquele aroma cítrico. Para sempre pertenceria a ele.

Eu não fazia ideia de como chegamos ao nosso quarto. Eu o abracei, com os braços ao redor de seus ombros, meu peito pressionado contra o dele e minha boca roçando seu pescoço. Puxando sua cabeça em minha direção, pressionei meus lábios contra os dele em um beijo intenso. Seus braços me envolveram, sua língua acariciando a minha. Chupando-a. Nossa fome aumentou e arrancamos as roupas um do outro.

Nós dois ficamos nus em um piscar de olhos. Passei minhas mãos por seus músculos nus, minhas unhas arranhando sua pele. Eu o desejava tanto que era uma dor constante no fundo do meu estômago.

— Não há como se conter, — ele murmurou em um rosnado.

Um olhar feroz em seus olhos ardia como chamas azuis. Ele me jogou na cama, com meu corpo batendo no colchão.

— Puta que pariu, você tem seios lindos, — ele disse.

Meus olhos percorreram seu corpo nu, a maior parte coberta de tinta. Bonito e firme. Exatamente como esse homem. Seu torso era magnífico, rosas vermelhas com espinhos entrelaçados em uma adaga. Uma cruz. Nêmesis. Fênix. Seu corpo era uma bela história.

Ele se ajoelhou, o colchão se deslocando sob seu peso. Lentamente, ele cobriu meu corpo com o seu. Seus olhos estavam fixos em meu rosto enquanto ele agarrava meus pulsos, apertando-os.

Encostando o rosto no meu pescoço, ele disse: — Vou transar com você no estilo missionário. — *Oh, meu Deus.* Ele mordiscou o lóbulo da minha orelha, descendo pela minha garganta. — É sua posição favorita, não é?

— Sim, — eu gemi.

— Quantas vezes você já fantasiou sobre eu transar com você no missionário? — Um rubor profundo coloriu minhas bochechas. O calor brotou em minhas veias. — Quantas vezes, kotyonok?

Assenti com a cabeça.

— Quantas?

— Um milhão, — eu respirei. — Pelo menos.

Sua bela boca se inclinou para cima.

— Então, que seja missionário. — Seus dedos deslizaram pela parte interna das minhas coxas até chegarem à minha entrada, espalhando minha umidade sobre o clitóris. Um estremecimento passou pelo meu corpo. Essa necessidade dominou todos os meus sentidos. Minhas costas se arquearam para fora da cama, meus quadris se chocaram contra ele. Seu pau duro e sedoso roçava na minha entrada quente a cada arco dos meus quadris.

Nossos olhares se fixaram e, então, em um impulso feroz, ele me perfurou com força, enchendo-me até ao fim. A dor se misturou com o prazer. Um grito gutural encheu o ar. Sua mão livre prendeu minha boca quando ele se retirou e penetrou novamente. Dessa vez, com mais força ainda.

— Sua boceta é tão apertada. Está me pegando tão bem, — ele elogiou.

As palavras preencheram todos os espaços vazios e solitários do meu corpo com uma satisfação quente. Sua pélvis se chocou contra a minha, o calor derretido se espalhou do meu clitóris para fora. Eu era calor, chamas e prazer.

Eu não conseguia parar de tocá-lo. Minhas palmas pressionavam seus músculos esculpidos enquanto ele entrava e saía de mim, devagar e com força, batendo em mim.

Minha sede por ele era insaciável. Eu queria que ele me fodesse com mais força, mais rápido, mais fundo. Ele atingiu aquele ponto mágico dentro de mim e eu gritei. Sua mão chegou à base da minha garganta, segurando-me com firmeza.

Ele me fodeu como se fosse sua única missão na vida. Como se sua vida dependesse disso. Seu controle escapava a cada investida, batendo em mim com força e sem descanso.

Eu me contorcia sob ele. Eu precisava dele. Do seu controle. Sua perda de controle. Sua escuridão. De tudo. Com uma mão em minha garganta, ele bateu em mim. A dor e o prazer se misturaram.

Ele cobriu minha boca com a palma da mão, enquanto a outra continuava segurando minha garganta. Era duro. Restritivo. *E viciante.*

O orgasmo foi imediato e violento. Passou por mim como um tsunami. Fez meus dentes rangerem. O calor pulsou na parte inferior do meu estômago e se expandiu como fogos de artifício até à ponta dos dedos dos pés.

Eu estava voando tão alto que só quando desci do orgasmo é que percebi que havia mordido a mão dele. Ele ainda estava dentro de mim, observando-me com aquele olhar de chamas azuis. Encostou a testa na minha e começou a se mover novamente. Profundo. Tão fundo que eu podia senti-lo em meu estômago.

— Quem transa com você? — ele rosnou, pontuando a pergunta com um impulso violento que arrancou outro suspiro da minha garganta.

— Você, — eu respirei. — Sempre você.

Seguiu-se outro orgasmo. Ele me atingiu com força, lançando estrelas entre meus olhos e roubando a respiração de meus pulmões. Meu corpo se contraiu, formigamentos e deslumbramentos pulsando em minhas veias. Um estrondo de satisfação veio de seu peito.

Eu arranhava suas costas enquanto ele grunhia e diminuía a velocidade das investidas. Nossas bocas se fundiram, o beijo era profundo e apaixonado. Suas investidas se tornaram sensuais e sua mão deixou minha garganta, descendo até alcançar meu seio. Ele amassou cada um dos seios enquanto os empurrava, entrando e saindo, com um braço ao meu redor, apertando-me com força.

Outro impulso e eu o senti estremecer quando ele se derramou dentro de mim.

Ficamos assim, sua boca a poucos centímetros da minha. Nossas respirações se misturaram. Nossos corações batiam como um só.

Com um ruído áspero, ele saiu de dentro de mim e cobriu meu corpo como um cobertor. Com minhas mãos ainda em volta dele, dei um beijo em seu pescoço, absorvendo seu cheiro. Beijeí sua mandíbula, seus lábios, depois seus olhos e, em seguida, voltei aos seus lábios.

— Minha kotyonok. — Duas palavras ásperas murmuradas em meus lábios. — Meu amor. — Ele passou um dedo em minha bochecha enquanto meu rosto corava. — Se você tentar sequer retraindo seu amor, vou amarrá-la à minha cama, alimentá-la e fodê-la até que mude de ideia, — advertiu ele em um rosnado baixo.

Eu sabia que ele estava falando sério. Mas ele não sabia que eu nunca me retraindo.

Uma risada escapou de mim. — Palavras tão românticas vindas de um assassino psicopata.

Ele sorriu. Um sorriso despreocupado e feliz que me deixou sem fôlego. — Somente o melhor para minha kotyonok. Minha rainha.

A felicidade saltava das paredes do meu peito. Meu sangue cantava e meu coração brilhava com tanto amor que eu temia que cegássemos o planeta.

— É justo que eu retribua o favor, — murmurei, aconchegando-me profundamente a ele. — Se eu o vir com outra mulher, vou arrancar o coração dela enquanto você assiste. E depois arrancarei o seu.

Sua mão grande percorreu minhas costas nuas em um movimento suave, reconfortante e quente. — Esse é um aviso justo. Especialmente depois de receber sua mensagem sangrenta e o coração embrulhado em um laço. — Meu peito tremeu com o riso e levantei a cabeça para encontrar seus olhos. Ele acreditava que eu havia matado seu amigo. Jesus, será que eu estava transmitindo as mesmas vibrações psicológicas que esse homem? — Da próxima vez, vamos conversar antes de matar alguém. Ele era um cara legal.

A essa altura, todo o meu corpo tremia e o riso ecoava pelo quarto. — Eu não o matei, — eu ri. — Era o coração de um porco.

A surpresa se manifestou em sua expressão. Ele piscou, depois o canto de seus lábios se ergueu. — Minha pequena assassina sensível, — ele murmurou e encostou a boca em minha testa. — Sinceramente, não consigo me lembrar quando foi a última vez que alguém me passou rasteira.

Sorri, depois abaixei a cabeça contra seu peito e escutei seus fortes batimentos cardíacos.

— Que se saiba que eu fui a primeira.

— Você, kotyonok, foi minha primeira em muitas coisas, — pensei tê-lo ouvido dizer, mas o sono me puxou cedo demais para ter certeza.

Capítulo 60

SASHA

Ela apagou como uma luz.

Afastei uma mecha de cabelo de Branka de seu rosto.

Ela estava abraçada ao meu peito, com as curvas suaves de seu corpo pressionadas contra mim. Sua bunda estava nua e marcada por mim. Eu adoro ver minhas marcas nela. Ela era toda minha. Ela me escolheu, e a tudo isso, por vontade própria.

Um suspiro de contentamento saiu de seus lábios e ela se pressionou em meu toque.

Era estranho como os fantasmas que me dominaram por décadas perderam seu poder da noite para o dia. Com Branka, eu sentia que lhe pertencia. Ela foi a primeira mulher a falar com minha alma e se tornou uma parte indispensável de mim.

Ela me deixou muito orgulhoso. E muito feliz. Meu par perfeito. Minha pequena tigresa. Domá-la tem sido o maior desafio. Ela não se curvou à minha vontade, mas era a única mulher adequada para ser minha outra metade. Minha rainha.

Ela podia ser submissa ao meu toque, mas fora do quarto ela era dona de si mesma. Um dia, ela daria uma nova vida ao mundo.

Mas antes disso, eu teria que ligar para o irmão dela. Dei uma olhada no relógio. Acho que não há tempo como o presente. Eu nunca fui de evitar problemas, mas Alessio era um problema que eu gostaria de evitar. Killian... bem, se ele me irritasse, eu simplesmente o mataria. Eu não podia aplicar a mesma regra ao irmão de Branka porque ela o amava.

Que droga. A parte irracional de mim queria todo o amor dela. Eu era egoísta quando se tratava de Branka Russo e o sentimento não estava diminuindo. Na verdade, ele crescia a cada segundo ao lado dela.

Peguei meu telefone, que estava sobre a mesa de cabeceira. Eu tinha outro para Branka, configurado e pronto para ser usado, enterrado na gaveta. Fiquei surpreso por ela não tê-lo encontrado, mas nós nos mantínhamos ocupados em nosso quarto.

Levantei-me da cama, com cuidado para não acordá-la, vesti minhas calças e fui para o quarto adjacente que às vezes era usado como escritório. Liguei para Alessio e esperei, cada toque de chamada puxando a tensão em meus ombros.

— Seu russo filho da puta, — foi a saudação que recebi do meu futuro cunhado. — Quando eu colocar minhas mãos em você, vou torcer seu pescoço e ver a vida sair de seus olhos.

— Eu não sabia que você me amava tanto, — respondi secamente.

— Eu odeio a porra da sua coragem, — ele sibilou. — Minha esposa me contou tudo.

— Duvido que tenha sido *tudo*, — disse em um tom entediado. — Ela não quis compartilhar nossa história com você.

Ok, instigar meu cunhado não era inteligente, mas eu nunca afirmei ser.

— Você não tem nenhum histórico com minha esposa. E sim, ela me contou como você veio cobrar sua dívida.

Descobriu-se que Autumn tinha um relacionamento honesto com seu marido. Ainda bem que ela não compartilhou essa informação até que eu já tivesse Branka em minhas garras. Caso contrário, Alessio a teria cercado de homens que eu teria de matar.

— Isso é passado, — disse-lhe calmamente. — Agora, vamos falar sobre nosso futuro.

— Você está louco, porra? — Ok, meu cunhado tinha um temperamento difícil quando se tratava de sua família. Devidamente registrado. — Não existe o ‘nosso’ futuro. Se não me entregar minha irmã sã e salva, você não terá outro futuro a não ser o de ficar debaixo de terra.

Ouvi uma voz feminina suave e reconheci que era a de sua esposa. Ela provavelmente estava tentando acalmá-lo. Mulher inteligente! Na melhor das hipóteses, nós nos mataríamos, mas o mais provável é que eu o matasse e a deixasse viúva. É claro que minha kotyonok nunca me perdoaria por isso.

— Branka e eu queremos falar com você, — continuei, como se ele não tivesse acabado de me ameaçar. — Nós dois vamos nos casar.

— Ela está se casando com Killian.

— Ela nunca vai se casar com aquele desgraçado. — Meu tom era calmo, mas, internamente, eu estava a um segundo de pegar a porra do

telefone e matá-lo. Eu teria que falar com Branka sobre a margem de manobra com o irmão dela. Eu deveria pelo menos ser capaz de feri-lo.

— Não. Depende. De. Você. — Ele rosnou. — Você é burro ou está forçando as mulheres a sua perversão?

Cerrei os dentes, meu maxilar doendo com a força. Porra, eu poderia até ter quebrado um molar. Então suas palavras foram registradas e um pensamento surgiu em minha mente.

Peguei você, seu filho da puta!

— Você quer que ela escolha, certo? — perguntei ao irmão dela.

— Sim, — ele resmungou. — Quero que ela seja feliz. Ela merece isso.

Eu sorri. — De acordo. Agora vamos nos encontrar.

— Estou na Rússia, — resmungou ele. — Me dê a hora e o local.

Filho da puta sorrateiro. Eu deveria saber que ele não estava sentado em casa. Ele era tão implacável quanto nós quando caçávamos.

— Só se você trazer sua adorável esposa e seu filho, — respondi, certo de que o estava irritando ainda mais.

— Não me provoque, — disse ele, com a voz fria.

— Para irritá-lo, eu teria que sequestrar sua esposa e seu filho para que Branka não se sentisse sozinha, — eu disse a ele calmamente. — Estou lhe dando a opção de trazê-los. Se você se recusar, eu os sequestrarei.

— Por quê? — ele perguntou.

Eu dei uma risadinha. — Branka está sentindo falta deles, então deixe-os se encontrar, enquanto você e eu conversamos.

Seguiu-se o silêncio. — Você está trazendo ela junto?

Meus lábios se curvaram. Eu certamente não a deixaria para trás.

— Sim.

Capítulo 61

BRANKA

Sasha estava sentado atrás da escrivaninha, com os pés apoiados nela. Seus olhos encontraram os meus e um sorriso presunçoso curvava seus lábios. Era o tipo de sorriso que prometia coisas maliciosas. Instantaneamente, borboletas agitaram suas asas loucamente em meu estômago. Esse homem estava me transformando em uma viciada em sexo insaciável.

Hoje cedo, ele me informou que veríamos meu irmão, Autumn e Kol. Então, só por isso, eu lhe permitiria toda a presunção e sorriso. Eu estava muito animada para ver minha família e abraçá-los.

— O quê? — Perguntei desconfiada.

— Tenho uma surpresa para você, — anunciou ele com um sorriso largo. Mas seus olhos não estavam sorrindo. Eram piscinas azuis claras, puxando-me para suas profundezas.

Ele olhou por cima do meu ombro e eu segui seu olhar. Um homem alto com uma cicatriz no rosto estava ali, de braços cruzados. Eu nunca o tinha visto antes. Voltei meu olhar para Sasha.

— Se você se atrever a sugerir um ménage à trois, vou matá-lo, — eu disse calmamente. Eu estava chegando à conclusão de que não me

importava com as coisas perversas de Sasha. Nem um pouco. Mas eu não gostaria de ser fodida por dois homens.

— Não sou do tipo que compartilha, — disse Sasha, sua voz quase um rosnado, como se a simples ideia de outro homem me tocar o deixasse furioso. — Ninguém toca no que é meu e você é minha.

Suas palavras provocaram uma onda de calor em mim. Nossa, foi tão fácil para mim me apaixonar loucamente por ele. Eu estava tão apaixonada por ele.

Amor!

Eu nunca pensei que o teria e aqui estava ele, ao meu alcance. A única referência de amor e felicidade que eu tinha eram os pais da minha melhor amiga. E o amor que meu irmão e Autumn compartilhavam.

Essa coisa com Sasha era diferente. Não era doce. Era quase violento e consumia tudo. Eu não conseguia me imaginar vivendo uma vida inteira sem ele.

Agora, se ao menos eu pudesse fazer Alessio e Killian entenderem. Este último não ficaria de coração partido, mas eu me preocupava com meu irmão.

Segui o olhar de Sasha por cima do meu ombro. Com um aceno brusco, o cara desapareceu.

— Venha cá.

Meus pés já se moviam, obedecendo-o, quando meu cérebro finalmente o alcançou e meus passos vacilaram. Eu não sabia o que havia

nele que me fazia obedecê-lo. Meu corpo confiava nele incondicionalmente e meu coração também.

Bem, eu também não tinha merecido o dele.

— Kotyonok, venha aqui, — ele exigiu novamente, a expressão em seu rosto me dizendo que a desobediência seria uma má ideia.

Meus saltos estalaram na madeira dura enquanto eu contornava a mesa em direção a ele. No momento em que eu estava ao seu alcance, ele segurou minha cintura e me levantou sobre sua mesa. Trepidação e excitação percorreram minhas veias. Era sempre a mesma coisa com Sasha. A maneira como ele me tocava, como se já fosse meu dono, fazia com que meu corpo se moldasse a ele.

Sua mão grande chegou aos meus seios e ele me pressionou para baixo até que eu ficasse estendida sobre a mesa, com os joelhos dobrados para o lado. Meus saltos caíram de meus pés, um de cada vez, e atingiram o chão com um baque alto.

— O que está fazendo? — Perguntei, olhando para ele.

Um sorriso de lobo se espalhou por seu rosto e ele se agachou entre minhas pernas. Levantou meu vestido e prendeu algo macio em meu tornozelo. Minha cabeça se ergueu quando o vi prender meus tornozelos às pernas da escrivaninha, deixando minhas pernas bem abertas.

— Que diabos você está fazendo?

Aqueles olhos azuis claros se encontraram com os meus. — Quer que eu amordace você também?

Meus olhos se arregalaram. O que...

Eu me sacudi contra as amarras quando sua mão chegou às minhas coxas, mantendo-as firmemente no lugar.

— Você confia em mim?

Fiquei quieta, afogando-me em seu azul cristalino ártico. Confiança explícita era algo muito difícil para mim. Seria um trabalho em andamento para o resto de minha vida.

Eu me sacudi contra as amarras, mas elas eram inflexíveis. Minha pele formigava, as cicatrizes que haviam sido apagadas doíam de alguma forma.

— Não faça isso. — Meus movimentos pararam diante de sua ordem. Meus olhos se voltaram para ele, meu coração trovejando contra minhas costelas. — Respire. — Eu engoli. — Respire por mim.

Inspirei um pouco de oxigênio e inspirei, depois expirei lentamente. Em seguida, repeti.

— Boa menina, — ele elogiou. — Você sabe seguir ordens. E, por isso, não vou algemar suas mãos.

Seus polegares roçaram minha pele, queimando-a. Ele começou pelos meus tornozelos e deslizou pela parte interna das minhas pernas até chegar às minhas coxas. Ele empurrou minha saia para cima, centímetro a centímetro, até que minha calcinha fio dental estivesse à vista.

— Vestiu o que eu preparei para você, — ele ronronou, com a satisfação colorindo sua voz. Vermelho devia ser a cor favorita de Sasha para mim. O vestido que ele preparou para mim era de um vermelho ousado. Não muito revelador, mas muito sensual.

A sensação de escorrimento se acumulou entre minhas pernas e a reação me deixou muito confusa. Normalmente, só o fato de pensar em ser amarrada já me levava a um ataque de pânico. No entanto, com esse homem, o bondage parecia me excitar mais do que qualquer outra coisa. Eu estava claramente mais louca do que pensava.

As palmas das mãos de Sasha pararam bem na minha entrada, com o polegar posicionado sobre meu clitóris. Ele passou o polegar pelo material encharcado da minha calcinha fio dental.

— Você está molhada para mim, — ele comentou calmamente. — Você gosta de estar à minha mercê.

— Não gosto, — eu disse, mas nós dois sabíamos que eu estava mentindo.

Ele deu um tapa na minha boceta e um grito vibrou no ar. — Não minta, — ele rosnou. Em seguida, ele deu outro tapa e, para meu horror, mais sucos se espalharam pela minha calcinha fio dental. — Agora, diga-me a verdade.

— Eu-eu... — A mentira se recusou a passar por meus lábios. — Eu gosto, — admiti suavemente. — Mas não deveria.

Ele me retribuiu com um sorriso e com a palma da mão esfregando minha boceta. — Desde que você goste, vale tudo. — Minhas coxas tentaram se contrair, mas as amarras mantiveram meus tornozelos presos. — Devo dedilhar você, comer sua boceta doce ou foder você?

Ele me encarou pensativo, como se estivesse debatendo seriamente o assunto. — Ou eu poderia fazer os três.

Meus músculos se flexionaram e quase gozei só com suas palavras. Ele sorriu, sem deixar de notar minha boceta apertada. — Minha kotyonok é uma garota suja.

— Por favor. — A súplica saiu em uma respiração vacilante. Sua resposta foi usar a outra mão para arrancar a tanga de mim, a renda se desfazendo sem esforço sob sua força.

— Mal posso esperar para enterrar meu pau em sua boca, — ele grunhiu, sua mão esfregando minha boceta.

Um arrepio percorreu meu corpo quando ele inclinou a cabeça e arrastou o nariz pela parte interna da minha coxa. Ele inalou meu cheiro, respirando minha excitação, depois fechou a boca sobre meu centro e começou a me devorar.

Provocou minha entrada com um dedo, e minhas costas se arquearam para fora da mesa. Ele empurrou o dedo para dentro da minha entrada, o suco escorrendo pela parte interna das minhas coxas e encharcando seus dedos. Então, sua boca chegou ao meu clitóris e chupou com força enquanto empurrava o dedo para dentro da boceta.

Estrelas explodiram por trás de minhas pálpebras e ondas de prazer percorreram meu corpo. Minhas mãos alcançaram sua cabeça, meus dedos se enterraram em seu cabelo e agarraram um punhado como se fosse meu bote salva-vidas. Minha boceta se esfregava contra seu rosto, e ele continuava a me comer, sem desperdiçar uma única gota.

— Prove você mesma. Você gostou antes, — ele rosnou contra minha boceta sensível demais. Ofegante, não lhe respondi e ele mordiscou

meu clitóris e outro tremor percorreu meu corpo. — Você quer saber qual é o seu gosto?

Abri minhas pálpebras, encontrando seu olhar me observando enquanto estava enterrado entre minhas pernas.

— Qual é o meu gosto?

— Como minha esposa.

Espera. O quê?

Depois, com uma última e longa lambida de sua língua, ele se levantou. Deu a volta na mesa e pegou meus pulsos.

— Ainda não terminamos aqui, — disse ele, sua boca brilhando com meu suco. Ele nem se deu ao trabalho de limpá-la. — Tudo bem se eu algemar seu pulso?

Quando assenti sem demora, eu sabia que, no fundo, estava apostando tudo em Sasha Nikolaev.

Ele envolveu meus pulsos em algemas de couro forradas com almofadas, conectadas por uma corrente complexa. Meu coração ainda estava acelerado pelo orgasmo que tive quando Sasha empurrou minha coluna de volta para a superfície da mesa e guiou minhas mãos amarradas sobre a cabeça, prendendo-as a um gancho em algum lugar abaixo.

Ele observou meu corpo estendido em sua mesa, como um cordeiro sacrificado esperando para ser devorado. Mas somente por ele. Eu só seria devorada por ele.

— Agora vou comer sua boceta em paz, — disse ele.

— Mas...

Um riso profundo e sombrio vibrou em seu peito. — O quê? Você achou que tínhamos terminado?

Assenti com a cabeça.

— Estamos longe de terminar aqui, kotyonok.

Ele se agachou entre as minhas pernas novamente, circulando meu clitóris com a ponta de um dedo grosso, e eu me contorci, balançando os quadris para aumentar a pressão. Sasha sugou meu clitóris sensível entre os dentes, mordendo-o com força suficiente para enviar um choque de desejo e dor chocante por todas as células do meu corpo. Ele passou a língua na minha entrada antes de lamber até ao clitóris e mordê-lo novamente. Um gemido percorreu o ar, minha cabeça balançando de um lado para o outro.

— Por favor, por favor, — implorei. Ele passou a língua em minha entrada, imitando a forma como seu pau deslizava para dentro e para fora de mim. A pressão aumentava e aumentava, eu estava tão perto quando ele parou.

— Não, — protestei choramingando, meu corpo se encheu de frustração. Se ele comesse a me levar ao limite e me deixar pendurada, eu perderia a cabeça.

Ele passou a mão pela lateral da mesa e retirou um pacote. Levantei a cabeça o máximo que pude com meus braços amarrados para ver o que ele estava fazendo. Ele abriu o pacote e um lampejo de prata entrou em minha visão.

— O que foi isso? — perguntei.

— Você vai gostar, — garantiu ele de forma convincente. O metal frio passou pelo meu centro aquecido, e um arrepio involuntário percorreu meu corpo.

Ele a fechou levemente sobre meu clitóris inchado, fazendo com que minha coluna arqueasse novamente sobre a mesa. Tão rapidamente quanto a pressão veio, ela também se dissipou.

Eu queria mais do que quer que fosse.

— Você gosta, não gosta? — disse ele.

— Sim. — Minha voz estava rouca por causa dos orgasmos, minha respiração estava difícil.

Puxando a pinça, ele se levantou e a pressão voltou, levando-me ao orgasmo. Ele me soltou antes que eu atingisse o ápice.

— Maldito seja você. — Soltei um suspiro frustrado.

Outra risada. — Está na hora de sua surpresa.

— É um orgasmo? — ofeguei, com o calor nadando em minhas veias. Eu estava sem mente com a necessidade, tão perto da borda que só precisava me esfregar contra ele e alcançaria meu prazer.

— Por favor...

— Você quer gozar de novo?

— Sim!

— Depois, vamos furar esse capuz para que as joias friccionem seu clitóris toda vez que você se mexer.

Suas palavras penetraram em meu cérebro cheio de luxúria, e o significado delas foi absorvido. Pisquei os olhos, olhando para ele e esperando ter entendido mal o que ele tinha acabado de dizer.

— Desculpe-me?

— Um piercing. Na sua boceta. — Pisquei os olhos e depois pisquei novamente. Meu cérebro deve ter ficado lento por causa dos orgasmos. — Isso aumentará todas as suas sensações. Quero você pronta para mim, molhada e encharcada o tempo todo.

Balancei a cabeça, mas não em negação. Foi mais em descrença. De virgem a um piercing no capuz em questão de uma semana. Será que eu estava louca para sequer pensar nisso? A ideia de fazer algo tão perverso me deixou excitada. Esse mafioso psicótico estava me corrompendo. Ou talvez eu tenha sido corrompida desde o momento em que nasci.

Ele deve ter lido a concordância em meu rosto. — Vamos colocar um piercing hoje.

Minha boca caiu em choque. — Hoje? — Repeti estupidamente.

Ele sorriu. — Sim, hoje. — Seus olhos baixaram para minhas coxas abertas. Minha boceta estava bem aberta para ele ver e algo quente se acendeu em seu olhar. — Diga-me que você quer isso.

Eu queria, mas parecia que eu continuava cedendo a ele, enquanto tudo o que ele me dava eram orgasmos. Eram maravilhosos e tudo mais, mas não eram suficientes.

Sua língua circulou meu clitóris, provocando e testando antes de morder e puxar. Meus quadris se pressionaram contra sua boca,

aumentando a pressão, mas ele recuou novamente. — Diga-me que você quer, — ele repetiu.

Seu dedo circulou preguiçosamente minha entrada, empurrando para dentro e para fora. Meu corpo exigia outra onda de prazer, mas eu me contive.

— Eu farei isso. — A vitória brilhou em seus olhos. — Mas só se você me contar a história por trás de outra de suas tatuagens.

Minha boceta se contraiu contra sua mão mesmo quando essas palavras foram ditas. Ele se enrijeceu.

— Por quê?

Porque eu quero conhecer você. Quero conhecer todas as suas camadas, não apenas a máscara que você usa ao redor dos outros.

— Os pais da Autumn sempre disseram que é uma via de mão dupla para fazer as coisas darem certo, — murmurei. — E eles estão felizes.

Ele voltou a circular preguiçosamente em torno de minha entrada. — Você está feliz?

A pergunta era casual. A expressão em seu rosto quase parecia que ele não dava a mínima para o fato de eu estar feliz ou não. Mas meu instinto dizia o contrário. Talvez Sasha estivesse com tanto medo de ser ferido quanto eu.

— Não estou infeliz, — respondi.

— Mas você não está feliz.

Fiquei em silêncio, observando-o. — Eu quero mais do que apenas sexo, Sasha. — As palavras me escaparam e não havia como retirá-las. Não

que eu quisesse retirá-las, mas elas me fizeram sentir vulnerável e crua. — Você me deu palavras, mas eu quero mais. — Quero conhecer suas cicatrizes. Seus medos. Tudo. E então eu queria ser a pessoa a expulsar tudo isso dele. — Eu tenho meus próprios medos. Ser deixada para trás. Não ser boa o suficiente. — Respirei fundo e depois expirei. — Você está se retraindo.

Seguiu-se o silêncio. As batidas trêmulas do coração se sucediam.

— Quero ver meu irmão. Falar com meu sobrinho e minha melhor amiga. Sinto falta deles.

Meu coração se aquietou, esperando com um zumbido desesperado. Um peso apertou meu peito, seus olhos cheios de fantasmas de nosso passado.

— Está se arrependendo de suas palavras, kotyonok?

— Nunca, — eu lhe disse com paixão. — Estou aqui para ficar. Mas preciso de mais. Você não consegue nem me contar as histórias completas por trás de suas tatuagens, Sasha. Como vamos sobreviver anos juntos se você não pode nem mesmo compartilhar isso comigo?

Ele passou a mão em seu maxilar. Minha garganta ficou apertada, esperando que ele me dispensasse ou dissesse que eu não valia a pena.

— Qual tatuagem? — ele disse.

A confusão me invadiu e meus olhos se voltaram para ele em forma de pergunta.

— Desculpe-me?

— Sobre qual tatuagem você quer saber? — perguntou ele.

Meus olhos se voltaram para o local onde a tatuagem de Nemesis se escondia sob sua roupa, depois para os nós dos dedos. Seu olhar seguiu o meu. A vulnerabilidade que brilhou em seus olhos foi um soco em meu estômago e eu quase disse a ele que não importava. Mas não disse.

— Minha mãe me odiava, — ele começou. — Ela odiava e amava meu pai. Mas eu... ela não me suportava.

Minhas sobrancelhas se franziram. — Por quê?

— Ela me culpava por seu casamento fracassado, — ele disse. — No dia em que ela morreu, eu a encontrei no corredor murmurando como uma lunática. — Ele soltou uma risada amarga. — Suas palavras de despedida antes de se matar, ela fez questão de me dizer que eu não era digno. Que ninguém jamais me amaria. E então ela se atirou pela janela.

A veemência e a vulnerabilidade em sua voz fizeram meu peito doer. Minha garganta ficou apertada - por aquele menino ter sofrido algo assim. Sim, minha mãe tentou cometer suicídio e nos levar com ela, mas eu não me lembrava disso. Eu era um bebê. Isso assustou Alessio e Mia mais do que a mim. Havia outros fantasmas me assombrando.

— Você é digno, — eu engasguei. — E qualquer mulher teria sorte em tê-lo. Mas agora você é meu e eu sou sua. Nunca o deixarei. — Envolvi-o com minhas mãos, sem saber mais o que dizer. Então disse a única coisa que podia dizer. — Vamos fazer um piercing no capuz.

Seu peito vibrou e o aperto em meu peito diminuiu lentamente.

— E eu nunca vou deixar você para trás, kotyonok. Somos eu e você. Para sempre. — Eu me inclinei para mais perto dele e suspirei em sua boca quando ele me beijou.

— Para sempre, — repeti, meus lábios roçando os dele. — Agora, onde está o cara do piercing?

Ele tirou o telefone do bolso e digitou uma mensagem, então o som da mensagem saindo do telefone preencheu o espaço.

A resposta foi imediata.

— Ela está chegando agora.

— Ela?

Sasha sorriu. — Você achou que eu permitiria que um homem a tocasse aí. Eu teria que cortar suas mãos e cegá-lo.

Balancei a cabeça, mas um sorriso surgiu em meus lábios.

— E se isso estragar minha boceta? — perguntei do nada. — Acabei de começar a fazer sexo. Vou precisar dela por um bom tempo.

Suas feições relaxaram, depois ficaram em branco, antes que ele explodisse em gargalhadas. Ele se agachou e pegou a fivela em meus tornozelos, libertando-me.

— Prometo que mantereí sua boceta segura, — ele prometeu.

Vários batimentos cardíacos se passaram antes que eu admitisse, — Na verdade, estou um pouco animada. Espero que não doa muito. Quero fazer mais sexo.

Sua expressão era de diversão e ele soltou um risinho enquanto soltava meus pulsos.

— Vamos fazer sexo, — garantiu ele. Fechei as pernas, mas não demorou muito para que Sasha viesse para a minha frente. Suas mãos foram

para a parte externa das minhas coxas e ele envolveu minhas pernas em sua cintura. Não foi nada sexual. Era como se ele me quisesse perto, assim como eu o queria perto.

— Mal posso esperar para ver seu piercing, — ele murmurou, sua boca passando pelo meu pescoço.

Ele estava me empurrando para fora da minha zona de conforto, e eu gostava disso.

— Talvez possamos colocar um piercing em você também, — sugeri com uma voz rouca. — Ouvi dizer que é uma experiência e tanto para a mulher.

De repente, sua mão agarrou minha nuca. — Quem lhe disse isso?

Puxa, ele era possessivo. — As mulheres falam, — murmurei.

Ele relaxou visivelmente. — Se você quiser que eu faça um piercing, eu farei. Mas garanto a você, kotyonok, que não precisa se preocupar com seu prazer. Você o terá com ou sem o piercing.

Uma batida na porta interrompeu nossa conversa. — Entre, — disse Sasha.

A porta se abriu e o homem com a cicatriz entrou com uma mulher pequena atrás dele.

— Isso deve ser divertido, — anunciou o cara com a cicatriz, sorrindo. Seus olhos percorreram-me, assustadores e lascivos.

— Você não vai ficar na sala, Albert, — disse Sasha, com uma expressão dura como granito. O cara olhou de mim para ele e de volta para mim, sua postura se enrijeceu.

Foi a pequena mulher que quebrou o intenso silêncio. — Eu pego daqui, — anunciou ela com firmeza. — Estou aqui por ela. — Seu queixo se inclinou em minha direção. — Assim que eu terminar o trabalho, basta ter um carro para mim lá fora e eu estarei a caminho.

Os olhos frios de Sasha ainda estavam fixos em Albert, prometendo dor e retribuição. Estendi a mão e peguei seu braço, envolvendo meus dedos em seu grande bíceps.

— Ele está indo embora, — eu disse a ele, transmitindo com meus olhos para que Albert se fosse. O olhar de Sasha caiu para o local onde minha mão estava sobre ele, depois voltou seus olhos para mim com uma nova intensidade.

Albert desapareceu no mesmo instante e eu soltei o braço de Sasha. Ele flexionou os dedos antes de fechá-los em punhos e depois abri-los para enfiá-los nos bolsos da calça do terno.

A pequena mulher permaneceu em seu lugar, com tensão visível em seus ombros.

— Está tudo bem, — eu disse a ela. — Estamos prontos.

Como se não acreditasse em mim, seus olhos se voltaram para Sasha. Ele fez um aceno conciso com a cabeça.

— Sou Natasha, — ela se apresentou enquanto dava passos hesitantes em nossa direção.

— Branka, — eu lhe disse, sorrindo. — Este é meu... — Eu não sabia como chamá-lo. Meu namorado? Não soava bem. — Este é Sasha, — finalmente terminei de dizer.

Ela acenou com a cabeça. — Ok, vamos fazer isso.

— Seu inglês é muito bom, — elogiei-a.

Ela riu, colocando uma caixa de ferramentas sobre a mesa. —
Espero que sim. Eu nasci nos Estados Unidos.

— O mundo é pequeno, — murmurei.

— O menor.

Ela me deitou de costas na mesa e eu abri as pernas, enquanto Sasha ficou ao meu lado, segurando minha mão. Natasha trabalhou eficientemente para me higienizar, preparou minha coxa e depois pegou a agulha longa com um diamante.

Meus olhos se voltaram para Sasha. — Um diamante?

Ele sorriu. — Eu o escolhi. Ele me lembra seus olhos.

Ao voltar meu olhar para a agulha longa e grossa, senti uma certa apreensão. Talvez essa não fosse uma boa ideia. Sasha deve ter percebido a dúvida em minha expressão, pois sua mão apertou a minha em sinal de conforto.

— Respire fundo algumas vezes, — ele instruiu. — Dentro e fora.

Revirei os olhos. — Isso parece muito com trabalho de parto. —
Então, um pensamento me ocorreu e eu me movi para vê-lo melhor. — Você já fez isso antes com uma mulher?

O ciúme em minha voz não passou despercebido. Ele sorriu.

— Essa é a minha primeira vez, — admitiu ele. — Já temos muitas estreias para nós.

Relaxe um pouco com sua certeza, mas meu olhar ansioso voltou para a agulha. Aquela era uma agulha enorme.

— Não é tão ruim quanto o que você está imaginando. Eu prometo, — ela garantiu.

Famosas últimas palavras, pensei ironicamente comigo mesma.

Inspirei profundamente e expirei conforme as instruções.

— Inspire fundo, — ela ordenou, e minha mão se agarrou aos dedos de Sasha enquanto eu obedecia. — Agora, expire.

A picada desapareceu antes que o oxigênio deixasse meus pulmões.

— Tudo pronto, — Natasha sorriu. — Parabéns.

Balancei a cabeça com incredulidade. Foi isso mesmo. Eu mal senti. — Tem certeza de que fez isso? — perguntei.

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo. — Deixe-me apertar as joias e você estará pronta para ir.

Mais alguns momentos depois, ela estava pronta. Ela se levantou, tirou as luvas de látex e foi até ao banheiro conectado ao escritório. Lavou as mãos e saiu.

Quando a porta se fechou, encontrei o olhar de Sasha.

— Por quê um piercing lá embaixo? — questionei.

— Na sua boceta? — ele desafiou, sendo grosseiro de propósito. Com sua boca, minhas bochechas ficariam permanentemente manchadas quando eu morresse. — Eu adoro marcar você.

Revirei os olhos. — Ninguém vai ver isso.

Seus lábios se contraíram. — Mas você e eu saberemos que ele está lá. Você saberá que é minha e, se eu morrer, você pensará em mim toda vez que essa coisa roçar em sua carne.

A ideia de ele morrer apertou meu peito e meus dedos se enroscaram em sua camisa, puxando-o para mais perto.

— Você não vai morrer, — eu disse a ele.

Alessio veria amanhã que minha vida sem Sasha não valia a pena. Pelo menos não para mim.

Capítulo 62

BRANKA

Sasha deslizou meus pés em um par de sandálias brancas e em um vestido vermelho com bolinhas brancas.

— Você realmente tem uma obsessão por vermelho, — murmurei enquanto o deixava me vestir.

— Vermelho é a cor do meu coração, — ele murmurou. — E ele bate somente por você. Quando você usa vermelho, eu sei que você é minha.

Fiquei sentada no carro, com a chuva escorrendo pela janela, enquanto observava Sasha discutir com sua família. Todos eles insistiam em vir. Sasha se recusou a trazê-los.

Ao sairmos, fomos até ao carro, evitando as gotas de chuva, mas não antes de sermos encurralados pela família Nikolaev.

— Sim, você não vai embora sem nós, — anunciou Tatiana. — Vocês são da família e a família permanece unida.

Eu sorri com sua convicção. Nunca se deve ter favoritos, mas Tatiana era meu membro favorito da família Nikolaev. Ela me lembrava um pouco Sasha, só que em uma versão feminina.

— Meu irmão também é da família, — eu lhe disse suavemente. — Tudo correrá bem. Apenas uma pequena visita e depois voltaremos.

O olhar que ela me lançou me disse que ela não acreditava nisso.

Sasha me ajudou a entrar no banco do passageiro e fechou a porta, antes de se voltar para sua família. Todos eles estavam na chuva, despreocupados com o clima enquanto discutiam. Suas vozes abafadas podiam ser ouvidas através da chuva que batia no teto do carro e na janela fechada.

— Você está louco se acha que vou deixá-lo ir sozinho, — rosnou Vasili.

— Todos nós deveríamos ir, — insistiu Aurora. — Para que eles vejam que somos uma família.

Pela expressão dos Nikolaevs, as mulheres e as crianças poderiam ficar para trás. Eu concordei. Não havia sentido em causar mais estragos do que o necessário.

— Se todos nós formos, Alessio entenderá isso como um sinal de nós contra eles, — Sasha resmungou. — Não preciso de todos vocês me acompanhando. Esta não é uma formação de patos.

Balancei a cabeça diante da comparação engraçada. Sentimentos conflitantes lutavam em meu peito. Excitação por ver meu irmão, Autumn e meu sobrinho, preocupação com a possibilidade de que a merda acontecesse e alguém se machucasse e medo de que Sasha se afastasse de mim, deixando-me nas sombras novamente.

Não fazia sentido, mas eu não conseguia evitar as noções ridículas.

— Alexei e eu estamos indo, — disse Vasili em seu tom final. — Se vamos dirigir juntos ou não, depende de você.

Sasha deve ter cedido, pois veio até à minha porta e a abriu. — Kotyonok, vamos para o banco de trás.

Saí do banco do passageiro da frente e entrei no banco de trás, com Sasha entrando logo atrás de mim. Alexei e Vasili deram um beijo de despedida em suas esposas, verificaram seus coldres e foram para os bancos da frente. Alexei assumiu o volante e colocou o carro em movimento.

Minhas mãos se agarraram em meu colo, observando a paisagem passar. A cada quilômetro percorrido, minha apreensão aumentava. Eu temia perder meu irmão. Temia perder Sasha ainda mais.

Alessio vai me ouvir, garanti a mim mesma.

E ainda assim meu sangue ficou mais frio. Eu confiava minha vida ao meu irmão, mas não a de Sasha ou a de seus irmãos. Dirigimos por quilômetros, a tensão era palpável. Os irmãos trocaram algumas palavras, falando em russo. É claro que eu não entendia nada.

Imaginei que eles estivessem traçando estratégias para chegar a um acordo pacífico com meu irmão. Soltei um suspiro sardônico. Seria muito mais fácil se Alessio e eu não nos amássemos, mas eu o amava. Ele era tudo para mim - minha mãe, meu pai, meu irmão, minha irmã. Eu não queria abrir mão dele.

Ao fazer uma curva fechada, chegamos a um grande estacionamento vazio. Meus olhos percorreram o local e vi um SUV preto estacionado no lado mais distante da área, bem em frente ao que parecia ser um prédio abandonado.

Ao nos ver, a porta da SUV se abriu e Alessio saiu dela. Meu coração batia sob minha caixa torácica. Meu irmão estava aqui.

Sasha abriu a porta e saiu, depois segurou a porta, fazendo um gesto para que eu o seguisse. Eu o segui sem dizer uma palavra. Vasili e Alexei já estavam fora do carro, com suas armas visíveis. As portas se fecharam atrás de mim.

— Branka, — Alessio me chamou, com a preocupação estampada no rosto. Sua mão esquerda se estendeu em minha direção, tentando me alcançar. O conflito lutava dentro de mim, puxando-me em duas direções diferentes.

Dei um passo em direção ao meu irmão, mas vacilei. Uma tensão quase imperceptível irradiava de Sasha e eu me virei para olhá-lo. Os azuis pálidos de suas órbitas ficaram mais escuros, cheios de coisas que me deixaram grudada no local. Eu me afoguei em seu olhar, ciente de que meu irmão esperava.

Engoli e voltei meu olhar para o meu irmão. Minha mão alcançou a de Sasha e nossos dedos se entrelaçaram.

— O coração que bate em meu peito, — disse ele, com voz rouca e cheia de emoções, — é seu. Tem sido seu há muito tempo.

Baixando o olhar, observei seus dedos marcados contra minha pele pálida e soube, no fundo, que Sasha era a minha escolha. Ele sempre seria a minha escolha. Levantei a cabeça e seus olhos se encontraram com os meus, mantendo-me firme.

— Você é tudo o que eu quero, — eu engasguei, com as emoções inchando em meu peito, e a expressão em seu rosto me disse que era a escolha certa. Eu amava meu irmão, mas se fosse Sasha ou meu irmão, por mais que eu odiasse escolher, eu sempre escolheria Sasha.

De mãos dadas, voltamos nossa atenção para meu irmão. Um passo. Dois passos. Três passos. Durante todo o tempo, Alessio nos observava com uma expressão sombria, mas a cada passo que dávamos mais perto dele, a compreensão aparecia em seus olhos.

Embora ele não parecesse feliz com sua revelação.

Paramos a três metros do meu irmão, com os irmãos de Sasha bem atrás de nós.

— Jesus, Branka, — ele murmurou. — De todos os homens, este aqui?

Autumn saiu do utilitário esportivo, empurrando Alessio para o lado para que pudesse me ver. — Eu lhe disse, — resmungou ela, segurando a barriga e cambaleando para ficar ao lado dele. — Eles têm uma relação.

Um sorriso tocou meus lábios quando Alessio passou a mão nos cabelos. Nesse ritmo, meu pobre irmão estaria grisalho em mais alguns anos.

— Ela tem uma relação com Killian, — argumentou Alessio com teimosia.

— Obviamente, não, — disse Vasili.

Os olhos de meu irmão se voltaram para mim. — E quanto a Killian? Ele foi sua escolha.

Engoli o nó em minha garganta. — Ele foi o único que escolhi entre as opções apresentadas, — falei baixinho. — Eu sinto muito. Eu não deveria ter deixado as coisas chegarem ao ponto que chegaram.

— Jesus, Branka. Você estava a apenas alguns passos do altar.

A culpa cresceu em meu peito. — Vou explicar a Killian, — disse ao meu irmão. — A culpa é minha e eu vou consertar.

Ele balançou a cabeça. — A única maneira de consertar isso é se casar com ele, irmã.

Um rosnado baixo vibrou no ar. O de Sasha. — Escolha dela, — ele rosnou. — Você mesmo disse isso. Está voltando atrás em sua palavra?

Alessio respirou fundo, com os olhos fixos em mim e ignorando Sasha, que permaneceu perto de mim.

— Ele é sua escolha, Branka? — A pergunta de Alessio foi baixa, seus olhos eram nuvens escuras e tempestuosas.

— Sim, irmão, — murmurei. — É.

A chuva pingava suavemente, encharcando o asfalto e deixando manchas em meu vestido. O tempo estava sombrio, mas meu coração dançava, porque o homem que eu amava estava bem ao meu lado.

— Por que ninguém está me contando nada? — Alessio resmungou, depois estreitou os olhos para Sasha. — Você não é a minha escolha para ela.

— Mas ele é a minha escolha, — observei.

Em um momento, a tensão dançava no ar e, no momento seguinte, o som de um guincho invadiu o ar. Kol saltou do carro e correu em minha direção. Soltando a mão de Sasha, ajoelhei-me e abri meus braços para ele.

— Tia Branka. — Ele se jogou em meus braços e eu o peguei. — Senti sua falta. Achei que você tinha me deixado para sempre.

Minha garganta ficou apertada. Eu conhecia de perto o medo de ser deixado para trás, e nunca quis que meu sobrinho se sentisse assim.

— Nunca vou deixá-lo, — prometi. — Talvez eu não o veja todos os dias, mas sempre estarei aqui para você, amigo. Para você e sua irmãzinha.

Kol revirou os olhos. — A vovó disse que os bebês choram muito. — Uma risada soou ao nosso redor. — Se ela chorar muito, posso ir morar com vocês?

— Você deixaria sua mãe e eu? — questionou Alessio. — Isso vai partir nossos corações.

Kol imediatamente balançou a cabeça.

— Só por um pouquinho. Até o bebê parar de chorar. — A chuva parou e o primeiro lampejo de sol apareceu entre as nuvens. Kol correu para abraçar seus pais. — Eu ainda amo mais vocês.

Outra rodada de risadas soou. Era muito fácil para uma criança quebrar a tensão.

Eu me levantei, com Sasha pairando sobre mim. Os ombros de Alessio estavam relaxados, mas ele ainda o encarava.

— Você é louco demais para minha irmãzinha.

Sasha deu uma risadinha. — E você é muito chato.

Eu estava com Sasha e os irmãos Nikolaev, observando minha própria família. As pessoas que significavam o mundo para mim e que sempre estiveram ao meu lado.

Um lampejo de luz me fez desviar o olhar da minha família para o telhado do prédio antigo. Meu coração congelou em meu peito. O brilho

prateado de um rifle refletiu contra os raios de sol. Ele estava apontado para Sasha.

Eu não pensei. Reagi assim que um *estalo* soou.

Meu corpo recuou em direção a ele. A dor explodiu no meu corpo e parei de respirar. Gritos e berros encheram o ar, mas estavam todos distantes, o zumbido em meus ouvidos abafando tudo.

Meus olhos encontraram o rosto de Sasha e nossos olhares se encontraram. Foi então que o medo e o terror que marcavam sua expressão se infiltraram em minha alma. Meu corpo começou a cair. Meus ossos tremeram e começaram a sacudir todo o meu corpo. Minha visão ficou embaçada.

— *Blyad*, kotyonok, — ele exalou asperamente enquanto suas mãos marcadas agarravam meu corpo. Mas eu não conseguia sentir seu toque. — Por que diabos você fez isso?

Eu não tinha certeza se a voz dele tremia ou se meu corpo tremia tanto que afetava minha audição.

Alessio, Vasili e Alexei gritavam ao fundo, mas eu não conseguia distinguir uma única palavra.

— Não me deixe, porra, — exigiu ele, com o tom áspero e as sombras nos olhos escuros. — Por favor, aguenta firme. Por mim, — ele implorou, desesperadamente. Então ele agarrou meu rosto. — Mantenha seus olhos abertos. Fique por mim.

Sempre.

Só que eu não tinha certeza se havia dito aquelas palavras. Seus lábios ainda se moviam, mas eu não conseguia ouvi-los.

O mundo parou de girar. A brisa se acalmou. O tempo congelou.

Então, tudo ficou escuro.

Capítulo 63

SASHA

Bip. Bip. Bip.

Os bipes constantes da máquina eram a única coisa que me mantinha são.

Branka estava inconsciente há dois dias. Cada segundo se estendia como uma vida inteira. Eu não sabia quanto tempo mais eu aguentaria. Eu estava perdendo a cabeça aos poucos. Se eu a perdesse, sabia que todas as apostas estariam canceladas. Eu não sobreviveria. Sem ela, não haveria vida para mim. Eu a seguiria até à morte.

Alessio queria levá-la de volta ao Canadá. Eu o proibi. Era muito arriscado. Depois que Branka perdeu a consciência, uma explosão sacudiu todo o estacionamento. Maxim estava planejando essa merda o tempo todo. Eu era um idiota de merda por confiar nele.

Caímos diretamente em suas mãos. Olho por olho.

O maldito guardou rancor de Branka e de mim por sete anos. Ele deixou isso apodrecer por um longo tempo. E eu estava alheio a tudo isso porque tinha baixado minha guarda. Foi tudo culpa minha.

— Não é sua culpa, — disse Alexei, com a voz rouca. Sua mão chegou ao meu ombro e o apertou em sinal de conforto. Só isso já foi

suficiente para me deixar em pânico. Eu poderia contar em uma mão quantas vezes Alexei tocou um ser humano. Excluindo sua esposa.

Só que a culpa era minha. Eu estava tão convencido que não percebi os sinais de Maxim. Ele me culpou pela morte de sua mulher. Ele não tinha estômago para matar Branka, então eu era a segunda melhor opção.

Enquanto eu segurava Branka, implorando-lhe que se agarrasse às promessas de nossa vida juntos, Alessio e Vasili foram atrás dele. Demoraram dez minutos para localizá-lo. Ele ainda estava mexendo na arma de atirador, tentando descobrir como desmontá-la. Acho que ele não pensou além desse ponto. Ele chorou como um bebê. Foi em vão. Eles esvaziaram uma rodada de balas no crânio de Maxim para garantir que não houvesse risco de ele voltar.

E, durante todo esse tempo, eu estava perdido. Inútil. Eu não conseguia me mover, segurando o corpo de Branka em meus braços. Alexei me protegia e mantinha a família de Alessio em segurança.

A viagem até ao hospital foi um borrão. Só me lembro do sangue de Branka. Muito sangue. Mas foi seu rosto pálido como a morte que rasgou meu peito.

— Você deveria ir se trocar, — tentou Vasili. Eu não tinha saído do lado dela, segurando sua mão na minha. Mesmo durante a cirurgia, eu me recusei a sair do lado dela. Isso nunca teria funcionado nos Estados Unidos, mas aqui na Rússia, tudo o que eu tinha que fazer era apontar minha arma para eles e jogar-lhes algum dinheiro.

Nem Alessio nem Vasili ficaram felizes com isso. Bem, eles que se danem.

Não era a mulher deles que estava sangrando em seus braços. Era a minha.

— Por que ela não está acordada? — Eu falei, minha voz estava rouca. Eu não havia falado uma palavra sequer hoje. — Ela já deveria estar acordada.

— Deveríamos tê-la levado de volta para o Canadá, — sibilou Alessio. — Eles têm médicos melhores lá.

— Os médicos daqui são ótimos, — lati. — Um dos melhores do mundo. E Isabella fazia parte da equipe que trabalhava em Branka.

É claro que tive de apontar uma arma para a enfermeira e jogar alguns milhões de dólares para o cirurgião-chefe e o hospital. Valeu a pena, pois não havia ninguém em quem eu confiasse mais do que minha cunhada. Afinal de contas, ela também me curou algumas vezes.

— Você está brincando comigo? — rugiu Alessio. — Este prédio parece ser uma sobra da Segunda Guerra Mundial.

— Bem, Isabella não faz parte da Segunda Guerra Mundial, — comentei cansado.

O irmão de Branka também parecia um desastre. Mas isso não me preocupava. Só a irmã dele. Eu precisava dela. Não precisava dele.

— Jesus Cristo, não consigo lidar com você como meu cunhado, — rosnou Alessio. — É demais, porra. Este buraco de merda está desmoronando.

— Eu não sabia que você gostava de arquitetura sofisticada, — eu disse.

— Sabe o que eu não gosto muito? — ele respondeu. — Sobre você com minha irmã. Ela está naquela cama de hospital por sua causa.

A culpa me atingiu em cheio. Ele estava certo. Eu falhei com ela. Eu deveria tê-la protegido.

— Vocês dois parem com isso, — exigiu Autumn, com a voz suave e sibilante. — Branka está viva e a última coisa que ela quer é que vocês briguem como duas velhas.

— Vou beber a isso, — anunciou Tatiana. Jesus, eu não poderia exigir que todos eles fossem expulsos. Eles queriam estar aqui por mim, mas eu só precisava de silêncio para poder ouvir o bip da máquina e ver o peito de Branka subir e descer. Era a minha confirmação de que ela estava viva.

Bip. Bip. Bip.

Cinco malditos dias de bipes!

Talvez eu devesse começar a matar os filhos da puta que trabalhavam aqui. Claramente, eles eram inúteis. Eu estava perdendo a cabeça.

Os bipes constantes que ofereciam conforto agora me deixavam desesperado.

Minha família e o irmão de Branka ficaram longe de mim. Supostamente, eu estava irritando-os. Eu me perguntava que diabos eles achavam que estavam fazendo comigo.

Depois de inúmeras reclamações, finalmente tomei um banho. Aparentemente, eu cheirava a um cadáver podre. Palavras da minha irmã, não minhas. Enquanto eu tomava uma ducha rápida, Tatiana e Autumn sentaram-se ao lado de Branka. Autumn não parava de chorar, o que me deixou nervoso. Tatiana continuava murmurando que, se mais uma pessoa morresse, ela se tornaria alcoólatra em tempo integral. Eu não tinha certeza se era sua ameaça ao mundo ou sua negociação com Deus.

Não me importava, desde que funcionasse. Não havia muita coisa de que eu precisasse na vida, mas eu precisava de Branka. Eu era dependente dela.

Quando terminei de tomar banho, retomei meu lugar e as duas ficaram no corredor junto com nossas famílias. Eu os observei murmurando uns com os outros, provavelmente preocupados com o tipo de merda que eu faria se...

Blyad, eu não conseguia nem pensar nisso. Eles estavam certos em se preocupar, porque este mundo iria queimar, e eu queimaria junto com ele.

Um farfalhar suave dos lençóis chamou minha atenção para a cama. Meus olhos se arregalaram e se fixaram em olhos cinzentos e nublados, e um alívio tão forte tomou conta de mim que temi começar a chorar. Jesus Cristo! Eu não me lembrava da última vez que havia chorado e, naquele momento, estava pronto para começar a chorar como um maldito bebê.

O aperto em minha garganta roubou minha respiração e minhas palavras. Olhei fixamente para aqueles olhos que podiam me deixar de joelhos. Ela era a única que poderia me destruir.

— Você está bem? — Suas primeiras palavras para mim depois de ser baleada, seu tom rouco enquanto eu me afogava nas brumas daquelas nuvens cinzentas. Ou talvez eu estivesse chorando. Foda-se se eu sabia.

— Kotyonok, — rosnei. — Você nunca mais fará isso. Nunca mais! — Ela piscou os olhos, confusa. — Não, eu não estou bem. Ver você baleada, com sangue por toda parte, é o pior tipo de dor. — Levantei-me rapidamente e me inclinei sobre a cama, pegando seu rosto gentilmente entre as palmas das mãos. — Você não leva um tiro por mim. Eu levo uma bala por você. — Empurrei meu peito. — Eu. Nunca você.

— Isso é uma merda, — disse ela, zombando suavemente, e logo em seguida estremeceu.

Deus, a visão dela me encheu de tantos sentimentos que eu achava que era incapaz de ter. Um grande desejo. A tentativa de ser bom o suficiente. Esse desejo doloroso por ela que fazia parte de cada respiração minha.

Eu nunca fui bom o suficiente. E não fui capaz de salvar minha mãe. Ou Mia. E quase fracassei com Branka.

— Eu quase perdi você, — murmurei, com o tumulto em meu peito me puxando para baixo.

Ela levantou a mão e encostou a palma em minha bochecha. — Eu serei sua, na vida e na morte.

Um suspiro de incredulidade me deixou. Essas eram as palavras pelas quais todo homem vivia.

Capítulo 64

BRANKA

Duas semanas de comida de hospital russa eram suficientes para levar qualquer pessoa a cometer um assassinato.

Estávamos de volta ao carro, um SUV Mercedes Benz à prova de balas, com um grupo de outros SUVs na frente e atrás de nós.

— Será que perdi alguma coisa e você se tornou o presidente? — Perguntei a Sasha, dando-lhe uma olhada de relance pelo assento.

Tatiana sentou-se ao meu lado, revirando os olhos vigorosamente. — Isso seria um desastre, — ela murmurou. — Não, meu querido irmão declarou guerra ao Pakhan russo. Vasili e Alexei, idiotas que eram, ficaram atrás dele.

— Oh. — Isso não soou bem, embora não significasse muito para mim. — Quem é o Pakhan russo?

Tatiana me lançou um olhar cheio de incredulidade.

— Seu irmão a protegeu demais, — ela resmungou, balançando a cabeça. — Ilias Konstantin.

Que merda. Isso não soou bem.

Especialmente porque era o irmão gêmeo de Ilias que tinha o crânio cheio de balas.

— Não podemos conversar sobre isso? — Foi uma pergunta idiota. Eu sabia o suficiente que conversar do submundo era inútil. Ela não se incomodou em me responder.

Recostei-me em meu assento e suspirei.

Alessio e Autumn voltaram para o Canadá. Foi melhor assim, já que Alessio e Sasha estavam sempre se atacando. Alessio reclamava por ter um lunático na família. E Sasha, sendo Sasha, respondia com uma resposta sarcástica. Eu o ouvi dizer a Alessio que teria acabado com ele por causa de sua boca tagarela se não fosse por mim. Que ele tinha sorte por eu amá-lo. Como duas senhoras idosas, eu juro. Mas no momento em que me notavam, eles se acalmavam e fingiam que eram melhores amigos. Como se alguém fosse acreditar em sua encenação. As férias deveriam ser divertidas.

Killian também me visitou no hospital. Foi uma visita curta. E muito tensa. Eu continuei me desculpando e ele continuou me dizendo que não era necessário me desculpar. Fui sincera ao dizer que meu coração pertencia a outra pessoa. Na verdade, ele não parecia abalado. Não que eu esperasse que ele ficasse chateado, mas um pouquinho de decepção teria sido bom.

Mas logo depois me repreendi por ser egoísta e ter essas noções estúpidas de mulher fatal.

Ao se dirigir para a saída, ele parou na porta por um segundo e virou a cabeça para estreitar os olhos para Sasha. — Trate-a bem ou irei atrás de você.

— Ótimo, outro filho da puta preocupado com minha mulher, — pensei ter ouvido Sasha murmurar.

Eu sorri porque sabia, sem a menor dúvida, que Sasha sempre me trataria bem.

Ele me amava. Ele esperou por mim. Não havia mais ninguém para mim.

Capítulo 65

SASHA

— É mulher por mulher em nosso mundo e você sabe disso.

Ilias não parecia estar com o coração partido enquanto se sentava na cadeira do escritório em seu prédio recém-adquirido. Na porra de Nova Orleans.

Vasili estava irritado. Seu cabelo ficaria permanentemente vermelho nesse ritmo.

Outubro estava chegando ao fim. Branka e eu deixamos a Rússia e estávamos de volta a Nova Orleans, preparando nosso casamento. Bem, não havia muitos preparativos. Seria apenas a família. Hoje. No tribunal, em frente ao juiz de paz. E depois uma comemoração no clube do meu irmão.

Depois disso, viajaremos para nossa lua de mel. Para a Rússia. Quem diria que minha futura noiva se apaixonaria pela Rússia. Ela abasteceu a casa de nossa família com tudo que era russo. Filmes. Comida. Músicas. James Bond *With Love from Russia* era um filme obrigatório pelo menos uma vez por mês. Continuamos com as tradições de filmes dela, agora nossas, nas noites de sexta-feira. Uma vez por mês, seu irmão e sua família se juntavam a nós. Alessio resmungava que estava morrendo de frio, enquanto o resto de nós o ignorava. As crianças estavam incluídas.

Todas as lembranças ruins foram removidas da antiga casa de nossa família. Ela se tornou nossa residência principal e começamos a criar novas lembranças. A antiga mansão Russo foi totalmente queimada. Ops, foi apenas um pequeno acidente envolvendo fósforos e gasolina, mas ajudou Branka. Isso era tudo o que importava.

Nova Orleans e Montreal se tornaram nossos segundos lares. Ficávamos em nossa cobertura em Nova Orleans quando visitávamos e, em Montreal, compramos uma mansão vizinha à de Alessio. Para sua alegria. Ou desânimo. Isso ainda estava em debate.

Para mim, tudo bem, desde que Branka estivesse feliz. E ela estava. Eu podia ver isso na maneira como seus olhos brilhavam como diamantes. Isso me dava um tesão danado toda vez. Não havia sensação melhor do que vê-la daquele jeito.

— Foda-se mulher por mulher, — eu disse a Ilias. — Seu irmão maluco quase matou minha esposa.

A sobrancelha de Ilias se ergueu. — Achei que você fosse se casar hoje no tribunal. — Maldito filho da puta sabichão. — E depois uma festa no *Den of Sin*, mesmo assim.

Ele riu com o nome. Não era minha culpa se meu irmão mais velho era cafona e batizou o clube com o nome do dormitório de Tatiana e Isabella em Georgetown.

Eu mostrei o dedo do meio para Konstantin. É claro que ele nunca me responderia. Maldito asno sofisticado. Acho que não era apropriado para o Pakhan mostrar o dedo do meio para alguém.

— Voltemos ao assunto em questão, — continuou Ilias, seu tom quase entediado. Como se o maior dia da minha vida fosse um incômodo.

Provavelmente, ele está com o coração partido por não ter sido convidado, pensei com presunção.

— Tatiana não está à venda, — rosnou Vasili. — Não queremos problemas com você, Konstantin. Mas, se necessário, entraremos em guerra. Seu irmão atirou em Branka, quase a matou.

— E o pai dela matou a mulher de Maxim, — respondeu Ilias com frieza. Nenhuma emoção passou por seu rosto. Eu não sabia dizer se ele estava de luto pelo irmão gêmeo ou não. — De alguma forma, a balança está inclinada a favor de Russo. Meu irmão e sua mulher estão mortos.

— Eu matei o velho Russo, — eu disse a Ilias. — Tome isso como seu pagamento. Olho por olho. E vá embora.

Seus olhos escuros cintilaram com algo mais sombrio. Ameaçador. Não era inteligente antagonizar o Pakhan, e eu sabia disso antes mesmo de ver a expressão assassina de Vasili.

Mas Konstantin tinha um motivo para desejar Tatiana. Não tinha nada a ver com obsessão e amor.

— Diga-nos por que você a quer, — eu disse. Ele tinha visto Tatiana há sete anos. Antes de Adrian e da confusão que aconteceu com seu acidente. Ele nunca demonstrou nenhum interesse. De repente, era como se não existisse mais ninguém.

Ele se sentou, sinalizando que a reunião havia terminado. Ele endireitou as mangas, com os punhos de diamante captando a luz que brilhava através das janelas.

— Ela tem algo que me pertence, — ele respondeu. — Espero sua resposta até ao final do dia de hoje. Meus homens o acompanharão até à saída.

Bem, que se dane.

Sua família. Minha. Nossa.

Isso era tudo o que tínhamos enquanto Branka e eu caminhávamos em direção ao prédio da Suprema Corte da Louisiana, no distrito histórico. Aurora mexeu alguns pauzinhos com seus antigos amigos e nos colocou em contato com o juiz principal.

Se a pobre alma soubesse quem estava se casando.

A conversa das pessoas, as buzinas, a música e a agitação do French Quarter estavam ao nosso redor, mas eram apenas um ruído branco em minha mente. A única coisa que eu ouvia eram as respirações uniformes de Branka.

Ela não estava nervosa. Nem eu. Isso era apenas uma formalidade. Para que o mundo soubesse com quem se meteria se a tocasse. Ou mesmo se olhassem para ela.

Branka Michelle Nikolaev.

Parecia muito bom. Parecia certo.

Ela estava linda. De tirar o fôlego. Suas bochechas estavam coradas. Sua calça de couro prateada abraçava perfeitamente sua bunda. A camisa Chanel prateada conferia elegância ao seu traje, mas eram os saltos vermelhos que ela usava que completavam sua roupa.

Ela parecia uma Nikolaev. Como minha mulher.

Meu olhar se voltou para nossos dedos entrelaçados. Minha tinta se destacava contra sua pele pálida. Os símbolos em meus dedos costumavam ser uma lembrança das últimas palavras de minha mãe. Agora eram uma lembrança de Branka.

Sua força. Sua sobrevivência. Seu coração mole.

Ela nasceu para mim, assim como eu nasci para ela.

A cerimônia foi curta. Eu não tinha a menor ideia das palavras que foram ditas. As únicas que ouvi foram as que Branka havia me dado. Seus votos de amor, confiança e devoção. Ela sabia que tinha os meus.

Afinal de contas, ela era minha obsessão. Parte de cada respiração minha.

Coloquei o anel em seu dedo e seu suspiro suave chegou aos meus ouvidos. Era uma aliança simples de ouro amarelo com uma gravação. *Moye Serdtse*.

— Porque você sempre foi meu coração, — eu disse, encontrando seu olhar.

Seu pescoço delicado se moveu enquanto ela engolia, depois pegou minha mão e deslizou o anel em meu dedo. Deixei escapar um ruído

de diversão enquanto meu peito se apertava. Ela era a única mulher que podia fazer isso comigo.

— E porque você é meu, — ela murmurou.

Seu anel tinha a mesma gravação. *Moye Serdtse*. Foi o que deu início à nossa história.

— Grandes mentes, — murmurei.

— Ou loucas, — ela pensou. — Mas, desde que estejamos juntos, isso não importa.

Ela tinha toda a razão sobre isso.

Capítulo 66

BRANKA

Eu era a Sra. Sasha Nikolaev.

Lá fora, o sol brilhava forte. Outubro em Nova Orleans era como estar nas Bahamas. Pelo menos em comparação com as temperaturas que tínhamos registrado na Rússia nos últimos meses.

— Minha irmãzinha não é mais tão pequena, — disse Alessio, depois me abraçou. Talvez eu tenha vislumbrado algumas lágrimas em seus olhos. E meu irmão nunca chorava. Sorri com minhas próprias lágrimas brilhando em meus olhos. Lágrimas de felicidade.

— Eu amo você, irmão, — engasguei.

Ele depositou um beijo em minha testa.

— E eu amo você, irmãzinha, — ele disse. — Mia teria ficado feliz em ver você hoje.

Um nó em minha garganta cresceu. Tantas emoções. Felicidade. Amor.

Uma promessa de um belo futuro.

Acenei com a cabeça. Autumn o cutucou. A filhinha deles dormia profundamente nos braços da minha melhor amiga. Quando ela estava prestes a me abraçar, Kol colocou seu corpinho entre nós e me abraçou.

— Eu a amo, tia Branka, — disse ele, enterrando o rosto em minha barriga. — Não quero que você viva longe de mim. Diga a Sasha para deixá-la vir morar comigo.

Uma rodada de risadas soou ao nosso redor.

— Eu também amo você, amigo. — Afaguei seu cabelo suavemente. — Sasha e eu o visitaremos o tempo todo. E você pode nos visitar. Sempre que quiser. É só me ligar. Está bem?

Ele assentiu com seriedade e eu sabia, sem dúvida, que Kol passaria muito tempo conosco na Rússia.

— A mamãe pode abraçar a tia Branka agora? — perguntou Autumn, divertida. Kol ainda estava entre nós e ela se inclinou, depois deu um beijo em minha bochecha. — Estou muito feliz por você, melhor amiga. — Ela deu uma olhada para Sasha, que estava ao meu lado, com seus próprios irmãos o provocando. Aparentemente, era hora da vingança. — Sasha sequestrar você foi a melhor coisa que lhe aconteceu. Você está brilhando. Espere até ver as fotos que tirei.

Eu estava tão perdida em Sasha e em nossos votos que nem percebi que ela estava tirando fotos.

— É claro que foi a melhor coisa que aconteceu com ela, — disse Sasha. — Eu sei o que estou fazendo.

Todos reviraram os olhos, menos eu. Sasha me salvou. Várias vezes. Embora Killian não fosse tornar minha vida um inferno, ele não teria me feito feliz. Pior ainda, eu não o teria feito feliz.

Nos dez minutos seguintes, todos nos abraçaram e nos desejaram muitos anos de amor e felicidade. Era o nosso próprio felizes para sempre. Sete anos de trabalho.

E cada dia de espera valeu a pena.

Quando todos saíram, Sasha e eu ficamos no meio da calçada. Meu coração batia de felicidade e fazia barulho nas paredes do meu peito. Minhas mãos tremeram levemente quando coloquei a palma da mão em seu peito. Ele usava calça de couro preta e uma camisa preta sedosa, destacando ainda mais seus cabelos e olhos claros.

A cria de Satanás se tornou meu anjo.

— Você quer se livrar da recepção do *Den of Sin* com a família e os amigos, Sra. Nikolaev? — ele disse, com aquele sorriso irresistível em seu rosto me tentando. Eu me inclinei e o beijei. Eu adorava beijá-lo. Adorava sentir seu corpo duro contra o meu corpo macio.

Eu o amava. Ponto final.

— É melhor não, — murmurei. — Eles já estão nos acusando de sermos reclusos e de nos escondermos na Sibéria.

Seu polegar passou sobre meu lábio inferior, e o amor em seus olhos me deixou com a sensação de estar crua.

— Você está feliz?

Ele me perguntava isso com frequência. Como se estivesse preocupado em saber se era digno.

Acenei com a cabeça. — *Muito* feliz. — Entreabri os lábios e minha língua correu para roçar a ponta de seu polegar. — *Você* me faz tão feliz.

Seu braço envolveu minha cintura e me puxou para mais perto. — Eu amo você, kotyonok.

Deus, ele era muito mais do que aquele mafioso psicótico que eu pensava que ele fosse. — Eu também amo você, marido.

Um sorriso surgiu em seus lábios. Seus olhos se acenderam com uma faísca.

— Adoro esse título. — Sua voz era áspera, então ele me beijou. Suave e lento, mas profundo o suficiente para sacudir minha alma. — *Você me faz feliz*, kotyonok, — ele murmurou contra meus lábios.

Deus, a vida era inesperada. Tantos desgostos e tantos fantasmas nos trouxeram até aqui, mas nenhum deles importava. Nossos pais perderam o controle sobre nossas almas. Eu não tinha certeza de como seria o resto de nossas vidas, mas de uma coisa eu tinha certeza.

Faríamos isso juntos. Com amor.

Ele encostou seu nariz no meu.

— *Você está a fim de fazer uma parada antes da nossa festa?* — perguntou ele.

Levantei as sobrancelhas com curiosidade, mas ele não entrou em detalhes. — Claro.

Entregando-me seu capacete da moto, eu o peguei com um suspiro. — Meu cabelo vai ficar bagunçado.

O olhar de Sasha cintilou com diversão. — A segurança da minha esposa vem em primeiro lugar.

Vinte minutos depois, estávamos em um estúdio de tatuagem. O som do zumbido constante da máquina zumbia pelo ar. E eu chorei como um bebê.

Minhas iniciais, B.M.N., estavam a caminho de serem gravadas no peito de meu marido, logo acima de seu coração.

Pela décima vez, repeti suavemente: — Você não precisa fazer isso. — Senti o gosto do sal em meus lábios, minhas bochechas estavam molhadas. Esse homem era demais. Tudo o que eu precisava e não sabia.

— Esta é a última tatuagem, — disse ele, segurando minha mão. Foi a única coisa que ele me pediu. Segurar sua mão enquanto minhas iniciais estavam sendo gravadas, ou melhor, tatuadas, em seu peito. — O final feliz da minha história. Nossa história.

Meus olhos percorreram seu peito, um tapete de tatuagens marcando sua pele. A história de sua vida.

Afinal, eu gravei minhas iniciais em Sasha Nikolaev.

Epílogo

BRANKA

Três anos depois

A mão de Sasha segurou minha garganta e nossos olhos se fixaram no reflexo do espelho. Seus dedos marcados contra minha pele pálida. Eu à sua completa mercê. Meu corpo cegamente em suas mãos.

Sua frente pressionada contra minhas costas e seu pau enterrado profundamente dentro de mim, eu ofegava enquanto ele entrava e saía de mim, minhas entranhas se apertando em torno de seu pau.

— Quem é um homem velho? — ele rosnou em meu ouvido. Suas investidas eram implacáveis, profundas e duras. Quando eu não respondia, ele me dava uma palmada. Seus golpes e palmadas nas bochechas da minha bunda eram coordenados, aumentando meu prazer.

Mais algumas palmadas. Minha bunda ardia. Minhas coxas pingavam com meu suco. O prazer aumentou. O reflexo que me olhava de volta era uma bagunça. Minha boca estava entreaberta, meus cabelos selvagens e suados, meus olhos vidrados de luxúria.

— Quem? — ele exigiu. — Quem é um homem velho?

Sim, chamar Sasha Nikolaev de velho foi um erro, mas um erro delicioso. Eu não me arrependi, porra. Ele estava me arrancando o terceiro orgasmo. Minhas entranhas tremeram, minha boceta se apertou avidamente, ordenhando-o por tudo o que ele me daria.

— Você, — ofeguei, me esfregando contra ele. Outra palmada na minha bunda. — Mas você é *meu* velho.

Isso me rendeu mais algumas palmadas e eu gozei em cima dele, com meu suco brilhando em minhas coxas. Minhas pernas tremeram e a mão de Sasha deslizou dos meus quadris para me envolver e me segurar.

Sasha acabou sendo a melhor coisa que poderia ter me acontecido.

Minha cria de Satanás. Meu amor. Meu tudo.

— Feliz aniversário, kotyonok, — ele murmurou, mordiscando suavemente o lóbulo de minha orelha. — Eu amo você.

Minha língua se lançou para fora, passando pelos meus lábios. Meu coração disparou com entusiasmo. Meu pulso acelerou e isso não tinha nada a ver com o que tínhamos acabado de fazer. E tudo a ver com o que eu estava prestes a dizer.

— E eu amo você, — murmurei, virando-me lentamente em seus braços para ficar de frente para ele. Inspirei profundamente e depois expirei. — Eu não tenho um presente para você.

— Você é o meu presente, — ele sussurrou, encostando o rosto em mim. — O único presente que eu quero.

Eu engoli.

— E quanto a um bebê? — Ele se aquietou, seus olhos azuis pálidos examinando meu rosto. — Você disse uma vez que poderíamos adotar. Acho que estou pronta, se sua oferta ainda estiver de pé. — Ele abriu a boca e depois a fechou. Era raro ver Sasha Nikolaev sem saber o que dizer. — Ele ou ela não terá seu cabelo loiro nem seus olhos, — falei baixinho.

Ele segurou meu rosto, puxando-me para mais perto e nossos narizes se tocaram.

— Mas ele ou ela terá nosso coração. Nosso nome. Nosso amor. Isso é tudo o que importa. Ele ou ela será da família. Tão Nikolaev quanto qualquer outra pessoa.

Ele me pegou no colo e eu gritei enquanto ele nos levava até à cama.

— Você, eu e nossos bebês, — ele murmurou contra meus lábios.
— Nós vamos derrubar o mundo.

Fim

Próximo Livro da Série Belles & Mobsters

Luca - Livro Sete (e último da série)

